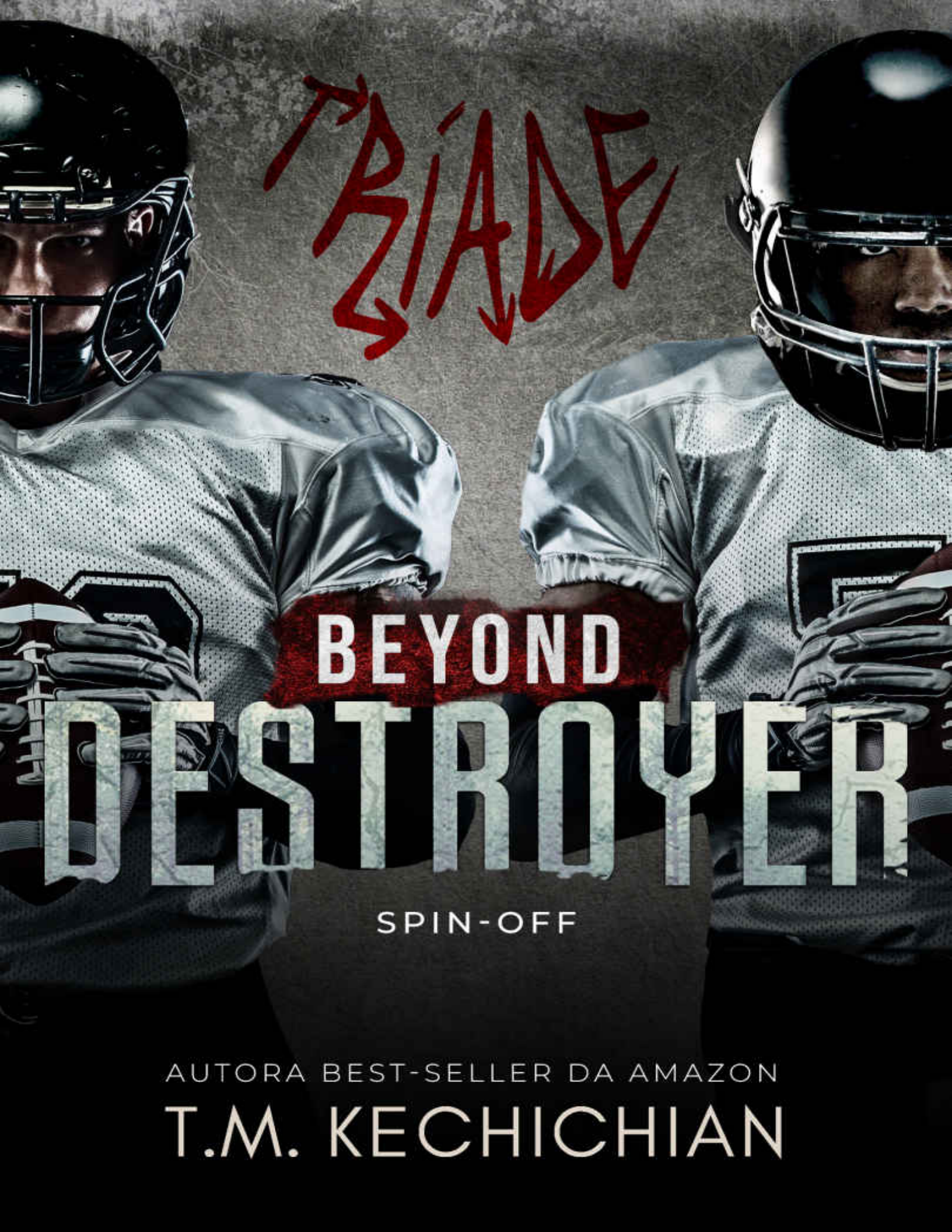




BIADE

BEYOND

DESTROYER

SPIN-OFF

AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

T.M. KECHICHIAN



**BEYOND
DESTROYER**

SPIN-OFF

Copyright © 2021 T.M. KECHICHIAN

BEYOND DESTROYER

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

Capa: LA CREATIVE

Revisão: Barbara Pinheiro

Diagramação: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA
LÍNGUA PORTUGUESA.

SUMÁRIO

[Sumário](#)

[Nota da autora](#)

[Playlist](#)

[Parte 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Parte 2](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)

[Redes sociais](#)

[Outras obras](#)

NOTA DA AUTORA

Oieeee! Que honra ter você por aqui.

Se adquiriu este e-book foi porque leu **DESTROYER** e sou imensamente grata por isso. Se não leu, é essencial que leia.

Primeiramente, quero agradecer aos milhares de pedidos, a comoção que fizeram para que este SPIN-OFF existisse. Ele foi feito com muito carinho para você, querido leitor.

Ainda escrevendo **DESTROYER**, a ideia surgiu, mas preferi esperar para ver como seria a repercussão do livro. E, então, algo incrível aconteceu. Chegamos muito longe. Alcançamos o 1º lugar da Amazon Brasil, temos mais de 1900 avaliações (e contando), e eu não poderia me despedir de 2021 ano sem escrever mais um pouco deste mundo para vocês.

Um mundo que me trouxe tanta coisa maravilhosa, mas o principal, tantos leitores novos.

BEYOND DESTROYER significa Além de DESTROYER, ou seja, vamos ver além dos personagens principais do primeiro livro e teremos diversos pontos de vista.

A história contém duas partes. **Parte 1** – Sete anos antes (durante a faculdade, poucos meses após o pedido de namoro de Matt Stevens, em pleno campo de futebol, lembra disso, não é?) e **Parte 2** – Atualmente.

Aproveite **BEYOND DESTROYER** para matar a saudade daquela turma maravilhosa que conhecemos e para dar adeus ao maravilhoso mundo de **DESTROYER**.

Posso te pedir uma coisinha? Após a leitura, não deixe de avaliar o livro na Amazon! É importante demais para o meu trabalho. Desde já agradeço muito.

Beijo grande,

T. M. KECHICHIAN

ATENÇÃO: CONTEÚDO ADULTO.

PLAYLIST

[SPOTIFY](#)



♥ [INSTAGRAM.COM/GIRO.INK](https://www.instagram.com/GIRO.INK) ♥



Este livro é para você, fã de
DESTROYER, que tanto
pediu por mais.

*Para aqueles que pensam que detêm o controle de tudo:
sinto muito, vocês não têm.*

O QUE ELAS TÊM A DIZER DE DESTROYER - BEYOND DESTROYER

Despretensiosamente, mergulhei com Matt e Liz, e fui destruída em uma madrugada. Chorei com suas lutas particulares, preendi a respiração com a tensão entre duas criaturas quebradas, suspirei com a entrega quando ela chegou e agora, espero o novo sucesso que TM Kechichian vai trazer ao fechar o universo de DESTROYER, dando voz a personagens secundários tão fortes quanto os principais, e me sinto inteiramente pronta para saber o que aconteceu além dos muros que não pude ver antes. **(ZOE X, autora da série “Dark Hand”)**

Não tem como começar sem dizer que DESTROYER faz jus ao seu nome. Foi assim que fiquei ao terminar de betar esse livro. Matt e Liz são a combinação perfeita, prova que nem com todos os obstáculos eles se separaram. A química que eles têm... Senhor! Caliente, *hermanas*. Os personagens secundários não ficam para trás. Cada um com sua história, sua dor, sua luta, foram ganhando

nossos corações, a ponto de implorarmos por BEYOND DESTROYER. Espero que amem esta história tanto quanto eu amei. (**BIANCA BONOTO, beta**)

Não importa o tempo que leve, nem todos os obstáculos que precisam ser superados, se acima de qualquer coisa, existir o amor. Quando se encontra a pessoa certa, entende-se finalmente a razão de cada passo percorrido, por mais sinuoso que tenha sido o caminho (**KEL COSTA, autora de “Chefe da Máfia”**)

BEYOND DESTROYER vem para fechar com chave de ouro a história da Tríade mais amada de Yale. Uma história viciante, envolvente e recheada de cenas calientes, onde cada um dos personagens vem nos contar o que aconteceu após o Furacão DESTROYER (**Ma, Nane e Mérice – IG Loucuras, Resenhas e Spoilers, betas**)

Perda. Dor. Curiosidade. Deslumbre. Encanto.

Amor.

Ao deixar o "talvez" para trás e se dar conta da certeza de seus caminhos, cada personagem dessa história se tornou uma

peça fundamental na jornada para o final feliz. Há amor em todas as palavras depositadas. Há beleza em tudo o que tocam.

O passado, o presente, cada página desse livro vai levá-los a uma jornada apaixonante, como só T M Kechichian poderia guiar.

Revelador e bonito.

BEYOND DESTROYER vai te fazer perder o fôlego, mas não se preocupe, você vai se refazer, de um jeito ou de outro. (**Nana Simons, autora da série “No Berço da Máfia”**)

PARTE I

SETE ANOS ANTES

NEW HAVEN. UNIVERSIDADE YALE



CAPÍTULO 1

Garotas gostosas de onde eu venho
Nós não parecemos modelos
Linhas bronzeadas, grandes curvas
E a energia brilha
Você vai se apaixonar
Pela garota do Rio
GIRL FROM RIO, ANITTA

Daniela Lima

— Isso! Não para! — ordeno, revirando os olhos.

Sabe quando a gente chupa uma manga com gosto, sugando todo aquele sumo doce e delicioso até o caroço? É assim que me sinto neste exato momento, uma manga sendo chupada com *muito* gosto.

A comparação não é das melhores, mas... *Putá merda!* Que delícia!

Para completar, o desgraçado me penetra com um dos seus dedos longos e em resposta meu núcleo se contrai, arrancando um risinho gutural do safado, o que reverbera por todo meu corpo.

Filho da mãe! Ele sabe como me levar à loucura.

Sua boca continua me invadindo, sugando, chupando, mordiscando, como se não houvesse amanhã, deixando minhas pernas moles e trêmulas.

Estou tentando ao máximo não gritar, pressionando os dentes tão forte que meu maxilar poderia trincar, mas não vou passar vergonha em um apartamento cheio de garotas e virar o motivo de risadinhas nos corredores. Já está quase na hora da aula e aposto

que as meninas já acordaram, porém não sairei daqui enquanto não conseguir o que quero.

Ele já teve o que merecia, um boquete matinal que o fez gozar tanto que pensei que não conseguiria dar conta de engolir tudo. Agora, é a *minha* vez.

A combinação do *entra e sai* do seu dedo com a destreza de sua boca é demais para mim. Jogo minha pélvis com força em direção à sua língua, que neste momento circula meu clitóris em um ritmo enlouquecedor, e minhas pernas tremem com a intensidade da minha libertação.

Meu corpo estremece por um tempo e quando penso que vou curtir meu alívio na boa, jogada em meus lençóis, percebo que o safado tem outros planos. Ele me impede de me mexer ao espalmar a mão enorme em minha barriga, e continua me chupando freneticamente.

Já sei aonde quer chegar. Ele nunca se contenta com apenas um *show*.

A sensibilidade pós-orgasmo vai passando, dando lugar à outra onda de prazer. Sua mão repleta de calos, resultado de muita malhação e do futebol, permanece em minha barriga, apertando

minha cintura, segurando-me ao colchão, enquanto seu dedo continua estocando, chegando a um ponto que me faz arfar.

Se eu não fosse tão responsável, ficaria aqui o dia todo sendo “mimada” desse jeito, só pararia para me hidratar. Contudo, não foi para isso que atravessei o oceano e deixei meu Brasil.

Se parar para pensar, entregar meu corpinho em tão pouco tempo também não estava no meu cronograma, mas isso a gente deixa passar porque tem sido uma boa distração de todo o caos e tensão que é estudar em Yale.

Foco na sensação familiar que me atinge e sei que estou *quase lá* novamente. O cara não tem dificuldade alguma em me dar prazer. É incrível como sua boca sabe o ponto certo que me deixa ensandecida. Experiência que fala, não é? É por isso que não me importo se o cara é mais rodado que um carro velho. Saber fazer um bom oral, sem ser guiado, já lhe garante minha atenção.

Levo uma das mãos até seus cabelos, que estão um pouco maiores, e agarro os fios loiros, pressionando sua cabeça para baixo.

Sua garganta solta um murmúrio de satisfação quando percebe que encontrei uma ótima utilidade para os seus cabelos e com a mão livre aperto um mamilo, massageando meu seio com

força. Olhos verdes me escrutinam e um brilho de excitação os envolve.

Não preciso de muito esforço para entender que está louco para se enterrar em mim, mas não vou dar esse gostinho. Não só pela hora avançada, mas porque já nos curtimos além da conta e o resultado disso será um longo dia com sono e dores no corpo.

Quando seus dentes raspam em meu clitóris, seguido por uma série de lambidas intensas, o orgasmo chega e meus pulmões ameaçam falhar com a procura exacerbada de oxigênio para me manter sã.

Controlar os gemidos é um esforço tão grande que minha cabeça chega a doer. Odeio isso. Minha vontade é gritar, mas não moro sozinha. É claro que o safado solta outra risadinha ordinária quando se deita ao meu lado, lambendo os lábios como se tivesse provado o melhor dos doces.

— Se estivéssemos na Kappa, você poderia gritar à vontade.

— Cala — tomo ar novamente — a boca.

Ele apenas ri.

— Estou falando sério. Lá você não precisaria ficar se segurando como se estivesse prestes a explodir.

— Já te disse que não quero que um monte de babaca de fraternidade fique de gracinha por me ouvir perder o controle.

— Liz não parece se importar.

Olho para ele boquiaberta e não vejo maldade em seus olhos ou qualquer indício de malícia. Como se ouvir alguém gemendo no quarto ao lado fosse a coisa mais normal do mundo.

Será que minha amiga sabe dessa informação? Faço uma nota mental para falar com ela quando nos encontrarmos.

— O que foi? — pergunta, confuso, quando fico em silêncio.

Às vezes, esqueço que Damon Smith faz parte de outro mundo. Pouco mais de um mês de saídas aleatórias — e por saídas digo muito sexo e pouca conversa — e ainda não me acostumei. É claro que para ele é normal. O cara já deve ter participado de todo tipo de orgia e sacanagem, ouvir um gemido ou outro por aí deve ser música para seus ouvidos. Não que eu seja uma santa ou tenha frescura, mas não gosto de me sentir exposta para quem não tenho qualquer intimidade, muito menos estou a fim de ouvir piadinhas dos caras da Kappa.

O estilo de vida de Damon é totalmente diferente do meu. Seus passos são observados, cada ação é alardeada, nada passa em branco. É o que acontece quando se faz parte da aclamada e

desejada Tríade, um trio formado por ele e seus dois melhores amigos, Matt Stevens — namorado da minha amiga Liz Pérez e líder da fraternidade masculina Kappa Alpha — e Kellan Jordan. A tal Tríade poderia ser considerada um patrimônio da Universidade, e um sonho de consumo para muitos alunos. Para completar, os três são as estrelas do nosso time de futebol americano.

— Nada — respondo, enfim, à sua pergunta.

Levanto-me da cama em um pulo, jogando meus pensamentos para longe, e visto meu roupão felpudo, amarrando-o na cintura.

— Preciso me arrumar — anuncio, enquanto me dirijo ao armário a fim de separar uma roupa para me aquecer do frio medonho que tem feito em New Haven. Eu tinha ouvido falar que janeiro por aqui é congelante, mas subestimei o comentário.

É a segunda semana de aula após as férias de inverno e depois de passar o Natal e Ano Novo com meu pai, no Brasil, aos poucos estou voltando ao ritmo frenético da faculdade.

Ainda tenho que tomar banho, organizar meu material, mas aposto que os olhos de Damon estão seguindo cada movimento meu.

É a primeira vez que passamos a noite juntos desde que voltei de viagem, ou seja, ficamos três semanas sem nos vermos ou

falarmos, a não ser por meio de mensagens de *Feliz Natal* e *Feliz Ano Novo*, e confesso que pensei que não continuaríamos com nossos *encontros*. Sei lá... Uma parte minha, na verdade, queria parar com esse negócio de sexo casual e focar apenas no que importa: estudar.

Contudo, bastou uma festa na Kappa para o fogo costumeiro incendiar qualquer dúvida e agora ele está aqui, no meu quarto, já que Liz tem dormido com Stevens na fraternidade. Desde que começaram a namorar, há quase dois meses, eles não se desgrudam.

Liz sabe que Damon e eu já nos pegamos, mas não tem ideia da quantidade de vezes. Não que eu seja uma má amiga, só não quero que ela denomine um casinho como algo mais sério. Ela tem outro tipo de pensamento acerca de relacionamentos e o que tenho com o cara corpulento jogado em minha cama não é importante o suficiente para que eu saia contando por aí.

Por fim, o loiro compreende que nosso tempo acabou e ouço os lençóis farfalharem. Dou uma olhada rápida em sua direção e o vejo se levantar como veio ao mundo, expondo toda sua magnitude. O cara é gostoso e sabe disso.

Por conta de um novo planejamento alimentar para melhorar a performance nos jogos, que envolve exercícios mais pesados e uma dieta diferenciada, Damon está um monstro de tão forte.

De costas para mim, ele veste a boxer preta, que deixa sua bunda dura um pecado de tão gostosa, e ao subir a calça jeans o tecido se agarra às suas coxas grossas e torneadas... uma delícia de homem, isso não posso negar. Jamais.

Os músculos de suas costas se contraem quando ele pega a blusa preta do chão. O trapézio, o latíssimo do dorso, os romboides, o levantador da escápula... todos músculos extrínsecos que consigo visualizar perfeitamente graças à dedicação notória de Damon Smith na academia. Apesar de ainda não ter aulas específicas de Medicina — e isso só vai acontecer daqui a alguns anos quando ingressar na especialização —, sou uma estudiosa da anatomia humana nas horas vagas.

Damon se vira para mim, ajeitando os fios que caem em sua testa — nota mental: amei esse cabelo. E a nova tattoo tribal, que pega uma parte da costela e vai até as costas? O nível de *bad boy* foi elevado a mil —, e a visão da blusa de mangas compridas, cavada o bastante para expor a parte superior do peitoral definido e

justa o suficiente para delinear os braços enormes, a sugestão do tanquinho, me deixa sem fôlego.

O babaca me flagra secando seu corpo, o que o faz abrir um sorrisinho de lado e eu reviro os olhos, voltando a vasculhar meu armário.

— Pode olhar, sabe?

— Tinha me esquecido como você é convencido...

— Sou prático. E sincero. Por falar em sinceridade — de esquelha, vejo que ele caminha em minha direção, mas continuo concentrada na missão “separar uma roupa para a aula” —, adorei a marquinha de biquíni.

Ele apoia a lateral do corpo na parte fechada do armário e me observa intensamente, quando continua:

— Me deu uma boa imagem para guardar quando precisar. Só de lembrar já fico duro.

Sua voz sai rouca ao meu lado e me arrisco a descer os olhos para sua calça. *Minha Nossa!* A barraca está mais que armada. Imagino como o seu pau gostoso, grosso e grande sob a cueca, deve estar pulsando e fico imediatamente molhada. Como pode? Tivemos uma noite e manhã superagitadas e ainda assim já estou excitada.

Nunca fui uma pessoa *sexual*, até porque não sou ativa há tanto tempo. Perdi minha virgindade aos 16 anos e em poucos meses farei 19, então tenho o quê? Menos de três anos de experiência, sendo que nesse período transei com três garotos, contando com Damon. O primeiro namorei por seis meses. Pedro, o nome dele. Ele morava perto do meu apartamento, em Ipanema, e fazíamos o mesmo cursinho de inglês. Enquanto eu me preparava para o TOEFL — um exame de proficiência de inglês —, ele estava no início do curso.

Com o segundo garoto foi mais como um escape. Foi logo depois que minha mãe... Bom, foi em um momento complicado em que eu procurava no sexo um refúgio para não afundar na depressão. Sempre que encontrava com Lucas, ele já sabia o que eu queria. Do que eu precisava. Nossa conexão durou até eu vir para os Estados Unidos.

Eu pensei que o que tinha com Lucas era único, que eu jamais encontraria outra pessoa que se conectasse tão bem fisicamente comigo, mas me enganei feio. O que tenho com Damon é dez vezes mais intenso. O nosso olhar se comunica de uma forma que eu imaginei que só fosse possível com casais apaixonados, melosos

demais, mas acontece com a gente, mesmo que nossa relação seja puramente física e sexual.

Eu o desejo absurdamente. Só de sentir sua pele contra a minha, os dedos, que agora deslizam no meu colo exposto pelo roupão até a faixa amarrada em minha cintura, meu corpo queima. E ele sabe disso. Ele *também* sente isso.

O toque eriça meus mamilos e sua respiração fica entrecortada.

Sabe do que mais gosto na gente? Não há rodeios.

Por isso, não vejo dificuldade quando lentamente desfaço o nó e deslizo o tecido felpudo pelo meu corpo.

Ao voltar os olhos para cima, encontro suas pálpebras pesadas, os dentes brancos e retos mordendo o lábio inferior. Desejo nu e cru envolve suas feições másculas, o maxilar simétrico e poderoso pulsando.

Ele *realmente* gostou do meu bronzeado. Enquanto aqui está um frio da porra, no Rio de Janeiro estava um sol escaldante com sensação térmica de 50 graus, por isso minha pele está duas vezes mais escura. Não é à toa que a marca dos biquínis minúsculos que usei está muito bem-delineada no formato da “cortininha” e da calcinha fio dental.

— Temos quinze minutos — disparo, desfilando à sua frente até chegar à cama.

Subo no colchão e fico de quatro, do jeito que Damon adora, deixando bem à mostra a marca do fio dental em minha bunda, que ele vive dizendo que é uma obra de arte. Jogo minha cabeça para trás e os fios longos da minha lace se espalham pelas costas.

Como ainda estou passando pelo processo de transição capilar, resolvi comprar duas laces no Rio — essas perucas que parecem cabelos de verdade, caríssimas, por sinal, estão *super* na moda e minha cabeleireira, especialista em cabelos afro, me incentivou a usar —, desde então, estou adorando diversificar. Tem me ajudado a ficar menos ansiosa até o resultado da transição. A que estou usando agora tem os fios escuros, longos e ondulados, que chegam até a minha cintura.

Em um segundo, Damon está vestido, encostado em meu armário, no outro está sem roupas, grunhindo de satisfação, como o perfeito selvagem que se mostra na cama.

Ele para atrás de mim e coloca os fios da minha lace para o lado, passando a mão áspera e calosa em toda a extensão das minhas costas.

— Pensei que fosse puxar meu cabelo — brinco, porque se ele fizesse essa proeza, “*bye, bye, peruca*”, e Smith sabe disso. — Vocês adoram fazer isso quando a mulher está de quatro.

Damon agarra minha bunda, as mãos fortes as separando, apertando, e arquejo com o gesto repentino. Com a voz grave, diz:

— Eu adoro é isso aqui!

E sem aviso sua língua percorre minha boceta encharcada, deslizando até um lugar ainda não explorado, brincando, beijando. Sem frescura, sem pudor. Solto um gemido desesperado e mordo meu lábio inferior com força para não perder o controle.

— Se há caras que se preocupam com cabelo — emenda, sem tirar a boca de mim —, então não deveriam ter a honra de foder uma mulher.

É disso que gosto em Damon. Ele não está nem aí se estou com uma peruca ou com meus cabelos meio lisos meio crespos, desfazendo qualquer insegurança que às vezes surge na minha mente.

Empino mais a bunda, apoiando meus cotovelos no colchão, deixando o rosto a centímetros dos lençóis e rapidamente ouço uma embalagem de camisinha ser aberta. Logo suas mãos estão em

minha cintura e em um único movimento o recebo todo dentro de mim.

Putá merda!

Nós dois refreamos um gemido, ele se ajusta dentro de mim até que eu me acostume com seu tamanho, e então começa a me foder, fazendo jus aos quinze minutos que dei.



CAPÍTULO 2

Ela é carioca

Ela é carioca

Basta o jeitinho dela andar

Nem ninguém tem carinho assim para dar

Eu vejo na luz dos seus olhos (na cor dos seus olhos)

As noites do Rio ao luar

ELA É CARIOCA, TOM JOBIM

Daniela Lima

Desde que Liz começou a namorar oficialmente com Stevens, os olhares são constantes quando andamos juntas na Universidade. Como não ser alvo de atenção quando um dos caras mais famosos e desejados de Yale a pediu em namoro em pleno jogo de futebol? Impossível!

Eu aceno e ela me vê, abrindo um sorriso enquanto caminha em minha direção. Como Liz e eu não temos nos visto como antes, decidimos que o intervalo entre as aulas seria a nossa hora sagrada para fofocarmos e colocarmos os assuntos em dia. Omitindo alguns detalhes, como por exemplo o fato de que Damon saiu do nosso quarto há poucas horas.

Não vou dizer que não tenho sentido falta da minha amiga, mas depois de tudo o que ela e Matt Stevens passaram, os dois merecem um tempo juntos. Além do mais, Mike e eu nos aproximamos bastante e tenho encontrado nele um ótimo amigo. Além da minha conterrânea, Carla.

— *Hermanita*, como você está? — pergunto, assim que me choco contra seu corpo em um abraço. Estamos com tantas roupas para aplacar o frio que mal conseguimos nos abraçar.

— Ah, *hermana*, estou muito feliz. Matt me levou para um restaurante incrível ontem.

— Lá vem você falando toda apaixonada.

— O que posso fazer? — pergunta, abrindo um sorriso bobo.

— Eu realmente estou *muito* apaixonada. Eu amo aquele babaca!

— Eu sei, eu sei — digo, revirando os olhos, sem conseguir conter um sorriso.

— Mas e você? Está bem? Estou com tanta saudade da minha amiga. — Liz continua com os braços ao meu redor e a aperto ainda mais contra mim.

— Estou bem, sim, e com saudade. Porém entendo o seu momento e não vou ser a chata que vai estragar isso.

— Muito obrigada por entender, Dani. Te amo tanto.

— Eu também te amo, garota. — Desvencilho-me do seu abraço e começamos a caminhar até uma cafeteria próxima ao campus. Não a que Liz trabalha, mas uma tão boa quanto.

Se o clima estivesse mais agradável nós nos sentaríamos sobre uma canga em um dos muitos espaços verdes de Yale, como costumamos fazer, mas com esse tempo, impossível.

Pego minha amiga me observando e me viro para ela.

— O que foi?

Ela sorri.

— Ainda estou me acostumando a te ver com esse cabelão.

Nós duas rimos.

— Eu sei, é diferente mesmo. — Hoje o deixei solto e coloquei um gorro quentinho para aquecer minhas orelhas e a cabeça.

— Não, é que você está linda demais. Parece que ressaltou seus olhos, seu rosto, não sei. Está parecendo uma daquelas modelos da *Victoria Secrets*.

Tenho que rir mais um pouco, porque Liz acabou de fazer meu dia muito mais feliz. Ser comparada a uma *Angel*? Uau!

— Estou lisonjeada.

— Não que o seu cabelo natural não seja lindo, por favor. Eu...
— ela começa a se explicar e logo a interrompo.

— Hey, pode ir parando com isso. Eu entendi muito bem o que você quis dizer. Além disso, ainda estou em transição, Liz. Meu cabelo natural só vai “aparecer” — faço aspas com os dedos — depois que toda a química sair. Não precisa se justificar. Dá para perceber quando alguém está com boas intenções e quando não está.

Detesto que as pessoas fiquem cheias de dedos comigo.

— É porque depois que falei me toquei que pode ter soado como uma ofensa ao seu cabelo natural, e não tem nada a ver.

— Amiga, fica tranquila. É como se você cortasse o cabelo de repente e eu dissesse: nossa, você ficou mais nova! Então, quer dizer que antes estava com cara de velha? E isso não tem nada a ver. É só a mudança que nos faz perceber certos detalhes que antes não víamos.

— Exatamente!

— Eu disse que havia entendido. — Sorrio em sua direção.

— Você ficou sabendo que rolou um caso de racismo em uma das festas da Kappa?

— Não! — Paro de andar e puxo o seu braço. — O que aconteceu?

— Um idiota não soube lidar com um “não” e chamou uma menina de “macaca”. Matt o denunciou e levou o caso para o reitor. No outro dia, o garoto foi expulso da Universidade e vai responder criminalmente.

— Gente! Em pleno século XXI? O que essas pessoas têm na cabeça? O que uma cor diz sobre alguém? A necessidade de ofender é tão grande, que eles se agarram na cor de uma pele... Isso me deixa muito puta.

— Concordo totalmente com você. É um completo absurdo. As pessoas estão perdendo a noção. — Encarando-me, Liz pergunta: — Amiga, o que você quis dizer com “dá para perceber quando alguém está com boas intenções e quando não está”? Você já sofreu algum tipo de ofensa?

Voltamos a andar e quando chegamos à entrada da cafeteria, digo:

— Lá dentro eu respondo. Com certeza está maisquentinho.

— Com certeza.

Abro a porta de vidro e o cheiro de café invade meus pulmões, fazendo-me aspirar fundo. A sensação é tão familiar que é como se pudesse sentir minha mãe perto de mim. Ela amava café e todo santo dia o cheiro se espalhava pelo apartamento. O aperto no peito ainda está presente, mas tento não dar vazão a isso ou todo o trabalho que venho fazendo para me reerguer será em vão.

Seguimos para uma das mesas vagas e nos sentamos. A garçonete anota nossos pedidos e finalmente respondo à pergunta de Liz, que parece ansiosa:

— Por muito tempo, tive vergonha do meu cabelo natural. As crianças da escola viviam mexendo comigo. Riam, faziam chacotas. Na adolescência, não foi diferente, só que as risadinhas e piadinhas

se transformaram em ofensas mais pesadas, como deixar uma panela pequena na minha cadeira.

— Uma panela? — Liz pergunta, com a testa franzida em sinal de confusão.

— Sim. Eles diziam que o meu cabelo só servia para lavar panelas porque era uma palha de aço.

— Nãoooo! — Minha amiga coloca as mãos na boca, horrorizada. — E o que você fazia?

Dou de ombros.

— Eu ficava na minha. Quando chegava em casa chorava por horas no colo da minha mãe. Só que tinha vezes que nem ela podia me consolar porque, pra mim, ela não me entendia.

— Por quê?

— Minha mãe, meu maior exemplo de mulher, tinha cabelos lisos. Ela era descendente de holandeses e foi dela que puxei os olhos verdes, mas o cabelo cacheado, quase crespo, herdei do meu pai, que tem descendência africana.

— Uau! Por isso sua beleza é tão única.

— Sou uma miscelânea, amiga. — Rio. — Não sei nem dizer quantas vezes ouvi: “nossa, você tem uma beleza exótica” ou “você

não é negra”, ou ainda, “se você não é branca, nem negra, o que você é?”

— Quem faz esse tipo de comentário? A noção passa longe.

— As pessoas não ficam à vontade com o que não têm certeza, Liz. Minha pele é uma mistura de cores branca e preta e muita gente não sabe como me definir. Para alguns não sou negra, para outros, sou. — Mexendo em uma linha invisível na manga do meu casaco, continuo: — Confesso que por um tempo também fiquei perdida. Como se não soubesse em qual “turma” eu me encaixava.

— Odeio essa necessidade que as pessoas têm de querer rotular. Você é uma *mulher* linda, Dani.

— Obrigada, *hermanita*! Com o tempo fui me conhecendo melhor, aprendi a me aceitar e ter confiança, e convicção, em dizer que sou negra com muito orgulho. Tudo o que passei me fez mais forte, por isso não me importo com a opinião dos outros sobre mim. Se não compreendem que nem sempre as coisas seguem um padrão, não posso fazer nada.

— Tenho tanto orgulho de você. Não foi à toa que a nossa identificação foi instantânea. Tão forte, tão cheia de si.

Ela aperta minhas mãos com as dela e sorrio diante de suas palavras, antes de voltar a falar:

— Não vou mentir e dizer que às vezes não surge um fio de insegurança, até porque foi por causa dela que comecei a alisar meus cabelos com quinze anos de idade, mas quando tive consciência de que eu não precisava me limitar ao que achavam de mim, decidi parar de lutar contra a minha natureza. A mesma coisa digo sobre usar minhas *laces*. Meu corpo, minhas regras.

— É isso aí! Mania ridícula que as pessoas têm de dar opiniões desnecessárias e sem fundamento. O corpo é nosso e a gente faz o que quiser com ele.

— É isso! Obrigada por me ouvir, Liz. Nem eu sabia que precisava desabafar até entrarmos no assunto.

— Somos *hermanas*, Dani. Pode contar sempre comigo.

Nosso pedido chega e começamos a comer.

— Esse assunto me fez lembrar de um livro que li nas férias e me identifiquei bastante com a protagonista, parecia até que a autora estava falando sobre a minha vida.

— Sério? Me conte! Adoro quando me identifico com as personagens. — Assim como eu, Liz ama romances.

— Eu também! Vou ler o trecho que marquei e você vai entender. — Pego meu celular, abro o aplicativo do *Kindle* e traduzo para o inglês: — “...*passei a me proteger daquele tipo de comentário preconceituoso disfarçado de elogio, como quando diziam que se não fosse meu cabelo ‘rebelde’, eu seria linda. Ou que eu era muito bonita e tinha traços muito delicados para uma negra. Como minha pele era num tom de marrom-médio, eu também vivia uma espécie de limbo em que as pessoas gostavam de me colocar. Para muitas, eu não era negra e para algumas, eu era escura demais para ser branca.*”

Termino de ler e Liz balança a cabeça.

— Caramba, estou chocada! Parece muito com o que você me contou.

— Pois é, por isso me marcou tanto. Fora que é o estilo de romance que amo, com diferença de idade, um CEO pra lá de gostoso e aquele hot... — Abano-me e Liz cai na gargalhada.

— Do jeito que a *gente* ama, né? — ela frisa. — Qual o nome do livro? Será que tem em inglês?

— Se chama *Garota de Aluguel*, de uma escritora brasileira chamada Kel Costa. Infelizmente, ainda não tem em inglês. Pelo

que fiquei sabendo, não é tão fácil, nem barato, traduzir livros do português para outras línguas.

— Uma pena...

— Também acho. Há muitas autoras incríveis no Brasil que o mundo deveria conhecer.

Continuamos comendo, fofocando sobre os últimos acontecimentos, quando pergunto:

— Mas me conte, está animada para a luta de hoje? — Um sorriso enorme enfeita seus lábios.

— Não vejo a hora. Matt nunca esteve tão preparado. — Aproximando-se de mim, ela sussurra: — Ele está malhando tanto e com tanta disposição que não sei como estou conseguindo andar — a safada dispara, sorrindo maliciosamente, e começo a rir.

— Quem diria? Dona Liz Pérez se tornou uma viciada em sexo.

— Dani, eu estou viciada em Matt. *Tudo* nele me deixa louca. É como se o tempo que passamos juntos nunca fosse suficiente e ele parece sentir o mesmo, porque quando precisamos nos afastar é uma tortura pra nós dois. Eu não me vejo mais sem a presença dele na minha vida.

— Uau! Preciso dizer que estou chocada. Eu sei que vocês estão completamente apaixonados, mas toda essa intensidade em tão pouco tempo não é comum de se ver.

Ela solta um longo suspiro e me confia:

— Até eu estou assustada com a rapidez com que as coisas estão acontecendo, amiga. Tento não dar voz ao medo de que alguma coisa aconteça para nos afastar novamente, mas não é fácil. Em toda a minha vida, nunca estive tão feliz, tão... completa.

Segurando suas mãos, falo:

— Não vai acontecer nada, *hermanita*. Vocês merecem ser felizes. — Com o intuito de deixar o clima menos tenso pelas lembranças do que fizeram com Liz e Stevens, confesso: — Damon dormiu no nosso apartamento essa noite.

— Não!!! — ela exclama, colocando as mãos na boca.

— Sim!

— E você só me fala isso agora?

— Posso falar a verdade? Só não quero que fique chateada.

— Tudo bem, pode falar!

— Nós estamos saindo desde o mês passado. — Ela arregala os olhos, surpresa. — São saídas aleatórias, sem qualquer compromisso. Não te contei antes porque não quero que pense que

existe algo além de sexo. Minha “relação” com Damon não tem nada a ver com a sua e de Matt, e você poderia criar algum tipo de expectativa ou...

— Dani, não sou criança — Liz me corta. — Se você diz que é apenas sexo, acredito, e não vou te reprimir, nem te encher o saco por isso. Você é uma mulher livre, desimpedida e pode fazer o que bem quiser.

Sua compreensão faz com que me sinta imediatamente culpada.

— Sei que você não é criança, Liz. Eu que fui idiota por pensar que você não entenderia...

— Você não é idiota, só achou que eu te julgaria de alguma forma.

— Pode ser. Você nunca me deu motivos para pensar que não posso confiar ou me abrir... só me desculpa.

— Para de bobeira. Agora me diga, o cara é bom então, não é? — pergunta, com uma expressão travessa.

— Bom é apelido. Damon é...

Quando demoro a falar, minha amiga apenas sorri, assentindo.

— Eu sei como é. Também não tenho palavras para o que Matt faz comigo...

— Somos duas safadinhas, *Señorita*.

Nós duas caímos na risada e, de repente, me lembro do comentário infeliz que Damon jogou pela manhã e da nota mental que guardei para falar com Liz.

— Já que estamos falando sobre isso, quando você dorme na Kappa, não se preocupa com... — dou uma pausa antes de continuar —... os seus gemidos?

— O quê? — Ela me olha como se eu tivesse duas cabeças, sem entender nada.

— É que vez ou outra, Damon me chama para dormir com ele na Kappa, mas não fico à vontade sabendo que todos os babacas da fraternidade vão saber o que estou fazendo, então o idiota veio com a brilhante frase: Liz não parece se importar.

Ela fica me olhando por alguns segundos até começar a rir, e eu a acompanho.

— Jesus! Damon disse isso?

— Sim. Muito abusado, não é?

Ela bebe um pouco do seu café, antes de voltar a falar e rir:

— Amiga, não vou mentir; não me seguro mesmo. Não devo nada a ninguém, estou com meu namorado... Até tentei me segurar no início, mas depois de algumas semanas, não consegui mais.

Chega a ser impossível não gritar quando Matt me pega de jeito, aquele cara me vira do avesso.

Tenho um acesso de riso tão forte que Liz bate nas minhas costas sem parar.

— Puta merda! Onde está a Liz inocente que chegou a Yale há cinco meses?

— Nunca fui inocente, *hermana*. Só não conhecia o que era bom.

— É melhor a gente focar em outro assunto antes que o intervalo acabe — consigo dizer quando recupero meu fôlego com os olhos marejados.

— Vamos — responde, abrindo um sorriso cúmplice. — Você decidiu se vai no Matadouro? Mike está dentro.

— Acho que vou.

— *Acha?* Qual o problema?

— Quero muito ir porque o Matadouro é incrível, mas... não queria encontrar com o bendito.

Ela franze o cenho.

— Por quê? Pensei que não houvesse estranheza entre vocês.

— Não é isso, é que não confio em mim quando estamos no mesmo espaço. Por mais que eu tente afastá-lo, quando vejo, já

estamos na cama.

— Ah, Dani, para com isso. Se você não quiser, não vai rolar. Simples assim.

Aham, muito simples.

— Eu sei disso, mas dá preguiça. — Em outras palavras: a carne é fraca e não sei se eu negaria fogo. — Mas pensando bem, acho que estou exagerando. Não vou deixar de ir a um lugar porque não consigo manter minha cabeça e minha calcinha no lugar.

Ela solta uma gargalhada tão alta e cheia de vontade que a cabeça chega a cair para trás. Algumas pessoas nos olham, mas Liz não está nem aí.

— Amiga, você não existe — fala, depois de se recuperar.

— Eu sei, sou única — brinco. — Mas você está certa. Não vou deixar de ir à luta só por causa do *muleque-piranha*.

— Oh, Jesus! Lá vem você jogando palavras que não entendo. *Mule...*, o quê?

Ah, *Minha Nossa Senhora das Brasileiras em Terras Norte-americanas*. Eu sempre dou esses *moles*. É tão involuntário que só percebo quando alguém franze a testa e me olha como se eu fosse um ET.

— *Muleque-piranha* — repito em português. — É uma expressão brasileira, mais usada no Rio de Janeiro, para dizer que Damon é um pegador, um mulherengo.

— Ohhh, sim! *Muleque-piranha*. — É engraçado ver Liz, com seu sotaque meio americano, meio espanhol, tentando chegar à pronúncia correta. — Gostei. Então, posso dizer que Matt *era* um *muleque-piranha*.

É a minha vez de rir.

— Com toda a certeza. Até que uma americana com sangue latino deixou o babaca de quatro.

— Meu babaca preferido — declara, com o olhar apaixonado.

Ficamos conversando por mais alguns minutos até que o horário do intervalo chega ao fim e precisamos retornar para nossos prédios.

Pedimos a conta, pagamos e nos levantamos.

Sou surpreendida por mais um abraço de Liz e retribuo o gesto com um sorriso no rosto. Amo essa garota. Pensei que não conseguiria me adaptar a um novo país, com pessoas tão diferentes, mas a minha *hermanita* apareceu para me mostrar que eu estava errada. Eu a considero uma irmã, mesmo com tão pouco tempo de convívio. A nossa ligação é inexplicável.

— Pense com carinho sobre mais tarde — pede.

Antes que eu responda, uma comoção acontece ao nosso redor.

Todos param o que estão fazendo e olham para a mesma direção, cochichando, causando um burburinho generalizado.

— O que está... — Nem termino de falar, porque quando me viro para saber o que está acontecendo, a compreensão me invade.

É claro!

Só eles causariam um tumulto como esse.



CAPÍTULO 3

Eu me amo, eu quero ver isso
Quando eu me viro, olho no espelho
E se você não gosta, pode ir embora
Porque é o que eu sou e continuarei sendo
Se você não gosta do que estou vestindo
Bem, você está incomodado porque só está olhando

E você nunca mudará o meu jeito de me cuidar
Porque é o que eu sou e continuarei sendo.

S.L.U.T, BEA MILLER.

Daniela Lima

Se um sozinho já chama a atenção, imagine três?

Eles vestem casacos do time de futebol, azul e branco, que abraçam perfeitamente seus músculos, e calças pretas que evidenciam as coxas torneadas.

Tão clichês, meu Deus!

— Eles precisam fazer esse show todo? — murmuro para Liz, mas ela está com um sorriso enorme no rosto, completamente alheia a qualquer outra coisa a não ser o loiro enorme que está se aproximando.

Ele não está indiferente. Os olhos azuis claríssimos estão focados na garota ao meu lado. O sorriso ladeado, sacana, se transforma em um sorriso sincero, repleto de significado e... uau! Ainda é muito estranho presenciar essa mudança. Nem parece o mesmo cara que vivia de cara fechada, todo frio e indiferente. Não que tenha abandonado o jeito arrogante que lhe é peculiar, mas é inegável que está muito diferente.

A Tríade chega à nossa frente e percebo que quase toda a cafeteria continua observando nossa interação.

Aff! Bando de curiosos.

— *Amor...* — Matt sussurra, o corpo grande a poucos centímetros da namorada e se curva, colocando uma mão na nuca de Liz, agarrando-a pelos cabelos, e, então, a beija.

Não é um simples beijo.

Nada com eles é simples.

Claro que não.

É tão intenso que não vejo alternativa a não ser olhar para o outro lado.

Toda vez que os dois se encontram é assim. Nem parece que dormiram e acordaram na mesma cama.

Não que eu esteja com inveja, pelo amor de Deus, só não me imagino vivendo algo nessa proporção. Não sou melosa, não sonho com príncipes encantados. Afinal, aprendi cedo demais que a vida não é cor-de-rosa.

— Hey, *Brasil*, não vai falar com a gente? — A voz de Kellan Jordan me tira dos meus devaneios e olho para o moreno lindo que está sorrindo abertamente com os dentes branquíssimos e alinhados. — Acho que ela quer um desses, Smith.

O idiota faz um gesto com as sobrancelhas grossas para os nossos amigos se beijando e finalmente tomo coragem para encarar Damon Smith, que me olha da cabeça aos pés com uma

intensidade alucinante. Como se estivesse recordando do que fizemos horas atrás e pudesse enxergar além das minhas camadas de roupas.

De repente, não está tão frio como antes e odeio como meu corpo me trai facilmente quando ele está por perto.

— Se a Dani quiser, é só pedir — o descarado solta, abrindo um dos seus sorrisos *molha-calcinhas*, exibindo o furinho no queixo que aposto que arrebatava muitas garotas.

Dos três, só ele me chama de Dani ou Daniela. Os outros dois preferem me chamar de *Brasil* e, para falar a verdade, até que gosto. Tenho orgulho do meu país, mesmo com tanta merda acontecendo por lá.

Ignorando as piadinhas, abro um sorriso e os cumprimento:

— Olá, *Dogs*.

Liz e Matt estão em uma bolha particular, sorrindo e tomando fôlego até se virarem para o restante de nós.

— Hey, *Brasil*. Foi mal a falta de educação, mas essa mulher me deixa louco — Stevens justifica, com um braço enorme sobre os ombros de Liz.

— Sem problemas, Stevens. Já estou me acostumando com o *espetáculo* de vocês. — Minha amiga fica com as bochechas

coradas, mas acaba rindo quando os garotos caem na risada. — Bem, preciso ir.

— Até mais tarde, amiga — minha amiga fala, e sua expressão travessa me diz que suas palavras foram calculadas para que um certo loiro pudesse ouvir.

Ela me paga!

Sinto um par de olhos me queimar e por isso respondo, evasiva:

— Vamos nos falando. — Viro-me de costas e me despeço: — Valeu, garotos.

— Não vai dar nem um beijinho no meu *amiguinho*? — É claro que o irritante do Jordan não me deixaria em paz.

Sem me virar, ergo meu dedo médio e eles caem na risada.



— Podemos ir? — Mike pergunta, deitado na cama de Liz.

— Estou quase pronta — respondo, finalizando a maquiagem.

Optei por usar uma calça jeans justa, um casaco de moletom branco, mais curtinho, com uma blusa de manga comprida por baixo

e uma bota preta de cano alto sem salto. Odeio passar frio, mas não abro mão de um pouco de sensualidade na hora de me vestir.

Mike saiu do trabalho e veio me buscar para irmos juntos ao Matadouro. Como Liz foi antes com Stevens, meu amigo me ofereceu uma carona.

Deixei de lado a preocupação boba de encontrar com Damon, afinal, será impossível continuar me divertindo se eu resolver evitá-lo, o garoto não perde um evento badalado. A minha vontade de assistir à luta é maior do que ficar trancada no quarto em plena sexta-feira à noite.

Termino de ondular as pontas da lace, deixando-a com um aspecto mais selvagem, e anuncio:

— Pronto!

Mike se levanta em um pulo.

— Aleluia!

— Nem demorei tanto assim, exagerado.

Ele sorri, porque adora me perturbar.

Vaidoso que só, Mike tira o gorro e ajeita os cabelos platinados. Antes de sair, dá uma última olhada em sua roupa composta por uma calça jeans e casaco preto grosso, e coloca o gorro de volta.

— Vamos lá! — ele me chama, animado.

Apago a luz do quarto, tranco a porta e seguimos para a grande luta.



Cinquenta minutos depois, estamos na arena. Fizemos uma única parada para abastecer, por isso demoramos um pouco mais do que o normal.

— Jordan já está aqui — Mike diz, apontando para a caminhonete de Kellan. — E se ele está, Smith também está.

— Não tenho a menor dúvida, só me pergunto por que Damon nunca dirige.

Ele tem um daqueles carros esportivos, caríssimos, mas está sempre na garagem da Kappa Alpha, intocado.

— Porque é esperto — responde. — Pra que tirar o carro da garagem se tem os trouxas dos amigos para dar carona?

— Realmente, muito esperto — constato, revirando os olhos. Típico do babaca.

Entramos no enorme galpão e após abrímos a porta principal, o barulho familiar nos envolve. A música agitando a galera, os gritos

das mulheres enlouquecidas pelo *Destroyer*, os caras conversando entre si, apostando... É como se fosse outro mundo.

Quando vim pela primeira vez, presenciei uma cena que jamais esquecerei. Apesar de não tocarmos no assunto, a sombra daquela noite sempre aparece quando venho ao Matadouro. A noite em que Matt Stevens quase matou seu oponente.

Em um surto desencadeado pela música escolhida pelo seu adversário — que vinha a ser uma das preferidas de sua mãe já falecida —, Stevens não soube separar o passado conturbado da realidade e por pouco não cometeu um crime.

Fora esse detalhe que já foi superado, eu adoro estar aqui. O clima é surreal. O público ensandecido, o calor humano que atenua o frio rigoroso lá de fora, as músicas agitadas antes de cada lutador entrar, é como se eu estivesse em uma balada e o entretenimento principal fosse dentro do ringue.

Gostaria que Carla estivesse aqui, mas os meninos dizem que não confiam nela. Não sei se pelo ranço que a líder de torcida tem da Tríade ou porque aconteceu alguma coisa entre Kellan e ela no passado. Sempre que tento entrar no assunto, ela desconversa, então parei de tentar entender.

Mike nos leva para a área de sempre. Como agenciador das lutas de Matt Stevens, meu amigo sempre consegue reservar os mesmos lugares, a poucos metros do octógono.

De longe, avisto Liz, que está em uma conversa animada com Damon e Kellan.

— Vou falar com Stevens. Comporte-se, gatinha — Mike avisa, próximo ao meu ouvido, jogando um beijo no ar ao se afastar.

— Vai lá cuidar do nosso lutador — digo, jogando um beijinho de volta.

Estou seguindo na direção da minha amiga e dos garotos, quando alguém entra na minha frente sem que eu espere.

— O que... — começo, mas paro de falar assim que me deparo com um monte de músculos em forma de homem.

— Hey, tudo bem? Não queria te assustar, mas pensei que nunca mais te veria por aqui — ele quase grita para que o ouça acima do barulho estrondoso da arena.

— Como assim? Você me conhece? — pergunto, franzindo a testa.

Eu o conheço, é claro. Aliás, é difícil alguém aqui não o conhecer. Esse cara é um dos melhores lutadores da casa. Assim como Stevens, ele é puro músculo. Os olhos são de um tom de mel,

quase verdes, os cabelos castanhos bagunçados o deixam com um ar naturalmente sexy e o corpo é tão bronzeado que eu poderia dizer que ou ele vive fazendo bronzeamento artificial ou veio de um país parecido com o meu.

O cara é *ultramegapower hot*.

— Podemos ir até ali? — Ele aponta para um corredor vazio atrás de nós, que só os organizadores têm acesso. — Não faz tanto barulho como aqui. Juro que serei rápido.

Fico meio ressabiada, mas curiosa como sou, concordo. O rapaz faz um gesto para que eu vá na frente e assim o faço. Estamos no início da noite no Matadouro, então não há perigo de perder a luta principal.

Logo que chegamos ao local indicado, ele volta a falar:

— Eu te vi em uma das lutas antes das festas de final de ano e quando fui te procurar, você já tinha ido embora.

Mas o quê? Ele foi me procurar? O negócio só melhora.

— Oh! — exclamo, sem ter o que falar.

— Desculpe a forma como te abordei. Não queria te assustar.

— Tudo bem. Foi apenas um *sustinho*.

— Como você se chama?

— Daniela, mas pode me chamar de Dani.

— Um prazer te conhecer, Dani. Você é linda.

Ooooook, sem rodeios.

— Obrigada. Você não é de se jogar fora.

Ele ri e me apresenta uma arcada dentária impecável. Dentes brancos, não necessariamente retinhos, mas alinhados. Eu disse que sou apaixonada pela anatomia humana.

— Eu me chamo... — o homem começa, mas o interrompo.

— Eu sei. Vincent Cooper, o *Desaster*. O segundo melhor lutador da casa.

— *Ouch!* Essa doeu.

Nós dois rimos.

— Ah, vamos lá. Não quis te ofender. Mas meu amigo... quer dizer, o namorado da minha amiga, é o *Destroyer*, então...

— Então está justificado! O garoto é bom mesmo e tem mérito para estar em primeiro lugar.

— Você fala como se fosse muito mais velho.

— Bom, não tenho 23 anos como o garoto de ouro.

— E qual é a sua idade?

— Vinte e oito. — Devo ter feito alguma expressão de surpresa, porque ele logo questiona: — Algum problema? Porra, vai me dizer que você é menor?

Ele parece consternado e não consigo deixar de rir.

— Apenas para bebida alcoólica. Tenho dezoito anos. Só fiquei surpresa porque eu não te daria mais de vinte e cinco anos.

— Obrigado, Dani. Dezoito aninhos, hein? Faculdade?

— Sim.

— Deixa eu adivinhar. Yale?

— Acertou.

— Linda e inteligente.

— Não posso dizer que está errado.

Sua risada grave preenche o espaço.

— Gosto do seu bom humor, linda. — *Hum... já estamos no “linda”? Okay, querido.* — E o sotaque, vem de onde?

— Sou brasileira.

Ele me olha dos pés à cabeça.

— Agora entendi.

Pronto! Como se o fato de ser brasileira explicasse minhas curvas. E lá vem o estereótipo... Beyoncé não tem curvas? Card B? Todas são americanas e com *muuuitas* curvas. Não tenho paciência para essas coisas.

— Você não tem que lutar? — pergunto, querendo encerrar o papo.

— Hoje vim apenas como espectador.

— Entendi. Eu preciso ir. Meus amigos estão me esperando.

Dou um passo para frente, mas o corpo enorme de Vincent me impede de continuar.

— Quer beber alguma coisa depois daqui?

Apesar da minha altura — e 1,73m não é pouca coisa — preciso olhar um pouco para cima até encontrar os olhos do homem. Não que eu não esteja acostumada, pois Damon é até um pouco mais alto do que ele.

Damon. Por que estou comparando o cara com ele? Péssimo isso. Jogo o pensamento intruso para longe e observo Vincent por alguns segundos.

Penso em sua proposta, pondero que hoje é sexta-feira, minhas lições para a próxima semana já estão prontas, e resolvo ser sincera:

— Depende.

Ele franze o cenho.

— Como assim?

— Vai ficar fazendo piadinha só porque sou brasileira?

— Claro que não. Não sou um garoto, Dani.

— Mas é homem. E o que eu já ouvi por aí só por causa da minha nacionalidade...

— Pode ter certeza de que não sou esse tipo de homem, linda. Me desculpe se te causei uma má impressão. Não foi a minha intenção.

Hum... sei.

É a minha vez de olhar para ele dos pés à cabeça.

— Tudo bem. Me espera na saída.

Ele parece não acreditar na minha resposta direta e sorri.

— Ótimo.

— E vai me levar de volta para o campus depois.

— Sem problemas. Você não vai se arrepender.

— Espero que não. Agora preciso ir.

— Até daqui a pouco, linda.

— Até logo.

Sua mão esbarra na minha e tenho quase certeza de que foi proposital. O cara não perde tempo.

Saio do corredor e volto para o caos da arena.

Que loucura! Venho para assistir a uma luta e saio com um encontro. Pelo menos, não é com... Nem termino meu pensamento

porque choco meu corpo em algo duro o suficiente para me fazer dar um passo para trás. Só me faltava essa. É moda agora?

Olho para cima e dou de cara com quem?

— O que você pensa que está fazendo, Damon? Olha pra onde anda, caramba!

— Quem está distraída é você, não eu.

Não vou negar porque realmente estava com a cabeça nas nuvens, mas aposto que o babaca fez de propósito.

Ele olha para um ponto atrás de mim e ao me virar, tenho a resposta. Vincent o encara de uma maneira ameaçadora e reviro meus olhos.

Homens e suas inúteis tentativas de marcar território. Quando vão entender que as mulheres é que têm o poder de decisão?

Bufo e contorno o corpo de Damon, finalmente indo encontrar minha amiga.

Não preciso olhar para trás para saber que ele está atrás de mim.

— Oie! — grito para Liz, que me lança um sorriso enorme antes de me dar um abraço apertado.

— Dani!!! Finalmente! Achei que não viesse mais.

— Ela estava ocupada — uma voz afiada responde por mim.

Sério, qual o problema desses caras? Olho para Damon, que me desafia a dizer o contrário, mas não vou lhe dar esse gostinho. Afinal, não devo *nada* a ele.

— *Ocupada?* — Liz pergunta, estreitando os olhos.

— Depois te conto — digo, olhando de relance para o idiota, só para concluir que ele continua me observando. — Vamos curtir a noite porque não vejo a hora de ver o *Destroyer* acabar com tudo.

— Ele vai, *hermana*! Ele vai!

Quinze minutos depois, Stevens entra na arena ao som da música que o acompanha em todas as lutas, *Destroyer*, da banda Twisted Sister, sendo ovacionado como de costume. Nunca deixa de ser emocionante. O jogo de luzes, a fumaça cobrindo a arena, um espetáculo de pura adrenalina. Mike aparece ao nosso lado neste momento.

— Esta é a nossa noite! — ele grita por cima da música e nossa turminha vibra.

Duas mulheres atrás de nós não param de gritar as maiores obscenidades que já ouvi para o namorado da minha amiga, e eu sei como Liz está tentando se manter indiferente. O tanto de vezes que ela me confidenciou como se sente mal com essas demonstrações bizarras, mas que não pode fazer nada. Afinal, Matt

Stevens é um símbolo sexual. É o preço por namorar um cara tão cobiçado. Mais um motivo para querer ficar bem longe de Damon Smith. Não sei se teria estrutura para aceitar tanta merda.

Por tudo isso, resolvo agir, mas da minha maneira. Como se previsse o que estou prestes a fazer, Liz me chama, mas a ignoro. Mike apenas acena com a cabeça para que eu vá em frente.

Dou a volta na fileira, subo um degrau e caminho até o meu destino. As duas mulheres continuam gritando em alto e bom som: “*Destroyer, vem fazer um ménage com a gente*”, “*Destroyer, a gente está sem calcinha e estamos molhadinhas*”, “*Ai, Destroyer, que tesão que você é*”. Chego ao lado delas e começo a gritar em direção ao ringue, superando a voz das duas:

— “Ah, *Destroyer*, seu gostoso!”. — De onde estou consigo ver uma Liz boquiaberta e ao lado dela, Mike, Damon e Kellan apenas riem, balançando a cabeça, sem acreditar no que estou fazendo. — “Igual a mim você não encontra, *Destroyer*”. “Ninguém faz melhor do que eu, *Destroyer*.”

As mulheres — uma loira e uma morena por volta dos trinta anos — se viram para mim e sei que atingi meu objetivo.

— O que você está fazendo aqui? — a loira pergunta, claramente contrariada por não ser mais o centro das atenções.

— Ué, estou imitando vocês.

— Acho melhor sair do nosso lado — a morena ameaça. — Você não vai tirar a nossa chance de conseguir uma noite com o *Destroyer*, garota. Procure o seu lugar.

— Estão vendo aquela garota linda ali embaixo? — Aponto para Liz e as duas acompanham meu dedo. Minha amiga está corada, mas não desvia os olhos. A *Señorita* é braba. — Ela é a *namorada* do *Destroyer*.

— Namorada? — as duas perguntam em coro.

— Pois é. Na-mo-ra-da. Ela sabe que o cara é lindo de morrer, gostoso e não tem como impedir que as pessoas o desejem, mas pensem como deve ser horrível ter que ficar ouvindo um monte de mulheres implorando para o homem dela as foder?

As duas se entreolham e, enfim, sinto que consegui sua atenção.

— E se fosse o contrário? Vocês gostariam de ouvir isso se fossem namoradas do cara? O que vocês estavam gritando machucou a minha amiga. Vocês entendem? Não quero ser a estraga-prazeres aqui e imagino que não saibam dessa informação. Ou, talvez, pouco se importem, mas só peço que tenham um pouco

de empatia. E outra, ele é louco por ela, meninas, então sem chance para vocês.

— Que merda! — a loira diz e se senta, visivelmente frustrada, e a outra a acompanha. — A gente ouviu uma história de que ele estava namorando, mas pensamos que fosse uma mentira para afastar as mulheres. — Ela olha para Liz, que agora está focada em seu homem prestes a lutar, e completa: — A gente vai parar.

— É — a outra concorda, um tanto desanimada.

— Obrigada por entenderem, meninas. Vocês poderiam ter agido de uma maneira mais agressiva, mas fico feliz que tenhamos entrado em um consenso. Sei que é impossível fazer com que todas as mulheres presentes parem de gritar ou assediar o cara, e é normal que isso aconteça, mas o que vocês estavam gritando era bem explícito e muito perto da gente, e precisei vir até aqui dar esse toque.

— A gente entendeu. Sua amiga é uma sortuda da porra.

Deixo escapar uma risada e me viro para voltar ao meu assento.

Noite agitada essa.

Chego ao lado dos meus amigos e Liz imediatamente se vira para mim e me abraça. Do outro lado, sinto Mike apertar meu ombro

em apoio ao que acabei de fazer.

— Eu te amo pra caralho — minha amiga declara, apertando-me forte em seus braços.

— Eu também te amo pra caralho, *hermanita*.

Apoio meu queixo na cabeça de Liz e encontro os olhos de Damon focados em mim com uma expressão que não consigo decifrar.

— Agora vamos ver o *seu Destroyer* ganhar essa porra — sussurro no ouvido dela, que se desprende de mim rapidamente, dando-se conta de que a luta vai começar.



CAPÍTULO 4

Ela tem lábios de cereja
Olhos de anjo
Ela sabe exatamente como provocar
Ela está atrás de você, perigo por definição
Mulher de sangue frio, ela não se compromete
Ela é algo místico com luzes coloridas
Muito além do típico, mas siga meu conselho

Antes de brincar com fogo, pense duas vezes
E se você ficar queimado, não fique surpreso.

SUGAR, ROBIN SCHULZ FEAT. FRANCESCO YATES

Daniela Lima

Como não poderia ser diferente, Stevens venceu mais uma e, conforme o combinado, Vincent Cooper me esperou na saída. Assim que a luta terminou, contei para Liz sobre o encontro, que ficou chocada com o meu desenrolo.

— *Mas e Damon?* — ela perguntou.

— *O que tem ele, amiga?*

— *Vocês têm...*

— *Não, Liz. Nós não temos nada. A gente falou sobre isso mais cedo.*

— *Não é isso, Dani. Vocês têm uma química absurda. Desde que vi vocês dois se beijando pela primeira vez, sei que são puro fogo e gasolina. Eu sei porque sinto o mesmo com Matt e é algo que não se encontra facilmente por aí.*

— *Você está romântica demais. É melhor a gente parar por aqui.*

Eu não ia dar o braço a torcer e admitir algo que venho tentando a todo custo deixar *pra lá*. A química e todo o alvoroço que sinto em meu corpo quando ele está por perto. Ignorar é o mais sensato.

O que eu não esperava é que o lugar escolhido por Vincent fosse o mesmo que meus amigos escolheram para curtir a noite, o Sammy's, um bar-boate próximo ao Matadouro, que é a sensação na região. Kellan Jordan, mesmo à distância, não para de sorrir para mim, como o babaca que é, Damon e Mike não estão à minha vista, e minha amiga e Stevens estão dançando — ou melhor, dando um show de sensualidade — na pista de dança.

Vincent e eu nos sentamos em uma mesinha afastada, um de frente para o outro, mas como o som está bem alto, ele veio para o meu lado. *A desculpa perfeita, não é mesmo?*

— De onde veio esse bronzado? — faço a pergunta de um milhão de dólares, enquanto bebo minha cerveja.

Infelizmente, aqui nos EUA preciso usar uma carteirinha falsa para consumir bebida alcoólica, algo muito comum entre os universitários. Liz e eu decidimos fazer as nossas — após muita insistência minha, diga-se de passagem —, logo nas primeiras semanas de Yale. Enquanto não completarmos 21 anos, não podemos beber livremente. O que me deixa menos culpada é que no Brasil já alcancei a maioridade nesse quesito e é isso o que importa.

Da série: desculpas esfarrapadas que damos para não termos uma crise moral.

Vincent sorri, mas percebo como ficou um pouco encabulado com a pergunta.

— Precisei fazer bronzamento artificial para um trabalho. Sou modelo.

— *Nããão!* Modelo, modelo mesmo?

— Sim, Dani. Modelo, modelo mesmo. — Ele ri.

— Uau! Acho que nunca conheci um modelo. E eles deixam você lutar? Digo, porque você deve se machucar bastante.

— Eu só marco as lutas nas semanas que não tenho campanha.

— Ah, sim.

Continuamos conversando, bebendo — ele nos trouxe de táxi —, e aos poucos vou percebendo que Vincent não é apenas um rostinho bonito. Agora consigo enxergar a diferença de dez anos entre nós. O cara é maduro, responsável e disse que terminou um relacionamento de quatro anos há seis meses.

— Quando te vi pela primeira vez pensei que fosse modelo também — ele diz, e a intensidade do seu olhar me faz prender a respiração. — Você é linda. E esses olhos...

— Como eu não te vi me secando desse jeito, hein? — Tento suavizar o clima com uma brincadeira, porque o cara é intenso.

— Você estava com seus amigos. Conversando com um em especial. Aquele loirinho que me fuzilou com o olhar mais cedo. Até pensei que ele fosse seu namorado.

— Damon? Ah, não! A gente não tem nada.

Copper sorri e bebe sua cerveja como se não acreditasse.

— É sério — reforço. — Não vou negar que já nos pegamos, mas não é nada sério.

— Eu não gosto de compartilhar — diz, com uma voz grave que faz os pelos dos meus braços se arrepiarem.

O alarme soou forte aqui.

— Não entendi. Compartilhar?

— Não faço sexo casual, Daniela. Quando saio com uma mulher, ela é só minha.

Ihhhhh. Era só o que me faltava.

— Então — começo, levantando-me do assento —, antes que seja tarde demais, sinto muito, mas não vai rolar.

Ele fica confuso.

— Vincent, você é lindo, delicioso, e aposto que tem muita mulher correndo atrás de você, mas eu tenho 18 anos. O que mais

quero agora é fazer um sexo casual gostoso. — O cara está tão perplexo que se engasga com a cerveja. — Eu sou sincera e não gosto de precisar fingir ser outra mulher só para agradar um homem. Obrigada pela cerveja e pode deixar que volto para o campus com os meus amigos.

Se o cara, na primeira conversa, já chega com esse tipo de assunto, com o tom de posse que ouvi, não tem por que continuar protelando o inevitável. Eu posso não saber de muita coisa sobre relacionamentos, mas sei o que eu não quero para mim.

Damon Smith

Reconheço a morena que passa quase correndo em direção ao banheiro e, sem pensar, peço licença para a garota que estou conversando.

Fico do lado de fora, esperando, e quando Daniela sai toma um susto.

— O que você está fazendo aqui?

— Já deu o fora no idiota?

— Deixa eu ver um negócio aqui. — Ela pega o celular e fica alguns segundos deslizando a tela.

— O que foi?

— Estou vendo onde é que está escrito que te devo alguma satisfação. — Dani sorri e completa: — Mas não encontrei em nenhum lugar.

Filha da mãe.

Ela guarda o aparelho e se afasta de mim, balançando a bunda gostosa até a pista de dança.

Essa garota só pode estar de sacanagem comigo. Primeiro, inventa de sair com um *lutadorzinho* de merda e agora mais essa. Não sei por que me dou ao trabalho de me preocupar. Está mais do que óbvio que Daniela sabe se virar sozinha.

Já percebi que toda vez que dormimos juntos, a garota foge de mim no dia seguinte, tentando colocar uma distância idiota entre nós, mas não adianta, a danada é viciada em me ter dentro dela. E eu me amarro em foder a gostosa.

Volto para a bagunça generalizada do Sammy's e pego um vislumbre de Vincent com cara de poucos amigos, em direção à saída do bar. Pelo visto, o encontro de Daniela com o tal *Desaster* foi um desastre.

Entendeu o trocadilho? Puta merda, que piada ruim, mas não consigo deixar de rir. Rio não só pela piada, mas pela satisfação em

ver que o cara não teve sucesso.

Encontro com Jordan, que está com os cotovelos apoiados no balcão, digitando no celular como um doido. Ainda rindo, pergunto:

— O que é que tá pegando?

Ele parece se assustar e guarda o telefone no bolso.

— Preciso ir.

— Como é que é?

— Preciso ir, porra — repete, impaciente.

— Como assim, cara? A gente veio junto. Por que você tá todo esquentadinho?

Ele respira fundo e me encara.

— Uma garota está me esperando no campus.

— Uma garota? Você vai sair de um bar lotado de garotas para encontrar *uma garota* no campus? Você só pode estar...

— Smith, não vem com merda, ok? Você acha que não sei que está caidinho pela brasileira? Percebi como você estava espumando de raiva só porque ela veio acompanhada.

— Para de falar asneira, seu puto. A gente só se curte.

— Aham, vai acreditando na própria mentira. Preciso ir.

— Cara, quem é a garota?

— O quê? — ele pergunta, fazendo-se de idiota.

— A garota que você vai encontrar. Quem é?

Ele desvia o olhar rapidamente, antes de voltar a atenção para mim.

— Você não conhece.

Já vi que não vou conseguir arrancar nada do filho da puta, então balanço a cabeça.

— Beleza, então. Boa sorte.

— Valeu.

Jordan se vira para ir embora e volto minha atenção para a pista de dança lotada. Stevens e a *Señorita* estão se esbaldando, além de Wilson e Dani que dançam como dois malucos.

Que merda de noite.

Sentado em uma das banquetas do bar, sou tomado por pensamentos.

Posso parecer um egoísta por falar isso, mas sinto falta de quando éramos só nós três. A Tríade, como a galera gosta de nos apelidar. Sem garotas tomando nosso tempo; as noites sem planejamento, mas que eram as melhores; as conversas sem nexos enquanto estávamos bêbados. Não que tenhamos parado de sair ou ter nossos momentos, mas não é como antes.

Jordan e Stevens são mais do que meus melhores amigos, são meus irmãos. Os irmãos que eu não tenho. Apesar de ter conhecido o passado de Matt recentemente — e foi foda saber o que ele passou quando era apenas uma criança —, nós três sempre nos apoiamos pra caralho e torcemos um pelo outro.

Não que eu esteja triste pelo seu namoro. Afinal, como vou ficar triste quando o cara parece brilhar mais do que a porra de um raio de sol? Brega, eu sei, mas é a impressão que dá. É como se Liz tivesse libertado alguma coisa dentro dele. Ou como os dois dizem: é o que o amor faz.

Amor...

Pensei que havia amado uma garota, no ensino médio, mas ao ver o que Liz e Stevens têm, percebi que não passou de uma paixonite na qual Caroline achava que tinha a minha posse e queria me prender mais do que qualquer outra coisa. Fora o ciúme doentio.

Desde então, fujo de compromissos. Não é o que quero para mim agora. Na verdade, não acho que eu queira um dia. *Pra que me prender a uma quando posso ter várias?*

Assim como Jordan, meu objetivo é ingressar na liga profissional. A ideia é sermos aceitos em algum time da primeira divisão após a formatura, vivermos do futebol e deixarmos nossas

faculdades em plano B. Ele, a de Publicidade e Marketing, e eu a de Administração.

Por falar em Jordan, tenho reparado que ele anda meio estranho. Misterioso. Como se estivesse escondendo alguma coisa. Esse negócio de encontrar uma garota no campus... Não parece em nada com o cara. Ele consegue ser mais porra-louca do que eu.

Volto a focar no caos à minha volta e de onde estou tenho uma visão privilegiada de Daniela, que está dançando tanto que tirou o casaco, ficando apenas com uma blusa branca de mangas compridas, colada ao seu corpo.

A mulher é uma delícia.

Isso me faz lembrar do comentário infeliz de Jordan. “*Você acha que eu não sei que está caidinho pela brasileira?*”

Não tem nada a ver com estar *caidinho*. Se ele soubesse como é o gosto dela e o quanto Daniela é fogosa, me entenderia. *Não que o babaca vá saber um dia.*

Além de linda, é tão safada quanto eu.

As curvas perfeitas são um chamariz. A combinação da pele marrom-clara com os olhos cor de jade é fascinante e um motivo a mais para qualquer um salivar diante de sua beleza nada comum.

De peruca ou não — ou lace, como ela chama —, a garota é uma beldade.

Mesmo por alguns segundos, percebi como ela ficou apreensiva para saber o que eu achei do seu novo visual, mas falei a verdade quando disse que pouco me importava, porque isso não muda completamente nada. Daniela chama a atenção de qualquer jeito.

E aquela marquinha de biquíni indecente e deliciosa? Estou doido para vê-la em uma festa na piscina quando o inverno acabar, desfilando com aquele pedaço de pano enfiado no seu...

Porra, fiquei duro só de imaginar!

Olho ao meu redor e tomo uma decisão.

Foda-se!

Chamo o bartender e peço um shot de vodca. Mal o cara coloca a bebida na minha frente, eu a entorno em um gole só, e peço outra rodada, preparando-me para finalmente curtir. Daniela pode fazer *cu doce*, mas não vou ficar chupando o dedo. Ela não é a única gostosa na porra do bar.

Mas é a única que você quer, otário, meu inconsciente sussurra, o que me deixa mais puto.

Levanto-me da banqueta e sigo em direção à pista. No caminho, encontro com a garota que estava conversando antes do furacão brasileiro aparecer e pergunto se ela quer dançar. Um sorriso me recebe.

— É claro — responde, livrando-se de sua amiga.

Eu a levo para o canto da pista e começo a mexer meu corpo, meio desengonçado, seguindo as batidas da música eletrônica. Sou uma negação nisso aqui.

A menina é bonita, os cabelos castanhos são longos e tem uma pele de porcelana, daquelas que ficam marcadas bem rápido. O que me faz lembrar de como deixei a bunda da brasileira hoje cedo. Mesmo com a pele mais bronzeada, foi impossível não notar o rubor causado pelos meus tapas. Aposto que ela ainda consegue sentir a área sensível sob a calça.

É sério que estou me lembrando disso agora? É pedir pra ficar duro, caralho!

— Qual é o seu nome? — pergunto para a garota, buscando uma distração. — Naquela hora não deu tempo de perguntar.

— Adele. E o seu?

— Damon.

O bom daqui é que geralmente as pessoas não sabem quem somos, por isso temos mais liberdade. Se fosse perto da Universidade, a mulherada estaria ensandecida com a presença dos integrantes da Tríade.

Adele sorri, tímida, e me concentro em seus olhos verdes, me lembrando do olhar felino de outra mulher.

Estou amaldiçoado. Só pode.

Não há nada além de sexo, mas o *chá de boceta* da brasileira é forte e deve conter algum ingrediente viciante. Não é possível. Já saí com muita mulher, mas o que acontece quando estou dentro da Daniela, o jeito que suas unhas compridas me arranham, a forma com que suas pernas compridas enlaçam a minha cintura ou quando os olhos cor de jade rolam de prazer, como ela rebola, geme, grita...

Caralho!

Ocupado demais me martirizando, demoro a perceber que a *bandida* está me encarando do outro lado do salão. Ou melhor, encarando as minhas mãos na cintura de Adele.

Ora, ora.

Essa é a confirmação de que Daniela não é tão indiferente assim, e que não estou sozinho nesse barco.

Rindo por dentro, volto a dançar com a garota até terminar a música. Se Daniela quer jogar, vou mostrar que dois podem jogar o mesmo jogo. Com um detalhe: eu jogo melhor do que ela.



CAPÍTULO 5

Eu não quero me apaixonar
(Este mundo só irá partir seu coração)
Não, eu não quero me apaixonar
(Este mundo só irá partir seu coração)
Por você

WICKED GAME, VERSÃO DAISY GRAY

Damon Smith

— Adele, sei que você vai me achar um babaca por te deixar sozinha novamente, mas preciso fazer uma coisa. Você é linda e foi um prazer te conhecer, eu só não sou pra você — sussurro em seu ouvido, e ela parece surpresa.

— Oh... Tudo bem, Damon — responde, frustrada.

Até eu me surpreendo com a minha franqueza, só que Adele realmente não é para o meu bico. É muito tímida e boazinha, e curto as mais desinibidas e que se fazem de difíceis.

É claro que já tive minha época *pega-tudo*, mas hoje em dia estou mais seletivo. Para falar a verdade, desde que saí com a brasileira pela primeira vez, meu gosto mudou. Ela elevou o padrão.

Ajeito minha jaqueta de couro, os cabelos que caem sobre minha testa e sem pressa percorro todo o caminho até o meu destino. Uma música que reconheço como *Sugar*, do DJ Robin Schulz, começa a tocar e não poderia ser mais propícia.

Ela tem lábios de cereja, olhos de anjo

Ela sabe exatamente como provocar

Ela está atrás de você, perigo por definição

Mulher de sangue frio, ela não se compromete

A brasileira finge não me ver e vira o corpo para o outro lado, como se eu fosse desistir. Sou obrigado a rir novamente. Ela pensa que vai escapar, mas o modo Damon Smith Turbo foi ativado, *baby*.

Se eu não tivesse visto o que vi, a forma com que me olhou enquanto eu estava com Adele, juro que teria ficado na minha. Não sou de forçar uma mulher a fazer o que não quer, mas a partir do momento que ela me dá um sinal de que *quer* estar comigo, parto para cima. Ainda mais quando se trata *dessa* mulher.

Analizando seu corpo de costas, as curvas que me deixam hipnotizado, chego sem pena. Minhas mãos apertam sua cintura fina com força, do jeito que ela gosta, e sinto seu corpo estremecer em reconhecimento. Outro sinal: se ela não quisesse o meu toque, já teria me afastado, o que não aconteceu.

Esfrego minha ereção em sua bunda gostosa, o que eu queria ter feito desde que a vi com esse jeans apertado, e mordisco sua orelha, antes de me curvar e sussurrar:

— Acha que pode fugir de mim?

— O que você pensa que está fazendo? — Ela tenta se impor, mas sua voz sai fraca e entrecortada.

Eu a conheço e está cheia de tesão.

— Aposto que está toda molhadinha.

— Você é nojento.

Rio em seu ouvido, lambendo seu pescoço, sentindo o perfume cítrico que conheço bem.

— Um nojento que te fode como nenhum outro.

— Mas é muito...

— O quê? Estou mentindo? — Seguindo o ritmo da música, balanço nossos corpos *pra lá e pra cá* e levo uma mão para dentro de sua blusa. Sua pele fica arrepiada sob meu toque e não consigo conter uma risadinha.

Essa mulher se faz de difícil, mas não consegue ignorar o que sente quando a toco.

— Estamos no meio do bar, Damon.

— Podemos ir para outro lugar.

Ela não me responde, quando se vira de repente, me deixando confuso, até que pega minha mão.

A brasileira me arrasta pela multidão e tomo consciência de onde estamos indo. Há uma fila para entrar no banheiro, então ela volta a me arrastar pelo bar até encontrar com Mike Wilson e sussurrar algo em seu ouvido.

Não estou entendendo mais nada, porém continuo à sua mercê. Wilson entrega um molho de chave para ela e fala alguma coisa. Em seguida, ele olha para mim e abre um sorriso sacana. Imagino que a morena tenha revelado o que pretende. Sorrio de lado em resposta, dando de ombros.

Sou puxado para fora do bar até chegarmos ao estacionamento. Nem o vento frio esfria o tesão que estou sentindo. A porra de um calor que está me deixando louco.

Daniela destrava o alarme do carro de Wilson e se vira para mim.

— Você é foda, *baby* — digo, antes que ela tenha chance de falar.

— Para com essa droga de *baby* — pede, enfezada, e eu tento, mas não consigo segurar o riso.

— Tudo bem, *baby*.

Sei que estou brincando com fogo e a chance de ela desistir do que está prestes a fazer é grande, mas não consigo me conter.

Ela me ignora e abre a porta do carro, parecendo tão necessitada quanto eu. Vamos para o banco de trás e longe do bar não escutamos nada além da nossa própria respiração.

Como se lesse meus pensamentos, ela se inclina no banco da frente e liga o rádio em uma estação qualquer. Ajo rápido e quando ela volta a sentar, vem direto para o meu colo.

— Você não perde tempo, não é mesmo? — murmura.

— Por que deveria? Já perdemos tempo demais com você tentando me ignorar.

— Eu não estava...

— Oh, vai dizer que não estava? Toda vez que a gente transa, você me ignora no dia seguinte, gatinha.

Ainda no meu colo, ela se vira para mim.

Sua respiração está acelerada e seu hálito de menta com cerveja me inebria. Pego seu queixo e trago sua boca na minha, impedindo-a de falar.

Passo minha língua pelos lábios carnudos, mordisco o inferior, o superior, e ela arqueja, totalmente entregue. Aproveito a mão livre e a levo até seus seios cheios e empinados, beliscando o mamilo direito sobre o sutiã sem bojo. O som que sai de sua garganta chega até minha virilha e faz meu pau latejar.

Com a boca colada na dela, sussurro:

— Não precisa ter medo, Dani. O que nós dois fazemos é gostoso demais pra gente complicar. Só deixa rolar.

Passo os nós dos dedos em seus mamilos duros, em um carinho despretensioso, provocante, e isso a deixa no limite. Ela se ajeita no meu colo, passando uma perna em cada lado do meu corpo, intensificando nossa proximidade. Meu pau pulsa sob a calça no exato momento em que encontra o centro quente da morena, que aposto que está molhadinho sob sua calcinha.

O que eu não daria para chupar ela toda agora?

Aperto sua bunda com força e suas mãos agarram meus cabelos, partindo da nuca, e é a minha vez de gemer.

Ela cobre meus gemidos com a boca, me atacando da melhor maneira possível. Um beijo que não tem nada de inofensivo.

Porra, adoro quando ela me pega assim. Quando não pensa tanto e deixa o tesão falar mais alto. Daniela se torna selvagem. A fogosa que me deixa maluco.

Em uma pausa para pegarmos ar, ela pergunta:

— Por que você deixou a garota lá?

— Porque não era ela quem eu queria. E você? Por que não saiu com o idiota que te trouxe?

Encarando-me com o rosto a poucos centímetros do meu, responde:

— Porque percebi que ele é possessivo demais para o meu gosto.

— *Wow!* O cara causou essa impressão em minutos? Não posso dizer que fiquei triste.

— Você é um babaca, Damon.

— Só porque eu queria você pra mim de novo? — digo, apertando sua bunda o bastante para que ela sinta o volume do meu pau.

Suspirando de prazer, Daniela continua:

— Isso não é estranho? Tipo...

— Não tem nada de estranho. A gente só tem uma química do caralho. Eu já sei do que você gosta, você sabe do que eu gosto. Entre nós as coisas são fáceis, não preciso ficar me justificando, não há cobranças. Entende?

Ela assente e relaxa entre os meus braços.

— A gente está na mesma sintonia, *baby* — reforço.

— Só não quero que as coisas saiam do controle. Nós dois temos objetivos, planos, e não há espaço para um relacionamento. Por isso prefiro ser sincera e saber em que pé estamos.

Se eu não tivesse o mesmo pensamento, talvez ficasse putado, mas suas palavras só me fazem a desejar ainda mais.

— É por isso que combinamos tanto, Dani. Não fique analisando, apenas curta o momento.

Com um único movimento a deito com as costas no assento.

— Agora, vamos parar de enrolação, que eu não vejo a hora de chupar essa boceta gostosa.

E é a primeira coisa que eu faço, antes de me perder nas curvas de Daniela.

Daniela Lima

— Terra chamando Daniela!

Pisco algumas vezes até me lembrar de que estou em uma lanchonete jantando com Carla.

— Ai, desculpa, amiga. Nossa, estou me sentindo uma péssima companhia hoje. A gente mal tem tempo de sair e quando finalmente nos encontramos estou toda aérea.

— Para com isso. Não precisa se desculpar. Só acho estranho você estar tão distraída. Tem a ver com Damon? — pergunta, arqueando uma das sobrancelhas bem-feitas.

Tirando a parte do Matadouro — que os meninos ainda não me liberaram para revelar —, contei tudo sobre a noite passada

para a minha contrterrânea.

Carla e eu reservamos pelo menos um dia na semana para sairmos só nós duas, assim conseguimos conversar em português sem que ninguém se sinta incomodado ou se achando excluído. Quando estamos juntas, a saudade de casa, do meu pai, torna-se um pouco mais suportável.

Por ela estar no último ano e ser a capitã das líderes de torcida, nossos horários raramente batem e por isso me sinto tão culpada em não estar com total atenção ao nosso encontro. Sinto-me pior ainda porque tem a ver sim com o babaca.

Até agora não consigo aceitar que cedi tão facilmente às investidas de Damon. Não era para ser daquele jeito, mas o tesão subiu à cabeça e o que eu fiz? Sexo selvagem no banco de trás do carro de Mike.

Que merda!

Ainda tive que aguentar os olhares e as risadinhas do safado do meu amigo durante todo o caminho de volta para o campus. Por sorte, Damon voltou com Matt e Liz, ou o constrangimento seria pior.

Constrangimento não por ter vergonha do que fiz, mas porque fui fraca demais. É o que acontece quando se trata de Damon Smith. E isso é muito perigoso.

Solto um longo suspiro e a respondo:

— Em partes. Não é sobre ele em si, mas sobre o que venho sentindo.

— Por favor, não me diga que está apaixonada, dona Daniela!
Franzo a testa.

— Não! Isso não! Digo no sentido sexual mesmo. Com Damon, é tudo muito prático e às vezes me pego pensando se não estou me acostumando demais com a nossa “facilidade”. Talvez esteja na hora de variar, por mais que o sexo com ele seja de outro mundo.

Ela bebe sua latinha de Pepsi no canudinho e faz aquele barulhinho chato quanto termina, antes de falar:

— Eu entendo o que você quer dizer. Você está com medo de que a “facilidade” se torne um compromisso. Sexual, mas ainda assim um compromisso, algo fixo. Não é?

— Exatamente. Porque se isso acontecer, todos os meus argumentos sobre me prender a um cara vão cair por terra.

— Você tem um ponto, mas está 100% certa sobre não gostar dele? Está disposta a abrir mão dessa química? Estou perguntando isso, porque depois que você disser para o Smith que não quer mais sair com ele, naquela mentezinha suja de *Dog* vai parecer como se você tivesse falado “quero *dar* para outros caras” e duvido que ele

não vá ficar com o ego ferido. E, convenhamos, homem com ego ferido, minha querida, é um saco. O babaca vai fazer questão de mostrar o que você está perdendo, ainda mais um integrante da Tríade.

Respiro fundo e afundo a cabeça nas mãos. Não deveria ser tão difícil me livrar de um “problema” como esse, mas por que estou tão incomodada? Desde quando sexo se tornou algo tão importante na minha vida? Eu deveria estar preocupada com minhas aulas, as provas que chegarão em algumas semanas, mas estou aqui, me martirizando por não saber o que fazer em relação ao meu *pau-amigo*. Às vezes, não me reconheço.

Ainda estou perdida em pensamentos quando uma sombra cobre a iluminação da nossa mesa. Levanto os olhos para saber o que está acontecendo e tenho a *grata* surpresa de dar de cara com Damon Smith e Kellan Jordan. Ambos sorriem, imponentes em suas roupas escuras e justas, as jaquetas de couro que abraçam seus músculos, como uma segunda pele, e reviro os olhos.

— O que querem, *Dogs*? — Carla pergunta, indiferente.

— Viemos fazer um lanche e na hora que vimos vocês duas, quisemos dar um “oi” — Kellan responde, revezando a atenção entre mim e ela.

— Oi... — respondo, querendo que os dois se toquem de que estão atrapalhando e saiam o mais breve, só que os idiotas têm outros planos.

Damon me encara e pergunta:

— Vão para a festinha hoje? — Seu olhar não desvia do meu e me sinto inquieta.

Não nos falamos desde... bem, desde o meu momento de insanidade sexual no carro de Mike.

— Hoje não. Tiramos a noite para sermos apenas duas brasileiras — declaro.

— *Humm...* isso parece interessante — Jordan diz com um sorriso malicioso e, sem qualquer noção, senta-se ao lado de Carla. Logo, Damon está ao meu lado, agindo igualmente sem noção.

Ah, não!

— Vocês são tão ridículos. Acham que o mundo gira em torno de vocês, é? — Carla esbraveja, irritada.

— Calma, gatinha. Só vamos comer nossos lanches aqui. Todos os lugares estão ocupados — Jordan se justifica, com as mãos erguidas, como se fosse muito inocente. — Vocês nem vão perceber a nossa presença.

Olho ao redor e constato que ele não está mentindo. A lanchonete, de fato, está lotada.

Ao meu lado, Damon se remexe e sua coxa musculosa encosta na minha. Xingo-me internamente, pela segunda vez, por ter decidido vir de vestido. Primeiro, porque pensei que não sentiria frio, por conta do casaco grosso e da bota que sobe três dedos acima do meu joelho, mas me enganei lindamente. Segundo, porque mesmo não tendo contato direto com a pele de Smith, o calor que sinto com a aproximação é desastroso, o que poderia ser minimizado se estivesse com uma calça.

Não é possível que esse cara me desestabilize tão facilmente.

Como estou no canto do banco, encostada na parede — assim como Carla, à minha frente —, a estrutura do loiro faz com que eu me sinta encurralada. Sem ter como escapar. O pensamento me deixa ainda mais quente.

Tomo coragem e olho para o seu rosto. Fico surpresa ao encontrá-lo me encarando, como se compreendesse o que estou sentindo. Um sorrisinho cínico se forma em seus lábios e dou graças a Deus quando Carla chama a minha atenção em português:

— Amiga, não vamos deixar que eles nos atrapalhem. Se acham que são os espertos aqui, nós somos mais.

Voltamos a conversar e é impagável assistir aos dois franzindo a testa, sem entenderem uma palavra.

— *Eu estou com muita vontade de rir* — confesso, segurando a risada.

— *Pode rir, boba. Eles nem vão saber o que está acontecendo.*

Dou uma gargalhada alta e ela me segue. Como previsto, as expressões de Damon e Kellan são de pura confusão e minha barriga chega a doer de tanto que estou rindo.

— Porra, vocês são muito sem graça — Damon reclama, pedindo para a garçonete trazer duas cervejas.

Ela nem confere se ele é maior de idade, afinal, quem nega alguma coisa para um integrante da Tríade? Benditos privilégios.

— Será que Stevens vai para a festa? Hoje tem a iniciação dos novatos — Jordan questiona o amigo e os dois dialogam entre si.

Eu sei a resposta, porque Liz comentou que teria que acompanhar o namorado em uma coisa chata na fraternidade e depois sairiam para jantar, mas prefiro guardar a informação para mim. Eles são os intrusos aqui e só preciso fingir que não sei de nada.

Ignorando-os, Carla diz:

— *Deu vontade de beber uma caipirinha...*

— *Duvido que eles tenham cachaça por aqui.*

— *Ah, eu também duvido. Esse povo não sabe o que é bom, não. Só querem saber de tequila e vodca, mas isso é porque nunca experimentaram uma boa cachaça.*

Nós duas caímos na risada, recebendo olhares julgadores dos dois intrometidos, mas fingimos que estamos sozinhas.

— *Sabe o que estou com vontade de comer?* — pergunto, fazendo uma expressão de sonhadora.

— *O quê? Churrasco de verdade? Porque o que eles fazem aqui não dá para comparar com o que a gente come no Brasil.*

— *Concordo, mas estou falando de feijoada. Nossa, eu comi bastante nas férias, mas nunca me canso. Você acredita que em plena véspera de Natal eu pedi para o meu pai fazer uma daquelas completas pra mim? Se eu pudesse traria várias marmitinhas.*

— *Ai, nem me fale. Nossa terrinha tem as melhores comidas. Nem parece que acabamos de jantar.*

Rimos novamente e, desta vez, Damon não se aguenta:

— Do que vocês tanto riem?

— Oras, estamos conversando. Não podemos fazer nada se vocês quiseram invadir o encontro alheio — contra-ataco.

— Encontro? — A cara do Jordan nem queima e os dentes brancos e perfeitamente alinhados ficam expostos enquanto sorri como uma criança.

— Você não consegue pensar em outra coisa a não ser sacanagem? — Carla consegue tirar o sorrisinho do moreno e no mesmo instante ele a analisa com uma intensidade que toda a mesa fica em silêncio.

— Consigo pensar em muitas coisas, Carly, mas todas envolvem sacanagem. Pode me julgar? — Ele não desvia os olhos dos dela, como se estivessem se comunicando por algum tipo de sinal e tanto eu quanto Damon nos entreolhamos com o cenho franzido.

Minha amiga pigarreia e se eu não soubesse que odeia os integrantes da Tríade, principalmente Kellan, com quem já teve um casinho no passado, teria pensado que a insinuação a deixou afetada. Mas também tenho noção de que esses garotos adoram nos tirar do sério.

— Apenas comam e sumam daqui — Carla dá o veredito, sem qualquer delicadeza, e os dois voltam a comer seus lanches, sem falar mais nada.

— *Uau!* — murmuro para ela, que parece fazer um esforço para retornar à leveza de antes.

— *Esse tipo de comportamento me tira do sério. Eles acham que são os reis da porra toda, mas não passam de garotos. Garotos que acham que podem conseguir tudo o que querem só porque têm a beleza a seu favor.*

Ela fala tão rápido que quando termina, precisa respirar.

— *Concordo com você, Carla, mas não precisa se estressar por causa disso. Não vale a pena perder a paz por causa deles.*

Como se soubessem que fazem parte do assunto, os dois nos observam. Os hambúrgueres já foram devorados, as cervejas acabaram, e, então, a voz de Kellan nos alcança:

— Escutem, já entendemos que não somos bem-vindos, podem continuar falando em português que nós vamos dar o fora.

— É isso, garotas — Damon dispara e os dois se levantam. No mesmo instante sinto falta do calor do seu corpo. *O que está acontecendo comigo, caramba?* — A gente não quis causar nenhum tipo de constrangimento. Vocês sabem... nós gostamos de zoar. Mas já entendemos o recado. — Olhando diretamente para mim, ele completa: — Continuem com o encontro de vocês que nós vamos para o nosso.

Eles se viram e seguem em direção à saída, cumprimentando seus conhecidos e causando torcicolos em vários pescoços. O perfume amadeirado de Damon ainda está aqui e não sei por que, mas um vazio se instala no meu peito.

Suas palavras me atingiram de uma forma que eu não esperava. E... me deixou mal. De um jeito torto, que não consigo entender, aquilo me afetou.

Ao olhar para a frente, flagro Carla pensativa, o olhar distante, e os dedos se mexem nervosamente.

— Está tudo bem? — pergunto.

— Eu preciso te contar uma coisa.

— Pode falar — digo lentamente, alarmada.



CAPÍTULO 6

Não há razão
Não há vergonha
Não há família
A quem eu possa culpar
Não me deixe desaparecer
Eu vou lhe contar tudo
SECRETS, ONEREPUBLIC

Carla Moraes

— Acho melhor pedirmos umas tequilas. Aí eu te conto tudo.

— Tequilas? Então o negócio é sério.

— Vai por mim, Dani.

— Tudo bem. É que eu me lembro claramente de quando você falou que o porre de tequila foi o pior que você teve na sua vida.

— Sim, eu sei, mas confia em mim. É do que eu preciso. Amanhã eu me viro.

Daniela dá de ombros e vai até o bar.

Não me lembro da última vez em que me senti tão à vontade. Dani me faz lembrar de casa, família, aconchego e identidade. Estou aqui há tempo suficiente para saber como a distância machuca. Nos feriados de final de ano, por exemplo, por ser meu último semestre de faculdade, não consegui visitar meus pais. Apesar de terem uma condição boa no Brasil, morarem em Copacabana, um dos bairros mais famosos do Rio de Janeiro, para me manter aqui precisei encontrar um trabalho.

Até pensei em ser garçõete, com a possibilidade de ganhar boas gorjetas, mas os horários não batiam com meus ensaios e ser líder de torcida, para mim, vai muito além da Universidade. É o que

quero fazer pelo resto da minha vida. Por isso, resolvi me inscrever como ajudante em um lar de idosos, perto de Yale. O salário não é grande coisa, mas é uma mão na roda e consigo conciliar com meus afazeres.

Minha bolsa de estudos ajuda muito, mas não é suficiente. Viver aqui, comer, me divertir, não é barato e não quero que meus pais se matem de trabalhar por minha causa — eles têm uma empresa de refrigeração conhecida na cidade.

Fui eu que quis vir estudar nos Estados Unidos, em uma Universidade prestigiada, e não conseguiria ficar de braços cruzados enquanto eles fazem todo o esforço. Quem pensa que tudo se resume a glamour, está muito enganado.

Fecho os olhos, organizando meus pensamentos e ensaiando o que estou prestes a revelar para Daniela e logo minha amiga está de volta com dois copos cheios.

— Isso tudo é tequila?

— Sim. Tem três doses em cada copo. Melhor do que ir e voltar. E pela sua cara, vamos precisar.

Forço um sorriso, porque, de fato, eu preciso. Venho lutando contra os meus próprios instintos e isso é desgastante demais.

Ela volta para o bar, a fim de pegar fatias de limão e um pouco de sal, e em segundos está sentada à minha frente.

Sem cerimônia, coloco o sal no dorso da mão, passo a língua, bebo um gole generoso de tequila e chupo uma fatia de limão. Sinto a ardência instantânea descendo pela minha garganta e meus olhos chegam a lacrimejar.

Repito o processo e desta vez Dani resolve me acompanhar, com uma expressão preocupada.

Começo a sentir uma queimadura em todo o corpo e sei que estou atingindo meu propósito.

— Puta merda! — ela exclama, fazendo uma careta exagerada, assim que termina de beber a primeira dose. — Liz é campeã em beber isso aqui, mas eu sou uma negação.

— Ah, meu Deus, eu nem perguntei se você gostava!

— Ahhh, para de drama! O que uma amiga não faz para ver a outra feliz? Vamos lá que depois da terceira dose, duvido que eu consiga manter minha mente 100% sã.

Caio na risada e sou seguida por Daniela. Quando paro de rir do comentário de Dani, respiro fundo, e olhando para minhas mãos em cima da mesa, disparo de uma vez:

— Eu saí com Kellan Jordan.

— Isso eu sei — Daniela retruca. — Você me contou logo que cheguei em Yale. Vocês tiveram um casinho e...

— Não — eu a interrompo. — Eu *saí* com ele. Ontem. E na noite anterior. Temos saído desde antes das férias de inverno.

Deixo Daniela tomar seu tempo, pois não é algo que ela esperava ouvir de mim. Aliás, quem convive comigo e sabe o que sinto em relação ao trio mais babaca da Universidade, nunca esperaria ouvir isso de mim.

Tentei esconder esse rolo o máximo possível, mas não achei justo depois de tudo o que Dani me contou sobre sua relação com Damon.

Como se só agora caísse na real, ela arregala os olhos e coloca as mãos na boca, em choque.

Aí está!

Eu também ficaria assim se uma amiga que odeia um cara dissesse que está saindo justamente com ele.

— Como assim? Você odeia o Jordan. *Como. Assim?*

A verdade é que até para mim isso é uma loucura e não tenho uma explicação plausível para a situação em que me coloquei. Será que Daniela pode me entender? Talvez sim. Talvez não.

— É... Pelo visto, não bato bem da cabeça. Você viu como o tratei mais cedo? Acho que tenho problemas.

— Carla... Eu... Eu não sei nem o que dizer.

— Eu sei, eu sei. Sou louca.

— Não é isso. É que vai demorar para a minha cabeça fazer o download da informação. Eu via você e Kellan Jordan como água e óleo.

— Pois é. Eu te entendo e juro que estou tentando *me* entender.

— Co-como aconteceu?

— Bem... — bebo mais uma dose de tequila, com todo seu ritual —... começou depois de um dos jogos dos *Bulldogs*. Eu estava na fraternidade, em uma das festas pós-jogo, quando saí do banheiro no segundo andar, onde quase ninguém tem coragem de ir, e Kellan estava do lado de fora, como se estivesse me esperando.

— Mentira!

— Sério. Eu não entendi nada, agi da maneira que sempre ajo com ele e seus amigos, mas o cara estava com um olhar determinado como nunca vi antes.

— E aí?

Dani está tão concentrada que sem perceber curvou todo o corpo sobre a mesa. Minha vontade é rir, mas eu compreendo sua curiosidade. É tão “inacreditável” que ela não quer perder nenhum detalhe.

— Ele apenas riu e perguntou se eu não queria matar a saudade de antigamente.

— Do nada?

— Do nada!

— Que filho da mãe convencido!

— Pra você ver.

Enquanto narro para Daniela como essa loucura toda começou, vejo a cena se desenrolar à minha frente, como se fosse um filme.

— *Quer sair da minha frente?*

— *Fala sério, Carly. Eu vejo o jeito que você me olha, só que é orgulhosa demais para baixar a guarda.*

— *Orgulhosa demais? Do que está falando, Jordan? Você só pode estar chapado.*

— *Chapado?* — *perguntou e chegou mais perto, prensando meu corpo na parede.*

Seus dedos deslizaram da lateral do meu pescoço até meu braço, causando-me um arrepio involuntário e o desgraçado riu. Um riso grave e de quem sabe o poder que tem.

Eu inspirei fundo, irritada por estar tão vulnerável, e pedi:

— Sai de perto de mim, Jordan. Estou falando sério.

— Eu saio, mas antes quero saber do que você tem medo. Por que pegou esse ranço todo de mim e dos meus amigos? Não pode ser à toa...

— À toa? Não basta vocês sacanearem minhas amigas e tantas outras garotas? E depois, o que houve com a Nick e a Ruby...

— Como é que é? Nick e Ruby armaram para cima do meu amigo, Carly. Junto com o filho da puta do Ben.

— Eu não estou defendendo as meninas! Sei da culpa delas, mas não posso ignorar o fato de que eram minhas amigas. Eu convivia com elas diariamente e vi como se transformaram depois que se envolveram com Stevens e Smith. Se vocês não fossem tão babacas, não teriam dado margem para isso acontecer.

— Nós não temos culpa para onde a cabeça dessas garotas vai, Carly. Você sabe que nunca te prometi nada, assim como para nenhuma outra. Meus amigos, a mesma coisa. Até Liz aparecer, Stevens tinha o mesmo pensamento, mas com ela as coisas foram

diferentes. Porra, se você disser que o cara não mudou, então está cega.

— O que adianta ser outro agora, quando já estragou tantas outras.

Naquele dia, despejei tudo o que estava entalado dentro de mim.

Eu tinha noção de que Matt Stevens havia mudado, mas isso não o fazia bonzinho de um dia para o outro. Não vi apenas uma garota sofrendo por ele ou pela Tríade, mas várias.

Nick e Ruby sumiram, afinal, a Universidade toda ficou sabendo o que armaram contra a Liz. O mais sério de tudo foi o furto do seu celular, que aconteceu bem debaixo do meu nariz, dentro do vestiário, após um dos nossos treinos.

Pelo que fiquei sabendo, as duas mudaram de cidade e eliminaram qualquer contato. Inclusive, comigo. Mesmo sendo contra suas escolhas, fiquei chateada. Éramos amigas, colegas de equipe, mas no final entendi o lado delas de decidirem desaparecer.

Ben foi outro que cortou relações com todo mundo e mudou de cidade. Cheguei a pensar que ele era diferente, mas me surpreendi com sua maldade ao tentar prejudicar o namoro de Liz e Stevens. Uma coisa tão infantil que até hoje custo a acreditar que os três

tiveram coragem de arquitetar. O pai do ex-capitão do time de basquete, que também vem a ser o reitor de Yale, pediu desculpas, pessoalmente, para Liz. É claro que ele tentaria amenizar a situação para que o seu querido e principal atleta Matt Stevens não ficasse tão irritado a ponto de partir para outro time. O cara recebe convites de outras Universidades o tempo todo.

O meu ranço com o líder da Kappa só aliviou quando ele me disse, logo depois de começar a namorar, que não tinha a real noção de como as mulheres viam suas ações; que ele não fazia aquilo para maltratar, mas porque achava que ignorar era a melhor maneira das garotas não entenderem tudo errado.

Homens e seus achismos equivocados. Mas eu enxerguei sinceridade em suas palavras e o entendi, por isso hoje temos uma relação razoável. Contudo, a Tríade, para mim, ainda representa um bando de machos-alfas.

Percebendo que meu ressentimento era real, Kellan Jordan encostou a testa na minha e perguntou:

— Você está saindo com alguém?

Eu estava um tanto zozza por estar compartilhando o mesmo ar com Jordan, mas consegui responder:

— Não.

Ele assentiu e deu um passo para trás. Quando achei que estava livre para ir embora, o corpo cheio de músculos voltou a pressionar o meu e ao sentir o volume em suas calças não tive mais forças para resistir.

Assim que ele me beijou, eu me permiti ceder. Uma coisa levou à outra e quando percebi estava nua em sua cama, fazendo o sexo mais selvagem dos últimos tempos. Era como se estivéssemos famintos, com uma necessidade que nunca senti antes. A cada toque, cada gemido, ondas de eletricidade eram ativadas pelo meu corpo. Foi... indescritível. Desde então, aproveitamos as oportunidades que surgem.

Termino de contar tudo para Dani e ela está boquiaberta.

— Minha Nossa Senhora! — Minha amiga se abana e tapo o rosto com as mãos. — Carla do céu, isso foi intenso.

— Eu vivi por tanto tempo em negação, reprimindo o desejo que sentia por ele, que havia me esquecido como o beijo do filho da mãe é bom. Como a pegada dele é... destruidora.

— E o cara que você disse que estava saindo? Da outra Universidade?

— Não existe cara nenhum. Eu estava tentando fugir do Jordan, do que ele me faz sentir. Por isso, evitei algumas festas,

mas é quase como evitar o inevitável. Basta nossos olhares se cruzarem e BUM! Acontece. Hoje só não caí na tentação porque você estava comigo, mas enquanto o desgraçado estava aqui, aquela mão gigante ficou apertando a minha coxa debaixo da mesa.

— Puta merda! Eu não tô acreditando nisso. E você me escondendo esse rolo por tanto tempo. Não que eu esteja julgando, porque entendo seus motivos.

— Você acha que eu não quis contar antes? E a vergonha de assumir que me rendi ao devasso?

Ela solta uma gargalhada exagerada — já bebemos todo o líquido dos copos — e já dá para perceber que estamos mais soltas do que o normal. O que é muito bem-vindo.

— Carlinha, querida, escuta o que estou falando, esses devassos são perigosos demais. E o pior, são viciantes — ela sussurra, como se me contasse um segredo.

— E eu não sei? Minha nossa! Por que ser tão gostoso? Você me entende, amiga.

— Ô se entendo! Eu tento fugir da aparência do mal, mas o *diacho* sempre me atenta.

— Meu Deus, como eu precisava conversar com alguém da minha terrinha. Não consigo parar de rir. Aparência do mal... Dani,

você resumiu tudo. Eles são os próprios filhos do *coisa-ruim*, como diria minha avó.

Rimos mais uma vez e não há dúvidas de que a sobriedade nos deixou. Ou pelo menos, uma grande parte, porque a pergunta de Daniela me faz refletir:

— Mas agora me diz: por que continua sendo tão dura, não só com ele, mas com a Tríade em si? Pra mim, eles são como quaisquer caras lindos e concorridos, que possuem uma fila enorme de pretendentes. Não acredito que tenham culpa por serem seletivos e dizerem o que realmente querem de uma mulher, porque eu faço o mesmo com Damon. Eu o escolhi para ser meu parceiro sexual, porque sei que ele quer o mesmo que eu, sexo e só. Então, seguindo a sua linha de raciocínio, você deveria ter raiva de mim também, amiga. Porque posso estar machucando os sentimentos dele etc. e tal. Mas e o acordo que fizemos? O consentimento mútuo de que só seria sexo e nada mais? Desculpe ser sincera, mas você me conhece.

Apoio os cotovelos na mesa e com as mãos massajeio meu pescoço, ponderando o que ela acabou de dizer. *Por que nunca pensei dessa forma? Será que estou fazendo uma tempestade num copo d'água?*

— Você tem razão. — Antes de completar minha fala, dou uma risada. — E acabo de descobrir que sou uma hipócrita, porque é o que Kellan e eu estamos fazendo. Escolhi sair com ele, sabendo quem o cara é e o que pode acontecer. Assumi o risco. Pode dar certo, mas pode dar muito errado.

Daniela ri e diz:

— É sobre isso, amiga. Assim como eles, temos nossas necessidades e estamos assumindo um alto risco só para termos um sexo, no mínimo, espetacular. E que as nossas pernas fiquem bambas, por favor.

Sinto-me tão leve que não consigo parar de rir e as palavras finais de Dani me levam a propor uma insanidade:

— Que tal irmos a uma festa?

Com os olhos arregalados, ela compreende meu real objetivo e bate as duas mãos na mesa antes de falar:

— Só se for agora!



CAPÍTULO 7

Ela tem uma beleza natural, fabricada no Brasil
Se o que você quer é guerra, eu te mando este míssil
Ela se toca sozinha, não preciso mandar
Nessa poça, sempre quero me afogar
TÓCAME, ANITTA (PART. ARCÁNGEL E DE LA GHETTO)

Kellan Jordan

A mansão está entupida de gente. Após uma rápida cerimônia de iniciação dos novos membros da Kappa Alpha, Stevens saiu com a sua *Señorita* e deixou o comando da festa comigo e Smith.

Estou sentado em um dos pufes espalhados pelo jardim, bebendo uma cerveja, quando Anne Reynolds senta em meu colo.

— Por que está tão quietinho, Jordan? — pergunta com uma voz manhosa.

Conheço bem o seu jeito de agir quando quer que eu a leve para o meu quarto.

— Estou curtindo do meu jeito.

— Que tal fazermos uma festinha privada no seu quarto?

Não disse?

— Hoje não vai rolar, Anne.

A morena de cabelos longos e corpo torneado faz um biquinho com os lábios vermelhos e insiste:

— Tem certeza? Estou com muita vontade de sentir seu gosto novamente. Faz tanto tempo...

Não posso negar que a chupada de Anne é de outro mundo, mas a garota não sabe receber um não. Depois, dizem que nós,

homens, somos babacas quando levamos a mulherada para o quarto e damos exatamente o que elas querem.

Imediatamente, minha mente divaga para o dia em que Carly — como costumamos chamar a brasileira que vem me tirando do sério —, *vomitou* um monte de opiniões sobre mim e meus amigos. Entendi seu ponto de vista, mas o que ela não entende é que quem nos procura, geralmente, são as mulheres. E quando procuram, acham. Simples assim.

A maioria quer um certificado “saí com um integrante da Tríade” e está tudo bem. O que não aceito é falarem que abusamos das garotas ou as sacaneamos como se fôssemos um bando de maníacos pervertidos. Tudo é feito em comum acordo e, porra, não me venha com essa história de que estamos iludindo alguém.

— Hoje, não, Anne. Aproveite a festa — digo, dando umas palmadinhas em sua coxa exposta pelo vestido curto.

A garota levanta em um pulo, contrariada com a minha recusa, mas não posso fazer muita coisa por ela. Quando não estou a fim, não estou e ponto. Anne sai batendo o pé ao mesmo tempo em que Smith se aproxima, sentando-se em um pufe livre ao meu lado.

— E aí, cara? — cumprimenta.

— Beleza. E você?

— Tranquilo.

Como os reis da festa, apenas observamos a agitação de longe, bebendo nossas cervejas. Adoro toda essa loucura, mas também gosto de ter meu tempo.

— Anne te ofereceu um boquete também? — meu amigo pergunta, sem delongas, e sou obrigado a rir.

— O que você acha?

— Caralho, que merda! Quase aceitei...

— O que te impediu? — pergunto, desviando os olhos da galera até encontrar os dele.

Meus dois melhores amigos e eu nos entendemos muito bem e não tem tempo ruim com a gente. Quando um está mal, o outro sabe. Temos uma ligação que vai além de qualquer entendimento. Muito além de uma panelinha ou amizade passageira, entre nós há irmandade.

Nossa amizade é tão forte que até meus pais os consideram meus irmãos e sempre convidam os caras para passarem os feriados em nossa casa de praia, nos Hamptons.

Nunca me dei bem no círculo social que cresci e por isso não tive muitos amigos, porém tudo mudou quando conheci Stevens e Smith em Yale e a paixão pelo futebol foi o que nos uniu ainda mais.

— Sei lá. Ela parecia desesperada demais por atenção e não estou no clima pra isso — responde.

— Não tem a ver com uma certa brasileira, não é?

Damon pode negar, mas está enfeitiçado pela *Brasil*. Eu o conheço e vejo como fica quando está com ela. A forma que a olha, que o seu corpo se movimenta quando a garota está por perto ou quando a vê conversando com outros caras, porém é orgulhoso demais para admitir. E eu o entendo. Não é como se gostássemos de ficar vulneráveis.

— Você cismou com isso, porra! — Não nego que me divirto quando ele cai na pilha, por isso não consigo esconder o sorriso. — Não tem nada a ver com Daniela. E você? Por que não aceitou a chupada? Foi por causa da sua garota misteriosa?

Bebo um gole de cerveja, pensando em todos os prós e contras de contar sobre a Carly. Não há exclusividade, não estamos namorando, mas nos pegamos sempre que dá. Na verdade, nem eu sei que merda está acontecendo.

— Não aceitei porque não estava no clima. E sobre a *garota misteriosa*, não é nada sério, Smith. Você sabe que o meu principal objetivo é terminar a faculdade e ser chamado para a liga profissional.

— Estamos na mesma, porra! Não temos tempo para as complicações que um relacionamento pode trazer, Jordan. Diferente de Stevens, que resolveu cair de cabeça no namoro, não quer seguir a carreira de jogador, por mais louco que isso seja, porque o puto é bom pra caralho.

— Pois é, mas não passamos pelo que ele passou, as merdas que precisou aguentar para chegar aonde chegou. As motivações do cara são outras e eu o entendo.

— O que eu não entendo é que a minha vida é um livro aberto e você fica de segredinhos — o idiota joga, fazendo-me perceber que enrolei, enrolei e não falei sobre Carly.

Ele não vai me deixar em paz. Sei disso porque faria o mesmo. Com a gente não há segredos, mas desta vez foi para preservar a vontade da mulher, que me pediu para não contar o que está rolando para ninguém. Só que já passei tempo demais escondendo a verdade dos meus amigos, talvez seja melhor falar tudo de uma vez.

— Antes que você fale qualquer merda, não estou caidinho como você está pela sua brasileira.

— Caralho, Jordan! Você parece que gosta de me tirar do sério. Dani e eu só estamos nos curtindo. Já falei mil vezes. Tanto

eu quanto ela não queremos mais do que um bom sexo.

Foda-se, se ele quer se enganar, eu que não vou ficar enchendo o saco.

— Não está mais aqui quem falou...

— Agora, anda. Para de enrolar.

— Então... estou saindo com uma garota que já saí tempos atrás.

— Bom, não vai ser fácil adivinhar, garanhão.

— Cala a porra da boca, Smith! — É impossível não rir porque ele tem razão, mas a minha intenção foi tentar fazer um suspense.

— *Okay*, pode continuar.

— Ela...

Não completo a frase porque de repente duas mulheres um tanto animadas entram na pista de dança.

— *Putá merda!* — Damon exclama, levantando-se em um rompante. — O que elas estão fazendo?

Sem dizer mais nada, ele ruma em direção à pista e só me dou conta de que estou o seguindo quando ficamos a poucos passos da galera.

As pessoas se afastaram só para deixar as duas dançando. Elas riem e não param de rebolar no ritmo da música.

— Para quem não queria vir na festa até que as duas estão bem empolgadas — Smith sussurra ao meu lado, tão hipnotizado quanto eu.

— Não tenho a menor ideia do que elas beberam, mas estão dando um belo show.

As duas têm belezas completamente diferentes e já chamam a atenção normalmente, dançando desse jeito não deixam muito para a imaginação dos filhos da puta. Aposto que se Liz estivesse aqui estaria no meio também.

A noite está fria, mas as garotas não parecem se importar. Elas estão com a mesma roupa do restaurante, mas como estavam sentadas não dava para ver direito. Não como agora.

Carly está com uma calça preta, colada ao corpo magro e definido, e uma blusa de mangas compridas da mesma cor, que se ajusta perfeitamente à cintura fina e aos seios delicados. Sou um cara observador e ela fica bem com cores escuras. Destaca a pele levemente bronzeada e os fios loiros ondulados que caem um pouco abaixo dos seus ombros.

Já Daniela, que adotou um novo visual desde que voltou das férias no Brasil, usa um vestido vinho, justo, que bate no meio de suas coxas torneadas e por cima um casaco curto branco. Mesmo

que as botas cubram boa parte de suas pernas, não dá para ignorar o quanto seu corpo é curvilíneo. *Brasil* tem um rosto digno de modelo, uma bunda de salivar, cintura fina e peitos redondos, que parecem estar sempre inchados e pesados.

O quê? Só porque meu amigo está saindo com ela vou dar uma de cego? Até parece. Eu a sequei muitas vezes logo que nos conhecemos. Na época, até pensei em convidá-la para sair, mas depois de descobrir que ela e Carly já se conheciam antes de chegarem à Yale, achei melhor não arriscar. A loira com certeza fez minha caveira. No final das contas, ela provou do próprio veneno ao voltar a sair comigo.

O problema é que ela preferiu tomar as dores de suas colegas sem nem saber o que de fato acontecia. Porra, eu nunca sairia com uma mulher com o objetivo de deixá-la mal ou alguma coisa parecida! Isso só acontece quando colocam expectativas demais em uma noite e eu não tenho qualquer controle sobre isso. Quer me deixar puto é me julgar sem nem ao menos saber a minha versão.

Smith e eu continuamos parados, sem conseguirmos desviar a atenção das duas, que dançam de um jeito tão fodido que é impossível não pensar em muitas sacanagens. A loira tem um porte atlético, resultado das horas dedicadas à malhação e ao treino como

líder de torcida, sua grande paixão, e é tão flexível que fico duro só de me lembrar das suas habilidades na cama. Por outro lado, a morena tem um gingado digno de uma dançarina sexy e quando rebola... É desconcertante.

— Cara, elas estão provocando pra caralho. — Ao ouvir o comentário de Damon, fico aliviado por não ser o único afetado pela dança nada inocente das garotas. — Vamos ter que dar um jeito nisso.

— Como assim?

— Vem comigo que eu tenho uma ideia.

Daniela Lima

É tão bom ser livre, não se prender a julgamentos, fazer o que dá na cabeça. É assim que me sinto no meio desta pista de dança.

Quando Carla e eu combinamos de aparecer na festa da Kappa, depois de tomarmos três doses generosas de tequila, parecia ser a melhor ideia do mundo. Porém, quando chegamos em frente à mansão, descobrimos que não estávamos tão alcoolizadas assim e a coragem foi se esvaindo. Quase nos viramos para ir embora, até que parei e pensei “quer saber? Foda-se!”.

— *Amiga, já viemos até aqui. Você não quer fazer as pazes com o seu boy? Essa é a hora de chegar arrasando. Vamos nos divertir, dançar, depois a gente pensa nas consequências.*

— *Não sei, Dani. Acho que Kellan nem vai querer mais me ver. Depois de como o tratei hoje...*

— *Você acha mesmo, garota? Esses babacas adoram um desafio. Vamos lá que estou doida para ver a cara deles quando chegarmos arrebentando com tudo.*

Ela riu e depois de alguns minutos, respondeu:

— *Então, vamos!*

Não deu outra. Assim que chegamos, invadimos a pista e logo nos tornamos a atração principal. Senti falta da minha parceira de dança, mas hoje é a noite das brasileiras e a minha amiga deve estar aproveitando seu *boy magia*.

De longe, avistei Damon e Kellan se aproximando e ciente dos seus olhares vorazes, sussurrei no ouvido de Carla:

— *Não falei que a gente chegaria arrebentando?* — Ela riu e continuou se movimentando com a música, jogando a cabeça para trás.

E, sim, chegamos arrebentando.

Sinto como se estivesse dançando há horas, vejo como os caras nos encaram com malícia, desejosos, e isso me incentiva a continuar.

Desde que dancei com Liz, logo na primeira festa que viemos juntas, eu percebi que gosto da atenção que recebo, gosto de saber como os provoco, e isso é novo para mim. E não me envergonho desse meu lado.

O DJ, talvez nos reconhecendo de outros *carnavais*, coloca *Tócame*, de Anitta, aí é que eu me perco. Eu adoro essa mulher! Podem falar o que quiserem, mas a liberdade que ela passa, a indiferença com que lida com julgamentos e padrões, é algo inspirador para mim.

Olha, olha, olha pra ela quando começa o show

Liga os motores, três, dois, um, vai!

Ela perde a linha porque domina o flow

A favela inteira dançando ao som do batidão.

— Agora, garota! — comando e começamos a rebolar, como só as brasileiras fazem. Eu atrás e Carla na frente.

A galera vai à loucura, batendo palmas, e quando olho na direção em que os *Dogs* estavam, não os vejo mais. Involuntariamente, franzo a testa, mas não me preocupo por muito tempo e aproveito o som ao máximo.

Assim que a música acaba, o DJ diz que vai rolar uma pausa e alguns garotos que estavam à nossa volta nos lançam elogios, cantadas, mas estamos tão extasiadas que os ignoramos.

— Vamos beber água? — Carla pergunta, tão suada quanto eu.

— Vamos.

Seguimos até a cozinha da mansão, bebemos vários copos de água e de repente me bate uma vontade insana de fazer xixi.

— Preciso ir ao banheiro — digo.

— Vamos lá em cima. Eu também quero ir.

— Tudo bem.

Subimos as escadas e dou graças a Deus por encontrar o cômodo aberto e vazio. Faço o que tenho que fazer, ajeito minha lace, espalhando os fios compridos com as mãos e os deixando mais volumosos, seco o suor do rosto e saio, dando espaço para Carla entrar. Do lado de fora, pego meu celular, que está no bolso

do casaco, e envio uma mensagem no grupo que tenho com Mike e Liz.

Vocês não vão acreditar no que eu e a Carla fizemos. Viemos na festa da Kappa e dançamos muito. Hermanita, você tinha que estar aqui. Você também, chatinho. Saudade de vocês.

Guardo o aparelho no mesmo instante em que Carla sai do banheiro. Estamos prestes a descer quando dois brutamontes sobem as escadas com os olhos focados em nossos rostos e um sorrisinho nos lábios.

Algo me diz que estamos ferradas. Ou encontramos justamente o que viemos procurar.



CAPÍTULO 8

Julgue-me, vá em frente
Porque o quão mais livre você se sente
O mais livre que você vai me deixar ser
Julgue-me, vá em frente
Porque o quão mais livre você se sente
O mais livre que você vai me deixar ser
JUDGE ME, SIA

Kellan Jordan

— As gatinhas estão se escondendo? — pergunto, assim que Smith e eu chegamos ao segundo andar.

— Óbvio que não. Só viemos ao banheiro — Carly responde, empinando o queixo. — Por que nós nos esconderíamos?

— Não sei. Vocês aparecem de repente em uma festa que disseram que não viriam, começam a dançar loucamente, chamando a atenção de todos os nossos convidados... Talvez tenham ficado com vergonha do *showzinho* gratuito.

— *Vergonha?* — Daniela pergunta, fazendo cara de paisagem. — Nós estávamos nos divertindo.

— É, não vi motivos para ter vergonha — a outra reforça, olhando diretamente para mim.

Nós dois nos encaramos por alguns segundos até Smith quebrar o silêncio:

— E o que beberam para terem tanta *disposição*?

Sua sugestão não chega bem aos ouvidos das meninas.

— A gente não pode simplesmente querer se divertir? Não sabia que teria que responder a um questionário. — *Brasil* e sua boca atrevida.

Meu amigo ri, mas sei que não está com tanta paciência. Nós ficamos com um tesão desgraçado só de assistir a essas garotas dançando como duas deusas encarnadas e agora elas estão aqui, fingindo-se de boas meninas, quando, na verdade, são duas diabinhas. E, porra, nós adoramos as diabinhas.

— Claro que podem se divertir, quem somos nós para privá-las de tal privilégio? — A fala de Smith me faz rir.

— “Tal privilégio...” O que é isso? Voltamos à era medieval? — Carly indaga, deixando escapar uma risada e a amiga a acompanha.

A constatação de que elas não estão bêbadas me deixa confiante e resolvo provocar.

— Que tal um jogo? — sugiro e Smith me olha com um sorriso de orelha a orelha, ciente das minhas intenções.

Logo após pedirmos para o DJ dar uma pausa — foi o jeito que encontramos de fazer com que as duas dessem uma trégua nas danças —, contei para Damon sobre o meu rolo com a Carla.

A princípio, ele ficou sem reação, pensando que eu estava zoando, mas depois que entendeu que falei sério, riu tanto que precisei sair de perto do idiota.

— *Você só pode estar zoando com a minha cara, Jordan! Isso é muito louco, irmão. Até para você.*

— *Sei disso, mas a verdade é que curto sair com ela. Nós conversamos e nos entendemos. Não é um namoro, Smith. Só estamos nos divertindo. Como você e a Brasil.*

— *Sei. Você acha que agora Carly vai parar de encher o nosso saco?*

— *Depende. Se você continuar sendo um babaca, talvez não.*

— *Eu?* — perguntou, ofendido. — *Como se eu fosse o único filho da puta do trio. Inventa outra.*

Ri um pouco da sua cara e falei:

— *Estou te sacaneando, mas depois que conversamos, ela compreendeu melhor algumas coisas.*

— *Entendi. Tudo bem, irmão. Se é o que você quer, tá tranquilo.*

Por fim, decidimos procurar as garotas que haviam sumido.

Agora que as encontramos não deixaremos que saiam tão facilmente.

— *Sério isso? Vocês querem jogar agora?* — *Brasil* pergunta, e seus olhos verdes quase felinos adquirem um brilho de excitação,

que logo trata de esconder. Ela pode tentar disfarçar, mas sei que gostou da ideia.

— Não me diga que é aquele jogo idiota... — Carly diz e Smith a interrompe.

— Posso dizer que não terá nada de idiota. Dani gostou do último, não é?

A morena o encara, o queixo erguido, orgulhosa, mas sua resposta surpreende a todos nós:

— Estava querendo um programa emocionante hoje, acho que pode ser uma boa. — Com um sorriso de lado, Damon assente, satisfeito com a resposta da garota.

Carly dá de ombros e diz para a amiga:

— Então vamos. Estou por sua conta esta noite.

Apesar de não ter participado do último jogo, ela conhece bem o esquema. A líder de torcida pode ser contra a *libertinagem* da Tríade — agora está mais para dupla, já que um soldado foi abatido —, mas não é nenhuma santa. Eu que o diga. O que essa mulher faz entre quatro paredes não tem nada de inocente.

— Vamos para o salão de jogos — anuncio.

Ao entrarmos, acendo um dos lustres, sem necessidade de ligar todos os outros, tranco a porta, a fim de termos privacidade, e

nos encaminhamos para o centro da sala. O piso de madeira encerado está brilhando como sempre e vou até a copa pegar uma das garrafas vazias reservadas para esse tipo de brincadeira.

Com a garrafa em mãos, abro o pequeno armário e encontro uma vodca fechada.

Não me surpreendo quando vejo que Smith está ao meu lado.

— O que foi? — pergunto, percebendo sua inquietação.

— Como vai ser? Vamos jogar no *tudo ou nada*?

Demoro um minuto para compreender o que ele está falando e então me dou conta de que as coisas podem ficar um tanto estranhas se a gente não entrar em um consenso.

Desde o dia em que Stevens jogou pela primeira vez e houve aquele imprevisto com Liz — e acabei ficando excitado —, não jogamos o *Verdade ou Consequência Picante* novamente. Eles não namoravam, mas já rolava um clima intenso entre os dois e foi foda pra caralho ter que me explicar para o cara que não tive culpa. No final das contas, ele entendeu, pois foi um desafio e tanto ter uma garota se esfregando em cima de mim. Teria que haver alguma coisa muito errada comigo se eu não ficasse duro.

Pois é, esse jogo não é para fracos.

— Temos que ver como as garotas querem jogar. É melhor deixar nas mãos delas, o que acha?

Espero a resposta de Smith e ele parece pensativo. Temos intimidade o suficiente para falarmos quando algo não nos agrada. Dei a ideia do jogo, mas não tenho noção do que vai acontecer.

Apesar de termos a mente aberta, inclusive já compartilhamos várias garotas na cama, não sei em que pé está o “relacionamento” dele com a *Brasil*, nem como Carly reagiria caso jogássemos *pra valer*.

Diferente de Stevens, que não é chegado nesse tipo de relação compartilhada, Damon e eu já curtimos bastante, mas agora as coisas são diferentes. Eu vejo como ele é possessivo com Daniela, por mais que não admita, e não sei se gostaria de ver meu amigo dando em cima de Carly.

— Acho que podemos fazer um jogo diferente — ele finalmente se pronuncia e assinto com a cabeça. Olhando para mim com intensidade, completa: — Mesmo te considerando meu irmão e confiando pra caralho em você...

Ele não precisa terminar de falar para que eu consiga entender o que quer dizer, por isso o interrompo.

— Irmão, não vai rolar nada que a gente não queira. — Sem querer admitir, confesso em um sussurro: — Também confio em você, mas não gostaria de ver Carly *jogando* com meu melhor amigo.

Ele assente, abrindo um sorriso de alívio, e sua mão aperta meu ombro, quando finaliza a conversa:

— Vamos lá.

O alívio também me invade e não posso dizer que estou feliz por isso. O que sei é que algo muito fodido está acontecendo com a gente.

Daniela Lima

Os meninos não voltaram, por isso Carla e eu nos sentamos no chão e resolvemos trocar uma ideia sobre a brincadeira, em português, para termos mais privacidade.

— Você já jogou antes? — pergunto, em um sussurro.

— Claro que sim, mas sempre tinha mais gente.

— O que você acha que pode acontecer?

— Muita merda — ela diz com uma sinceridade que me faz rir de nervoso.

Sei bem do que ela está falando. Na verdade, aceitei a proposta de Kellan por impulso. Apesar de querer alimentar minha parte libertina, não sei se estou preparada para ver minha amiga fazendo algum desafio com Damon, por exemplo. Ou se ela ficaria tranquila caso eu tivesse que jogar com Kellan.

Com este pensamento em mente, falo com sinceridade:

— Amiga, posso até parecer liberal, mas só agora estou percebendo que não tenho certe...

— Nem precisa completar a frase, Dani. Eu sei o que você quer dizer e por mais que me doa admitir, não sei se conseguiria seguir em frente, caso você não entrasse no assunto. Kellan e eu não temos nada, mas... Que merda! — Ela parece estar travando uma luta interna que eu compreendo totalmente. — Não quero ver o idiota jogando com outra pessoa, nem que a nossa amizade seja afetada.

Logo sinto um conforto quando vejo que não estou sozinha.

— Estamos no mesmo barco, Carla. Na última vez que joguei, foi tudo muito intenso. Ainda não estava saindo com Damon, não sentia esse... incômodo, que não gostaria de estar sentindo, mas que não posso ignorar.

— Quão ferradas nós estamos?

Balançando a cabeça, rimos diante da nossa “desgraça”. A situação seria divertida se não fosse trágica, porque se envolver com caras como Damon Smith e Kellan Jordan não é nada fácil. Vejo isso pela Liz, que precisa enfrentar um monte de merda só porque Stevens é um símbolo sexual.

— Acredito que mais do que queremos. Então, o que vamos fazer? — pergunto.

— Podemos dizer que faremos duplas. Você só jogará com Damon e eu com Kellan. O que acha? Não deixa de ser uma aventura, não é? Cumprir os desafios na frente um do outro...

— Gostei da ideia. — Mesmo sabendo que os garotos não entendem o português, me aproximo de Carla e confidencio: — Na verdade, venho querendo explorar esse negócio de “observar e ser observada”. Não digo sobre sexo, porque já seria demais para mim, mas... você sabe, esse jogo é intenso, e na última vez gostei da sensação de assistir e de saber que estavam me assistindo também.

— *Uiiii...* olha ela! Você só me surpreende, Dani.

— Você não me acha muito *vagabunda* por sentir algo assim?

Carla abre um sorriso malicioso que nunca vi antes e diz:

— O que é ser *vagabunda*? Só o que vejo é uma mulher que está se descobrindo e quer experimentar novas sensações. Para mim, ser uma *vadia*, uma *vagabunda*, como tanta gente faz questão de denominar, tem mais a ver com o que sociedade dita do que sobre a pessoa em si. O fato de querermos viver fora das regras já faz com que nos olhem de uma maneira diferente.

— Ai, Carla. Sim! Eu mesma perdi as contas de quantas vezes me recriminei por querer apenas sexo. Qual o problema de querer *gozar* da liberdade, não é mesmo?

Mal termino de falar e Carla cai na risada com o trocadilho péssimo que fiz.

— Dani, você não existe, não. Mas olha, falando sério, desde que você mantenha a sua essência, o foco no que realmente veio fazer aqui, não vejo o menor problema de *gozar* da sua liberdade — ela repete, e acabamos rindo novamente. — Nesses quatro anos, abri os olhos para muitas coisas. Tem gente que me acha hipócrita por criticar a Tríade e me aventurar das mais variadas formas, mas o meu ranço com eles era porque eu via como as garotas ficavam depois que saíam com os caras. Aos poucos, estou entendendo que acabei julgando mais do que deveria. Não que sejam santos, mas eu também não sou nenhuma *Madre Teresa de Calcutá*.

Sorrio, aliviada por conseguir me abrir com alguém sem qualquer tipo de julgamento.

— Obrigada, Carla. Era disso que eu precisava.

Depois que minha mãe morreu, fiquei um pouco perdida, sem uma referência. Ela era minha confidente, amiga, protetora, conselheira... meu tudo. Quando partiu, não consegui mais me abrir como antes. É como se aquela parte minha tivesse ido embora com ela. Só não esperava que reencontrando Carla e conhecendo Liz e Mike, eu pudesse me conectar novamente.

— Pode contar comigo. Sempre!

Resolvo mudar de assunto ou o que era para ser um momento de distração vai se tornar pura nostalgia.

— Será que os dois vão ficar se achando por quisermos jogar em “casal”?

— Amiga, duvido que eles não estejam pensando o mesmo que a gente. Vejo a forma que o Damon te olha e duvido que ele queira te ver jogar com Kellan. Por mais que seja comum os dois compartilharem garotas.

— Mentira! — Mais uma vez, o aperto no peito me incomoda e a confirmação de que estou ferrada me bate em cheio.

Droga!

— Gostaria que fosse, mas é a verdade. Pelo menos, duas garotas do meu time já revelaram que participaram do “esquema” deles.

— Quando acho que não pode piorar...

— Fica tranquila. Se eles sequer sugerirem algo assim, a gente deixa os dois aqui e vamos embora. Mas confio no meu instinto. Eles não vão querer.

Assinto com a cabeça no exato momento em que os garotos retornam para o salão.

Timing perfeito.

— Meninas, esta é a hora se quiserem desistir — Damon anuncia, batendo uma palma na outra.

O corpo musculoso e imponente deixa minha respiração acelerada. Os fios loiros e lisos caem em sua testa e em um único gesto sua mão grande os afasta, flexionando os bíceps enormes. Não sei se é a tensão, a expectativa, a ansiedade, mas sinto que meu corpo todo está ardendo, em chamas, e suas próximas palavras deixam o ar do ambiente ainda mais denso:

— Ninguém aqui é criança, nem está sendo forçado a jogar, então, tenham em mente que estamos entre amigos, somos maiores de idade, ou quase — diz, com a atenção voltada para mim, já que

sou a mais nova da sala —, e podem ter certeza de que tudo o que acontecer aqui, vai ficar aqui. Tanto eu quanto Jordan temos um código de conduta: nossa boca é um túmulo. Por mais que digam o contrário — dessa vez ele olha para Carla, deixando evidente que o recado é para ela —, não abrimos nosso bico para nada.

— Ninguém aqui vai abrir a boca. Posso não ser maior de idade para vocês, porque no meu país a lei é outra, mas não sou criança.

— Não quis... — Smith tenta se explicar e o interrompo.

— Eu sei o que você quis dizer, só não custa nada reforçar. Outra coisa: vamos jogar pra valer ou teremos alguma regra diferente? — resolvo fazer a pergunta para instigá-los. Assim, tanto eu quanto Carla não ficamos por baixo.

Por dentro, também estou nervosa. Saber que eles gostam de compartilhar garotas me deixou um tanto apreensiva.

Minha amiga pisca para mim, compreendendo minha estratégia, e quem responde é Damon. Ele parece nervoso e passa uma mão no cabelo, até pousá-la em sua nuca.

— Nós pensamos e achamos melhor ser em ca... dupla. — Ele pigarreja e meus lábios pressionam um ao outro, formando uma linha para não sorrir diante do seu deslize.

O loiro até tentou disfarçar, mas quase falou *casal* e as borboletas fazem uma bagunça em meu estômago.

Estou muito, *muito*, ferrada.

O olhar de Kellan está concentrado em minha amiga, como se quisesse ver sua reação diante da proposta de Damon.

Afinal, o que tudo isso quer dizer? Significa que somos importantes para eles ou é uma questão de demarcar território?

— Tudo bem! — após alguns segundos, Carla finalmente concorda, como se não tivéssemos pensado o mesmo, e eu assinto.

Os dois brutamontes se sentam ao nosso lado e Kellan informa:

— Como será um jogo com uma regra diferente, não precisaremos da garrafa. Vamos tirar *par ou ímpar* para ver qual dupla vai começar a perguntar e a outra terá que responder em comum acordo se prefere *Verdade ou Consequência*. Caso escolham *Verdade*, os dois terão que responder.

Ele começa a encher quatro copinhos com vodca e diz:

— Vamos aquecer, porque a noite é uma criança, *babies*.



CAPÍTULO 9

Eu coloquei um feitiço em você

Porque você é meu.

I PUT SPELL ON YOU, ANNIE LENNOX.

Damon Smith

Após bebermos três shots de vodca cada um — o jogo já começou *agressivo* —, Jordan pega o celular e procura uma lista de perguntas e desafios no site de sempre, porém com uma pegada diferente, já que jogaremos em dupla.

A grande verdade é que estou ansioso pra caralho. Adoro a adrenalina que jogos em geral liberam em meu corpo e a expectativa para saber como tudo vai se desenrolar nessa nova modalidade de *Verdade e Consequência Picante* está me deixando ligado no 220.

Dupla.

Eu só posso estar muito louco para ter pensado em uma porra dessa. Entretanto, estaria mentindo se negasse que as coisas com Daniela não são diferentes de tudo o que já tive com outras garotas. Pensar em sua boca sendo beijada pelo meu amigo? Seu corpo sendo tocado por ele...

Porra! Só de pensar nisso meu sangue ferve.

Como se zombasse de mim, minha mente fica me pregando peças, dizendo que Daniela é minha e por isso não aceito que cheguem perto dela.

Minha morena.

O mais fodido é que nós dois fizemos um acordo de que não iríamos ultrapassar o limite do sexo casual e por mais que eu lute contra ou negue, sinto que o que temos vai além disso. A questão é saber se é recíproco, pois toda vez que penso que estamos nos entendendo, a morena se afasta.

Não que esteja errada. Ela está no início da faculdade, quer ser médica, tem anos de estudo pela frente, enquanto eu vou para a liga profissional e minha vida vai mudar totalmente. Somos completamente opostos.

Eu deveria esquecê-la, me manter focado no que preciso, mas não é tão fácil assim. Talvez... — e é uma merda ter que admitir isso — talvez eu esteja enfeitiçado pela brasileira.

Uma feiticeira gostosa e quente pra caralho é o que ela é.

Olho para o lado e a flagro me encarando, como se estivesse me despindo, e preciso me controlar para não agarrar a garota aqui mesmo. A vontade que tenho é de tirar seu vestidinho sacana e saborear cada pedaço de pele com a minha língua, morder sua bunda gostosa, chupar sua...

Porra! Já estou duro.

É isso o que ela faz comigo.

Desvio meu olhar para a Carly, que observa Jordan como se ele fosse o único homem da face da Terra.

Confesso que quase não acreditei quando Jordan me contou que estava saindo com a loira. Ela é gostosa, tem aquela elasticidade que faz a nossa imaginação trabalhar pra cacete, mas sempre fez questão de demonstrar que não ia com a nossa cara. Então, de repente, resolve sair com meu amigo... Quem sou eu para entender alguma merda, não é mesmo?

Pelo visto, todos aqui estão exalando tesão e a brincadeira de hoje tem tudo para ser muito interessante. Rio sozinho ao lembrar que a dupla deverá escolher a opção em conjunto e, se depender de mim, só escolherei desafios. Qual a chance de jogar com a Dani e não desfrutar de todos os benefícios?

— Do que você tá rindo? — ela pergunta, desconfiada, tirando-me dos meus devaneios.

— Nada de mais.

— Humm... sei. Nada de bancar o espertinho comigo, hein.

Meu sorriso aumenta e sussurro em seu ouvido:

— Aposto que o que você mais queria era jogar comigo, *baby*. Acha que não percebi como você e Carly concordaram rápido demais com a minha proposta?

Ela apenas me analisa com os olhos cor de jade brilhando e ergue os lábios grossos em um sorriso que reflete o meu, mas são suas palavras que deixam um gosto amargo em minha boca:

— O quê? Você preferiria que eu estivesse com Kellan? — Chegando mais perto, sua boca roça minha orelha, arrepiando meus pelos de imediato. — Deixaria que ele cumprisse todos aqueles desafios quentes comigo? — A safada morde o lóbulo da minha orelha, o que me faz reprimir um gemido, e finaliza: — Não, *gatinho*. Não acho que você gostaria de me assistir sentindo prazer pelo seu melhor amigo.

Filha da mãe!

Em um impulso, agarro sua nuca e trago seu rosto para mim. Nossas bocas se tocam levemente quando digo:

— Não me provoque, Daniela! Se não quer que as coisas fiquem complicadas entre a gente, não me provoque! — Ao ver seus olhos arregalados, sei que fui longe demais.

Caralho! Como ela pode me tirar tanto do sério?

Por pouco não falo uma merda gigante e aí as coisas ficariam realmente complicadas. Atordoado, me afasto do seu contato e me sirvo de um shot de vodca, sob o olhar atento de Carly e Jordan, que logo anuncia:

— Achei a lista perfeita.

— Lista perfeita... Sei — Daniela murmura.

— Outra coisa. Desta vez, teremos que seguir a ordem de perguntas e desafios. Nada de escolher.

— Já estou até vendo... — Carly murmura.

— É claro que você tinha que inventar alguma coisa — minha feiticeira brasileira retruca.

— Está com medo, *baby*? — provoco, querendo desfazer o clima estranho que ficou entre nós, e a morena revira os olhos, sua marca registrada. Inclusive, na cama.

— Vamos lá — Jordan volta a falar. — A dupla que ganhar no *par ou ímpar* começa.

— Par — disparo.

— Ímpar — ele rebate.

Todos estendemos nossas mãos e após contarmos cada dedo erguido, temos o resultado.

— Nove. Minha dupla começa — Jordan comemora.

Ele sorri como um maníaco, tão ansioso quanto eu, e consulta o celular, antes de perguntar:

— Verdade ou Consequência?

Olho para Dani e espero que ela tome a iniciativa. Levantando o queixo, diz:

— Quero começar com Verdade. Inclusive, cada dupla poderia responder uma pergunta e depois partimos para os desafios. O que acham?

— Humm... — meu amigo murmura, sem muita animação.

— Acho justo já que eles fizeram novas regras, nós podemos fazer também — Carly protesta, defendendo a amiga.

— Okay, garotas. Como vocês quiserem. — Jordan enche dois copinhos com vodca e tanto Daniela quanto eu bebemos tudo de uma vez.

Seguindo o combinado, ele lê a pergunta em voz alta:

— Qual o lugar mais inusitado em que já transaram? Cada um responde de acordo com sua própria experiência. Não precisa ser apenas sobre vocês, no caso.

— Pode ir primeiro — digo para Dani.

— Deixa eu pensar... — a brasileira divaga. — Inusitado? Acho que foi na praia.

— No mar ou na areia? Precisamos de mais detalhes — Jordan provoca, mas também fiquei curioso.

— Na areia. Ainda tinha gente na praia, mas meu ex-namorado e eu fingimos que estávamos inocentemente de conchinha.

Ex-namorado. É a primeira vez que a ouço falar que já namorou, o que só me mostra que ainda não sei muita coisa sobre ela.

— Dona *Brasil* não é tão santinha assim.

— Nunca disse que sou, Jordan — a morena atira e olhando para mim, diz: — Sua vez.

Enquanto ela falava, tive tempo para vasculhar minha resposta na memória.

— Acho que o lugar mais louco e menos convencional que transei foi em um daqueles cavalos de carrossel.

— Caralho, Smith! Nessa você se superou! — Jordan bate palmas, rindo sem parar.

Olho para Daniela e ela está boquiaberta.

— Sério? Você já transou em cima de um brinquedo de parque de diversões? Me diga que o parque não estava aberto...

— Sinto te decepcionar, *baby*, mas ele estava aberto, inclusive o carrossel estava rodando, só não tinha tanta gente em volta.

Ela continua incrédula e ergo os ombros.

— Pra mim, todo lugar é lugar. Só precisa organizar direitinho.

— No final das contas, até que responder uma verdade foi um bom começo — Jordan comenta, satisfeito com o desenrolar da brincadeira.

— É a vez de vocês — aviso, pegando o celular da mão do meu amigo. Jordan e Carly bebem os shots de vodca e aguardam.

— Porra, essa pergunta aqui é foda.

— Pode mandar — ele incentiva e olha para Carly à procura de algum sinal de desaprovação.

— Já tô no inferno... — Ela deixa a frase em aberto, mas para bom entendedor, um pinga é letra e todos riem do seu comentário.

— Bem, vamos lá. De quanto em quanto tempo vocês se masturbam?

— Puta merda! — Daniela exclama e começa a rir.

— Vou responder primeiro porque eu que dei o “ok” e não tenho problema algum em falar sobre isso. Vamos lá. De quanto em quanto tempo me masturbo? Atualmente, duas vezes por dia. De manhã, quando vou tomar banho, e antes de dormir, isso se dormir sozinho, claro. — Ele pisca para Carly e a loira tenta não rir da falta de noção do filho da puta.

— Você sabe que não precisava descrever, né? — pergunto.

— Sei, mas como disse, não tenho o menor problema em falar sobre isso. Masturbação é tão natural quanto beber água.

— E você, Carly? Não precisa responder além da pergunta.

— Tá tranquilo, Damon. Então, a minha resposta é: depende. Tem dias que fico quietinha e tem dias que me masturbo mais de uma vez. Se leio um livro erótico ou vejo algum *videozinho*, por exemplo, aí a quantidade aumenta.

— Amiga... — Dani bate palmas. — Arrebentou com a sinceridade.

— Porra, ouvir uma mulher admitir que se masturba, sem vergonha nenhuma, é excitante pra caralho — Jordan comenta com uma expressão predadora e Carly revira os olhos, sorrindo em seguida.

— Preparados para os desafios? — chamo a atenção dos três.
— Seguindo a ordem, Daniela e eu seremos a primeira dupla.

— Agora sim! — meu amigo vibra e rapidamente enche dois copinhos com vodca. Tanto Daniela quanto eu bebemos tudo de uma vez.

Daniela Lima

Se disser que estou tranquila, estarei mentindo.

Agora é pra valer!

Gostei de termos começado respondendo uma verdade, porque tirou um pouco da tensão, mas não diminuiu a minha adrenalina.

Pelo contrário, imaginar Damon transando em cima de um daqueles cavalos de carrossel me deixou excitada e, mais, me fez querer experimentar a sensação.

Kellan lê o desafio em silêncio e dá uma risadinha.

— E começamos em grande estilo. — Olhando para mim, completa: — Daniela tem que fazer uma *Lap Dance* em Damon por três minutos.

Lá vamos nós!

— Sabe o que é, não sabe? — o babaca pergunta com um sorriso enorme nos lábios grossos. Solícito ao extremo, ele se levanta e coloca uma cadeira perto da nossa roda.

— Claro que sei.

Lap Dance nada mais é do que dançar sensualmente no colo de alguém.

Foco minha atenção em Damon, que me fita com curiosidade, talvez se perguntando se vou cumprir o desafio ou se vou fugir.

— Sem julgamentos. Sem preocupações — Damon me impulsiona.

— Você pode dizer não a qualquer momento... — por fim, Jordan aconselha.

Encaro Damon intensamente e é notório como minha postura se transforma depois de jogar a hesitação no lixo. Uma confiança inabalável me envolve, minha coluna fica mais ereta, os seios mais empinados, e os olhos claros de Damon brilham de excitação quando respondo a Jordan:

— Esta noite meu vocabulário desconhece a palavra NÃO, *Dog*.

Damon Smith

Meu corpo todo se arrepia diante do tom de sua voz.

Não tem nada mais excitante do que ver uma mulher que sabe o poder que tem. Sua habitual confiança parece ter sido triplicada e sem desviar os olhos dos meus, ela se levanta. Sem reservas, sem vergonha.

É a oportunidade perfeita para que eu me levante e sente na cadeira, o que faço sem enrolação.

O único som, além das nossas respirações, é da música abafada que toca na festa. Isso, combinado à pouca iluminação da sala, deixa tudo mais sensorial.

— Deixa eu colocar o celular no modo avião e ligar o *bluetooth*. Vamos fazer o negócio direito. — Jordan se empolga e em segundos uma música com uma batida sensual preenche a sala. — Valendo!

— Adoro essa música — Dani se manifesta, soltando-se pouco a pouco.

O corpo curvilíneo se move para lá e para cá em um ritmo hipnotizante e os lábios carnudos e perfeitos acompanham a letra baixinho:

Eu coloquei um feitiço em você

Porque você é meu

Não consigo conter o sorriso ao notar que a música está em perfeita sintonia com meus pensamentos.

Ela se aproxima, dançando como se estivesse me lançando um feitiço, e permaneço parado, ansioso, aguardando seus próximos passos.

A morena dança entre minhas pernas, o vestido curto subindo com o movimento e rebola devagar até sentar em meu colo.

Fecho os olhos diante da sensação de tê-la sobre o meu pau e aposto que Dani consegue senti-lo latejando sob a calça.

Safada!

E ela continua cantando em meu ouvido:

É melhor você parar as coisas que você faz

Eu te digo, não estou mentindo

Não, eu não estou mentindo

Suas bochechas estão coradas, os olhos pesados de tanto tesão, os seios... Caralho! Os mamilos estão durinhos sem a porra do sutiã. A vontade que estou de abocanhar um por um é quase demais para suportar, mas não quero interromper sua performance, então permaneço em meu sofrimento particular.

Com o polegar, ela acaricia meu lábio inferior e por instinto deslizo a língua sobre ele, querendo sentir nem que seja um pedacinho do seu corpo em minha boca. O simples ato a faz ofegar, sem parar de dançar em meu colo, esfregando-se, provocando, me deixando louco.

Ela olha para trás e ao notar que Jordan e Carly estão se beijando sem desviarem os olhos do show que estamos dando, parece ficar ainda mais excitada.

— Humm... alguém gosta de atenção, não é? — falo baixinho para que só ela consiga ouvir e quando solta um gemidinho, sei que atingi um ponto fraco.

Por essa eu não esperava. É uma fogosa mesmo.

Arrisco-me a olhar para baixo, pois tenho certeza de que sua calcinha está à vista, e quando faço isso meu coração acelera tanto que preciso colocar as mãos em sua bunda gostosa, deixando-a paradinha no lugar ou vou gozar como um garoto de 15 anos.

— Você só pode estar de sacanagem — sussurro em seu ouvido com uma voz tão grave que nem me reconheço. Afundo os dedos no tecido fino do seu vestido, querendo que fosse sua carne quente, ciente de que cada ação nossa é observada, e preciso respirar fundo para não cometer uma insanidade.

A filha da mãe está sem calcinha, porra! Para piorar, sua bocetinha está toda melada, brilhando, como se estivesse apenas me esperando.

A diaba sorri, jogando o corpo para trás e para frente, intensificando o movimento sobre meu pau pulsante e deixo escapar

um som esganiçado.

— Acabou o tempo! — Jordan anuncia junto com o alarme do celular e desliga a música, cortando o clima de vez.

Murmuro um xingamento e como se não tivesse me levado à loucura, Dani se levanta e volta a sentar no chão.

— Está tudo bem, irmão? Parece que o jogo foi *duro* pra você — meu amigo zomba, soltando uma risadinha sarcástica.

Ainda estou na cadeira, esperando minha respiração se acalmar e minha ereção baixar.

— Está tudo ótimo, irmão — respondo, sentando-me ao lado de Daniela, que me lança um olhar de quem sabe que quase acabou comigo. — Tem muito jogo pra rolar — digo, olhando diretamente para ela, e seu corpo estremece diante da promessa velada.

Se essa feiticeira pensa que vou deixar barato, está muito enganada.

— É a nossa vez — Carly diz, um tanto animada. Pelo visto, nosso desafio inspirou o casalzinho.

Eles bebem os shots e Jordan me entrega o celular, sorrindo de orelha a orelha. A morena ao meu lado se estica para ver qual será o próximo desafio e rio diante de sua curiosidade.

Ao encontrar a tarefa que eles precisam fazer, Daniela se antecipa a mim e lê o tópico:

— De roupas, reproduzam a pose sexual favorita de vocês, como se estivessem no ato, por três minutos.

— Já vi esse filme — cantarolo.

— Verdade — Dani reforça. — Você não estava aqui na última vez, amiga, mas Liz teve que simular fazer sexo com Jordan. Foi... constrangedor.

— Sério? Meu Deus, nem imagino a Liz fazendo isso.

— Pois é. Diferente de hoje, o clima não estava tão amistoso — Jordan encerra o assunto, claramente incomodado, e diz: — E aí, Carly? Preparada?

— Com certeza.



CAPÍTULO 10

Eu permaneço olhando no fundo dos seus olhos
Eu te toco cada vez mais e mais
Quando você sai eu imploro para que você não vá
Chamo o seu nome duas ou três vezes consecutivas
É uma coisa engraçada para mim para tentar explicar
Como eu estou sentindo e meu orgulho é o único culpado
Sim, eu ainda não entendo

Como o seu amor pode fazer o que ninguém mais pode
CRAZY IN LOVE, BEYONCÉ

Carla Moraes

Não pensei que sentiria tanto tesão assistindo ao desafio de Daniela e Damon. Os dois têm uma conexão incrível. Foi tão intenso que quando Kellan e eu nos encaramos, nem pensamos direito antes de nos beijarmos, fazendo um esforço descomunal para continuarmos acompanhando cada movimento da dança nada inocente de Dani em cima do pobre Damon. O melhor foi ver como ele precisou se segurar para não cometer alguma loucura.

— Qual vai ser? — Kellan me pergunta com um sorrisinho safado.

— Acho que você sabe qual. — Quando sorrio de volta, ele solta uma risada grave, que me faz encolher os dedos dos pés em expectativa.

Nós dois nos levantamos e antes de nos posicionarmos, ele pede que Daniela escolha uma música para o nosso *momento*.

Seguindo o padrão de *Cinquenta Tons de Cinza*, ela coloca *Crazy in Love*, de Beyoncé, que vem a ser a minha favorita da playlist do filme.

— Para onde vocês vão? — Damon questiona com a testa franzida ao nos ver seguir até a parede mais próxima.

— Cumprir o desafio — digo, misteriosa.

Cheio de confiança, Kellan me prensa na parede fria, eleva meu corpo sem qualquer dificuldade e coloca minhas pernas em volta do seu quadril.

Eu adoro essa posição por vários motivos.

Primeiro, porque foi assim que transamos pela primeira vez. Famintos, sem tempo de chegarmos a uma cama.

Segundo, porque esse homem fica um tesão me pegando desse jeito, como se eu não pesasse nada. Sem roupa então, ele se torna uma perdição repleta de músculos e veias saltadas. A pele escura brilhando de suor é uma visão que jamais esquecerei.

Terceiro, porque consigo senti-lo tão fundo que em poucos minutos chego ao orgasmo. Ele é todo grande, grosso e delicioso.

Só de sentir o volume em sua calça justa roçando meu clitóris inchado, solto um gemido. Uma pena termos tantos obstáculos, porque do jeito que estou louca, eu toparia qualquer coisa. Até mesmo transar com nossos amigos olhando.

Por alguns segundos, recordo do que Dani me confidenciou, do seu desejo de ser assistida e de assistir, e agora a entendo. A adrenalina, o cheiro do tesão que paira no ar, o desejo inebriante.

Kellan Jordan é um amante excepcional e esta é a razão de nunca ter conseguido esquecê-lo de fato. Parece idiota, mas só entende quem prova do fruto. Ele me faz perder o senso, a razão, a direção. O que me faz sentir, onde me faz chegar... é surreal.

Sua mão enorme prende meus pulsos no alto da minha cabeça e a outra me segura pela bunda, apertando-a como se eu estivesse nua.

Entrando no desafio, Kellan investe em mim, fingindo me foder com força. Exatamente como costuma fazer. Seu quadril vai e volta rapidamente e sua boca busca a minha com sofreguidão. Tão desesperado quanto eu.

Gemendo, entrego minha língua, minha boca e impulsiono a pélvis em sua ereção, fazendo-o rugir.

Nem percebo que se passaram os três minutos até que em um momento de sobriedade compreendo que outra música está tocando e me pergunto por que não nos interromperam.

Esforço-me para me afastar do beijo que me deixou desnorreada e quando o faço, Kellan me encara, ofegante. Sorrio como uma bêbada e ele abre aquele sorriso de lado, safado pra caralho, que eu adoro. Perto dele minha boca fica suja que é uma beleza.

É o que este homem desperta em mim. O meu lado mais lascivo.

Quando olho na direção de Damon e Dani, tomo um susto, pois não estão no mesmo lugar.

— O que foi? — Kellan quer saber ao me ver franzindo a testa.

Estou prestes a responder, quando uma movimentação chama a minha atenção no fundo da sala, em um canto sem iluminação. Só consigo ver que os dois estão na parede, como Kellan e eu, porque estou no lugar mais claro, ainda assim não dá para ter uma visão detalhada.

O salão é grande e escuro, a não ser pelo único lustre aceso, que não é forte a ponto de iluminar todo o cômodo. Na certa, Damon sabia o que estava fazendo ao se esconder por lá, porque tenho quase certeza de que não estão fingindo.

— Puta merda! — sussurro.

Sem aguentar a curiosidade, Kellan me coloca no chão e se vira. Ele demora alguns segundos para ter noção do que está acontecendo, mas quando cai na real seu olhar se transforma e seu peito largo sobe e desce com rapidez.

Uma reação que conheço muito bem.

Desejo puro e cru.

Um animal à flor da pele, querendo se libertar.

Neste momento, Damon e Daniela desistem do silêncio, talvez não aguentando o desejo avassalador, e gemem alto. O barulho de quadris se chocando é a prova de que realmente não estão *brincando* e uma eletricidade conhecida toma meu corpo.

Kellan volta sua atenção para mim, como se fizesse um pedido silencioso, e eu faço um aceno com a cabeça, tão louca quanto ele.

Em um segundo, ele apaga a única luz acesa e nos deixa no breu. De repente, sou encurralada e prensada na parede, uma presa perfeita, e o homem me beija como se fosse o fim do mundo. Sem perder tempo, minhas mãos vão direto para sua calça, abrindo o botão e descendo o zíper para liberar o membro rijo e melado.

Pego-o em minha mão e Kellan geme, sem pudor, para quem quiser ouvir. Continuo o masturbando, até que ele me vira de costas com uma agilidade sobrenatural. Com pressa, desliza minha calça junto com a calcinha, deixando-as na altura dos meus tornozelos.

Daniela geme alto, um som tão sensual, que chego a ofegar.

Eu nunca senti isso. Esse prazer enlouquecedor em ouvir outras pessoas transando por perto, mas me permito fazer isso agora. Só quero aproveitar o momento. Cada segundo, centímetro e grossura.

Agradeço internamente por tomar anticoncepcional, pois neste momento o que mais quero é sentir o pau gostoso de Kellan me arregaçar, como só ele faz. Sem barreiras. Carne com carne. Meus pelos se arrepiam em antecipação.

Meu parceiro grunhe em meu ouvido:

— Quero ouvir você gritar mais alto do que ela. — E me dá um tapa forte na bunda, que me faz gritar, tanto pela surpresa quanto pela dor misturada à excitação.

Ele se ajeita atrás de mim, deslizando um dedo em minha entrada encharcada e o introduz, fazendo-me arquear as costas. Quando enfia mais outro, choramingo, querendo mais. Querendo *e/e*.

Sabendo exatamente do que preciso, suas mãos abrem minha bunda, apertam, massageiam, e em um único solavanco seu pau entra com tudo em minha boceta.

Eu grito tão alto que não duvido que tenham me ouvido no corredor. Mas não estou sozinha nessa loucura. Os rugidos animais de Kellan preenchem a sala inteira.

O que adoro nele é que o homem não se segura. Ele se entrega por completo. Não é qualquer cara que se permite gritar,

gemer, grunhir, mas ele faz tudo isso e juro que é o som mais sexy que já ouvi.

Ele continua estocando forte e com uma mão levanta minha blusa de frio, abaixa o sutiã sem alças e aperta meu seio cheio de vontade, beliscando o mamilo com força. A outra toca meu clitóris com uma velocidade incrível, e grito mais uma vez. Seus dentes mordem meu pescoço, chupam minha nuca, lambem minhas costas.

— Estou quase — balbucio.

Ouçõ um barulho persistente e demoro a entender o que está acontecendo.

Paraliso no lugar.

— Kellan... Kellan — chamo, até que ele para de me foder.

— Vocês ouviram também? — Damon pergunta e sua voz parece estar mais perto do que antes.

— Sim — respondo, vestindo minha calcinha e a calça com pressa.

Alguém está batendo na porta, ou melhor, socando, o que me deixa levemente assustada.

— Merda! — Kellan esbraveja e pelo som de roupas farfalhando percebo que está colocando a cueca e a calça de volta.

— Estão todos vestidos?

— Sim — respondemos juntos.

O moreno acende o lustre e pisco algumas vezes até me acostumar com a claridade novamente.

Localizo Daniela e ela está arrumando sua lace, que está toda desgrenhada. Os lábios e o rosto estão vermelhos, mas ainda assim sorri para mim, parecendo satisfeita com a nossa pequena aventura. Sorrio de volta e imagino que minha aparência não esteja tão diferente. Passo os dedos em meus cabelos, desembaraçando-os, e ajeito meu sutiã.

Kellan pega o celular, desliga a música e quando Damon chega ao seu lado, os dois parecem prontos para a briga. O moreno abre a porta com cara de poucos amigos e começa a falar:

— Seja quem for, merece uma porra...

Suas palavras morrem ao ver quem está parado à sua frente com os braços enormes segurando cada lado do batente e uma expressão mortífera no rosto.

— Eu posso saber que porra está acontecendo aqui? — A voz grave de Matt Stevens ressoa pela sala e não sei qual o motivo de sua irritação, mas algo me diz que não é nada bom.

Matt Stevens

— Calma, Stevens. Não precisa agir como um babaca perto das garotas. — Jordan dá uma de cavalheiro e sem paciência entro no salão de jogos, chocando meu ombro com o dele, que com o impacto chega a dar um passo para trás.

Não posso acreditar que lá embaixo está acontecendo um pandemônio e os filhos da puta estão aqui, claramente se divertindo, a julgar o estado das meninas. Lábios inchados, bochechas coradas e expressões assustadas devido à minha intromissão. Sem contar o cheiro de sexo que está impregnado no cômodo.

Isso só aumenta a minha raiva.

Por causa desses putos, deixei minha garota na mão, quando estava prestes a gozar na minha boca.

Saímos para jantar e quando estávamos voltando para a fraternidade, resolvi parar no meio do caminho, como de costume. Nós dois gostamos do perigo, do risco de sermos pegos, e dessa vez estacionei em um beco sem saída.

Com ela é assim. Não tem lugar nem hora. Ainda mais quando usa uma de suas saias curtas ou um dos seus vestidos justos, que delineiam cada curva do seu corpo pequeno e perfeito. Aquela mulher é o meu ponto fraco e sabe usar esse detalhe a seu favor.

E, então, no meio do *trato* que estava dando em Liz, no banco de trás do meu carro, recebi a ligação de Jackson, um dos membros da Kappa, dizendo que tinha um bando de novatos bêbados quebrando a porra toda na fraternidade. Nem o gosto do pré-goço da minha namorada em minha boca aplacou a ira que me invadiu.

Porra, era simples! Eles só tinham que tomar conta da porra da festa. Esta, em especial, porque geralmente os novatos se excedem e fazem merda, como acabou acontecendo.

Liz queria subir comigo, pois sabia que suas amigas estariam aqui, mas a convenci a ficar no carro e me esperar. Eu não deixaria que dois marmanjos acabassem com a minha noite.

A ira volta a me dominar e pergunto entredentes:

— Eu não disse que a festa estava sob a responsabilidade de vocês dois? — Meus amigos parecem adolescentes em plena puberdade e isso me irrita pra caralho. — Era uma tarefa simples, mas vocês tinham que foder com tudo.

— O que aconteceu, Stevens? — Smith pergunta, fazendo uma cara de inocente que me dá vontade de socar.

— Cadê a porra do celular de vocês?

Jordan pega o aparelho e xinga baixinho, antes de responder:

— Deixei no modo avião e esqueci de tirar.

— Eu não trouxe pra cá — o outro justifica.

Fecho os olhos e seguro a ponte do nariz, antes de dizer:

— Jackson me ligou e disse que os novatos estavam perdendo a linha, quebrando tudo na mansão.

— O quê? Que merda é essa? Porra, nós... — Smith fala, perturbado, passando as mãos nos cabelos, mas eu o interrompo.

— Ele procurou por vocês, mas como não encontrou nenhum dos dois, decidiu me ligar e pedir ajuda. Eu tinha uma leve suspeita de que estariam aqui.

Encaro meus melhores amigos sem esconder a decepção, até que Jordan corta o silêncio:

— Foi mal, Stevens. Eu tinha certeza de que os outros caras tomariam conta da festa, mas isso não é desculpa. Errei feio. O estrago... foi muito ruim? Vou lá embaixo.

Ele dá um passo para frente, mas impeço sua saída.

— Só não foi pior porque cheguei a tempo. Não sei que merda eles beberam ou cheiraram, mas ficaram tão descontrolados que começaram a quebrar a sala toda. Televisão, quadros, uma parte da mobília...

— Meu Deus — Daniela murmura, tapando a boca com a mão.

— Precisei *apagar* um por um ou eles não teriam parado — declaro e todos os olhares se voltam para os nós vermelhos das minhas mãos, que não faço questão de esconder.

— E quantos eram? — Smith questiona, pálido como uma vela.

— Cinco.

— Porra! — Ele fecha os olhos, transtornado. — Irmão, não vai adiantar muito, mas me desculpa. Isso não vai voltar a acontecer. Juro pela nossa irmandade.

— Tem algo que possamos fazer agora? — Kellan quer saber.

Apesar de sermos como irmãos, eles respeitam a hierarquia da fraternidade e, como tal, me respeitam como líder. Eles sabem que se algum outro membro desobedecesse a ordens expressas da liderança, seria disciplinado, mas não posso colocar a culpa toda em Jordan e Smith. Os desgraçados que estavam assistindo a tudo não fizeram nada para impedir o caos generalizado e sei bem que isso pode ter acontecido para desestabilizar a minha autoridade e a relação com meus amigos.

Depois do que aconteceu com Ben Salvatore, aqueles que nunca gostaram de mim ou têm inveja demais para admitir, preferiram se manter em silêncio, com receio de que o mesmo

destino possa acontecer com eles. Afinal, ficou claro de que lado o reitor está.

A adrenalina ainda está pulsando em meu corpo, por isso começo a andar para lá e para cá, abrindo e fechando as mãos, enquanto estalo meu pescoço. Sempre fui contra a violência dentro da minha fraternidade, mas não tive opção. Os cinco calouros estavam fora de si e não queriam ser contrariados. Segundo Jackson, antes de eu chegar, eles já haviam batido em dois caras e perturbado três garotas.

— Ainda preciso checar o prejuízo total — respondo a Jordan.
— Os filhos da puta, além de serem expulsos da Kappa, vão pagar centavo por centavo do que destruíram. Além de me encarregar que se desculpem publicamente.

— Você está certo. Nós vamos descer com você — Smith diz, referindo-se a ele e Jordan.

— É claro que vão. Vocês foderam com a minha noite, nada mais justo do que foder a de vocês, não é mesmo?

Olho para Carla, que agora está ao lado de Daniela, e sorrio com deboche.

— Quem diria, a senhorita perfeitinha junto com os *Dogs*. Parece que alguém pagou a língua...

— Ste... — Jordan começa, mas o tom afiado da loira o impede de continuar.

— Vá se foder, Stevens.

— Eu estaria fo...

Liz Pérez

— Não ouse continuar — aviso assim que entro no salão de jogos.

Conheço meu homem e não precisa de muito para adivinhar o que ele estava prestes a falar. O cara é tão sem filtro que não percebe que certas coisas não precisam ser compartilhadas.

Em um único movimento, Matt se vira para mim e estreita os olhos, como se me perguntasse por que não o obedeci pelo menos uma vez na vida.

Ele achou mesmo que eu ficaria no carro, sabendo que estava rolando a maior confusão na festa e que minhas amigas estavam aqui?

— Amor, eu não disse para você ficar...

— Não vem com essa de *amor*, Matt. Eu ouvi o que você disse. Peça desculpas para a minha amiga. Ela não tem nada a ver

com a bagunça que os *seus meninos* fizeram.

Meu babaca preferido passa as mãos na cabeça, agitado, e só agora percebo como suas mãos estão vermelhas. A compreensão me invade quando a imagem de alguns garotos caídos na sala vem à mente. E por falar em sala, o cômodo não se parecia em nada com o ambiente *clean* e organizado de antes.

Antes de subir, conversei com Jackson, o rapaz que ligou para o meu namorado, e ele me disse que a coisa foi feia. A sorte foi que o pior aconteceu no final da festa, quando a maioria já tinha ido embora, ou as coisas teriam ficado complicadas para a fraternidade. Ou melhor, para Matt Stevens.

Pouco a pouco venho conhecendo quem ele é de verdade. Um homem com muitos talentos e que faz com excelência o que se propõe a fazer. Além disso, é extremamente responsável para a idade que tem, e não tenho dúvidas de que isso é resultado da necessidade de cuidar de si mesmo por tanto tempo. Ele se importa com seus membros, seus parceiros de time e odeia brigar fora do Matadouro. Mesmo que não transpareça, é um cara humilde e que reconhece quando erra.

Derrotado, Matt finalmente fala com a minha líder de torcida:

— Desculpa, Carly. Eu estava com raiva...

— Eu entendo, mas você precisa lidar com suas próprias merdas, Stevens, e não atacar uma pessoa que não tem nada a ver com o que aconteceu.

Caminho para o lado das meninas, recebendo a atenção de um par de olhos azuis em cada passo, e beijo o rosto das minhas amigas. Daniela sorri para mim, apertando minha mão e eu retribuo o aperto. Em seguida, faço o mesmo com Carla, que abre um sorriso de agradecimento, e pisco para ela, sinalizando que não precisa me agradecer.

Matt morde o lábio inferior e assente.

— Você tem razão. Meu problema é com Jordan e Smith. Apenas eles. Me desculpa, ok?

— Desculpas aceitas.

— Vamos lá embaixo — meu namorado comanda para Kellan e Damon. — E você — ele me olha tão intensamente que chego a estremecer no lugar —, não pense que a nossa noite acabou. Logo estarei livre.

Eu conheço seu olhar faminto, como fica excitado quando o desafio, e como se quisesse me lembrar do seu serviço inacabado, sua língua desliza pelo lábio inferior até o superior, bem discretamente.

Babaca safado e gostoso!

— Vou te esperar, mas não demora muito ou vou perder a vontade. — Como se fosse possível, mas deixo que pense o contrário.

Às vezes me pergunto se algum dia vou deixar de sentir esse fogo, essa necessidade de estar perto, a sensação de que todo o resto desaparece quando estamos juntos.

Continua não sendo fácil lidar com os olhares desdenhosos e invejosos, as cartinhas anônimas e maldosas que encontro em meu armário e tenho certeza de que meu namoro é alvo de muitas simpatias contrárias, mas o que Matt Stevens e eu temos é forte demais para sucumbir, porque de duas almas quebradas surgiu um elo inquebrável.

A contragosto, ele se vira e sai da sala, juntamente com seus amigos.

Daniela, Carla e eu ficamos sozinhas e as duas soltam o ar que parecia preso em seus pulmões, como se só agora pudessem relaxar. Eu sei bem a impressão que um Matt Stevens irado causa nas pessoas.

— Com certeza, esta noite ficará marcada — Daniela diz, arrancando uma risada de Carla.

— Vocês vão me contar o que aconteceu aqui ou vão ficar de segredinhos? — inquiri e nada poderia me preparar para o que as duas me contaram sobre o que rolou durante o joguinho para lá de picante.

Então, percebo que não sou a única fascinada por um *Dog*.



CAPÍTULO 11

Cara, você está olhando para mim
Como se eu não lhe desse nenhuma escolha
Se eu contar até três, aposto que você fica de joelhos
HAVE MERCY, CHLÖE

Mike Wilson

ALGUMAS SEMANAS DEPOIS...

— Você é tão sortuda por não precisar trabalhar — falo para Daniela, que está se arrumando há pelo menos trinta minutos.

Como sempre, espero deitado na cama de Liz, que já deve estar no estádio se preparando com as outras líderes de torcida.

— É só neste primeiro ano, querido. Depois, já falei com meu pai que vou procurar uma renda por aqui.

— E o que ele falou? Nunca vi um pai tão superprotetor com a *filhinha* dele — provoco.

Pelo reflexo do espelho, vejo que ela revira os olhos e dou uma gargalhada.

— Somos apenas nós dois, Mike.

— Ai, assim você me ofende. E aposto que Liz e Carla também ficariam ofendidas. Até um tal *cachorrão*.

— Lá vem... Você entendeu o que eu quis dizer. Voltando ao assunto do trabalho, meu pai acha que eu deveria usar a herança que minha mãe deixou e focar 100% nos estudos, mas prefiro

arranjar um emprego e guardar o dinheiro da herança para uma emergência futura. Quando, de fato, precisar.

— Você está certa, gatinha, mas seu pai não deixa de ser um fofo.

— Ele é o melhor dos melhores, Mike.

Apesar da minha brincadeira, acho admirável a relação de Daniela com o pai. Saudável e amorosa. Não sinto inveja, até porque a garota sofreu pra caralho com a morte precoce da mãe, e merece ter o pai atencioso e presente que tem. Só gostaria que as coisas fossem diferentes comigo.

Quando resolvi me assumir, pouco antes de ingressar na Universidade, minha vida mudou completamente. Meus pais, antes afetuosos, não receberam bem a novidade. Quer dizer, não receberam *nada* bem a novidade.

Nem quando anunciei que havia sido aceito em Yale com uma bolsa integral, uma conquista incrível, eles comemoraram. Tudo porque eu não sou o filho que idealizaram a vida toda.

Nunca vou me esquecer da pior briga que já tive com meu pai.

Cheguei em casa tarde da noite, pois na semana seguinte começariam as provas e passei o dia todo na biblioteca da escola que frequentava no Brooklyn. As luzes apagadas não me permitiram

vê-lo a princípio, então quando acendeu o abajur de repente, levei um susto. Meu pai estava sentado no sofá, as pernas cruzadas, com uma expressão ilegível.

— Onde você estava? — perguntou com sua voz grave.

— Oi, pai. Estava estudando na biblioteca.

— Mentira.

— É verdade. O senhor sabe...

— Eu não sei de porra nenhuma — ele disse, impassível.

Mesmo desempregado, a postura orgulhosa nunca o deixara. — A partir do momento em que você resolveu que gosta de dar a bunda, eu não te conheço mais.

Aquelas palavras me destroçaram, mas não consegui ficar quieto:

— O senhor acha que é fácil pra mim? Eu vejo como vocês me olham, o desprezo que sentem, como se todo aquele amor que diziam sentir por mim fosse uma mentira.

— Nós amávamos o nosso filho, não o que ele se tornou.

Ele disse aquilo com tanto nojo, que precisei respirar fundo para não o mandar se foder. Lembrei-me de sua criação machista, como o meu avô, militar, era conservador, e apesar de nada disso servir como desculpa para desprezar um filho, naquele momento foi

importante para que eu não perdesse a cabeça. Afinal, não acho que o desrespeito nos leva a algum lugar, apenas gera mais atrito e ressentimento.

— Continuo sendo o seu filho, pai. Quer você queira, quer não. E sabe o que mais? Gay ou hétero, vou continuar amando você e a mamãe. Uma pena que o amor de vocês seja tão seletivo.

Dito isto, me virei e fui para o meu quarto.

Por um bom tempo eles me trataram como se eu fosse um traidor, um rebelde. Como se tivesse alguma escolha por ter nascido como nasci.

O pior de tudo isso foi a quantidade de merda que fiz só para que eles pudessem me aceitar, para que pudessem voltar a me amar. Vender drogas foi uma delas. Eles não conseguiam arranjar emprego, e quando arranjavam não era o suficiente, e a grana que eu ganhava com as malditas drogas ia toda para eles, mas de nada adiantou.

Após um tempo, compreendi. Não importa o que eu faça, eles desistiram de mim no dia em que revelei quem sou de verdade. Por esta razão, jurei que depois de me formar não olharei mais para trás.

Se eles não me aceitam como sou, não tenho motivos para insistir.

— Terra chamando Mike. — Daniela estala os dedos a centímetros do meu rosto e só então volto à realidade, passando as mãos nos cabelos.

— Foi mal, gata. *Viajei* legal aqui — digo, como se o meu passado não tivesse me visitado.

— Eu vi — retruca, rindo, e se vira para o espelho novamente.

Então, decido entrar em um assunto que tenho certeza de que ela vai fugir:

— Dani, quando você e o *cachorrão* vão admitir que estão loucamente apaixonados?

— Acho que preferia quando você estava *viajando*. Bem quietinho.

— Sabia.

— Sabia o que, idiota?

— Que você fugiria do assunto.

— Não tô fugindo, Mike. Só não tenho o que falar sobre isso.

— Você e o *cachorrão* podem continuar fingindo, mas não me enganam.

— É sério que vai ficar chamando o cara de *cachorrão* agora?

— O quê? Tem apelido melhor? Ainda mais depois do que vocês fizeram naquele joguinho sujo...

— Não sei por que me dou ao trabalho de te contar certas coisas.

— Porque você me ama e não sabe viver sem mim. Aliás, quando vão me chamar para jogar em dupla também?

Ela se vira e replica o meu sorriso de *coringa*:

— E você vai levar quem? Travis?

— Travis? Dani, Dani, você acha mesmo que sou de ficar com um cara por tanto tempo? A vez dele já foi, gatinha.

Ela fica boquiaberta e sou obrigado a rir.

— Pensa que só você gosta de se divertir sem se comprometer? A diferença é que não fico batendo na mesma tecla como uma certa pessoa — lanço e Daniela parece atordoada.

Esse povo acha que não me divirto, mas meu *modus operandi* é diferente. Gosto de discrição. É mais fácil e posso trocar de companhia quando quero, sem que pensem que estou namorando ou algo parecido.

— Ok, Don Juan. Desculpa aí. Respondendo à sua pergunta, Damon e eu não estamos apaixonados, Mike. Ponto final! — É a minha vez de revirar os olhos.

— Conta outra, gatinha. O pior é que ficam os dois nessa punheta mal tocada.

Daniela se vira para mim com uma expressão enojada.

— Quando quer, você é tão nojento...

— É o meu lado *hétero top* dando as caras. — Sorrio, adorando ser o causador de sua irritação e ela bufa. Só assim para Daniela se adiantar. Nunca vi uma mulher demorar tanto para se arrumar.

— Como é essa Festa da Fogueira, mesmo? — É a décima vez que me pergunta a mesma coisa, daí me lembro que ela vem de um país completamente diferente do meu e trato de explicar com toda a paciência do mundo.

— É como uma das festas pós-jogo na mansão da Kappa, só que em uma clareira, no meio de uma floresta, a poucos quilômetros de New Haven. A gente acende uma fogueira gigante, que já deve estar preparada, e fica bebendo e dançando ao redor. Parece idiota, mas é legal.

— Na verdade, estou bem animada. Nunca participei de uma festa assim. Só via nos filmes.

— Você vai gostar, é só ficar de olho para não batizarem seu copo, porque isso não acontece só nos filmes.

— No final das contas, os babacas estão em todos os lugares.

— Nem me diga.

— Pelo menos a fogueira vai esquentar esse frio maldito — diz, trocando o casaco salmão por um preto.

— Com certeza. Mas as bebidas também farão esse papel. — Pisco para ela e me levanto, cansado de tanto esperar. — Agora, vamos, porque não quero perder o jogo só porque você não se decide se vai com uma roupa ou outra. Porra, nunca vi ser tão indecisa! — Perco a paciência.

— Nossa, já estou pronta, seu ogro!

— Que bom.

Daniela Lima

Os *Bulldogs* ganharam e a torcida está em polvorosa. Vejo Liz no alto de uma pirâmide de corpos e tomo um susto quando ela dá um salto perfeito até o chão.

— Nossa *Señorita* é tão talentosa — Mike parece ler meus pensamentos.

— Demais. Fico tão feliz por ela ter se encontrado logo no primeiro ano de faculdade.

— Eu também. Ela merece tudo de bom que está vivendo.

Desvio minha atenção para o campo, onde os nossos jogadores cumprimentam o time derrotado e em seguida comemoram entre si. Como de praxe, eles tiram a blusa do uniforme e o público volta a gritar diante de tanta beleza exposta.

Corpos sarados, tanquinhos definidos, braços enormes, tatuagens à mostra, um show de testosterona gratuito. Entretanto, os que mais se destacam são os três filhos da mãe da Tríade.

Putá merda!

Damon, Kellan e Matt formam o que podemos considerar um verdadeiro espetáculo. Eles se abraçam, flexionando os músculos proeminentes, e a temperatura fria parece ficar em segundo plano.

Desgarrando-se do trio, Damon corre até a lateral do campo para beber um isotônico e após tomar tudo de uma vez, ergue os olhos para a arquibancada.

Meu coração acelera quando, segundos depois, seus olhos encontram os meus e um sorriso ladino se ergue em seus lábios naturalmente vermelhos. A covinha e o furinho no queixo apenas complementam a beleza surreal desse cara.

— E o *cachorrão* encontra sua ca...

— Não. Termine. Essa. Frase, seu filho da mãe — interrompo o que quer que Mike iria falar e ele se curva de tanto rir. — Pensei que você fosse diferente desses babacas.

— Você fica tão linda quando está irada, Dani. É mais forte do que eu.

— O que é? Vai dar em cima de mim agora? — provoco, tentando manter minha expressão séria.

— Você não faz meu tipo, gatinha — ele sussurra, mas minha atenção ainda está no gostoso que não para de me encarar no gramado. Encostando sua boca em minha orelha, Mike faz questão que eu ouça suas próximas palavras: — Gosto das tímidas.

Chocada, viro-me para o meu amigo, que tenta segurar a risada, mas não consegue. Os cabelos platinados balançam quando ele se curva novamente, rindo como se fosse uma criança.

Incrédula, começo a rir também, porque por um minuto cheguei a acreditar que o idiota estava falando sério.

Aos poucos, estou conhecendo o verdadeiro Mike. Um cara que adora tirar sarro das coisas, que não deixa a tristeza o abater, pelo contrário, irradia alegria e bom humor. Um amigo que sempre tem um conselho necessário, uma palavra certa, por mais dura que seja. Com ele, não há monotonia ou tédio. Mike Wilson é

daquelas pessoas que, com toda a certeza, junto com Liz e Carla, quero levar para o resto da vida.



— Uau! — é o que consigo exclamar assim que avisto a fogueira enorme no centro da clareira.

Como Mike me explicou antes, a Festa da Fogueira está acontecendo em uma floresta a alguns quilômetros de New Haven. Não imaginei que fosse tão organizado, mas não poderia ser diferente quando o evento é de responsabilidade da Kappa Alpha. Podem falar o que quiserem da fraternidade de Matt, mas eles sabem fazer uma festa.

Bem, a exceção foi a da noite do *Verdade ou Consequência* de duplas. Depois que um Matt Stevens enfurecido apareceu e acabou com o clima para lá de quente, pude ver os estragos feitos pelos novatos problemáticos no andar de baixo. Segundo Matt, seus amigos deveriam ter ficado de olho em tudo, mas sabemos que não foi isso que aconteceu. Me deu até uma dorzinha no coração ao ver aqueles móveis caríssimos quebrados, além de taças e copos de cristal estilhaçados.

Se o namorado da minha amiga não tivesse dado um jeito nos garotos enlouquecidos, o prejuízo teria sido ainda pior.

Mas, como eu disse, isso foi uma exceção. No geral, as festas são excepcionais.

Caminhando ao lado de Liz, Carla e Mike, absorvo todos os detalhes à minha frente.

Há uma tenda onde fica o bar, lá pegamos um copo e vamos abastecendo de bebida — cerveja e alguns drinks — durante toda a noite. Nós já abastecemos nossos copos com gelo, açúcar, vodca e limão — uma caipiroska improvisada que Carla e eu ensinamos aos nossos amigos — e estamos prontos para começarmos a dançar.

Matt, Damon e Kellan estão do outro lado, conversando com outros caras do time de futebol, mas seus olhos não saem da nossa direção.

Uma música que adoro ecoa pelas caixas de som, *Industry Baby*, de Lil Nas X, e logo Liz me olha, como se lesse meus pensamentos, dizendo:

— Vamos ficar parados ou vamos dançar?

— Só se for agora — respondo.

— Vamos! — Carla e Mike respondem juntos.

Não sei há quanto tempo nossa turminha não se diverte junta. Só nós quatro, meus companheiros, minha família nos Estados Unidos.

Nós nos misturamos com a galera que já estava dançando e remexemos nossos corpos, seguindo o ritmo do hip hop. Mike fica no meio, como se fosse o rapper e nós, suas dançarinas. Não tem como não rir. Ele é uma figura e não é à toa que mais pessoas riem do seu pequeno show.

Meu amigo é lindo, com seus olhos azuis claríssimos, cabelos platinados e um rosto perfeitamente simétrico, arranca muitos suspiros por aí, inclusive, alguns olhares de jogadores que insistem em não se assumirem. Infelizmente, a sociedade ainda não está preparada para lidar com pessoas como Mike Wilson. Generosas, livres e bem-resolvidas.

Quando a música seguinte é *Have Mercy*, de Chlöe, Liz, Carla e eu formamos uma fileira e descemos até o chão, seguindo os passos que viralizaram no *Tik Tok*.

Com esta música, surgiu um desafio de quem conseguia rebolar enquanto estava agachada — em outras palavras, de cócoras — e nós, sem treinarmos, conseguimos essa proeza. Ao meu comando, giramos, ainda abaixadas, até ficarmos de costas

para a galera, rebolando nossas bundas em sincronia com o ritmo sensual. Mesmo cientes de que as pessoas se amontoaram ao nosso redor, não paramos. É sempre assim quando nos juntamos.

Devagar, levantamos e continuamos dançando, uma ao lado da outra, sorrindo, inebriadas pela sensação maravilhosa que a música sempre nos proporciona. Mike, igualmente animado, orquestra nossos passos, como se fosse o nosso coreógrafo.

É óbvio que estamos atraindo os olhares de todos. Inclusive da Tríade, que de repente está à nossa frente, captando cada movimento nosso.

A única coisa que Carla, Liz e eu combinamos antes da festa foi de vestirmos roupas confortáveis e quentes, por isso decidimos vir todas de *legging* preta, reforçada para o frio, botas de cano alto e salto grosso, e um casaco quente com uma blusa de frio mais fina por baixo.

Liz não para de sorrir, sua felicidade resplandecendo em cada poro, e quando olha para mim e em seguida para Carla, sua expressão se torna maliciosa, como se dissesse: chegou a hora do *grand finale*. Não combinamos nada, apenas usamos a nossa conexão.

Com as pernas esticadas e levemente abertas, levamos nosso tronco para baixo — os fios da minha lace quase encostam no chão de terra batida —, e quando balançamos nossas bundas a plateia vai à loucura.

Logo ouvimos assovios, elogios e palavreados, que com certeza fazem Matt Stevens ferver de raiva, mas o babaca não vai fazer nada. Não quando sua garota está se divertindo. É o *nosso* ritual. A *nossa* dança. O *nosso* momento.

Quando a música termina, nós nos recompomos, suadas e somos ovacionadas.

— Vocês são fodas! — grito para elas.

— *Nós* somos! — Carla corrige.

— É isso aí! — Liz concorda. — Sem vocês não seria a mesma coisa. Adorei, meninas!

Sorrindo, olho para Mike, que diz “obrigado” para o povo, como se fosse a grande estrela da noite, e só me resta soltar uma gargalhada.

Sinceramente, tenho os melhores amigos.

De soslaio, avisto Damon, e ao encará-lo noto que me olha de maneira tão intensa que minhas pernas quase vacilam.

Suas narinas estão dilatadas, o peito largo e definido sobe e desce rapidamente sob a blusa de manga comprida justa e perfeitamente moldada aos seus músculos, os dentes mordem o lábio inferior com força, deixando-o mais vermelho do que o normal. Com a resposta do meu olhar, ele sorri de lado, como adora fazer para me provocar, e para dizer “mais tarde você é minha”.

Como se não estivéssemos transando quase todos os dias.

Mas nunca parece ser o suficiente.

Com um aceno quase que imperceptível confirmo sua reivindicação, tão faminta quanto ele, e as palavras de Mike não param de me atormentar.

Dani, quando você e o cachorrão vão admitir que estão loucamente apaixonados?

Não pode ser, pode?



CAPÍTULO 12

Estou errado por pensar fora da caixa em que eu estava?

Estou errado por dizer que escolho outro caminho?

Não estou tentando fazer o que todo mundo está fazendo

Só porque todo mundo está fazendo o que todos eles fazem

Se tem uma coisa que eu sei, eu vou cair, mas eu vou crescer

AM I WRONG, NICO & VINZ

Liz Pérez

— Tem certeza de que quer ir pra festa, amor? — Matt pergunta, enquanto beija meu pescoço, clavícula, o colo exposto pela blusa decotada.

Fica até difícil pensar claramente quando sua boca está me saboreando como se eu fosse a melhor comida do mundo e suas mãos não ficam para trás. Uma aperta minha coxa e a outra pressiona minha nuca, até agarrar meus cabelos com força.

Estamos em sua caminhonete, parados em um beco perto do Matadouro, e apesar do clima fresco lá fora, seu corpo está fervendo. Ele sempre fica assim após lutar, quente e extremamente excitado.

Diminuindo a distância, subo em seu colo e solto um gemido quando o sinto duro sob a calça de moletom. Completamente pronto para mim.

— Porra, gostosa! Não vejo a hora de me enterrar nessa boceta apertada.

Rebolo, instigando-o ainda mais, e Matt enrola meus cabelos compridos em uma das mãos enormes, fazendo-me encará-lo.

— Você não me respondeu — rosna. — Tem certeza de que prefere ir a uma festa idiota a passar a noite sendo lindamente fodida? Do jeito que você gosta. Forte e duro.

Nossa, como amo sua boca suja! Na verdade, foi com ele que descobri que amo ouvir palavras sujas e de uma pegada mais bruta durante o sexo.

— Não vejo problema em fazermos os dois — sussurro, ofegante, quase me rendendo ao seu feitiço. — Vamos à festa e depois... você me fode lindamente a noite inteira.

Se fosse apenas a festa, não faria questão alguma de ir, mas a Dani me convocou porque precisa conversar. Ela não ficou à vontade para dizer o que era na arena, porém tenho uma vaga ideia sobre o que seja. Bem, pelo menos *acho* que tenho, porque minha amiga vive me surpreendendo.

Ao mesmo tempo, é torturante saber como meu namorado me quer, assim como o quero, e não poder aproveitar como gostaria. Não importa se dormimos juntos quase todos os dias, nunca parece ser o suficiente. Confesso que morro de medo de estar me precipitando, de sair destruída dessa relação, mas estamos tão intrincados um no outro, que é impossível sequer cogitar me afastar.

Quando penso que as garotas obcecadas por Stevens já aceitaram nosso relacionamento, eu as pego nos observando, sem qualquer pinga de bondade, como se esperassem apenas um deslize meu para entrarem na fila de “próxima garota do quarterback e líder da Kappa”.

Elas seguem deixando suas calcinhas no armário dele, escrevendo cartinhas, enviando nudes, e se não fosse a convicção e o amor que vejo nos olhos do meu namorado, não conseguiria aguentar. É pressão demais. Nem como líder de torcida chamo tanta atenção assim.

Sem contar as noites no Matadouro. As mulheres lindas que vão para lá só para verem o *Destroyer* lutando e tentarem tirar uma casquinha. Eu não as julgo. Claro que não. Ele é gostoso pra caralho, lindo e tem essa marra só dele, que exala poder.

Não é fácil, mas está dentro do pacote. Ou ignoro todo o resto e o aceito com todas as suas bagagens ou me afasto e vivo infeliz. Tive um gostinho do que é ficar sem ele, quando tivemos aquela briga horrível, e não foi nada agradável.

Seu grunhido fora de controle me faz focar em seus olhos azuis, tão claros quanto tempestuosos. Ele ergue os lábios inchados e vermelhos pelos meus beijos em um sorriso malicioso e não

consigo evitar fazer o mesmo. Sei que o deixo louco quando faço isso. Meu homem não consegue resistir à Liz safada e ousada.

Se estivéssemos dentro de um livro de fantasia — daqueles com bastante hot e feéricos imortais supergostosos —, Stevens seria um grão-feérico, com toda a certeza, tanto pela estatura quanto pelo corpo musculoso, e a cor de seus olhos seria substituída por brasas de fogo.

Onde a mente de uma leitora pode ir, não é mesmo? Só eu para imaginar uma coisa dessas em um momento como este.

Deslizo minha língua pela lateral do pescoço de Matt, provocando-o e adorando sentir seu gosto, o suor que começa a cobrir sua pele. Há tanto tesão acumulado dentro deste carro que consigo sentir o cheiro.

— Porra! — Ele enlouquece e segura meu queixo, voltando a me beijar com desespero. — Vai ser foda disfarçar minha ereção durante a festa.

— Se este é o problema, posso te ajudar a relaxar um pouco, amor. — Nem dou chance para que me faça perguntas, pois rapidamente deslizo até o chão do carro, aos seus pés.

Essa é uma das vantagens de ser pequena, me encaixo em qualquer lugar. Não que a caminhonete seja compacta, mas uma

pessoa mais alta não ficaria tão confortável como estou.

Esperando meu próximo passo, Matt não fala nada, apenas observa, quase sem respirar. Minhas mãos, tão miúdas em relação ao homem à minha frente, chegam ao cóis da calça moletom e olhando para seus olhos, faço um carinho em seu abdômen trincado.

Há um poste a alguns metros e sua luz amarela ilumina o interior do carro parcialmente. O suficiente para nós dois nos enxergarmos.

Ele chia, sensível, e o som reverbera por todo meu corpo, intumescendo meus mamilos e molhando ainda mais minha calcinha.

De uma vez só, desamarro sua calça, abaixo o tecido junto com a cueca, e libero o pau grosso e grande, que dá um espasmo ao se erguer diante de mim. A visão da glândula rosada e toda melada combinada com as veias inchadas em todo seu comprimento me faz salivar.

O peitoral largo de Matt sobe e desce rapidamente e quando o abocanho, ele joga a cabeça para trás, gemendo meu nome.

Com uma mão acaricio suas bolas e com a outra intensifico a chupada, subindo e descendo por toda a extensão, lambendo a

glande, sugando, deixando-o louco e murmurando palavras desconexas, enquanto suas mãos agarram meus cabelos.

Minha língua faz círculos ágeis em sua cabecinha, que não para de jorrar líquido pré-ejaculatório, e o masturbo forte com a mão.

Então, desço minha boca com tudo, deixando seu pau tocar minha garganta por alguns segundos até que eu fique sem ar e retorno para cima.

— Porra, assim não vou aguentar! Caralho!

Repito o processo, sem parar de massagear seus testículos e os sons que saem de sua boca me motivam a dar o meu melhor, além de me deixarem extremamente excitada. Com certeza minha calcinha está encharcada.

— Amor... Porra! Sua boca é tão gulosa. Assim, fique assim!

Matt pressiona minha cabeça, sem fazer força para não me machucar, mas deixando claro seu desejo. Ele está prestes a gozar e me esforço para continuar com seu pau enorme lá no fundo. É normal derramar algumas lágrimas, mas desde que eu não me desespere, está tudo ótimo.

Demorei a pegar o jeito, porque o cara é bem-dotado e não consigo colocá-lo completamente na minha boca, mas depois que

peguei, ficou muito mais prazeroso, tanto para mim quanto para ele.

Ergo a cabeça apenas para pegar um pouco de ar, movimentando minha mão para cima e para baixo. Passo minha língua em toda a extensão, das bolas à cabecinha, e meu nome sai dos seus lábios, mais uma vez. Sem aviso, volto a chupá-lo profundamente e ele ergue a pélvis em um vaivém, fodendo com a minha boca.

— Caralho, amor... Vou gozar tão forte...

Seu corpo vem para a frente em um espasmo e logo sinto o líquido quente em minha língua, garganta, e engulo tudo, diminuindo a pressão dos meus dedos e reduzindo o ritmo da chupada.

Tudo nele me fascina e me deixa louca, até seu gozo, que bebo até a última gota. Quando vejo que está completamente satisfeito, tiro-o da minha boca devagar e limpo os cantos da minha boca.

Ele apenas me encara, jogado no banco, buscando ar e sorriso.

— Deu pra relaxar um pouco? — pergunto, fingindo inocência.

Pegando-me do chão, Matt me coloca em sua coxa e passa o polegar em meu lábio inferior.

— Essa boquinha aqui ainda vai me matar.

— Se for de prazer, então vamos morrer juntos.

Ele solta uma gargalhada gostosa, acariciando meus cabelos, e me aconchego em seus braços, com o rosto apoiado em seu peito. Por um momento, fico só escutando as batidas do seu coração.

Este é o meu lar.

— Eu te amo tanto. — Sua voz sai baixa, mas tão cheia de sentimentos que sou obrigada a encará-lo. A intensidade é tanta que me tira o ar.

Ele é tão perfeito. Por dentro, por fora. De qualquer jeito.

— Eu te amo mais.



Chego à mansão e está acontecendo mais uma daquelas festas de arromba. O episódio com os calouros, definitivamente, já é passado.

Olho para Matt, que já colocou sua máscara de indiferença, e sorrio sozinha. Quem vê nem imagina que tem um coração enorme.

E só meu.

— Vou procurar a Dani — aviso.

Ele paira na minha frente, todo imponente, e se curva até chegar à altura da minha orelha.

— Não se esqueça do combinado — diz, roçando sua boca em minha pele, o que me causa um arrepio por todo o corpo. E completa: — Sua gostosa.

Se ele pensa que vou deixar barato, está muito enganado.

Viro-me como se fosse cochichar alguma coisa e prendo o lóbulo de sua orelha entre os lábios. Sua mão, que estava ao lado do seu corpo, vem imediatamente para a minha cintura, apertando a carne com vontade.

Sorrindo diante de sua reação, sussurro:

— Com certeza não vou esquecer. Daqui a pouco serei todinha sua.

Beijo sua bochecha e me afasto antes que seja tarde demais. Não confio em mim perto desse homem.

Procuro Daniela e a encontro perto da pista de dança, conversando com um cara que não me é estranho, mas não consigo me lembrar de onde o conheço.

Aceno para ela, que logo me vê e sorri, fazendo um sinal com a mão para que eu a espere.

Dou uma olhada ao meu redor e avisto Damon conversando com uma loira de uma forma um tanto íntima. FRANZO a testa, porque pensei que ele e Daniela estivessem finalmente se entendendo, mas, pelo visto, estava errada. Não dá para decifrar esses dois.

Não vejo Kellan ou Carla em nenhum lugar e imagino que devem estar *aproveitando*. Pela primeira vez, ela foi ao Matadouro, e assim como Dani e eu, ficou surpresa e animada. Aos poucos, seu ranço com a Tríade está perdendo força e fico feliz por isso. Eles não são pessoas ruins, muito pelo contrário.

Poucos minutos depois, Daniela se junta a mim e me abraça.

— Que bom que você conseguiu vir.

— Por pouco não sou sequestrada.

Ela revira os olhos ao se afastar e cruza os braços.

— Aquele ogro precisa aprender a compartilhar, sabia?

Rio do seu comentário e balanço a cabeça. Percebo que ela não está 100% sóbria e me pergunto se algo a está perturbando.

— *Hermana*, para de enrolar e vamos conversar.

Ela solta um longo suspiro e como se estivesse se esforçando para não olhar, acaba falhando e analisa Damon e a loira conversando.

Aí tem.

Pego sua mão e a puxo entre as pessoas até chegar ao segundo andar. Entro no quarto de Matt, pego a cadeira que fica na frente de uma escrivaninha para Daniela sentar e me acomodo na beirada da cama.

Em vez de se sentar, ela vai até o janelão que dá uma boa visão da movimentação lá embaixo e fica ali, parada. Não acendi a luz justamente porque a iluminação da festa dá uma certa claridade ao cômodo, então não há perigo de alguém nos ver daqui de cima.

Junto-me a ela, que está perdida em pensamentos, e após um tempo, pergunto:

— O que está acontecendo, Dani?

Por um momento, penso que não me ouviu ou que não vai falar nada, então a ouço:

— Estou ferrada, *hermanita*.

A brasileira continua olhando para fora, aérea. Só então noto que ela não está tão aérea assim, na verdade, está concentrada em um ponto fixo, justamente onde Damon e a garota continuam conversando animadamente.

— Como assim? Aconteceu alguma coisa?

Ela se vira para mim e abre um sorriso fraco.

— Calma. Não é nada sério. Bem, acho...

— Você está me assustando — interrompo.

Daniela olha para o teto, como se buscasse forças para falar, até que solta:

— Acho que estou apaixonada.

Minha vontade é dizer “*sério que você só percebeu isso agora?*”, entretanto, me contenho. Afinal, não estou aqui para deixá-la mal e sim para ouvir o que ela tem a dizer. Eu mesma não lidei muito bem quando me dei conta de que estava apaixonada, por mais que todos ao meu redor insistissem em dizer que já sabiam.

Olho para o seu rosto bonito — uma mescla de delicadeza com um toque selvagem e felino —, que está com uma expressão sofrida, e pergunto:

— E por que parece que é o fim do mundo pra você?

— Isso não estava nos meus planos, Liz. Sei que você também não tinha planos para namorar com um dos caras mais populares da Universidade, mas aconteceu e te vejo tão feliz, tão... *amada*. E se não for recíproco? E se essa coisa com Damon for de momento, de pele, tesão? Sei lá. E se ele não sentir o mesmo?

Ela cruza o quarto e começa a andar de um lado para o outro.

— Por isso tomei uma decisão — dispara.

— O que você fez?

— Falei para Damon que seria melhor a gente parar de sair.

— Como assim? Você descobre que sente algo a mais por ele e acaba com tudo?

Sua expressão fica ainda mais agoniada, como se não soubesse o que fazer com tudo o que está sentindo, e me aproximo, impedindo que continue andando.

— Do que você tem medo, Dani? Você é uma mulher incrível, cheia de si, por que está deixando tudo isso te abater?

— Não sei se tenho a mesma coragem que você — declara —, de fingir não me importar com as investidas descaradas de outras mulheres, de receber a atenção de todo mundo. Eu pareço ser forte, mas estou descobrindo que não sou tão forte assim.

— Pode ir parando com isso. Você é uma das mulheres mais fortes que conheço, só está insegura com o que está sentindo. É algo novo e sei como pode ser assustador, mas não se feche.

— Não é justo!

— O que não é justo?

Daniela se senta na cama e apoia a cabeça nas mãos.

— Eu não vim para me apaixonar, muito menos ficar presa a um cara por sei lá quanto tempo. Eu vim para me descobrir, focar no meu objetivo de ser uma ótima pesquisadora, sair com garotos

aleatórios... aí o primeiro cara que me dá um chá de pica, já me apaixono? E logo um babaca que já pegou quase todas as mulheres da faculdade. Isso não é justo!

Tento segurar a risada, só que não tenho êxito.

— Desculpa, amiga, mas falando desse jeito você parece uma garotinha mimada, e sei que é só o medo dando as caras, porque de mimada você não tem nada. — Ela leva um susto com minhas palavras, mas temos intimidade suficiente para isso. — Eu até me identifico com seu dilema. Mal cheguei em Yale e já estou namorando um dos caras mais populares da faculdade.

Sento-me ao seu lado e ela continua calada, então continuo:

— E não poderia estar mais feliz. Porque apesar de ser popular, Matt me mostrou quem realmente é. Muito além das aparências, muito além da fama de pegador. Você acha que não pensei nos prós e contras? Que não tenho medo? Claro que tenho. Não vivo em um conto de fadas, Dani, mas o que tenho com Matt vale a pena. Vale a pena mudar uma parte dos meus planos para viver essa paixão, esse sentimento que deve ter algum motivo para ter aparecido quando o que menos queria era me envolver com alguém. Você precisa saber se para você também vale a pena ou se prefere seguir seus planos, sem desvios e riscos.

Ela balança a cabeça e abre um sorriso saudoso.

— Você e minha mãe se dariam bem, sabia?

— Ah, é? Por quê?

— Porque ela diria que estou sendo imatura, dramática e que deveria pelo menos tentar antes de desistir.

— Talvez ela tenha sussurrado alguma coisa no meu ouvido.

Seus olhos ficam marejados e a envolvo em um abraço apertado. Daniela tenta ser forte o tempo todo e não reconhece que até os mais fortes têm seus momentos de vulnerabilidade. Isso não é ser fraco, é ser humano.

— Obrigada, *hermanita* — ela murmura sobre meus cabelos.

Dani é uma força da natureza, uma mulher que perdeu seu porto seguro e está se reconstruindo.

— Quer saber o que acho? — pergunto, desvencilhando-me do abraço.

— Humm...

— Que ele sente o mesmo.

Ela franze o cenho e fica pensativa, antes de dizer:

— Não sei, não, Liz. Ele até já partiu pra outra.

— Vai por mim. Damon deve estar tão confuso quanto você.

Dá para ver como ele te olha, como fica quando está ao seu lado. —

Quando a brasileira não fala nada, acrescento: — Olha, Dani, entendo sua preocupação, mas você sabe muito bem como a vida é curta. Como tudo pode mudar de uma hora para a outra. Deixe as coisas acontecerem. Quer dar um tempo? Tudo bem. Dê um tempo, saia com outros caras, meta a cara nos estudos. Só cuidado para não ser tarde demais.

— Obrigada, amiga.

— *Hermanas* são *hermanas*. Conte sempre comigo.

— Eu vou.



CAPÍTULO 13

Eu nunca vou sair do seu lado, meu amor

Ficar bem ao seu lado é suficiente

LET'S LOVE, DAVID GUETTA FEAT. SIA

Matt Stevens

— O que tá pegando? — pergunto a Smith quando ele se joga na espreguiçadeira ao lado da minha.

Bebo mais um gole de cerveja, observando a galera dançando, se pegando, louco de vontade de me enterrar na minha morena, mas não posso ignorar a carranca do meu irmão.

— Nada de mais.

— Conta outra.

Conheço o cara há muito tempo para saber que algo o incomoda. Calado demais. Sério demais. Pensativo demais. Completamente diferente do Damon Smith brincalhão e sacana de sempre.

Quando permanece quieto, coloco minhas pernas para fora da espreguiçadeira e me viro para ele.

— Manda.

Ele passa as mãos pelos cabelos, agarrando um punhado deles e, finalmente, olha em minha direção.

— Como você descobriu que estava gamado na Liz?

Reviro meus olhos, preparado para a zoeira de Smith, mas quando me encara, sem sinal de divertimento, percebo que está

falando sério. Minhas sobrancelhas se erguem pela surpresa e me ajeito na cadeira, apoiando os cotovelos nos joelhos.

Deixo a garrafa vazia no chão e começo a falar:

— Acho que foi no momento que me dei conta de que não conseguia ficar longe dela. Desde que a vi pela primeira vez, senti um negócio diferente, uma vontade de saber tudo sobre ela, mas era idiota demais para admitir, sei lá, fiquei assustado com aquela sensação, então preferi ignorar e fingir que a mulher não me afetava. Por vezes, agi como um babaca para ver se Liz fugia de mim, mas a garota não tinha medo, era destemida, atrevida, me enfrentava... Porra, aquele jeito dela me deixou louco. Fora o tesão desenfreado. Hoje não tenho vergonha em dizer que aquela mulher me deixou completamente rendido. Tem uma hora que não dá mais para lutar contra.

Ele assente, levando a garrafa de cerveja até a boca e bebe todo o líquido de uma vez.

Porra, tem algo muito errado acontecendo.

— O que foi, Smith?

Sei que ele e a *Brasil* saem direto, mas meu amigo sempre fez questão de falar que não passam de encontros casuais, só sexo. Pelo visto, a coisa mudou de figura.

— A Dani falou pra gente parar de sair.

Bingo!

— Do nada?

— É. Do nada.

— E aí? Você tá puto? É isso?

Ele morde o lábio inferior e suas narinas dilatam, como se não quisesse dar o braço a torcer. Eu conheço bem a sensação.

— Não sei como tô me sentindo, na verdade. Ao mesmo tempo em que eu sabia que uma hora o nosso rolo ia acabar, sinto que... *ainda* não é a hora. — É a vez dele se sentar na cadeira e ficar de frente para mim. — A merda toda é que eu gosto de estar com ela, de conversar, sem falar do sexo que é de outro mundo. Só de ficar perto da Dani fico louco. É como se eu não me reconhecesse mais.

Solto uma risada baixa e ele fica furioso.

— O quê? Já vai falar merda, né?

— Smith, qual foi a primeira pergunta que você me fez? — Ele respira fundo e joga a cabeça para trás. — Você já sabe a resposta, irmão.

— Porra, não pode ser.

— Você está em negação. É normal.

— Como fui deixar essa merda acontecer?

— Você não *deixou*, aconteceu.

— Nunca pensei que fosse passar por uma porra dessa, Stevens. Sempre fui contra essa breguice de ficar com apenas uma pessoa, mas desde que comecei a sair com a Dani não olhei para nenhuma outra garota, não *desejei* estar com nenhuma outra. Acredita nisso?

— Acredito.

— Sabe o que é pior?

— Hum?

— Não senti falta. Só posso estar muito fodido.

— É natural, irmão. As coisas vão acontecendo e quando percebemos já estamos atolados até a cabeça.

Smith está transtornado e não consigo deixar de sorrir.

— O que foi, babaca?

— Bem-vindo ao clube dos soldados abatidos.

Ele se levanta e passa as mãos na cabeça.

— Eu não fui abatido, porra! — vocifera. — A garota mexe comigo, pra caralho, mas ainda acredito que é por causa do sexo, que é o melhor que já experimentei. Isso combinado ao fato de que a brasileira é linda, gostosa...

— Negação — cantarolo.

— Foda-se, Stevens! Não importa. Ela quer parar de sair comigo e não vou ficar correndo atrás de mulher. Nunca fiz isso e agora não vai ser diferente. Daqui a pouco encontro outra gostosa e essa loucura vai passar.

— Ah, vai? E se *ela* partir pra outra? O que você vai fazer? Consegue imaginar a *Brasil* sorrindo para outro cara? Beijando outro cara? Fodendo outro cara?

Tive que pegar pesado, porque conheço o filho da puta. Nós, homens, temos a tendência de somente enxergarmos as coisas quando somos pressionados.

Smith passa as mãos no rosto, com raiva, como se para afastar a visão da garota com outro homem, e volta a se deitar na cadeira, fechando os olhos em seguida.

Deixo que ele reflita por alguns minutos e resolvo fazer uma sondagem:

— O que ela falou exatamente para você?

— Que achava melhor pararmos de sair porque o propósito de ser casual já não estava funcionando entre nós — responde, ainda com os olhos fechados.

— Já parou para pensar que a mulher pode estar tão *gamada* quanto você? —Quis dizer *apaixonada*, mas preciso ir devagar com Smith.

Ele abre os olhos, refletindo.

— Qual seria o sentido de acabar com tudo?

— Medo, talvez. Medo do sentimento, como você está sentindo, medo de não ser correspondida, medo de se envolver com você.

— Até entendo o medo do sentimento e de não ser correspondida, mas medo de se envolver comigo? Como assim?

— Bem, vamos lá. Vou te contar algumas merdas que aconteceram com a Liz, só porque ela está comigo.

— É sério isso?

— Seríssimo! Acredita que já colocaram um boneco vodu no armário dela?

— Porra, não fizeram isso, não! — Smith exclama, balançando a cabeça.

— Queria que fosse mentira, irmão. Além de todos os dias encontrar cartas em meu armário, receber nudes e mensagens, elas também enviam recadinhas nada amistosas para Liz. Quando estou

com ela, dá para sentir os olhares maldosos, como se quisessem intimidá-la.

— Que merda, Stevens! Não tinha noção de que isso acontecia.

— O pior é que não posso fazer nada, a não ser demonstrar para a minha garota que sou apaixonado por ela. Que não há a menor chance de estar com outra mulher senão a que eu amo. A minha sorte é que Liz é forte pra caralho. Mesmo com todas essas merdas, ela não foge e nem se intimida. Isso só me faz ser mais louco ainda por aquela mulher.

— Você é sortudo, irmão. Fico feliz que tenha encontrado a sua *Señorita*.

— Você também pode ter isso, sabe? Só depende de você e do seu orgulho idiota.

Ele revira os olhos e parece refletir, antes de dizer:

— Vou respeitar a decisão da Dani. Vamos ver o que acontece.

— Se você diz...



Entro em meu quarto e meu coração quase salta pela boca. Tranco a porta no automático e absorvo a visão que se desprende à minha frente.

Liz está de costas para mim, olhando para a festa à distância, vestindo nada além de uma lingerie vermelha, toda de renda e deliciosamente pecaminosa.

Ela sabe que adoro vermelho. Em seu corpo, então, a cor fica perfeita. Os longos cabelos estão presos em um rabo de cavalo alto, expondo o fecho do sutiã rendado, e a calcinha, que possui duas tiras finíssimas de cada lado, é minúscula, deixando a bunda, que tanto amo, mais chamativa do que o normal.

— Perfeita — digo em um fio de voz quando dou um passo em sua direção.

Assim que recebi sua mensagem, dizendo que estava me esperando, deixei Smith sozinho e vim correndo.

Como se tivesse notado minha presença só agora, ela se vira, sem pressa, e posso jurar que o ar sumiu dos meus pulmões.

— Caralho! — É a única palavra que consigo pronunciar.

O sutiã, repleto de tiras e renda, é completamente transparente, deixando seus mamilos durinhos visíveis e a calcinha

possui o mesmo efeito. Chego a salivar só de ver sua boceta depilada revelada pela renda.

Para completar, Liz está usando um acessório dourado na cintura fina, como se fosse uma corrente, o que a deixa incrivelmente sexy, e nos pés pequenos e lindos, uma sandália preta de salto alto.

— Gostou?

Ela tem a audácia de perguntar se gostei. Abro um sorriso fraco, afetado demais para conseguir transmitir o que estou sentindo, e digo:

— Você me deixou sem palavras.

Minha morena morde o lábio inferior, os lábios vermelhos se insinuando para mim, e meu pau lateja dentro da cueca.

— Isso é bom — murmura, caminhando em minha direção.

O que Liz tem de baixinha, tem de ousada, o que só comprova que tamanho não é documento. Eu, com meus 1,90m, estou completamente rendido pela minha garota de 1,57m. Mesmo com seus habituais saltos, a diferença entre nós é grande, mas o que importa é que na horizontal encaixamos perfeitamente.

Ela fica a um palmo de distância de mim e olha para baixo, toda desinibida, e quando encontra o volume em minha calça abre

um daqueles sorrisos que me deixam louco.

— Você gosta de ver seu homem *armado*, não é? — provoco.

— Adoro.

Levo minha mão à sua nuca e a trago para mim, mordendo e chupando seus lábios gostosos e sou surpreendido quando sua mão atrevida alcança meu pau. Sem desviar sua atenção, ela massageia toda extensão, deixando-me ensandecido.

Liz me deixa louco.

Sedento.

Ela me aperta por cima da calça e solto um grunhido em sua boca. Antes que perca a razão, seguro seu rosto com as mãos e a olho intensamente, bêbado de prazer, total e irremediavelmente enfeitiçado:

— Eu te amo pra caralho, amor. Não sei o que fiz pra te merecer, mas nunca vou te deixar ir embora.

— Eu te amo mais, meu lindo, e você não vai se livrar tão fácil de mim.

Libero minha fome e me banqueto de Liz Pérez, sem deixar um único espaço de pele livre do meu toque.

Porque ela é minha e eu...

Porra, eu sou todo dela!

Liz Pérez

Posso dizer que meu plano foi concluído com sucesso.

Neste momento, Matt e eu estamos recuperando o fôlego depois de ficarmos *ocupados* por horas. Tanto que nem ouço mais o som da festa.

Na verdade, parece que houve outra festa por aqui.

Há papéis e livros espalhados no chão, os lençóis saíram do colchão, uma verdadeira bagunça, mas a única que amo. A sensação de satisfação é sem igual. Nossos corpos nus estão entrelaçados, minha perna está jogada na cintura de Matt, meu braço em seu peitoral, enquanto sou aninhada entre seus braços enormes. Não há outro lugar em que gostaria de estar.

Depois da conversa com a Dani, resolvi fazer uma surpresa para o meu namorado, só não esperava que ele se empolgasse tanto, a ponto de ignorar quando Damon Smith bateu à porta e disse que estava caindo fora. Não sei se ele e Daniela se entenderam ou se foi curtir com outras garotas.

Pensar nos dois me faz refletir. É tão óbvio que Dani está apaixonada, mas é como se não quisesse enxergar o que está bem

à sua frente. Também já tive meus medos, minhas preocupações, mas a vontade de arriscar foi maior e aqui estou, com o homem que pode muito bem ser o amor da minha vida.

E se eu não tivesse arriscado? Será que a vida me esperaria decidir? Ou há uma ampulheta que determina o tempo para cada coisa acontecer?

— Você acha que um dia vamos nos cansar um do outro? — indago, baixinho, delineando a serpente tatuada no peito de Matt com os dedos. — Sei lá. Às vezes me pergunto se o amor tem início, meio e fim ou se a ideia de “felizes para sempre” realmente existe. Tudo é tão finito hoje em dia, com prazo de validade já definido.

Sua mão aperta minha cintura e em seguida faz um carinho gostoso até o meu ombro, percorrendo minha clavícula, descendo até meu mamilo direito. Os dedos longos circulam a pele sensível em volta, enrijecendo o biquinho.

Por um minuto, perco a linha de raciocínio, mas sua voz grave me traz de volta, arrepiando todos os pelos do meu corpo:

— Acho que antes de pensarmos lá na frente, devemos viver um dia de cada vez. Vejo muita gente pensando demais, se precavendo demais, e deixando o tempo passar. — Seus dedos

abandonam meu seio e seguram meu queixo delicadamente para que o encare. — O que eu sei é que nunca estive tão feliz em toda a minha vida. Com você, o passado não me assusta. Finito ou não, isso aqui — Matt aponta de mim para ele — é apenas o começo. Não me pergunte como, mas eu sinto. Já você... pode ser que esteja se cansando de mim.

Sorrio, preguiçosa, e coloco uma mão em seu rosto lindo.

— “Nós dois” é a coisa mais certa que já me aconteceu.

Matt se curva e me beija com languidez, envolvendo minha língua com a sua. Sua mão volta para o meu seio, apertando a carne ao mesmo tempo em que solto um gritinho de excitação.

— Tão receptiva.

— É o que você faz comigo.

— Aposto que já está molhadinha.

— Basta estar ao seu lado, querido.

Ele solta um grunhido, literalmente, e me divirto com a capacidade que tenho em liberar seu instinto animal.

— Amor, não adianta me provocar. Se eu te foder mais uma vez, vou te machucar, e se isso acontecer vou me sentir mal pra cacete. Então, me fala qualquer merda pra tirar a sua boceta gostosa da cabeça.

Matt tem um lado ogro que me excita pra caramba, mas quando assume seu lado cuidadoso meu coração se aperta de tanto amor.

Beijo sua boca e me lembro de um assunto que pode ajudar na nossa distração.

— Você falou com o Damon na festa?

Ele estreita os olhos azuis, sondando.

— Por quê?

— Porque quero saber se ele estava tranquilo ou meio agitado.

Matt fica alguns segundos me analisando, até que dispara:

— Pelo visto, a conversa com a *Brasil* teve a ver com isso.

— Teve, mas não vou contar até você me responder.

— Smith veio conversar comigo e estava agitado — declara, sem dar muitos detalhes.

— Eu sabia! — vibro. Ergo meu corpo na cama e me apoio no cotovelo. — O que ele falou com você?

— Só vou te contar se me disser o que está acontecendo.

Solto um longo suspiro. É justo. Daniela é minha amiga e Damon é como um irmão para ele. Não quero abrir a vida da minha amiga para Matt, mas se não fizer isso, nunca vou saber o que os

dois conversaram e, conseqüentemente, não terei como ajudar a Dani.

— Daniela acha que está apaixonada por Damon.

Meu namorado começa a rir e a risada se torna uma gargalhada.

— O que é tão engraçado? — pergunto, enfezada.

— Porra! Eu sabia! — diz, batendo no colchão.

— Sabia o quê?

— Os dois estão loucos um pelo outro e não querem enxergar.

— Eu tinha minhas dúvidas em relação a Damon, mas agora sei que estava certa.

— Smith veio me perguntar como descobri que estava gamado por você.

— Nossa, bem direto.

— Na hora, pensei que fosse uma brincadeira do filho da mãe, mas ele estava todo sério, como nunca o vi.

— Deve ter sido por causa da decisão da Dani, sobre pararem de sair.

— E foi. Ele me contou que foi pego de surpresa. Resumindo, o cara está louco por ela. Agora você está confirmando o que imaginei, a garota também está na dele e por isso decidiu se afastar.

— Ela está com medo.

— Mais uma vez, acertei.

— Quando você se tornou tão sabichão? — brinco.

A diversão se dissipa do seu rosto e sua mão acaricia minha bochecha, levando alguns fios de cabelo para trás da minha orelha.

— Eu vejo o que você passa por estar comigo, Liz, e sua amiga também deve ver. Não é todo mundo que consegue lidar com essas merdas, por isso sou sortudo pra caralho por ter uma mulher como você ao meu lado. Guerreira, amorosa, destemida, e, principalmente, que me ama.

— É por te amar que aguento tudo de cabeça erguida, Matt. Porque quando você me olha, vejo o mesmo amor nos seus olhos. O que os outros fazem ou deixam de fazer não é maior do que o que temos. O resto é resto.

— Não fala assim... — ele pede, com uma expressão sofrida e sei que já está cheio de tesão.

Se não tivéssemos abusado da dose de sexo, eu não estaria tão dolorida e Matt já teria voado para cima de mim.

— O que foi? — Pisco os olhos fingindo inocência e arranho seu abdômen, o que o faz chiar.

— Você é o meu ponto fraco, mulher.

— Sou é?

Desço mais a mão e encontro seu pau ereto e já melado.
Delicioso.

Ele geme meu nome e isso me motiva a continuar. Movimento-o para cima e para baixo, rápido, sem deixar de olhar para o seu rosto. Meu namorado se contorce de prazer, apertando minha cintura com um braço e a outra mão alcança meu mamilo intumescido, beliscando-o no processo.

Já estou molhada, mas preciso dar uma folga para a *amiguinha* lá embaixo, o que não quer dizer que não possa aproveitar o resto da noite de outras formas.

É esse fogo desvairado que Matt Stevens me causa.

Minha mão pequena não consegue se fechar completamente em seu pau grande e grosso, mas tenho meus artifícios. Passo meu polegar em sua glândula rosada, que não para de babar, e o masturbo com força, do jeito que ele adora. Acomodo-me de um jeito que consigo levar a outra mão em suas bolas, apertando e aliviando. O som de satisfação de sua boca me incentiva.

Matt me pega pela nuca e me beija como se estivesse fazendo amor com a minha boca e não contendo um gemido. Minhas mãos não param de trabalhar, focadas em dar prazer.

— Porra... O que você faz comigo, mulher? — ele balbucia entre meus lábios, agarrando meus cabelos com força e pressionando meu seio com a mão grande.

A última coisa que estou sentindo neste momento é dor.

A combinação do beijo lascivo e das minhas mãos trabalhando sem parar o levam ao limite e Matt goza entre urros e comandos.

Só diminuo a velocidade e a pressão do meu aperto em seu pau quando percebo que ele começa a ficar mais sensível. Subo e desço lentamente, até que se recupere.

— Você acaba comigo, Liz. Até tento me controlar, mas descobri que a minha gata é tão insaciável quanto eu.

— É que adoro ver meu namorado perdendo o juízo.

Ele sobe o tronco de repente, sentando-se na cama e, quando menos espero, está entre minhas pernas, com a cabeça na altura da minha virilha. Seu sorriso é pura malícia e sua língua passa lentamente pelos lábios vermelhos, me fazendo uma promessa silenciosa.

É claro que ele não ficaria por baixo.

— Agora é a minha vez, amor. Aqui se faz, aqui se paga — sentencia.

Quem sou eu para reclamar, não é?



CAPÍTULO 14

Porque você sabe como me dar
Você sabe me puxar de volta
Quando estou fugindo, fugindo
Tentando escapar de amar você
Você sabe como me amar com força
Não vou mentir, estou me apaixonando muito
Sim, eu estou me apaixonando e não há nada de errado com isso

YOU DA ONE, RIHANNA

Daniela Lima

Tive a noite toda para pensar e ainda não cheguei a uma conclusão do que vou fazer em relação a Damon. A conversa com Liz foi muito boa, porque ela, mais do que ninguém, entende o que estou passando, mas não foi o suficiente. Enviei uma mensagem para Carla de manhã e, pelo visto, a noite foi boa, porque até agora, três horas da tarde, ela não me respondeu.

Decido pensar nas complicações da minha vida amorosa amanhã. Hoje é domingo, dia de descansar, colocar a cabeça no lugar e aproveitar minha própria companhia. Com minha *hermanita* passando o final de semana com Stevens e Mike fazendo um extra na cafeteria, não me resta muita opção.

Coloco o notebook na cama e tento escolher algum filme para assistir na *Netflix*, só que nenhum chama a minha atenção. Ouço algumas meninas conversando do lado de fora do quarto, rindo e trocando confidências, e logo me lembro de Jessica, a irmã de Nicole, que morava aqui no apartamento. Ela não aguentou a pressão das pessoas perguntando sobre o paradeiro de sua irmã e decidiu sair da Universidade também. É horrível como a maldade reflete não só na pessoa que fez o ato, mas em todos ao seu redor.

Continuo procurando um filme quando meu celular começa a vibrar. Olho para a tela e abro um sorriso. Sua ligação aos domingos é de lei, mas nunca deixo de sentir um quentinho no coração quando ouço sua voz.

— Oi, pai!

— *Oi, filha. Como você está?*

— Estou bem. Deitada, procurando algum filme para assistir.

— *Um domingo de preguiça. Não tem nenhum trabalho da faculdade?*

— Está tudo em dia. Sua filha é uma garota aplicada.

— *Ah, disso não tenho dúvida.*

— Como está tudo por aí?

— *Está tudo bem. Ontem fui à praia. O mar estava uma delícia e você não vai acreditar.*

Ele foi à praia? Não é possível. Engulo a emoção e prossigo com a conversa.

— O quê?

— *Joguei futevôlei.*

— Mentira! — Desta vez não consigo disfarçar o choque. Faz muito tempo que o meu pai não tira um momento para se divertir.

Cheguei a me perguntar se um dia ele voltaria a ser aquele homem alegre e divertido que era quando minha mãe estava entre nós.

Ele ri da minha reação, parecendo mais leve, e isso me traz um alívio sem tamanho.

— *Pois é, seu velho ainda joga bem.*

— Ah, para com esse negócio de velho que você está todo inteirão.

É verdade. Meu pai tem 45 anos e é um homem que chama a atenção da mulherada. Negro, alto, corpulento e com um sorriso lindo.

— *E você, filha? Tem alguma novidade?* — ele pergunta e saio do meu estupor.

— Nada de novo no paraíso. Muitos trabalhos para apresentar, livros para ler, a Liz tem dormido na casa do namorado, então fico mais tempo sozinha, enquanto não começo a trabalhar. Tudo certo por aqui.

— *Só isso mesmo?* — insiste.

Penso por um instante se devo me abrir em relação ao que vem me atormentando, mas não quero preocupá-lo à toa. Ele está a milhares de quilômetros de distância e já tem coisas demais na

cabeça. O dramalhão bobo da minha vida não precisa ser compartilhado.

— *Desembucha, Daniela.*

É claro que ele não ignoraria essa pequena pausa. Quando Emerson Lima me chama pelo nome é porque não quer ser contrariado.

— Não é nada de mais, pai.

— *Quando você vai aprender que tudo sobre a minha filha importa para mim? Já basta não ter você por perto, não me deixe de fora da sua vida.* — Ele hesita, mas continua: — *Não sou sua mãe, mas posso ser um bom ouvinte e amigo, se me permitir.*

Sinto um aperto no peito ao ouvir suas palavras e meus olhos se enchem de lágrimas.

— Desculpa, pai. — Endireito-me na cama e declaro: — Não tive a intenção de te afastar.

Sua voz sai baixa quando diz:

— *Não precisa se desculpar, filha. Eu sei que não dei o melhor exemplo quando nosso mundo virou de cabeça para baixo. Enquanto eu deveria cuidar de você, foi você que cuidou de mim. Sei que se preocupa comigo, que acha que não estou pronto para*

seguir em frente, mas estou caminhando, Dani. Um passo de cada vez. Tenha um pouquinho de fé em mim.

Lágrimas rolam pelo meu rosto e aceno a cabeça, como se ele estivesse me vendo. Por sorte, meu pai é uma negação com tecnologia e não se dá bem com videochamadas, senão veria como estou e, aí sim, seria tomado pela culpa.

— Eu tenho fé em você, pai — digo assim que me acalmo. — Só achei que seria besteira falar dos meus problemas bobos.

— *Se está tirando a sua paz, não são problemas bobos. Quero saber de tudo. Vamos, me conta.*

Meu pai está certo. Preciso me abrir mais com ele, afastar esse receio de decepcioná-lo ou de achar que não vai me entender. Ele é o meu pai, a única família que me resta. É importante que ele saiba que também é meu amigo.

— Estou saindo com um cara — disparo.

Ele fica em silêncio e pigarreia antes de falar:

— *Uau! E é sério?*

— Aí é que está. Comecei a sair com ele na intenção de ser algo casual, mas acabou se tornando mais do que isso.

Ele dá uma risadinha.

— *Entendo. A gente tem a mania de querer controlar as coisas, mas, na verdade, não temos o controle de nada.* — Não poderia concordar mais com isso. — *E o rapaz? Te trata bem?*

Sempre tão cuidadoso.

— Sim. O nome dele é Damon Smith e joga no time de futebol americano da faculdade. É um daqueles caras populares e está no último ano de Administração.

— *Um jogador? Você só me surpreende, Dani.*

Nós dois rimos, dispersando de vez o clima pesado de minutos atrás.

— Aconteceu, pai. Nem imaginava que o primeiro cara que eu sairia aqui seria um *famosinho*. — Omito a parte do *pegador*, porque, acima de tudo, é com o meu pai que estou falando.

— *Ele está no último ano da graduação ou da pós? Sempre me confundo.*

Solta uma risada porque é normal fazer essa confusão. Eu mesma custei a entender que aqui nos Estados Unidos os cursos de Medicina, Direito, Medicina Veterinária e alguns outros são divididos em duas partes. A graduação — quatro anos estudando matérias gerais, e tem até formatura — e a pós-graduação — com matérias

específicas da área escolhida —, que pode ser de três anos ou mais, dependendo do curso.

A Liz, por exemplo, além dos quatro anos de graduação, vai estudar mais três para se formar em Direito. Eu farei mais quatro para me formar em Medicina. Já os cursos de Damon e Kellan — Administração e Publicidade, respectivamente —, não precisam de pós, ou seja, eles se formarão em definitivo em alguns meses. Sortudos, eu sei. Só Stevens ficará para trás, pois vai iniciar a especialização em Direito.

— O curso dele não precisa de pós — respondo sua dúvida.

— *Ah, entendi! Significa que está prestes a deixar a Universidade.*

— Isso. Ele quer ser jogador profissional.

— *Uau! Então, o garoto deve ser bom no que faz.*

— Damon é uma das estrelas do time e tem grandes chances de ir para algum clube de renome um dia.

— *Isso é realmente muito bom. E vocês já decidiram como vão ficar?*

Parece que estou sendo entrevistada e percebo que nunca parei para pensar em certos assuntos, como no fato de que em poucos meses Damon não estará mais em Yale. Na verdade, não

sei bem como devo me sentir. Se feliz por não ter que lidar com o nosso rolo nada convencional ou triste por não o ver mais.

— Quando percebi que as coisas estavam indo longe demais, eu... — faço uma pausa, porque toda vez que falo isso em voz alta sinto um gosto amargo na boca — ... falei pra gente parar de sair.

— *Ah, minha filha! Você ficou apavorada, não é?*

— É complicado. Nós somos de mundos diferentes.

— *Mundos diferentes? Desde quando isso é um obstáculo? Quando conheci sua mãe, ela era a garota branca rica da Zona Sul e eu um garoto negro da favela. Quer mais obstáculo do que isso?*

Às vezes, me esqueço que meus pais nem sempre tiveram uma vida boa. Eles lutaram contra o preconceito, tanto de cor quanto de classe social, e só depois de se casarem é que a vida deles começou a melhorar.

Meus avós maternos relutaram, mas com o tempo acabaram aceitando o relacionamento dos dois. Infelizmente, quando eu ainda era pequena, eles faleceram em um acidente de carro e minha mãe herdou todos os bens.

Meu pai trabalhava como corretor de imóveis, e era um dos bons, e minha mãe era formada em Administração. Com uma parte da herança — a maior parte ficou guardada para os meus estudos

— os dois resolveram abrir uma Corretora de Imóveis e a empresa dá muitos frutos até hoje.

O que mais me impressiona na relação dos dois é que mesmo com todas as dificuldades que passaram, eles não deixaram que nenhum fator externo abalasse o amor que nutriam um pelo outro. Minha sábia mãe dizia que para viver um grande amor não pode haver espaço para dúvidas e que foi essa certeza que deu a coragem necessária para que enfrentassem a tudo e a todos, juntos.

Será que algum dia viverei um amor assim? Confesso que duvido. Neste momento estou me sentindo uma grande covarde por preferir fugir a me entregar.

— *Me diga a verdade, você gosta do garoto?* — A pergunta me traz de volta à realidade.

— Gosto, mas não sei se estou preparada para um relacionamento.

— *E ele? Sente o mesmo que você?*

— Não sei. Às vezes acho que sim, às vezes acho que não. O que sei é que ele não esperava que eu terminasse com nosso rolô tão de repente.

A imagem de Damon assimilando minha decisão, perplexo, aparece em minha mente e sinto um aperto no peito.

— *Entendo. Filha, se vocês se gostam, não vejo motivos para não continuarem se curtindo.* — Fico surpresa com sua fala descolada, mas permaneço quieta. — *Depois do que aconteceu com a nossa família, passei a refletir mais em como perdemos oportunidades por darmos lugar ao medo e às inseguranças. Você é uma menina maravilhosa e está se tornando uma mulher incrível. Inteligente, dedicada, linda, educada, cresceu com uma ótima criação. Você só deve ser fiel à sua essência, filha. Não deixe que o medo te aprisione. Sei que o normal seria te dar um sermão, dizendo que deve focar nos estudos, mas, querida... a vida é curta demais. Se você está em dúvida quanto à sua escolha, é porque essa história não chegou ao fim.*

— Mas e se...

— *Dani, confie no seu instinto, no que o seu coração diz. Não pense tanto na lógica, no que os outros vão pensar ou dizer, porque só se vive uma vez. Se não der certo, pelo menos você vai saber que tentou.*

Não sei nem o que dizer.

O conselho que eu tanto precisava veio logo do meu pai, um homem que perdeu o amor da sua vida e se trancou por meses, em negação.

A melhor coisa foi ter me aberto com ele.

— Obrigada, pai. Você não tem noção de como me ajudou. Sinto que tirei um peso das costas.

— *Estou aqui para a minha filhinha. Não são milhares de quilômetros que vão nos separar.*

— Eu te amo tanto.

— *E eu te amo infinito, minha filha. Tire o domingo para descansar. Amanhã é um novo dia.*

— Vou sim, pai. Fique bem.

— *Eu vou ficar. Sempre fico.*

Assim que desligo a chamada, fixo meu olhar para o teto por alguns minutos e, enfim, tenho o meu veredito.

Damon Smith

Estou andando como um louco em volta do *Old Campus*, próximo ao dormitório da Daniela. Algumas calouras já notaram a minha presença e sequer disfarçam os olhares maliciosos para cima de mim.

Foda!

Tenho certeza de que deixei meu juízo e meu orgulho em algum lugar, porque o que estou prestes a fazer vai além do meu entendimento.

Passei a noite toda com um incômodo filho da puta no peito, tanto que nem dormi direito. Pensei que conseguiria agir normalmente depois do primeiro fora que levei na vida, mas me fodi bonito.

Tentei sair com outra garota, mas na minha mente só vinha a brasileira, com seu olhar felino, corpo escultural e boca atrevida. Então, antes que fosse tarde demais, deixei a menina em casa — e ela não ficou nada feliz — e fui caminhar pelas ruas em torno da Universidade.

Pensando, pensando e pensando.

É só o que venho fazendo desde que a morena me descartou.

Descartou.

Que merda dramática. Ela apenas teve mais coragem do que eu.

Agora estou aqui, a poucos metros do seu apartamento, e nem sei se ela está no quarto. Só de pensar que pode estar com outro cara meu sangue ferve. Há algo de muito errado comigo. Essa pressão no peito que não diminui.

Porra!

“Você está em negação.” As palavras de Stevens me assombram de minuto a minuto. Posso estar mesmo em negação, mas não vou deixar que isso mude a minha personalidade, quem eu sou. O que estou sentindo é novo, diferente, e preciso ir com calma.

O dia está mais gelado do que ontem, por isso vim todo equipado. Casaco, blusa de manga comprida, gorro e calça moletom. Depois daqui, dependendo do que acontecer, vou direto para a academia.

Sigo para o meu destino e sem perder tempo, aperto a campainha.

Uma garota loira, pequeninha — que poderia muito bem fazer par com a *Señorita* — abre a porta e fica sem reação. Não é a primeira vez que a vejo por aqui, porém não me lembro do seu nome.

— Oi, tudo bem? Gostaria de falar com a Daniela.

A menina continua parada, como se estivesse em transe e fico sem saber o que fazer. Por isso, resolvo insistir para saber se ela realmente me ouviu:

— Você sabe me dizer se a Daniela está?

— Oh... E-eu vou ver. S-só um minuto.

Ela se vira e me forço para não rir do seu choque. Às vezes me esqueço do efeito que causo nas pessoas, da fama que carrego nas costas, porque Daniela nunca me olha dessa forma. Pelo contrário, ela me olha como uma igual.

Minutos se passam e Daniela aparece na minha frente usando pijama de frio e óculos de grau. Ela está com uma de suas laces longas e cheias, esta particularmente a deixa ainda mais linda e selvagem. Aposto que estava fazendo algum trabalho ou assistindo a algum filme. Ter a consciência de que a conheço tão bem só me faz ter certeza da minha vinda.

A brasileira franze o cenho ao me ver e agradece a menina que a chamou.

— Damon, não esperava te ver hoje. Está tudo bem? — pergunta.

— Tudo bem, sim. Você está ocupada?

— Não. Pode entrar.

Ela abre espaço e me deixa entrar.

Tiro o gorro, grato pelo aquecimento central do apartamento, e a morena me leva até o seu quarto.

— Não repara na bagunça, porque tirei o dia para descansar.

— Não precisa se preocupar. Não é como se eu fosse um estranho, Dani.

Ela abre um sorriso de lado e esse gesto me atinge em cheio. Bem no lado esquerdo do peito.

Porra, essa garota me deixa louco!

— É verdade — ela concorda e se acomoda em sua cama. — Senta aí. — Aponta para o colchão de Liz e me sento na beirada.

— Sabia! — digo, assim que vejo seu notebook pausado em algum filme.

— Não entendi.

— Sabia que você estava assistindo alguma coisa ou estudando. — Aponto para seus óculos e só então parece perceber que está com eles.

— Oh! Pois é. Demorei a encontrar alguma coisa que chamasse a minha atenção, por fim me rendi ao bom e velho *The Vampire Diaries*.

— Aposto que o seu preferido é aquele tal Damon Salvatore.

Sorrio, sabendo que a surpreendi.

— Olha! Alguém aqui já assistiu.

— Não sou idiota. Essa série era uma febre. Não demorou muito para entender que a história girava em torno de dois irmãos

vampiros apaixonados pela mesma garota.

Daniela ri e balança a cabeça.

— Assim você desmoraliza a minha série favorita. Tem muito mais do que isso, mas não está de todo errado.

— Eu sei que não — afirmo e pisco para ela. — E aí? Não vai me dizer qual é o seu irmão favorito?

Ela morde o lábio inferior e esboça um pequeno sorriso.

— Com certeza é Damon Salvatore.

— Não falei? Damon's são fodas.

Os olhos verdes rolam para cima, como sempre acontece quando falo alguma merda, e ela não consegue segurar a risada, o que me faz rir também.

De repente, me lembro do que vim fazer e minha expressão se torna séria. Daniela percebe a mudança e sua garganta faz um movimento como se estivesse engolindo em seco.

— Espero que não esteja atrapalhando, mas serei rápido.

— Sem problemas, Damon. Como eu disse, só estava descansando.

— Te procurei na festa ontem, mas você já tinha saído...

Deixo a insinuação no ar, sem ter coragem para perguntar se ela foi embora com alguém.

— Depois de conversar com a Liz, vim para o apartamento.

— Humm...

— E você? Curtiu bastante?

Não ignoro o tom desconfiado.

É como se estivéssemos esperando quem vai ceder primeiro.

Como não respondo, ela supõe o pior:

— Não vou ficar chateada se você me disser que saiu com alguém...

— Eu não saí com ninguém — nego de imediato.

Ela fica calada e assente.

— Você veio para o apartamento sozinha ou acompanhada?

— Sei que não tenho direito de fazer essa pergunta, mas não vou continuar fingindo que não me importo.

Daniela me encara.

— Não que seja da sua conta, mas vim sozinha.

Alívio me invade e seu semblante suaviza.

— Dani...

— Damon...

Falamos juntos e damos risada da sincronia.

— Pode falar — ela pede. — Você veio até aqui, tem prioridade.

Sem perder tempo, aproveito a deixa:

— Dani, tive muito tempo para pensar no seu pedido. Confesso que se fosse um tempo atrás, eu *ligaria o foda-se* e respeitaria a sua decisão, mas de alguma forma você mexe comigo. — Ela parece surpresa, mas não paro. — Sempre deixei claro que nunca namorei ou me importei com alguma mulher a ponto de me comprometer, mas aqui estou eu, disposto a fazer uma proposta que seja boa para nós dois.

Agora, ela está tão concentrada que nem pisca. Imagino que deve ser quase inacreditável ouvir Damon Smith se abrir. Nem eu estou acreditando.

— Entendo o seu medo, seus receios de não querer ter algo a mais comigo. De verdade, compreendo. Conversar com Stevens abriu meus olhos e por mais puto que eu tenha ficado ao saber que você pode virar um alvo, não consigo parar de pensar que o nosso *rolô*, como você gosta tanto de falar, não acabou.

Levanto-me da cama e sigo em sua direção, abaixando-me até ficar de frente para ela.

— Dani, não quero parar de sair com você. Não garanto que não vou fazer um monte de merda, mas posso te garantir que será gostoso. Como sempre foi. Não precisamos denominar, rotular, nada

disso. Vamos deixar acontecer. A gente se entende desse jeito, não tem por que dificultar. O que acha?

Prendo a respiração e aguardo sua resposta.

— O que você fez com o Damon babaca?

Sua pergunta faz toda a tensão se dissipar e caio na risada.

— Ele continua aqui, gatinha, mas só aparece no momento certo. — Pisco para ela.

— Damon, antes de você chegar, eu já tinha tomado uma decisão e estava disposta a falar com você amanhã, mas a sua vinda só pode ter sido um sinal, porque eu iria sugerir exatamente isso. Vamos deixar rolar. Descobri que a sua companhia me faz falta, muito além da nossa relação entre quatro paredes, só não sabia que estávamos na mesma página.

— Nós estamos. Pode acreditar. — Acaricio sua bochecha com o dorso da mão e ela fecha os olhos.

— E quando você se formar? — ela sussurra, abrindo os olhos devagar. — Até hoje de manhã nunca havia pensado nisso.

— Um passo de cada vez, *baby*. Primeiro, precisamos ver como vamos lidar com essa nova fase.

— Você tem razão. Um passo de cada vez.

É como se todo o ar que eu estivesse prendendo finalmente saísse dos meus pulmões.

Porra, que alívio!

Nós dois sorrimos como dois bobos e quando estou prestes a beijá-la, o barulho de um celular corta o clima.

Daniela se vira e olha para o aparelho, franzindo a testa ao ler a mensagem na tela.

— O que foi? — pergunto.

— Recebi uma mensagem da Carla. Estava tentando falar com ela desde cedo, mas só agora me respondeu.

— E por que você fez aquela careta? Aconteceu alguma coisa?

— Acho que sim, porque ela disse que teve uma noite horrível e está pedindo para eu não tocar mais no nome de Kellan perto dela. Então, imagino que a merda tenha sido grande.

— Porra! — Fico de pé e passo as mãos no cabelo. — Jordan estava curtindo o lance com a Carly, não tenho ideia do que pode ter acontecido.

— Pois é. Vou me encontrar com ela — Daniela diz, levantando-se da cama. — A gente se encontra amanhã?

— Posso passar aqui mais tarde, se quiser...

— Por mim, tudo bem.

Chego mais perto e me curvo para beijar sua boca gostosa. Ela fica parada, apenas esperando, os olhos fechados, lábios entreabertos.

Linda pra caralho!

Tiro seus óculos, jogo a armação na cama e rapidamente volto minha atenção para ela.

Minha língua pede licença, lambendo seu lábio inferior, depois o superior, e logo estamos nos beijando como dois famintos, mordendo, sugando, minhas mãos seguram seu rosto, as dela apertam minha bunda, colando nossos corpos, e quando Daniela geme, a minha vontade é jogá-la na cama, tirar sua roupa, chupar seus mamilos deliciosos e foder sua boceta pelo resto da tarde, mas não farei isso. Nós temos uma situação para resolver.

— Mais tarde... — sussurro em seus lábios. — Mais tarde nós continuamos.

Trêmula, ela concorda e se afasta.

— Você jura que se um dia esse nosso rolo não estiver mais funcionando, você será sincero comigo?

— Eu juro, *baby*.

PARTE 2

ATUALMENTE



CAPÍTULO 15

Eu prometo

Prometo a mim a não voltar ao velho hábito

Porque coração partido é experiente

E o amor é uma vadia

TWO FEET, LOVE IS A BITCH

Daniela Lima

Ainda não consigo acreditar na beleza deste lugar.

Só Deus sabe como estava precisando de uma pausa.

Estamos em junho, no que os americanos chamam de *Summer Vacation*, as férias de verão, e em agosto inicio meu último ano de Medicina. Diferente do Brasil, o ano letivo nos Estados Unidos começa em julho/agosto.

Quase oito anos em Yale.

Uma vida estudando.

E pensar que para seguir o meu sonho de ser pesquisadora científica, estudar será como respirar e comer, parte essencial da minha vida. A questão é que, além de ser meu sonho, eu me encontrei, por isso, para mim, não é um fardo. Até a residência, que achei que seria ruim, estou gostando bastante.

Divido meu tempo entre o Hospital Yale-New Haven, um dos diversos hospitais afiliados da Universidade, e a faculdade de Medicina, por isso quase não sobra espaço para o lazer. O que faço, vez ou outra, é ir a um barzinho com alguns colegas, em frente ao hospital, após um plantão pesado ou quando estou de folga. Às

vezes, sinto falta de uma festinha, mas estou passando longe de fraternidades, que é onde tem as melhores.

Agora, deitada em uma espreguiçadeira, de frente para o mar azul-turquesa, que contrasta perfeitamente com a areia branquíssima, e um Mojito na mão, tento esvaziar a minha mente e tirar todo o nervosismo que venho sentindo. O frio na barriga que não me deixa, as mãos que insistem em suar frio.

Odeio essa sensação de vulnerabilidade, de não saber o que esperar.

Foco no real motivo de estar aqui e imediatamente fico mais relaxada. Nada pode tirar o brilho desta semana. Além do mais, não sei quando terei outra oportunidade de estar em um lugar paradisíaco por sete dias inteiros.

Só consegui essa folga porque tenho pouquíssimas faltas no programa de residência. Enquanto meus colegas viajam nas férias e feriados, eu trabalho, substituo um ou outro, assim vou ficando com créditos. A humilhada aqui finalmente foi exaltada.

Sete dias em um Resort All Inclusive em Aruba.

— Posso saber por que a senhorita não me chamou? — Uma voz conhecida interrompe meus pensamentos e afasto a aba do chapéu para vê-lo.

— Não quis atrapalhar seu sono.

Na verdade, minha intenção era passar um tempinho sozinha, apreciando a vista e bebendo meus bons drinques, sem ser julgada por ser apenas dez horas da manhã.

— O que menos quero fazer aqui é dormir, querida. Olha este lugar! Liz e Matt não poderiam ter escolhido destino melhor.

— Incrível demais, Mike. Estou fascinada.

Liz e Matt vão se casar!

Estou tão feliz por eles que qualquer outro pensamento que tente se impor a isso se torna insignificante. *Ou pelo menos tento fazê-lo se tornar insignificante.*

A cerimônia será daqui a três dias, mas eles vieram antes e deixaram à escolha dos convidados para quem quisesse, e pudesse, ficar mais dias no Resort. Afinal de contas, não é nada barato estar aqui. Eu mesma só consegui comprar o pacote de uma semana porque tive um ano para juntar grana. Ainda bem que a minha amiga avisou com antecedência.

Quando Stevens a pediu em casamento, há um ano e meio, o mesmo tempo em que estavam morando juntos, foi uma bagunça de áudios e mensagens de parabéns no grupo dos amigos. Como Mike, Carla, Damon e Kellan não estavam mais em New Haven, o

grupo foi formado para não perdermos contato, o que não quer dizer que nos falamos sempre e nem que todos os membros conversam por ele. No geral, é mais como um mural de avisos e anúncios.

— E a gatinha começou cedo os trabalhos — Mike cantarola, acenando o queixo para o meu copo.

Não falei?

— Quando estamos de férias não tem cedo ou tarde, bebê. Você acha que não vou aproveitar tudo por aqui?

— Você está mais do que certa, Dani — ele fala e me surpreendo positivamente. — O que foi? Achou que iria te julgar? Só estava brincando, até porque vou fazer a mesma coisa.

Ele pisca para mim e sorrio em resposta.

— Você vai adorar o Mojito — digo, erguendo o copo pela metade.

A aparência de Mike grita: sou gringo! Ele está com uma camiseta cavada azul-marinho e um short de piscina estampado que destacam sua pele leitosa.

Como estava sentindo falta da nossa convivência. Ele está em Nova York desde que se formou em História, continua dando aulas e divide um loft com David Crowe, o mesmo cara que o acompanhou

na minha formatura de graduação, há três anos. Eu os considero casados, apesar de se autodenominarem *namoridos*.

Nova York é relativamente perto de New Haven — 1 hora e 45 minutos de carro —, mas não nos vemos sempre. Tanto seu trabalho, como a minha vida acadêmica insana não permitem essa proeza. Porém não deixamos de conversar por mensagem quase todos os dias. E, claro, Liz e Carla também estão no pacote.

Entretanto, a Liz eu ainda consigo ver mais, porque estamos na mesma cidade. Pelo menos, por enquanto, já que ela terminou a especialização em Direito antes das férias e Matt recebeu uma proposta para ser sócio de um grande escritório na *Big Apple*. Tento não pensar muito na possibilidade de ficar sozinha depois de sete anos tendo a sua companhia, mesmo que indiretamente, mas não é fácil. Ela é como uma irmã para mim.

E por falar em Carla, ela chega amanhã. Como uma das principais *Cheerleaders* do *Buffalo Bills*, um time de futebol americano de Nova York, ela precisou acompanhar o time em um jogo importante ontem à noite e não conseguiu viajar conosco. Além disso, ela treina líderes de torcida em uma escola de Buffalo, cidade do estado de Nova York onde ela mora e que fica a seis horas de Manhattan e de New Haven. Para conseguir vir, ela precisou

adaptar sua agenda. Todos fizemos sacrifícios para estarmos aqui, mas a causa é mais do que nobre.

Um garçom anota o pedido de Mike e aproveito a oportunidade para pedir mais um drinque. Quando o rapaz se afasta, meu amigo vai para a espreguiçadeira livre ao meu lado e se deita.

— Você acredita que pensei que o nosso voo demoraria mais?
— pergunta.

— Sério? Quando fechei o pacote já tinha visto que seriam quatro horas e meia, por aí. Viajar de madrugada foi a melhor coisa que fizemos.

— Eu te disse que pegar o voo em NYC seria mais inteligente. Sempre tem mais horários.

— Pois é. Você sabe que tirei uma bela foto sua enquanto dormia, né?

— Você não é maluca. Até porque o que vai, volta.

Dou uma risada e balanço a cabeça.

— Estou brincando.

Mike revira os olhos, rindo da minha brincadeira, e como se tivesse se lembrado de alguma coisa, sua expressão fica séria. Ele me olha com tanta intensidade, que tenho certeza do destino dos seus pensamentos.

— Você está bem?

Eu sabia!

— Estou ótima. — Logo trato de desconversá-lo. — Você passou protetor? Já fico agoniada só de imaginar essa pele de porcelana toda queimada.

Ele solta um longo suspiro, ciente de que não conseguirá arrancar nada de mim agora, e passa a mão nos cabelos, que continuam platinados. Em todos esses anos, a única vez que o vi com os fios naturais foi quando nos encontramos em New Haven para um momento muito importante na vida de Liz e Matt, que hoje reflete nas nossas vidas também.

— Claro que passei protetor. Você sabe que não vai conseguir fugir por muito tempo, não é?

Em vez de respondê-lo, termino de beber meu Mojito delicioso até ficar só gelo no copo.



Duas horas depois, continuamos aproveitando o momento *relax*, de frente para o mar. David chegou meia hora depois de Mike e ficamos os três conversando, bebericando diversos drinques,

petiscando deliciosos quitutes, tudo incluso no pacote. Se tem vida melhor, desconheço.

O sol está tão forte que precisamos ficar debaixo dos guarda-sóis de palha, fixados na areia. A água do mar, não tenho nem o que falar. Está simplesmente perfeita. Morninha, calma e relaxante. Eu ficaria horas imersa se o sal não acelerasse tanto o processo de bronzeamento na minha pele. Se mantiver o mesmo ritmo nos dias que tenho pela frente, vou sair daqui mais preta do que já fui um dia. E quer saber? Amo a minha pele mais escura, mas odeio quando começo a descascar, por isso não paro de passar protetor e hidratante.

Mesmo com bastante creme, dá para notar que não será nada fácil domar meus cabelos, que atualmente batem na minha cintura. Quando finalmente completei a transição capilar, há alguns anos, por um período os usei mais armados, pois estavam curtos, mas depois que foram crescendo e pesando, percebi que a parte mais crespa dos meus fios era na raiz e não no comprimento, daí comecei a usar produtos próprios para deixá-los alongados na extensão — eles ficam com cachos grossos até a metade das minhas costas — e domados na raiz. Dá trabalho, não nego, mas

me sinto muito bem me aceitando como sou. Fora que, particularmente, me sinto mais bonita, selvagem. Adoro!

— Acho que podemos ir para a piscina — sugiro, querendo tirar o sal do corpo.

A área de lazer do Resort é imensa, repleta de coqueiros e gramados. Há duas piscinas enormes, sendo que em uma delas há um bar no meio, exatamente onde pretendo ficar.

— Está tão bom aqui — Mike responde, quase dormindo.

— Eu vou pra lá. Fiquem aí, mas se cuidem. O sol está forte demais.

— Pode deixar, mamãe — meu amigo zomba, fazendo David rir e não consigo segurar a risada.

Levanto-me da espreguiçadeira com cuidado, já que as bebidas me deixaram um pouquinho tonta, e visto minha saída de praia. Pego a canga, bolsa, a toalha grossa que o hotel disponibiliza para os hóspedes, coloco meu chapéu de palha e calço minhas *Havaianas*.

Não sei se é a hora, mas parece que todo mundo decidiu vir para a piscina. Encontro uma espreguiçadeira livre e coloco minhas coisas ao mesmo tempo em que outra pessoa joga uma mochila.

— Que merda é... — Paro de falar quando ergo minha cabeça e encontro um par de olhos cor de mel me encarando. Sério, não me lembro de ter visto olhos tão dourados um dia.

O cara fala alguma coisa, mas minha mente não processa.

Lentamente, desço os olhos para o seu corpo torneado e constato que não é só o seu rosto que é lindo.

— Oi, você está me ouvindo? — ele pergunta, em inglês.

— Oi, sim. Desculpe. Você pegou o meu lugar.

— Humm... acho que não.

— Como assim? Eu cheguei primeiro, você só jogou a mochila de longe.

— No máximo, houve empate.

— Cara, qual o seu problema?

Ele sorri e os dentes brancos contrastam com sua pele preta, linda e brilhosa de suor, ou será algum tipo de óleo? Eu achava que o negro mais lindo que conhecia era Kellan Jordan, mas vendo este cara, não sei dizer quem venceria em uma batalha.

— Meu problema é não saber o seu nome. — Aff. Essa foi realmente muito boa. Tanto que acabo rindo. — O que foi? Conteí alguma piada?

— Não, é que a cantada foi inesperada.

— Você gostou? — pergunta, todo galanteador.

O cara está sem camisa, então quando menos espero estou contando os gominhos do seu abdômen. Forço-me a olhar para cima e ele está sorrindo.

— Vamos dizer que foi legal.

— Humm... preciso me esforçar.

Rio novamente, mas meu lado racional fala mais alto.

— Olha, eu realmente quero ficar na minha, bebendo e relaxando. Você pode procurar outra cadeira?

O desconhecido me encara por alguns segundos, parecendo não acreditar na minha recusa, e acena com a cabeça antes de pegar sua mochila e se virar. Posso ter sido grossa, mas se não fosse desse jeito, ele continuaria tentando me seduzir e não estou aberta a joguinhos.

Aos 25 anos, considero-me mais exigente. Para chamar a minha atenção, precisa valer a pena, mais do que um corpinho bonito, porque eu sei o valor que tenho e quanto custa o meu tempo. A vida se encarregou de me ensinar que preciso me colocar em primeiro lugar, sempre.

Estendo minha canga na cadeira, guardo meu chapéu dentro da bolsa e a coloco embaixo da espreguiçadeira. Sem nada em

mãos, estou pronta para me molhar no chuveiro mais próximo a fim de tirar o sal do corpo.

Limpa e molhada, prendo o cabelo em um coque alto e entro na piscina. A água está uma delícia e caminho até o bar.

— Uma *piña* colada, por favor — peço em inglês.

Pesquisando sobre a viagem, descobri algo muito curioso sobre Aruba. É uma pequena ilha do Caribe Holandês, que fica ao longo da costa da Venezuela, e todos que nascem nesta ilha são holandeses. As línguas nativas são o holandês e o papiamento — nome estranho, eu sei, mas é isso mesmo. O inglês e espanhol também são bastante usados por aqui, por isso prefiro falar em inglês.

— Qual o número do quarto? — o rapaz pergunta para colocar no sistema.

— É 305.

Ele começa a preparar meu drinque e balanço meu corpo no ritmo da música que está tocando, sentindo-me maravilhosamente leve. Alguns caras me encaram, deixando mais do que óbvio que gostam do que veem, mas não dou bola. Sei que o meu biquíni vermelho é chamativo — produto do meu querido Brasil, claro —,

mas faço a egípcia. Como disse, não quero passar meus dias aqui agarrada com um homem.

— Aqui está — o *barman* anuncia, dando-me um copo caprichado de bebida.

Sugo o líquido gelado e docinho pelo canudo e aprovo o drinque.

— Está uma delícia — elogio.

Ele sorri, faz um sinal de *joinha* e começa a atender outro hóspede.

Isso aqui realmente está uma delícia. Decido voltar para a minha cadeira e quando saio da piscina, vejo uma pessoa que não esperava encontrar tão cedo.

Meu sorriso fica tão grande que minhas bochechas chegam a doer.

— *Hermanita* — grito, acenando uma mão, e minha amiga se vira, lançando-me um sorriso tão largo quanto o meu.

Ela caminha apressada — do melhor jeito possível com um peso extra nos braços — e deixo minha bebida nos pés da espreguiçadeira.

Quando Liz me alcança, abro os braços e falo mais alto do que pretendia, mas não estou nem aí:

— Cadê o neném da titia?

Royce agita os bracinhos e as perninhas, animado por me ver, e é inevitável me emocionar com sua alegria. Meu coração chega a acelerar de tanto que amo esse pingote de gente.

— *Hermana*, pensei que estivesse almoçando — minha amiga diz quando se aproxima.

— Estou comendo desde cedo.

Conto o que fiz toda a manhã e ela apenas ri, balançando a cabeça, entregando-me meu afilhado em seguida.

Sim, meu afilhado!

Royce Pérez Stevens me agarra como se sentisse falta de mim e posso jurar que é a melhor sensação do mundo. Nosso pequeno *Destroyer* fez um aninho dias atrás e é a coisinha mais fofa que já vi na vida. Ele é a minha alegria e não me canso de falar que tenho orgulho de ser madrinha desse bebê gostoso.

Loirinho e com olhos azuis claríssimos, Royce é uma miniatura de Matt. E pelo tamanho, acredito que logo, logo vai ultrapassar a mãe. O que não é muito difícil — você não pode me julgar por constatar uma verdade.

— Fico feliz que esteja aproveitando, amiga. Você merece por trabalhar e estudar tanto.

— Estou amando isso aqui, Liz. Nem sei como agradecer a ideia que você e Stevens tiveram.

— Estou achando que você só veio para curtir suas férias — ela brinca.

— Você sabe que não é verdade.

— Eu sei que não.

Seguro Royce com um braço e com a mão livre seguro a dela, entrelaçando nossos dedos.

— Estou tão feliz por você, Liz. Estar aqui é o céu, mas não seria tão perfeito se não fosse para comemorar a união de um casal que é uma vitrine pra mim. — Ela aperta minha mão e seus olhos ficam marejados. Os meus não estão diferentes. — Não vou falar tudo o que está no meu coração porque preciso guardar para o meu discurso de madrinha.

Ela solta uma risada alta e Royce pensa que é com ele, se agitando todo no meu colo.

Eu o seguro com as mãos e o levanto um pouco acima da minha cabeça.

— Você quer festa, é? Seu gostoso! — Ele se esbalda com a minha voz de criança e eu, rendida, apenas sorrio.

Como um ser tão pequenino pode ter tanto poder sobre nós? Isso porque nem sou a mãe. O amor é tão grande que parece que vai transbordar do peito.

Quando Liz descobriu que estava grávida, fui a primeira pessoa para quem ela ligou.

— *Amiga...* — ela disse, ofegante, por telefone. Lembro que era quase meia-noite e eu acordaria em poucas horas para estudar, então sabia que alguma coisa séria havia acontecido.

— *O que foi, hermanita?* — perguntei, assustada.

— *Eu acho... Eu acho que estou grávida. Comprei dois testes e os dois deram positivo. Vou fazer o exame de sangue amanhã, mas... os dois deram positivo, Dani. Você tem noção disso?*

Na hora, fiquei sem saber o que falar, mas assim que percebi que ela estava entrando em pânico, joguei meu choque para longe e a acalmei, pedindo que respirasse fundo. Aos poucos, ela foi voltando ao normal, dizendo que só precisava assimilar, porque estava assustada demais e não sabia qual seria a reação de Matt.

No final, deu tudo certo. Mais do que certo. Era para acontecer exatamente daquele jeitinho.

Liz foi uma guerreira. Compareceu às aulas até o último mês de gravidez e quando não conseguia mais andar direito, pelo peso

da barriga e os pés inchados, a Universidade providenciou aulas *on-line* para ela. O mesmo aconteceu em relação ao seu estágio. Sem falar em Stevens, que foi o perfeito cavalheiro para que não faltasse nada para sua amada. Não é à toa que, para mim, eles são uma vitrine, um exemplo perfeito de casal.

Em nenhum momento desses sete anos de relacionamento, eles deixaram que as adversidades da vida os engolissem. Em nenhum momento, eles pensaram em desistir do que tinham quando Stevens precisou viajar semanalmente para NYC. Em nenhum momento, eles deixaram de ser a prioridade um do outro.

Tento não trazer para mim ou as feridas que venho tentando a todo custo esconder serão expostas, então respiro fundo e volto minha atenção para o que mais importa neste momento, o garotinho lindo que está em meus braços, gargalhando e fazendo festa.

Até hoje custo a acreditar que Royce, tão grande e gordinho, saiu da barriga da minha amiga. Por conta do tamanho e do peso do bebê, precisaram fazer uma cesárea de última hora.

Além de Stevens, eu acompanhei o parto. Não apenas como amiga, mas como residente no hospital e juro que quase declinei minha carreira para obstetrícia. Foi transcendental assistir a uma mulher dar à luz. Meu corpo chegou a arrepiar.

Emocionante é pouco para expressar a sensação.

Não sei se foi porque eu sabia que aquele garotinho seria meu afilhado ou porque conhecia a história de Matt e Liz, mas não conseguia parar de chorar.

— Como estão as coisas? — pergunto, desfazendo-me das lembranças. — Precisa de ajuda para alguma coisa.

— Está tudo ótimo. A cerimonialista do Resort já está cuidando de tudo. Nem acredito que daqui a alguns dias serei a Sra. Stevens.

— Pode acreditar, *hermanita*. Aquele homem esperou tempo demais para isso.

Nós duas rimos.

— E eu não sei? Você sente que se passaram sete anos desde que a gente entrou em Yale?

— O tempo voou, mas confesso que não vejo a hora de terminar a faculdade.

— Quem mandou escolher Medicina? — ela joga, sorrindo.

— É o que eu amo. Fazer o quê?

Liz ergue os lábios em um sorriso e se deita na minha espreguiçadeira, relaxando imediatamente.

— Está tudo bem? — pergunto.

— Tudo ótimo. Só estou aproveitando que não estou com tanto peso nos braços — responde sem deixar de rir.

Realmente, para o tamanho dela, Royce é pesadíssimo.

— E onde está o seu noivo?

— Dei passe livre para ele ir à academia. O homem está mais tenso do que eu e quando fica assim, só a academia resolve.

— Só? — pergunto, subindo e descendo as sobrancelhas, e ela rola os olhos para cima.

— Com um filho pequeno, as coisas são diferentes, Dani — ela fala, fechando os olhos, como se estivesse muito cansada.

Imagino como a rotina de estudos, estágio e um bebê deve ser exaustiva ao extremo e aproveito para brincar com meu afilhado.

De repente, como se despertasse de um sonho, minha amiga se levanta e procura pelo filho.

— Nossa, que susto! — exclama, colocando a mão no coração.

— Você está bem *mesmo*? — insisto em saber.

— Estou, amiga, só preciso dormir um pouco. Vou pedir para a babá ficar com Royce.

Ela relutou em trazer uma pessoa para ajudá-la, mas Stevens ganhou a briga. Seria demais organizar um casamento, receber

convidados e cuidar de um bebê.

— No final das contas, Matt estava certo, Liz. Foi a melhor coisa a babá ter vindo. Você precisa descansar também.

— Tenho que concordar. Não sabia que estava tão cansada até chegar aqui. Vou aproveitar um pouquinho.

Apesar das olheiras recém-adquiridas, minha amiga está linda. Os cabelos estão mais claros da metade para as pontas, que chegam na metade das costas, e a saída de praia preta, vazada e longa, deixa seu corpo curvilíneo parcialmente à mostra. Quem olha para ela, a estatura pequena e mignon, não diz que já é mãe. Inclusive, oito meses após o parto, Liz voltou para o cargo de *Cheerleader*, onde ficou até acabar a faculdade.

Ela pega meu afilhado de volta e imediatamente sinto falta do seu calor.

— Você vai ficar por aqui? — pergunta, olhando ao redor.

— Vou sim. Quero aproveitar ao máximo este lugar, Liz. É tudo tão perfeito. Acho que já conheci todos os garçons.

Ela abre um sorriso que não chega aos olhos e me encara, antes de dizer, baixinho:

— *Ele* chega amanhã.

E, de repente, toda a leveza que estava sentindo vai embora, dando lugar à ansiedade que vem me visitando desde que soube da possibilidade de encontrá-lo.

Porque agora é real e não poderei mais fugir.



CAPÍTULO 16

Eu serei a água que você precisa em uma terra deserta
Só pra te deixar saber que você sempre terá minha mão
Eu vou ser a mulher que você precisa pra se sentir um homem
melhor
Então você sempre saberá
Com o tremor de um terremoto eu nunca vou cair
Essa é a força do meu amor

Como o tremer diante da chuva, podemos arriscar tudo

Essa é a força do meu amor

THAT'S HOW STRONG MY LOVE IS, ALICIA KEYS

Liz Pérez

— Hey, amor! Você está bem? — Matt pergunta assim que chega ao quarto e me encontra deitada.

— Tudo bem. Só estou descansando um pouco.

A intenção era realmente descansar, mas não estou conseguindo fazer com que a minha mente pare de trabalhar.

— Royce está com a babá?

— Sim.

Para termos a nossa privacidade preservada, Matt reservou um quarto para Nora e o nosso filho está lá neste momento. Minha mãe se ofereceu para ajudar, mas como só poderá ficar no Resort por três dias, ele decidiu trazer a babá. A princípio, achei exagero reservar um quarto só para ela, afinal, o nosso tem cômodos suficientes para hospedarmos um pequeno grupo, mas o lema do meu noivo é: se eu posso, sempre darei o melhor para a minha família.

Eu o acho incrível por isso, mas só fui entender o quão diferente éramos, financeiramente falando, quando decidimos morar

juntos, há quase três anos. Eu sabia que ele tinha dinheiro, mas não que tinha tanto.

Precisei entender que o fato de ele ter uma boa situação financeira, que hoje insiste em dizer que é nossa, não era o fim do mundo. Seus pais adotivos lhe deixaram não apenas um ótimo apartamento em Manhattan, mas um valor alto de herança, contando com poupanças, ações e imóveis.

Não foi nada fácil me adaptar com essa nova realidade, afinal de contas, nunca fui paparicada, nem tive as coisas de mão beijada, e não queria parecer interesseira. Contudo, após algumas brigas, finalmente compreendi que não podia mais lutar contra ou viveria entristecendo o homem que estava ao meu lado o tempo todo.

No dia em que parei de reclamar ou de dizer que não queria que ele gastasse tanto com a gente, foi como se o nosso relacionamento tivesse passado para outro nível, ficando mais forte e sólido. Eu finalmente compreendi que o que era dele, era meu, e o que era meu, era dele, e que isso não me fazia dependente de Matt, mas sua mulher, sua parceira, mesmo que não tivesse uma aliança no dedo.

Quando saí da cafeteria e comecei a estagiar em um escritório conceituado de New Haven, finalmente pude ajudar com nossos

gastos. Naquele momento, me senti à vontade e realizada. Foi mais a sensação de saber que posso me virar sozinha, sabe? Não adianta, está dentro de mim. Comecei a trabalhar e cuidar da minha própria vida aos 14 anos de idade, cedo demais para me acostumar, de uma hora para a outra, com outra pessoa me mimando e me ajudando.

— Estamos sozinhos, é? — Matt pergunta, tirando-me dos meus devaneios, e sua voz está carregada de segundas intenções.

— Estamos — respondo em um sussurro.

Ele apoia um joelho na cama e beija meu pescoço, ativando um arrepio por todo meu corpo. Faz tanto tempo que não temos um momento a sós, sem a preocupação constante de que Royce vai acordar no meio da noite — período em que ficamos sem a babá —, mas agora...

Olho para o seu corpo e noto como está suado. A camiseta azul-marinho cavada mal esconde seus músculos e tatuagens, os cabelos ligeiramente mais escuros pelo suor estão jogados para trás e seus olhos parecem pegar fogo.

Reconheço essa expressão.

Sete anos de convivência não são sete dias.

Conheço cada particularidade de Matt Stevens.

— Vou tomar um banho — avisa com o timbre grave e baixo.
— Logo me junto a você.

A promessa em sua voz traz um novo arrepio ao meu corpo sensível. Ele se vira, expondo as costas enormes e a bunda definida, desaparecendo no banheiro. Meu noivo e futuro marido, com seus 30 anos de idade, está mais gostoso do que nunca.

Em todos esses anos, não parou de malhar, pelo contrário, continua ativo e dando aulas de artes marciais para crianças de baixa renda, pelo menos duas vezes por semana — quando a correria do escritório permite.

Nem acreditei quando Matt apareceu em casa com um pequeno *kimono* de judô — Royce mal havia completado dois meses de nascido — e o vestiu em nosso filho para uma sessão de fotos só dos dois.

Enquanto os fotografava, lágrimas rolavam pelo meu rosto e, um tempo depois, meu noivo também se rendeu, chorando como uma criança. Como se a ficha de que era pai ainda estivesse caindo. Aquele ensaio, caseiro e sem grandes artifícios, me emociona até hoje.

Nem nos meus melhores sonhos imaginei que teria uma família tão maravilhosa. Pensei que morar com Matt fosse a melhor

coisa que aconteceria na minha vida, até ser mãe. Não dá nem para explicar o amor que sinto pelo meu filho.

Solto um longo suspiro e fecho os olhos, sorrindo e relembrando o momento caótico em que descobri que estava grávida. Hoje, dou risada, mas naquele dia...

Estava com a menstruação atrasada há duas semanas, mas não entendia o motivo. Sempre tomei pílula anticoncepcional, meu ciclo era certinho, nada irregular. Fiquei preocupada que pudesse estar doente, pois tive uma infecção urinária semanas antes, mas como não sentia nenhum sintoma parecido, desencanei.

Os dias se passaram e comecei a ter muito sono. No estágio, precisava lavar o rosto várias vezes para não dormir em cima da mesa. Então, mais alguns dias depois, tive o primeiro enjoo. E nada da minha menstruação chegar.

Um alerta soou em minha mente.

Será? Mas como? — eu me perguntava.

Estava sem tempo de ir ao médico, então, curiosa que sou, resolvi comprar dois testes de gravidez quando saí do estágio. Já tinha ouvido falar em tantas histórias malucas, por que não tirar a dúvida de uma vez, não é mesmo?

Se um desse positivo, teria o outro para confirmar ou não, e se desse positivo de novo, faria o exame de sangue. Eu estava tão certa de que não estava grávida, que comecei a rir sozinha da minha neurose, pensando que depois riria junto de Matt.

Nervosa, cheguei ao apartamento, agradecendo a Deus por ele não estar em casa e me tranquei no banheiro. Nós morávamos juntos há um ano e meio, eu estava na pós em Direito pelo mesmo período e havia sido admitida no estágio há seis meses. Não chegamos a conversar sobre filhos ou casamento, pois estávamos em momentos diferentes da vida, ele iniciando a carreira como advogado e eu estudando.

Fiz o primeiro teste e minhas mãos não paravam de suar. Meu coração estava tão acelerado, que antes de saber o resultado, pensei que fosse desmaiar. Os segundos pareciam horas, até que finalmente surgiu um risquinho. Soltei o ar, aliviada, mas como se zombasse de mim... o segundo também apareceu.

— Calma, tem mais um teste. Respira fundo, Liz.

Repeti o processo e esperei o resultado.

Minutos se passaram e, para o meu desespero, dois risquinhos apareceram novamente.

O ar não chegava aos pulmões, minhas mãos tremiam e as pernas bambearam. Escorreguei com as costas na porta até o chão e antes que o pânico me atingisse em cheio, peguei o celular na bolsa e liguei para a primeira pessoa que me veio à mente.

— Amiga, você não vai acreditar! — exclamei assim que ela atendeu.

— O que foi? — perguntou, assustada.

— Eu acho... Eu acho que estou grávida. Comprei dois testes e os dois deram positivo. Vou fazer o exame de sangue amanhã, mas... os dois deram positivo, Dani. Você tem noção disso?

Falar em voz alta só piorou meu desespero e o silêncio no outro lado da linha me deixou agoniada. Comecei a chorar descontroladamente, até ouvir a voz de Daniela.

— Calma, Liz. Você quer que eu vá aí?

— N-não precisa — balbuciei em meio às lágrimas. — Só queria desabafar antes do Matt chegar.

— E onde ele está?

— Deve e-estar chegando de Nova York. Ele f-foi conhecer a sede do escritório que está trabalhando.

Eu não conseguia parar de soluçar.

— Liz, fique calma, por favor. Respire fundo comigo.

Nós duas respiramos profundamente e soltamos o ar em seguida por algumas vezes, até que fui me acalmando.

— Se eu realmente estiver grávida, não tenho ideia de como isso foi acontecer. Tomo a pílula no horário certo, nunca pulei os dias...

— Você tomou algum remédio que pudesse cortar o efeito da pílula? Algum antibiótico? — Daniela perguntou e engoli em seco ao me lembrar do antibiótico que tomei semanas atrás, e voltei a chorar copiosamente.

— O que foi?! — ela perguntou, aflita.

— Lembra da minha infecção urinária?

Minha amiga soltou um longo suspiro, compreendendo minha linha de raciocínio.

— Vou com você amanhã.

— Não precisa. Você tem suas aulas...

— Eu vou e pronto — interrompeu, encerrando a discussão.

— O que vou dizer para o Matt, amiga? E se ele não quiser ser pai agora? Ou melhor, será que ele quer ser pai, depois de ter tido um tão monstruoso e abusivo? E... como eu vou ser mãe sem nunca ter tido uma de verdade? E os meus estudos, o estágio? Jesus, estou tão ferrada!

— *Para com isso, Liz. Você está nervosa, com toda a razão, mas precisa se acalmar, lavar o rosto e se recompor. Não coloque a carroça na frente dos bois. Primeiro, vamos aguardar o resultado definitivo, aí sim partimos para a próxima etapa. Outra coisa, se você realmente estiver grávida, é porque era para acontecer, e você e Matt darão conta do recado. Vai dar tudo certo, amiga!*

Por fim, assimilei suas palavras e guardei em meu coração.

— Por que você está chorando, amor?

A voz do meu noivo me traz de volta ao presente e só então percebo que meu rosto está molhado. Ele deve ter saído do banho há um tempinho, pois já está com uma calça moletom, e me olha, preocupado.

— O que foi? Você tem andado tão quieta. — Hesitando, pergunta: — É sobre o nosso casamento? Você... se arrependeu? Ou é o lugar? Fale comigo, Liz. O que posso fazer pa...

Sento-me na cama rapidamente, limpo meu rosto e ergo minha mão para que Matt pare de falar e pensar besteiras.

— Não é nada disso, meu amor.

Odeio vê-lo tão vulnerável, o que acontece raramente, mas alguns fragmentos do seu passado insistem em dar as caras.

Estendo minha mão para que ele venha até mim. Segurando-o e olhando fixamente em seus olhos, declaro:

— Não poderia estar mais feliz por casar com o homem da minha vida. E este lugar... Matt, este lugar é perfeito, um sonho, mas eu me casaria com você até num casebre.

Ele ri, deslizando os dedos em minha bochecha molhada.

— Eu também, querida, mas você merece o melhor. Te fazer feliz é o meu objetivo de vida.

— Matt Stevens sendo Matt Stevens. — Nós dois rimos e fico séria quando continuo: — Sobre estar mais quieta, é que tenho andado muito cansada. Deixei Royce com Nora pra tentar dormir, mas minha mente não para de fazer uma retrospectiva da nossa história, talvez seja pelo nosso casamento estar próximo, não sei.

Ele assente, visivelmente aliviado, e senta ao meu lado, com as costas apoiadas na cabeceira.

— Eu entendo, também tenho pensado bastante em tudo o que já vivemos, mas o que te fez chorar?

— Estava me lembrando de como fiquei desesperada quando soube que poderia estar grávida. Eu nem imaginava que seria a melhor fase da minha vida. Só conseguia pensar que você não iria

gostar da novidade, que não estava preparada para ser mãe, que atrasaria os meus estudos. No final, deu tudo mais do que certo.

Ele solta uma risadinha grave.

— Eu me lembro bem daquela noite. Quando cheguei em casa, parecia que você tinha sido atropelada por um caminhão e o pior foi me dizer que estava daquele jeito porque havia cortado uma cebola.

É a minha vez de rir. O que a gente não faz no desespero, não é mesmo?

— Foi o que consegui inventar, mas eu deveria saber que você não engoliria a mentira tão facilmente.

— É claro que não, amor. Conheço cada expressão sua, cada detalhe, e quando bati os olhos em você, já sabia que havia algo errado.

— É porque não queria te preocupar sem saber o resultado do exame de sangue.

— Sua intenção foi por água abaixo, porque daquele jeito já estava me preocupando.

Sorrio, recordando o momento em que contei para Matt o que estava acontecendo. Ele ficou paralisado, olhando para a minha

barriga fixamente e cheguei a me encolher com a intensidade do seu escrutínio, sem saber se estava feliz ou decepcionado.

— Quer dizer que pode ter um bebê aí dentro? — ele perguntou, minutos depois, com um tom de voz que não conseguia identificar.

— Segundo os testes de farmácia, sim. Matt, por favor, eu juro que não sabia que o antibiótico poderia cortar o efeito da...

— Meu filho... — balbuciou como se experimentasse as palavras, e nada poderia ter me preparado para o que fez em seguida.

Nós estávamos sentados lado a lado no sofá e, de repente, meu, até então, namorado se ajoelhou à minha frente e tocou meu ventre. O gesto continha tanto carinho que foi impossível não me emocionar. A mão grande alisava minha barriga por cima da camisola com veneração e naquele momento tudo mudou. O desespero que senti minutos antes foi se esvaindo e comecei a enxergar a situação com outros olhos.

— Eu pensei tantas coisas... — declarei. — Mas sequer cogitei que você pudesse gostar tanto da ideia.

— Gostar? — Ele finalmente ergueu seu rosto e pude notar os olhos azuis cristalinos por estarem marejados. — Saber que pode ter um pedacinho meu dentro de você é a sensação mais poderosa que já senti em toda minha vida. Estou falando como um homem que não teve o melhor exemplo de família e agora tem a oportunidade de ter uma e de dar o seu melhor por ela.

Suas palavras me quebraram mais um pouco e minha reação foi abraçá-lo com força. Com a boca em meus cabelos, declarou:

— Eu nunca vou deixar meu filho passar pelo que passei. — Segurando meu rosto, confessou: — Não queria te pressionar, porque além de não saber o que achava da ideia de ser mãe, você estava focada nos estudos, porém de uns tempos pra cá venho pensando em como seria se tivéssemos um bebê. Não sei de onde surgiu essa vontade repentina, mas depois de passar cinco anos te amando e querendo exatamente tudo com você, foi natural imaginar o próximo passo. E agora... sem planejarmos, simplesmente aconteceu e eu não poderia estar mais feliz.

Aquele homem só me surpreendia. A sua felicidade afugentou todos os meus temores e me transmitiu uma paz tão bem-vinda que eu me permiti relaxar. Saber que não estava sozinha naquela

aventura tornou tudo mais fácil, porém sentia as inseguranças me sondando.

— Matt, e se o resultado amanhã for negativo?

— Tenho quase certeza que não vai ser, amor, mas se for é porque não é o momento, e está tudo bem. De qualquer maneira, pudemos conversar e ter convicção de que queremos construir uma família.

— Só espero que eu consiga ser uma mãe muito melhor do que a minha foi.

Apesar de Carmen ter mudado da água para o vinho, não dá para ignorar o que vivi durante toda a minha infância e adolescência com uma mãe ausente.

— Nós dois tivemos uma criação ferrada e tóxica, carregamos uma bagagem fodida e é por causa de tudo isso que eu sei que seremos muito melhores do que os nossos pais. Não estou dizendo que não vamos errar, afinal, somos humanos, mas seremos uma família forte pra caralho, porque o que não tivemos de amor e carinho, nossa casa vai ter de sobra.

— Você é tão maravilhoso. Tão perfeito.

— Não sou perfeito, amor, só quero ser o melhor para a mulher que amo e para o nosso filho, venha ele agora ou não.

No dia seguinte, tivemos a confirmação. Eu realmente estava grávida.

Tentei fazer um suspense, mas Dani e Matt estavam tão nervosos, andando de um lado para o outro na sala do meu apartamento, que não consegui me segurar.

— Parabéns, papai! — anunciei e os dois pararam de andar.

— Porra! Não acredito! — Matt gritou tão alto que cheguei a me assustar. Ele correu na minha direção e me ergueu em seus braços, abraçando minha cintura enquanto rodava comigo, chorando e sorrindo.

Minha amiga, ao fundo, estava fungando, toda emocionada.

— Vamos ter que limpar essa boca a partir de agora, Sr. Stevens — brinquei.

— Vou manejar nos palavrões, pode ficar tranquila, amor.

— Estou tranquila, lindo, porque tenho certeza que o nosso bebê já tem o melhor pai do mundo.

— Eu vou ser pai! Mulher, eu te amo tanto. — Matt me colocou no chão, beijando minha testa, minhas bochechas e, por fim, minha boca, pouco se importando com a presença de Daniela. Naquela altura, ela já estava mais do que acostumada.

Perdi o ar com sua intensidade, sentindo a umidade dos nossos rostos se misturando e ali deixei todos os meus medos e inseguranças, porque sabia que em seus braços estaria sempre segura. O desespero deu lugar à aceitação de que tudo ficaria bem.

— Isso realmente está acontecendo — sussurrei em seus lábios.

— Obrigado, Liz. Você vai ser uma mãe incrível. Já estou até vendo a minha pequenininha colocando ordem na casa com aquele jeito mandão que eu amo.

Sorri com sua fala e balancei a cabeça.

— Nós seremos incríveis juntos, meu amor.

— Caralho, tenho que ligar para Jordan e Smith — Matt disse, de repente. Ele era pura adrenalina.

— Então, vai lá, que eu quero falar com a minha amiga — Dani interveio, vindo em minha direção.

Ele saiu correndo para pegar seu celular e pude ter meu momento com Daniela. Ela me abraçou forte e fechei os olhos, grata por receber tanto amor em forma de abraço.

— Estou tão feliz por vocês, hermanita. Sei que o susto foi grande, mas olha... — ela se afastou e me segurou pelos ombros — ... você vai ser uma mãezona. Nem sempre os nossos planos são

os melhores planos para nós, então se aconteceu um desvio é porque há um propósito maior.

— Obrigada, hermana. Por tudo!

Ao longo das semanas, meu corpo foi se transformando e um novo sentimento foi me envolvendo, um amor tão grande que me deixou emocionalmente sensível. Todas as noites Matt alisava minha barriga, conversava como se já pudesse ser ouvido por aquele serzinho tão pequeno e era a coisa mais linda de se ver.

— E o dia em que soubemos o sexo do nosso filho? — É a vez de Matt trazer um momento que nos marcou. — Me pergunto se mais alguém teve a mesma ideia.

— Jesus, foi insuperável. Nunca vi e nem li algo assim.

Eu estava na décima sexta semana de gestação, ou seja, no quarto mês, e faria o segundo ultrassom para saber como a nossa sementinha estava. Matt e eu já estávamos cientes de que talvez não desse para identificar o sexo do bebê, então fomos apenas com a expectativa de saber se estava tudo certo e ouvir as maravilhosas batidas do seu coração. A primeira vez que ouvimos foi indescritível. O som era tão alto e tão forte que reverberava por todo meu corpo.

Matt apertava minha mão como se não pudesse se conter e eu não conseguia controlar os soluços. Nosso filho estava bem e saudável, mas naquele momento foi como se tivéssemos caído na real de que seríamos pais.

No segundo exame de imagem, tentei não ficar tão nervosa, mas só foi ouvir o coração do nosso bebê novamente, que comecei a chorar. Era um alívio saber que estava tudo bem e o aperto que Matt deu em minha mão me dizia a mesma coisa.

— Está tudo ótimo com o bebezão de vocês, papais — a médica falou. — Oito centímetros de pura safadeza, olhem como está todo assanhado esse rapaz.

— Rapaz?! — Matt perguntou imediatamente.

Eu estava tão chocada que não consegui pronunciar uma palavra.

A médica riu, sabendo que era nosso desejo saber o sexo, se possível, e acenou com a cabeça.

— É isso mesmo, papai. Vocês terão um rapazinho. Olhem esse pontinho aqui. É o tubérculo genital. Pode ser imperceptível para vocês, mas se fosse menina, a posição seria horizontal, paralelo com a coluna, e aqui vemos que está na vertical, perpendicular à coluna.

Juro que não consegui assimilar nada do que ela falou, porque na minha mente só conseguia pensar que eu teria um menino.

Um menino!

Matt se aproximou e beijou minhas lágrimas, meus olhos e minha boca.

— Vou deixar vocês a sós — a doutora anunciou, sorrindo, sabendo que precisávamos do nosso momento.

— Nós vamos ter um garotinho, amor — ele sussurrou entre meus lábios, fazendo um esforço para não se desmanchar. — Você não sabe a vontade que estou sentindo de gritar.

Rindo, acariciei seu rosto lindo, a barba por fazer e sequei algumas lágrimas que caíam.

— Um menino, meu lindo! Teremos um menino! Quando chegarmos em casa, vamos gritar à vontade.

Ele mordeu o lábio inferior, assentindo, e olhando para a imagem que ainda aparecia no monitor, a imagem do nosso filho, respirou fundo e me encarou com um outro tipo de expressão.

— O que foi?

— Não sei se você tem noção do que estou sentindo, da felicidade de saber que terei um filho com a mulher que escolheu me amar, acima dos meus defeitos, das minhas falhas. Um

garotinho que vou ter o prazer de mostrar tudo o que eu puder. Você está me dando uma família por quem farei o possível e o impossível para ver feliz.

Meu choro corria livre, pois era emoção demais para suportar. Eu estava como uma manteiga derretida e ouvir meu homem se declarar me deixava ainda mais à flor da pele. E ele não parou:

— Você, meu amor, que me amou todo quebrado, perturbado, incompreendido; que me ensinou que todos temos direito a uma segunda chance; e que me mostrou que há um propósito para tudo.

Franzi a testa quando ele se levantou, pegou algo do bolso e, de repente, se ajoelhou ao lado da maca em que estava deitada.

— Matt, pelo amor de Deus! — exclamei, sentando-me rapidamente, sem acreditar no que estava acontecendo.

Ele apenas sorriu maliciosamente e estendeu uma caixinha da Tiffany à minha frente. Perplexa, não conseguia piscar.

— Amor, no meu coração, você já é a minha mulher, mas quero fazer tudo com e por você. Achei que o momento certo seria em um jantar romântico, mas não somos um casal que segue os padrões, e sim o nosso coração, e pra mim, essa é a nossa melhor qualidade, porque não perdemos tempo, só aproveitamos. — Movido pela emoção, prosseguiu: — Estamos neste consultório, o

lugar onde descobrimos que o nosso filho será um rapazinho, onde escutamos seu coração batendo com força e soubemos que está tudo bem, então por que não?

Quando ele abriu a pequena caixa, arquejei, impactada com a beleza do anel. Nada muito grande, mas ainda assim ostensivo e que gritava: sou muito caro. Parecia cena de filme.

— Jesus, eu não estou acreditando...

— Liz Pérez, tendo nosso filho como testemunha, você aceita se casar comigo?

De volta ao presente, solto uma risada.

— Você jogou baixo, sabia?

— Por quê? — meu noivo pergunta, arqueando as sobrancelhas, fingindo inocência.

— Tendo nosso filho como testemunha...

Ele dá uma gargalhada e me pega com facilidade, colocando-me em seu colo.

— Eu tinha que usar todas as armas que estavam à minha disposição.

— Você não precisava usar arma nenhuma porque eu diria “sim” sem pestanejar.

Matt passa o nariz em meu pescoço, fazendo um carinho gostoso, que me faz relaxar instantaneamente. Solto um longo suspiro, apoiando minha cabeça em seu peito e as batidas do seu coração são como música para os meus ouvidos.

— Você é o meu lar, Matt. Nunca duvide disso. — Ergo minha cabeça só o suficiente para olhar em seus olhos azuis que tanto amo. — Sete anos se passaram e continuo perdidamente apaixonada por você. Obrigada por compartilhar a vida comigo e me dar a oportunidade de ser mãe do nosso pequeno Royce. Sangue do nosso sangue. Fruto do nosso amor.

— Assim você vai me fazer ler meus votos antes da hora, amor — ele brinca, disfarçando a voz embargada. — Anos se passaram e ainda custo a acreditar que você é toda minha.

Então, ele me beija.

O beijo começa devagar, sem pressa, e de repente fica mais intenso, lascivo. Ajeito-me em seu colo, colocando uma perna em cada lado do seu corpo, já sentindo sua ereção despontar sob a calça moletom e choramingo de tesão. Minhas mãos agarram seus cabelos e ele perde a sutileza, agarrando os meus.

Sua língua lambe a minha com vontade, depois trilha um caminho em meu pescoço, maxilar, em seguida mordisca minha

orelha, como se não soubesse o que fazer primeiro.

Ambos estamos desesperados pelo corpo um do outro. Seus olhos queimam minha pele quando jogo a camisola para longe e sem perder tempo, ele abaixa a calça, ainda sentado e comigo em seu colo, apenas para que o seu pau gostoso e repleto de veias fique livre.

Depois que tivemos nosso filho, ficamos craques em nos virar em questão de segundos. Nossos olhares se conhecem, nossas mãos já sabem o que fazer, e logo ele está dentro de mim.

Jogo a cabeça para trás, sentindo centímetro a centímetro me preencher, rasgando, completando, e cavalgo com vontade. Matt morde meu mamilo, puxando meus cabelos para baixo e assim fico mais exposta para sua boca, que abocanha meus seios sem piedade. Se ainda estivesse com leite, tenho certeza de que faria uma bagunça. Não preciso dizer que nos primeiros meses de Royce fizemos *algumas bagunças* no auge da excitação.

— Gostosa pra caralho! — ele grunhe e gemo em resposta, com saudade da sua boca suja.

Matt vem cumprindo com sua promessa e diminuiu consideravelmente o uso de palavrões. Entretanto, dentro de quatro

paredes, ele se solta e agradeço por isso. Amo vê-lo todo selvagem e sem pudores.

Ele agarra minha bunda, levantando e descendo meu corpo em um ritmo frenético, chegando cada vez mais fundo e deixo escapar um grito. Adoro quando ele me pega como se eu fosse uma boneca de pano e não pesasse nada, afinal, seus 1,90m brigam com os meus 1,57m e seus quase 100 quilos de puro músculo contrastam com os meus 52 quilos. Sou pequena e apertada demais para ele e por isso é tão bom.

Sua boca não abandona meus seios, minha boca...

A campainha toca.

Diminuímos o ritmo, olhando um para o outro como se estivéssemos em dúvida sobre o barulho, mas então a campainha toca novamente.

— Porra! — xinga, encostando a testa suada na minha.

Ouço um choro estridente do outro lado da porta e meu coração acelera.

— Será que aconteceu alguma coisa? — pergunto, saindo de cima de Matt em um impulso ao mesmo tempo em que ele sobe sua calça e se levanta.

— Fique calma. Não deve ser nada sério.

Visto a camisola de qualquer jeito e fico ao seu lado quando abre a porta.

— Nora, o que foi? O que aconteceu? — disparo, pegando de seus braços um Royce irritado e vermelho de tanto chorar.

— Sr. Stevens, Srta. Pérez, me desculpem atrapalhar, mas Royce não para de chamar pelo *papá* dele. Tentei dar a mamadeira, colocar um desenho, mas não adiantou. — A mulher sorri, meio sem graça, compreendendo que interrompeu alguma coisa.

Relaxo consideravelmente, apoiando meu corpo no batente.

— Jesus, qualquer hora dessas vou ter um ataque do coração — desabafo, e tanto Nora quanto Matt riem do meu desespero.

— Eu disse que não era nada sério.

Meu filho balança os bracinhos e as perninhas só por ver o pai e me desmancho toda. Meu noivo o segura e em seus braços enormes nem parece que Royce é maior do que a média para a idade que tem. Eu que sei o quanto sofro para carregá-lo para lá e para cá.

— Você quer o *papá*, é? — meu futuro marido instiga, levantando nosso filho acima da sua cabeça, e como num passe de mágica, o bebê começa a gargalhar, todo feliz por estar com o seu pai.

Inclusive, esta foi a primeira palavra que ele falou. Como se o fato de ter passado nove meses na minha barriga não tivesse qualquer relevância. Eu brinco, mas a relação dos dois é linda. É só o pai chegar em casa que Royce bate palmas e anda todo desengonçado, uma descoberta recente depois de tanto engatinhar, só para chegar perto do *papá*. Ele é fissurado em Matt e meu parceiro, claro, ama.

Além da aparência, os dois têm gênio forte, somado ao da mãe, aí já viu. Eles se afastam, esquecendo o resto mundo e me viro para Nora. Ela tem idade para ser a minha mãe e já me salvou de vários perrengues.

— Muito obrigada por trazê-lo.

— De nada, Srta. Pérez. Vou deixá-los a sós e assim que precisar, é só me ligar que venho correndo.

Assinto com a cabeça e ela volta para o seu quarto.

Ter uma babá não me impede de querer cuidar do meu filho. Amo passar meu tempo com ele, de estar perto quando faz suas descobertas, por isso quando contratamos Nora, deixamos claro que ela seria meu braço direito e aliviaria meu trabalho quando estivesse no pico do estresse, mas que não cuidaria integralmente

de Royce. Matt e eu não queremos perder um momento sequer do seu crescimento.

Fecho a porta, fascinada com a interação de pai e filho e meu coração se aquece. Pego meu celular, pronta para tirar uma foto, mas uma mensagem de meia hora atrás chama a minha atenção.

Mike

Oi, gatinha, tudo bem? Não quero atrapalhar seu momento, mas Daniela está podre de bêbada aqui na piscina. Você acha que isso tem a ver com aquele-que-não-merece-ser-mencionado? Estou levando a nossa amiga para o meu quarto.

Sinto um aperto no peito e toda a alegria que estava sentindo há pouco é substituída por compaixão. Minha melhor amiga é uma

mulher linda, batalhadora, genial, que não merecia estar sofrendo. Ela finge que superou, mas eu a conheço. Pude comprovar isso quando dei a notícia mais cedo.

Liz

Estou indo para o
seu quarto e
conversamos
melhor.



CAPÍTULO 17

Prisioneira, prisioneira, aprisionada

Não consigo tirar você da minha mente, da minha mente
Deus sabe que eu tentei um milhão de vezes, um milhão de vezes
Por que você não pode, por que você não pode simplesmente me
deixar ir?

PRISONER, MILEY CYRUS FEAT. DUA LIPA

Kellan Jordan

— Ela está bem? — É a primeira coisa que Liz pergunta ao entrar no quarto e encontrar Daniela dormindo.

— David a colocou na cama agora. Se você chegasse alguns minutos atrás, ficaria assustada. Nunca vi Daniela tão fora de si, amiga. Ela não parava de gritar no banheiro, pedindo que a deixássemos em paz, enquanto vomitava as tripas. Depois, percebemos que estava demorando demais e foi aí vimos que estava apagada no chão.

— Jesus! Acabei demorando porque tive que preparar uma mamadeira de última hora para Royce. — Minha amiga passa as mãos no rosto, perturbada, e coloco a mão em seu ombro.

— Sei que você já tem um monte de pepino para resolver, mas Daniela não está tão bem quanto finge estar.

— Acho que a culpa foi minha.

— Por que diz isso?

— Eu contei pra ela que ele chega amanhã.

Fecho os olhos e balanço a cabeça.

— A culpa não foi sua, gata. Sua intenção foi prepará-la. Infelizmente, Dani é teimosa demais e não dá o braço a torcer.

— Não é tão fácil, Mike.

Juntos, olhamos para nossa amiga, deitada, parecendo tão vulnerável, e solto um longo suspiro.

— Não acredito que Daniela pensou que ele realmente não viria.

— Talvez ela tivesse certeza de que eles não seriam liberados pelo time.

— Damon Smith e Kellan Jordan nunca perderiam o casamento do irmão, Liz. Até eu já sabia disso.

— Eu sei, Mike, mas, sei lá, ela preferiu ficar em negação.

Continuamos em silêncio, velando o sono de nossa amiga, e David chega ao meu lado, acariciando meu braço.

— Vou para o quarto dela, assim vocês dormem com tranquilidade — meu namorado sugere e sorrio com seu gesto.

Não foi à toa que abandonei minha tão estimada solteirice, há cinco anos. O homem vale a pena.

— Obrigado, Dav. Amanhã te recompenso — digo, piscando para ele, que fica com o rosto todo vermelho.

Aposto que é porque não estamos sozinhos. Sua timidez é um charme à parte. David é discreto, já eu, ao longo dos anos, passei a ficar mais atirado. Longe dos meus pais opressores, me tornei quem realmente nasci para ser, sem amarras e sem julgamentos.

— E tem que recompensar mesmo — Liz coloca lenha na fogueira e nós três rimos.

Dando um beijo rápido em minha boca, David sai do quarto com uma pequena mochila e segue para o de Daniela.

Liz Pérez me olha e sorri maliciosamente.

— Vocês dois são quentes, sabia?

— Você não viu nada, gatinha.

Ela dá uma gargalhada e na cama Daniela murmura alguma coisa. Rapidamente Liz tapa a boca.

— Droga! Pensei que ela estivesse em um sono profundo.

— Tá mais para um sono perturbado agora — falo quando noto alguns espasmos em seu corpo. Em um sussurro, para não correr o risco de ser ouvido, pergunto: — Você acha que ela ainda o ama?

Resolvemos nos sentar no chão do quarto e Liz responde à minha pergunta:

— Ela vai me matar se souber que disse isso, mas acho que sim. Vai fazer três anos que eles se separaram, Mike, e ela não consegue nem ver o cara jogando na TV.

— A sensação que tenho é que eles ainda não tiveram um ponto final. Ele foi chamado para jogar no *Patriots*, foi morar em outro estado e quando se deram conta, um não tinha mais tempo para o outro. Na minha humilde opinião, apesar de se amarem, os dois estavam em momentos diferentes da vida.

— Pois é, mas não acho que isso seja desculpa para terminar um relacionamento que tinha tudo para dar certo. Quem ama, dá um jeito ou pelo menos age com sinceridade. A forma com que Damon se afastou de Daniela foi de uma imaturidade sem tamanho. Para ela, Damon não a tratou como prioridade. Enquanto ela ligava todos os dias, se esforçava para manter um namoro à distância, ele não retribuía da mesma forma, e isso foi minando a relação. Na cabeça da Dani, o sucesso era mais importante pra ele.

— Só acho que ele foi burro demais por deixar escapar uma mulher como ela.

— Isso eu concordo.

Smith e Daniela se separaram meses depois que ela se formou na graduação. Contando o tempo de rolo e compromisso,

estavam juntos há quatro anos e quando anunciaram a separação foi um baque para todos nós. Os dois tinham uma química incrível e se não fosse a guinada na vida de Damon, acredito que ainda estariam juntos.

Assim que se formou, ele entrou em um time mediano, mas todos sabíamos que era questão de tempo até que fosse chamado para um grande clube. Como não poderia ser diferente, ele se destacou bastante e um olheiro do *New England Patriots*, um dos maiores times de futebol americano do mundo, fez a tão esperada proposta para ele.

Era o sonho de Smith e, como se não bastasse, era onde Jordan também estava jogando. Os dois amigos rapidamente caíram no gosto do público e hoje estão entre as principais estrelas do time.

— Pode voltar para o seu quarto, gata. Vou tomar conta da nossa amiga.

Liz solta um longo suspiro e olha para mim.

— Se precisar de qualquer coisa, não deixe de me ligar, por favor.

— Fica tranquila. Minha intenção não foi te deixar preocupada. Aliás, quando será a nossa sessão de Spa?

— Daqui a dois dias. Carla chega amanhã, então poderemos ter nosso momento juntos.

— Por falar em Carla, como acha que ela vai reagir depois de tantos anos sem falar com Jordan?

Liz parece cansada, mas sorri.

— Espero, do fundo do meu coração, que depois desta semana todos voltem a se falar, porque é muito ruim ter que ficar pisando em ovos sempre que comento alguma coisa sobre os caras. Eles estão em suas melhores fases e quero vibrar, torcer com a nossa turma, mas não posso.

— Eu também já estou cansado. A questão da Dani acho até compreensível, ela ficou com Smith um tempo, mas a Carla nem namorou com Jordan, Liz.

— Não vou julgar as atitudes dela, Mike. Acho que subestimamos demais o que ela sentia na faculdade. Não porque quisemos, mas porque ela preferia manter segredo quanto aos seus reais sentimentos.

— O problema da Carla era que, sem nem perceber, ela julgava as pessoas. Você sabe que demorei um pouco para fazer amizade com ela. Se não fosse por você e Daniela, não sei se hoje seríamos amigos.

— Eu sei, eu sei, mas as coisas mudaram. Todos aprendemos bastante e adquirimos experiências.

— Graças a Deus! — exclamo e nós dois rimos.

— Só sei que estou ansiosa para saber o que a Carla quer nos contar.

— Nossa! Estava até me esquecendo. — De repente, viro-me completamente para Liz e pego suas mãos. — Vamos falar de você, gata. Como está se sentindo prestes a se tornar a sra. Stevens?

Ela abre um sorriso enorme e quando dou por mim, estou com o mesmo sorriso no rosto. Ver a felicidade da minha amiga me deixa extasiado. Lembro-me da garota emocionalmente frágil que começou a trabalhar comigo na cafeteria, das vezes em que a via chorando, dos momentos de desabafo.

O tempo foi generoso para Matt Stevens e Liz Pérez. Afinal, os dois já tiveram suas cotas de sofrimento. A parceria que iniciaram lá atrás foi ficando cada vez mais forte e a maneira com que um venera e admira o outro é inspiradora. E, então, nosso pequeno Royce chegou para alegrar as nossas vidas. Sim, sou um padrinho babão mesmo.

— Ah, Mike, estou tão feliz — ela responde, apertando minhas mãos. — Pouco antes de vir pra cá, Matt e eu estávamos

relembrando nossos melhores momentos. Se me dissessem que a minha vida mudaria tanto, teria rido na cara da pessoa.

— Eu entendo, gata. As coisas também mudaram bastante pra mim quando decidi não olhar mais para trás.

— E você... se arrepende? — pergunta, hesitante, e sei exatamente sobre o que ela está falando.

— Se me arrependo de não falar mais com meus pais? — Faz seis anos que não os vejo ou tenho qualquer outro contato.

— Isso.

— Não me arrependo porque sei que fiz tudo o que estava ao meu alcance. Um dia, se quiserem me conhecer de verdade, estarei à disposição, mas enquanto isso não acontece, sigo em frente da melhor maneira possível, com o homem da minha vida ao meu lado.

— É tão bom encontrar a nossa metade. Dizem que não devemos esperar que alguém nos complete, que a nossa felicidade não pode depender de outra pessoa, mas quer saber? Matt é a minha metade. Antes de encontrá-lo, me sentia incompleta, infeliz, mas com ele, com nosso filho, é como se, enfim, tivesse encontrado minha missão por aqui. Amo o Direito, a profissão que escolhi, mas nada nunca vai superar o que a minha família representa pra mim.

Finjo que estou me abanando, mas, na verdade, estou emocionado.

— Prevejo muita choradeira neste casamento. Pelo amor de Deus!

Ela ri e ouvimos uma fungada à distância. Olhamos para a cama e Dani parece atenta, igualmente emocionada. Há quanto tempo ela está acordada?

Rapidamente, Liz e eu nos levantamos e nos aproximamos.

— Você está bem?

Daniela assente para Liz.

— Precisa de alguma coisa? Tá com dor de cabeça? — pergunto.

— Só preciso dos meus amigos — diz, deixando um espaço para que deitemos ao seu lado. — Me desculpem pelo vexame de mais cedo. Eu... Não sei como deixei isso acontecer.

— *Hermana*, ninguém aqui vai te julgar. Somos amigos, irmãos, parceiros. Estamos com você para o que der e vier.

— Mas é o seu casamento. O seu momento! Não tenho o direito de te preocupar. Você levou meses para organizar tudo, Matt teve todo o cuidado para escolher um lugar paradisíaco, eu mesma me sacrifiquei para estar aqui, e quando finalmente estamos em um

Resort cinco estrelas, passo vergonha por causa de um cara que não está nem aí pra mim? Meu Deus, tô me sentindo uma merda!

Olho para Liz e ela assente, como se dissesse: a ressaca moral veio com força.

Seguro o rosto da brasileira para que ela veja a sinceridade em meus olhos e digo:

— Escute bem, Dani. Você é humana, ficou nervosa com a notícia, acabou exagerando na bebida, e só. Não faça disso uma grande coisa. Os convidados estão chegando ainda, só David e eu te vimos daquele jeito e você sabe que pode contar com a gente. Nós te amamos e agora você precisa erguer a cabeça, respirar fundo e fingir que encontrar o ex-namorado não é um problema. Finja que está ótima, que esqueceu o babaca e bola pra frente, amiga. Saia da defensiva e ataque!

Ela pisca algumas vezes para afastar as lágrimas que começam a escorrer e meus polegares secam uma a uma.

— Você é linda, inteligente pra caralho e não merece ficar assim. Agora durma, porque amanhã será outro dia e você vai colocar essa beleza pra jogo, me entendeu? — Ela absorve minhas palavras e segundos depois concorda com a cabeça.

Liz a abraça por trás e eu circulo um braço em sua cintura, enquanto faço um carinho em seus cabelos com a mão livre. Aos poucos, ela vai relaxando e adormece e quando menos dou conta, também apago.



Solto um gemido, mas não sei se estou sonhando ou se estou acordando. Está tudo muito confuso, não tenho ideia de que horas são, e quando sinto um novo movimento, outro gemido sai da minha garganta.

Imagino David em meus braços e afundo meu rosto em seu pescoço, enquanto meu quadril vai para frente. Com certeza estou sonhando, porque seu cheiro está diferente. Doce demais, não sei.

— MIKE, SEU FILHO DA MÃE! — Ouço o grito de uma mulher ao meu lado e desperto na hora.

— Que merda é essa? — pergunto, sentando-me na cama e limpo os olhos.

— Que merda é essa, pergunto eu. Você estava se esfregando na minha bunda!

— Como é que é?

— A gente estava dormindo de conchinha e você começou a se esfregar em mim!

A noção de que eu não estava sonhando recai sobre mim e sem que consiga controlar, começo a gargalhar.

Daniela, que parece ter medo de mim, está do outro lado da cama, balançando a cabeça.

— Já ouviu falar de ereção matinal, não é?

— Claro que sim, idiota.

— Então, geralmente acordo desse jeito com Dav, gatinha. Foi a força do hábito e não porque meu pau resolveu virar hétero. Fica tranquila.

Ela faz uma expressão horrorizada e abafo uma risada.

— Para de se fingir de santa e me conta se está melhor.

Dani leva um tempinho para se recompor e responde:

— Sim, estou bem melhor.

— Que bom, porque nós vamos aproveitar ao máximo este Resort. Vá para o seu quarto, chame o David e coloque sua melhor roupa de praia, querida. Hoje é dia da brasileira arrasar.

Reflexiva, ela olha para mim e desfaz sua carranca de segundos atrás.

— Obrigada por tudo, Mike. Por ter me trazido até aqui, ter me ajudado a tomar banho e ter dormido comigo.

— Liz deve ter saído cedinho para ficar com Royce.

— Vocês dois não existem. Sou muito sortuda por ter amigos tão incríveis. Oh, e desculpa o escândalo, mas é que... tomei um susto.

Ela fica corada e sorrio em resposta.

— Eu sei que meu tamanho assusta mesmo, gata.

Um travesseiro passa voando a centímetros do meu rosto e caio na risada, mais uma vez.

— É muito bom te deixar sem graça — confesso.

Ela desce da cama, troca de roupa e antes de sair do quarto, diz:

— Vou fazer jus às suas palavras, Mike. Vou arrasar!

Abro um sorriso malicioso e pisco para ela.

— Eu sei que vai.



CAPÍTULO 18

Por que eu saboto tudo que amo?
É sempre lindo até eu bagunçar tudo
Por que eu saboto tudo que amo?
As paredes estão se fechando porque eu as construí
SABOTAGE, BEBE REXHA

Damon Smith

— Porra, Stevens acertou muito encontrando este lugar —
Jordan comenta, enquanto somos levados por duas funcionárias do
Resort até os nossos quartos.

— Foda mesmo!

Apesar de estar extremamente feliz pelo meu amigo, não estou
muito à vontade. Primeiro, porque tenho que ficar usando boné e
óculos escuros o tempo todo para não dar pinta sobre a minha
identidade, e o mesmo acontece com Jordan, só que para ele está
tudo bem. O idiota adora toda essa loucura de fãs e gritarias. Já eu
descobri que não curto tanto. É claro que amo meus fãs,
principalmente as crianças, mas tenho meus limites quando não
estou jogando.

Segundo, porque a nossa agente de marketing, Scarlett Ryan-
Hant^[1], CEO de uma das maiores agências dos Estados Unidos,
deixou claro que não podemos chamar muita atenção, em outras
palavras, não podemos fazer merda ou a mídia vai cair em cima da
gente e, conseqüentemente, dos nossos amigos.

E, terceiro...

Como se zombasse de mim, o destino vem e esfrega na minha cara o terceiro motivo da minha inquietação.

Putá que pariu!

Ela acabou de sair de um dos quartos e está a poucos metros de distância.

Só percebo que estou parado quando Jordan sussurra em meu ouvido:

— Ou você fala com a mulher ou volta a andar, cacete.

Não tem a menor chance de ignorar Daniela. Não sou filho da puta a esse ponto, por mais que para ela eu seja isso e muito mais.

— Oi — forço a palavra a sair da minha boca.

Ela está linda pra caralho.

Os cabelos naturalmente cacheados descem pesados até a cintura e a saída de praia branca, longa e quase transparente, mal disfarça suas curvas. Tenho certeza de que está usando um daqueles biquínis indecentes que eu adorava. Pela cordinha presa ao pescoço, dá para ver que está com um branco, justamente a cor que sempre a destaca e que me deixava maluco.

— Hey, *Brasil!* — A voz de Jordan me atravessa, fazendo-me voltar à realidade. — Quanto tempo. Está tudo bem?

Desviando os olhos verdes dos meus, ela olha para o meu amigo:

— Estou bem. Fez boa viagem?

Fez e não fizeram. Um belo tapa verbal.

Ela está me ignorando, tanto que não respondeu ao meu cumprimento até agora. Tudo bem, eu mereço.

— Tranquilo. Até que foi rápido.

— Jatinho ou comercial?

— Jatinho. Uma regalia do time.

Ela abre um sorriso fraco e assente.

— Claro. As estrelas do *Patriots* merecem o melhor.

Sinto uma bola na garganta de repente, incapaz de continuar olhando para ela e resolvo acabar com o momento estranho.

— Preciso ir. Foi bom te ver. Depois nos falamos melhor — digo, como se por algum acaso ela se importasse.

Daniela apenas me encara, indiferente, apática, e se vira para o outro lado, e mais uma vez me sinto um pedaço de merda.

— Irmão, não queria estar na sua pele — meu amigo e colega de clube cochicha.

— Acho que você não precisa estar na minha pele. Afinal de contas, Carly também está por aqui.

Ele revira os olhos, como se não precisasse repetir as zilhões de respostas que me deu durante todos esses anos: “esquece esse assunto” ou “não compare o que tive com o seu relacionamento com a *Brasil*”. Apesar de brincar, de fato não dá para comparar a minha situação com a dele. Jordan gostava da companhia da Carly, sim, os dois se davam bem na cama, mas, segundo ele, nunca disseram que se amavam ou algo mais profundo. O que rolou foi mais um mal-entendido que não foi resolvido do que qualquer outra coisa. Diferente da minha história com Daniela.

Bem diferente.

Eu sabia que não seria fácil reencontrar Daniela, a única mulher que entreguei meu coração, e que todos os sentimentos que venho jogando para longe me assombrariam, mas ou era isso ou não viria para o casamento do meu irmão, e esta opção estava fora de cogitação. No fim das contas, mereço ser torturado pelas minhas escolhas.

De repente, sinto uma dor de cabeça chata e me concentro na situação atual. Olho para as funcionárias, que estão até agora nos acompanhando, e pergunto:

— Nossos quartos são neste mesmo andar?

— Sim. São estes dois aqui. O Sr. Smith está no 306 e o Sr. Jordan, no 307.

Que maravilha! Do lado da minha ex. Se isso não for obra de uma certa *Señorita*...

— Será que as paredes são finas? — o babaca do meu amigo insinua para mim e vejo como as mulheres ficam vermelhas. Este é o efeito que o desgraçado causa.

— Não levem esse idiota a sério. Obrigado por nos mostrarem o lugar, meninas. A partir de agora, é por nossa conta.

Entretanto, uma delas dá um passo à frente e diz:

— As paredes são um pouco finas, sim. Caso queiram testar, estou à disposição.

Jordan a olha de cima a baixo, ponderando, e discretamente balanço a cabeça, lembrando-o da razão de estarmos aqui. Após considerar e pensar com a cabeça de cima, ele solta um longo suspiro e abre um sorriso cheio de dentes brancos e alinhados, antes de falar:

— Obrigado, querida, a oferta é tentadora, mas ficaremos bem. Pode nos dar os cartões, por favor?

O semblante da mulher cai, claramente decepcionada, mas felizmente não insiste e nos entrega os cartões de acesso.

— Tenham uma ótima estadia.

— Obrigado — dizemos juntos.

Elas se afastam e Jordan abre um sorrisinho malicioso.

— Cara, era só estalar os dedos que elas viriam para o nosso quarto.

— Você está se ouvindo? Acabamos de chegar, nem falamos com Stevens, Liz ou Royce e você já quer foder? Porra, tem hora que você extrapola.

— Valeu, *Papa São Damon*. Se você quer se manter puro para a sua amada, faça isso, mas longe de mim. Quer saber? Vou pro meu quarto trocar de roupa e partir para a praia, porque algo me diz que o que não falta aqui é gostosa. Não é porque Stevens vai casar que não vou me divertir, Smith. Vamos ficar seis dias em um Resort foda e vou aproveitar cada segundo. — Certas coisas definitivamente não mudam.

Reviro os olhos e sigo para o meu.

Não sou santo, óbvio que não, contudo tenho andado mais focado na carreira do que em me deitar com mulheres aleatórias. Um dia fui porra-louca, integrante da *Toda-Poderosa-Tríade*, mas depois de Daniela... não sou mais o mesmo e não me arrependo de ter amadurecido.

Abro a porta e contemplo o espaço amplo. A cama é grande, do jeito que gosto, a sacada tem vista para o mar e as cortinas brancas, parecidas com voais, vão de um lado para o outro, dançando conforme o vento. Sem dúvida alguma, este lugar é um paraíso.

Deixo a mala de rodinha em um canto e coloco a bolsa esportiva ao lado, seguindo para o lado de fora. Apoio os antebraços no parapeito e respiro fundo, apreciando a imensidão do mar e do hotel.

Sei que Stevens tem grana e está trabalhando como um louco para se tornar sócio de um grande escritório de NYC, mas aposto que este lugar lhe custou uma boa quantia. Quando nos contou seu plano, Jordan e eu o aconselhamos a se casar em uma igreja bonita, em Nova York mesmo, mas ele estava irredutível quanto a impressionar sua garota, ainda mais sendo a mulher que estava gerando seu filho, nosso pequeno Royce — que vem a ser meu afilhado.

Aliás, o que não falta é padrinho para Royce. Mike, Jordan e Dani também são — no caso, Dani é madrinha. Não me pergunte se é possível ou legal perante a igreja, só sei que dona Liz Pérez quis

assim, e assim foi feito. Quem sou eu para reclamar quando aquele garotinho tornou meu mundo muito melhor?

Nunca pensei que seria o tipo de tio babão, mas quando o segurei pela primeira vez, logo que nasceu, meu coração errou uma batida. Descobri um tipo de amor que não consigo nem descrever.

Às vezes, gosto de me torturar e me pego pensando: será que um dia vou viver tudo isso? E, então, uma voz sarcástica sussurra de volta em minha cabeça: *você teve sua chance e a desperdiçou, babaca.*

A grande verdade é que eu nunca fui suficiente para Daniela e só constatei isso quando realizei meu sonho de jogar em um grande time. Não consegui lidar com a distância, com a saudade, muito menos com a insegurança de deixá-la sozinha e que a qualquer momento um cara, melhor do que eu, um médico quem sabe, poderia lhe dar algo que eu não poderia: estabilidade.

Com minhas viagens constantes, a mídia sempre em cima e vivendo em completo caos, não acho que Dani estaria feliz ao meu lado. Pretensioso demais? Vidente, como dizem meus amigos? Não sei, mas acredito no meu instinto e de alguma forma sentia que a estava puxando para baixo, sufocando seu brilho, seu potencial,

então a deixei ir. Podem me chamar de burro, mas nunca poderão dizer que não a amei. Porra, isso não!

Comi o pão que o diabo amassou, fiquei no fundo do poço e se não fosse o futebol, não sei se teria voltado para a superfície. Somente Jordan e Stevens sabem como fiquei. Fiz meu amigo prometer não contar nada para Liz ou tenho certeza de que ela interviria. Continua não sendo fácil forçar a me esquecer do seu cheiro, do seu corpo, do seu sorriso, mas saber o quanto ela vem crescendo e se tornando gigante na área que se dedica é o que alivia a dor da ausência.

Sim, de longe continuo acompanhando seus passos. Ela pode pensar um monte de merda de mim, que a abandonei, que preferi o sucesso a viver o nosso amor, mas estávamos em momentos distintos. Suas palavras, ainda na faculdade, sempre martelavam minha mente: “se a gente vai namorar, você tem que saber que não posso tirar o foco dos estudos”, “sou bolsista, brasileira e preciso batalhar dez vezes mais do que um aluno americano”, “meu sonho é ser pesquisadora e não posso deixar que nada ofusque o meu objetivo”.

Precisei fazer uma escolha e fiz.

Eu sabia que quando a visse, ficaria mexido, porém não tinha noção do quanto. A última vez que nos encontramos foi no nascimento de Royce, há um ano, pois em todos os outros eventos entre amigos, ou não pude ir porque estava jogando ou ela resolvia não aparecer.

Sei que me tornei seu vilão, a última pessoa que ela gostaria de ver, e isso acaba comigo, porém o que me conforta é ver que está tudo correndo como imaginei. Infelizmente, ou felizmente, às vezes precisamos perder para ganhar.

Uma batida na porta me faz voltar à realidade e a voz de Jordan vem em seguida:

— Tô indo encontrar o Stevens. Você vem?

Passo as mãos no cabelo e sigo para dentro do quarto.

— Pode ir na frente. Me manda a localização por mensagem.

Ele não responde, mas tenho certeza de que ainda está do outro lado. Então, quando menos espero, fala:

— Tudo bem. E, Smith...

— Oi?

— Levanta essa cabeça, irmão. Não adianta sofrer por antecipação. Deixa rolar! Te encontro lá embaixo.

Suas palavras são como um balde de água fria em meus pensamentos conturbados. Ele pode ser inconveniente, sem noção e um babaca, na maioria das vezes, mas se preocupa comigo. Nossa irmandade é assim, não deixamos o outro cair.

Após alguns minutos direcionando minha mente para outro lugar, decido seguir seu conselho. Não vim para outro país para ficar em comisseração. Vim com a missão de ver meu melhor amigo casar e é nisso que preciso focar.



De boné, óculos escuros, bermuda, blusão largo e chinelos cruzei o Resort até chegar ao local em que meus amigos estão me esperando.

O hotel parece estar com sua ocupação total, por isso tive uma certa dificuldade em encontrar a localização que me enviaram.

O mar é a primeira coisa que chama a minha atenção assim que coloco os pés na areia. De perto, é ainda mais bonito com variados tons de azul. O vento está forte, amenizando o calor escaldante, e zigzagueio algumas mesas até chegar ao meu destino.

— Até que enfim! — Stevens exclama, levantando-se para me cumprimentar com um abraço apertado.

Eles estão sentados ao redor de uma mesa com um guarda-sol no meio, de frente para o mar. Perfeito para curtir o dia ensolarado.

— Estava precisando de um banho.

— Smith é igual mulher se trocando, o pessoal do time fica puto com ele — Jordan comenta e reviro os olhos.

— Você fica puto, babaca, não o time.

— Faço parte do time, então é o que conta.

Nosso amigo ri da troca de farpas e balança a cabeça.

— Vocês não mudam. A sorte é que são muito bons no que fazem ou dariam trabalho para o clube.

— Somos irmãos, Stevens, e irmãos brigam — Kellan justifica, sorrindo e piscando para mim. O filho da puta adora provocar e não consigo deixar de rir.

Sinto a tensão se esvair aos poucos e me sento ao lado deles.

— Como o noivo está? — pergunto, apertando o ombro do advogado.

— Estou ótimo. Acabei de malhar pra tentar diminuir a porra da ansiedade. Tenho andado uma pilha de nervos.

— Não é por pouco, irmão. Você está prestes a ir pra prisão — Jordan zomba e nós três rimos.

— Se toda prisão for ao lado da minha mulher, quero pegar a perpétua.

É a minha vez de balançar a cabeça e rir.

— Não sei quem é pior — declaro. — E onde está o nosso afilhado?

— Liz está dando a mamadeira dele e daqui a pouco vai descer.

— Como estão os preparativos? — pergunto.

— Melhor do que eu imaginava. Foi muito bom ter contratado tudo por aqui. Não esquentamos a cabeça com quase nada, a não ser Liz que precisa resolver uma coisa ou outra, mas de resto, está sendo uma experiência incrível. A merda é que acabo ficando ansioso com as surpresas que estou preparando pra ela.

— Surpresas? Caralho, Stevens, você eleva demais o nível — Jordan comenta, bebendo um gole de cerveja em seguida.

— Concordo com ele, irmão. Assim fica difícil pra gente.

— Fodam-se vocês. O que posso fazer se não sabem como agradar uma mulher?

Mudando de assunto, pergunto:

— Qual a boa de hoje? Vamos pegar um sol, beber até cair?

— Tô fora de beber até cair. Liz pode precisar de mim e com Royce é tudo imprevisível.

— Responsabilidades de um soldado abatido... Já que Smith e eu estamos de folga, vamos beber por você, não é? — Jordan pergunta com o desafio rolando nos olhos.

— Com certeza — respondo, entrando na sua.

— Se vocês fizerem alguma merda... — Stevens começa, mas Jordan o interrompe.

— Fique tranquilo que já temos um monte de babás em Nova York.

— Esqueço que vocês são celebridades agora. Estão aproveitando a fama?

Antes que consigamos responder, alguém aparece ao nosso lado.

— Ora, ora, se não é a dupla de estrelas.

— Wilson, quanto tempo — cumprimento-o com um aperto de mãos, o que meus amigos repetem.

Ele sorri de lado, usando óculos espelhados, uma camiseta cavada e bermuda estampada.

— É verdade, faz um tempo. Stevens, Liz pediu para avisar que Royce está com a babá, mas tenho certeza de que é uma mensagem subliminar para você subir.

— Porra! — Meu amigo se levanta em um impulso. — Depois falo com vocês.

Nosso amigo sai como se estivesse correndo uma maratona e nós três caímos na risada com seu desespero.

— Parece que é verdade quando dizem que depois que um casal tem filho, cada minuto é precioso — brinco.

— Quer sentar com a gente? — Jordan pergunta para Wilson, mas o professor de História nega.

— Estou em outra área.

Ele acena para um espaço com espreguiçadeiras onde estão David e...

Daniela.

— Estamos esperando Carla chegar — acrescenta.

Fico sem palavras ao ver a morena deitada de barriga para cima, enquanto se bronzeia. Os cabelos cheios estão presos em um coque alto e o biquíni branco contorna seu corpo repleto de curvas, os seios empinados, as tiras finas da parte de baixo parecem me chamar, salientando os quadris largos.

Quanto tempo, caralho!

Meu pau chega a latejar de tesão.

Wilson me flagra e abre um sorrisinho de lado.

— Sabe que estragou tudo, não é? Não tive oportunidade de falar pessoalmente antes, mas nunca é tarde.

Desvio os olhos da mulher que chamava de namorada e os ergo até o loiro ao meu lado.

— Você não sabe de nada, Wilson, então limite-se à sua ignorância.

— Sei o suficiente. Sei que ela te amava pra caralho, sei que ficou arrasada e que demorou um bom tempo para seguir em frente. Mas, como Deus é bom, ela seguiu.

Como é que é?

O que ele quer dizer com “ela seguiu”?

Sinto como se tivessem me dado um golpe forte no estômago e não conseguisse respirar, como um dos vários que já levei durante os jogos, porém a sensação é mil vezes mais dolorosa.

Encaro os olhos azuis, que agora estão livres dos óculos chamativos, e busco alguma resposta sem precisar abrir a boca para isso. Não porque não quero, mas porque não tenho forças.

Involuntariamente, minhas mãos se abrem e fecham, uma mania que tenho quando fico nervoso, e meu irmão parece perceber.

— Wilson, se não tem mais merda nenhuma pra falar, acho melhor sair daqui.

A voz de Jordan sai ameaçadora, grave, protetora, e o outro parece compreender que não é uma boa continuar aqui.

Mike me olha com genuína curiosidade, como se só agora percebesse o quanto estou fodido, mas é inteligente o suficiente para sair da minha frente.

Nem notei o garçom ao nosso lado até que meu amigo faz seu pedido:

— Traga uma garrafa do que você tem de mais forte.



CAPÍTULO 19

Garota, me aceite de volta porque eu quero ficar

Guarde suas lágrimas para outro

Eu percebi que é tarde demais

E que você merece alguém melhor

Guarde suas lágrimas para outro dia

SAVE YOUR TEARS, THE WEEKND FEAT. ARIANA GRANDE

Kellan Jordan

Quer me ver puto é mexer com meus irmãos. Wilson veio de caso pensado, com o único propósito de provocar Smith. Ele pode ser o protetor da amiga, mas vi de perto como meu irmão ficou depois que terminou com Daniela.

Mal o reconheci no dia em que apareceu chorando no meu apartamento em Foxborough, cidade em que moramos quando não estamos em Nova York e onde fica a sede do *New England Patriots*. Ele tinha acabado de chegar de uma de suas viagens a New Haven e estava desolado.

— *Terminei com Daniela.*

— *O quê? Como assim, Smith?*

— *Ela merece alguém melhor, Jordan.* — *Ele chorava de soluçar, tanto pela tristeza quanto pelo álcool que se fazia sentir em seu hálito.* — *Odeio não ter tempo para retornar suas ligações ou quando surge uma matéria mentirosa nos jornais, dizendo que saí com modelo X e Y. Porra, eu tava fodendo com a vida dela! Precisava dar um jeito...*

— *Calma. Senta aí.*

Ele sentou no sofá, apoiou os cotovelos nos joelhos e segurou a cabeça com as mãos, voltando a chorar como uma criança. Aquela foi a primeira vez que o vi tão transtornado. Nem quando o pai morreu, dois anos antes, eu o vi daquele jeito.

— Daniela era a mulher da minha vida, Jordan. Você precisava ver como ela ficou. O que tive que ouvir, porque não podia contar minhas razões. Mas, porra, eu estava apagando o brilho dela. Dani é inteligente pra caralho e eu não queria que me visse como o centro da sua vida, que se preocupasse tanto comigo que não focasse nas aulas, na residência, que era o que estava acontecendo sem que percebesse. Ela chegou a cogitar que poderia se mudar pra cá, que faria as aulas à distância, você acredita? Porra, eu nunca me perdoaria.

— E o que você falou?

— Falei que estava curtindo o meu sucesso — ele riu, sem graça alguma, e balançou a cabeça —, que era melhor a gente se separar porque a distância era uma merda e mais um monte de mentira enquanto meu coração era destruído.

— Caralho, Smith, e você não pensou que ela gostaria de saber a verdade? Que poderia entender o seu medo? Por que

terminar tudo, sabendo que ela é a mulher com quem você quer um futuro?

— Conhecendo Daniela, você acha que ela aceitaria meus motivos? Responde isso pra mim.

Soltei um longo suspiro e neguei com a cabeça. Ele tinha razão, com a brasileira só cortando o mal pela raiz, por mais dolorido que fosse.

Depois daquele dia, era comum ver Smith entrando em seu mundinho de autoflagelação. Deixou de sair, de se divertir e usava o futebol como seu escudo e principal objetivo de vida. Não foi à toa que se tornou um dos jogadores mais bem pagos do mundo, junto comigo, claro. Disciplina e técnica são nossas principais características.

Ele odeia se lembrar daquela época obscura, do quanto ficou vulnerável, mas dá para perceber que o assunto ainda não foi finalizado. Os olhares que trocou com Daniela mais cedo comprovam isso. O cara a ama e ela, bem, ela finge que o esqueceu, e eu finjo que acredito.

De soslaio, olho para Smith, que continua quieto, pensativo, e respeito seu momento.

Apesar de fazer com que Stevens e eu jurássemos não contar a ninguém seus motivos altruístas, minha vontade é jogar toda a merda no ventilador. Ele não merece ser taxado de traidor, mesquinho ou egoísta, muito pelo contrário, o cara foi homem com “h” maiúsculo. Terminar com a pessoa que ele julgava ser a *mulher da sua vida* só para não a prejudicar? Nem eu sei se teria colhões para fazer isso.

Bem, para ser sincero, seria muito difícil essa situação acontecer, porque nunca me senti da mesma forma. A galera gosta de zoar a minha situação com a Carly, mas o que rolou entre nós foi puramente físico. Por esta razão, nunca entendi o motivo de ela ter ficado tão puta quando entrei em seu jogo sem sentido, anos atrás.

Estávamos dando uns amassos no meu carro, quando a líder de torcida resolveu que queria jogar comigo, dizendo que tinha um cara pedindo para sair com ela, e eu, sem saber o que falar, perguntei se estava interessada. Ela se sentiu ofendida e, de repente, começou a me atacar:

— *Por quê? Você quer sair com alguma garota?*

Sem entender nada, apenas respondi:

— *Se você quer sair com outros caras, posso sair com outras garotas também. Não vejo problema algum.*

Como disse, não sou cara de joguinhos ou ceninhas, a não ser que sejam jogos picantes, obviamente. Se ela não aguentava, por que começou? Depois vieram me dizer que eu tinha sido um babaca, que deveria ter entendido que era uma brincadeira, mas por que *eu* deveria entender alguma coisa se nunca havia namorado e nem sentia que o nosso caso era mais do que um *simples caso*? Por que o cara sempre leva a culpa? Pior, por que uma mulher como Carly precisava se autoafirmar daquele jeito? Desde então, seu ranço por mim chegou a níveis extremos.

Anos se passaram, estou em outra fase da vida, feliz — sim, estou feliz pra caralho e casado com a minha carreira — e mais maduro. Por este motivo, não vejo problema em pedir desculpa para Carly por qualquer mal-entendido que tenha acontecido. Não pretendo levar essa animosidade sem sentido além do que já foi.

Uma garrafa de uísque é colocada na mesa, mais dois copos e um pequeno isopor com gelo.

— Aqui está. É o que temos de mais forte, senhor. Precisam de algo mais? — o garçom pergunta, solícito.

— Pode trazer alguns petiscos, por favor? Vi que vocês têm camarão e lagosta. Pode trazer um pouco de cada.

— Anotado. Daqui a pouco já trago.

O rapaz se afasta e me inclino sobre a mesa.

— Smith, olha pra mim.

Porra, ele está fora de órbita!

Seu olhar angustiado encontra o meu e respiro fundo.

— Você está bem?

Leva um minuto para responder.

— Vou ficar.

— Cara, não liga para o que o idiota do Wilson jogou. Ele só queria te provocar. Vamos beber, curtir. Quer trocar de lugar? A gente pode ir mais pra frente, sem tentações...

— Foi mal, Jordan, estou sendo uma péssima companhia. É foda! — ele diz, passando as mãos no cabelo.

Inclino-me mais na mesa e falo:

— Já pensou em jogar a real para a *Brasil*? Só falta um ano pra ela se formar, parece que está indo muito bem na residência, nossas agendas estão mais flexíveis, pensa nisso, cara. Se você ainda a ama, vai fundo, caralho! Para de pensar tanto.

— Você acha que depois desse tempo todo ela vai me aceitar de braços abertos, como se eu nunca a tivesse quebrado? Ela me odeia, porra!

Adicionando gelo e dois dedos de uísque em nossos copos, digo:

— Você tem duas opções: ou fala a verdade e a deixa se decidir ou fica com essa dúvida até ela, de fato, seguir em frente.

Eu sei que Daniela não está namorando porque me mantenho atualizado com Stevens. Nós dois, mesmo à distância, conversamos quase que diariamente e ele, assim como eu, se preocupa com Smith.

— Vamos beber, Jordan. Não tenho condições de pensar em mais nada agora.

— Vamos beber, então.

Daniela Lima

— Gata, escuta o que estou dizendo, o cara ainda está na sua. Quando insinuei que você estava seguindo em frente, ele só faltou cair duro.

— Você está exagerando, Mike. Damon parecia muito bem quando pediu licença mais cedo, tanto que nem conseguiu ficar perto de mim.

— Foi isso mesmo o que aconteceu ou é a sua raiva falando?

Bufo, de saco cheio desse assunto, e o encaro:

— Sinceramente, não quero mais falar sobre isso. Se vai ficar defendendo o inimigo, vou para outro lugar.

— Nossa! — Ele ergue as mãos para o alto, todo dramático. — Não está mais aqui quem falou. Seu humor está péssimo, Dani.

Como ele queria que eu estivesse? Sorridente? Porra, ontem bebi além da conta só por saber que o cara que estilhaçou meu coração estaria aqui e agora, o mesmo cara, está a poucos metros de mim.

Demorei tanto tempo para me reerguer e poucas horas já me mostraram que estou longe de estar bem. A todo instante minha vontade é olhar em sua direção, admirar aquela beleza que sempre me fascinou, mas meu lado racional *ainda* está vencendo.

É difícil demais, mas não vou dar o braço a torcer. *Não posso.*

Minha pele pega fogo e por alguma razão sei que não é só o sol quente me queimando. É como se pudesse sentir um par de olhos azuis me observando, agarrando-se a mim. Talvez se eu for ao banheiro, consiga tirar minha prova.

Não, Daniela! Foque em outra coisa.

— Vou pedir uma caipirinha, vocês querem? — pergunto para Mike e David, que estão deitados ao meu lado.

— Tem certeza que é uma boa ideia? — Meu amigo não deixa passar uma. Ele está preocupado que eu fique como ontem, porém não pretendo passar dos limites com a *plateia* que temos hoje.

— Fica tranquilo que só quero relaxar.

— Tudo bem. Vou querer uma. E você, Dav?

— Pode pedir uma pra mim também. Este calor está pedindo.

Visto minha saída de praia e sigo em direção ao balcão, tomando cuidado para não olhar na direção errada. O *barman* me reconhece e sorri amistosamente para mim.

— Que bom rever a senhorita.

— Não precisa ser educado, sei que passei vergonha ontem.

— Ninguém passa vergonha por aqui, senhorita. Estamos em um Resort *All Inclusive*, localizado em um paraíso, o propósito é relaxar e ser feliz. É como a senhorita estava ontem, feliz demais.

Sorrio para ele, tocada pela sua compreensão, e relaxo consideravelmente.

— Muito obrigada... — olho para a plaquinha em seu uniforme e o chamo pelo nome — ... Alexander.

— De nada, senhorita. O que deseja?

— Quero três caipirinhas, por favor.

— Pedido anotado. Fique à vontade que daqui a alguns minutos o garçom levará para a senhorita.

— Obrigada.

Ele se vira para atender outra pessoa e ao girar meu corpo a fim de voltar para o meu lugar, choco meu corpo contra algo tão duro, que pensei ser uma parede.

— Ai! — exclamo, massageando meu ombro.

— Me desculpa, não percebi que você estava distraída.

Olho para cima e logo reconheço o cara. É o mesmo que quase roubou minha cadeira na piscina ontem.

— Não estava distraída, só me virei e quando dei por mim, você estava perto demais.

— Não foi minha intenção.

— Sei...

Ele arregala os olhos, como se fosse inocente.

— O quê? Vai dizer que não fez de propósito? Já percebi que seus métodos são um tanto... invasivos.

— Invasivos?

Ele ri, mostrando os dentes brancos perfeitamente alinhados, e joga a cabeça para trás. O homem pode ser lindo, com um rosto e

corpo de tirar o fôlego, mas seu jeito de chamar a atenção não me atrai nem um pouco.

— Você é a primeira mulher que reclama dos meus métodos.

— Talvez porque eu não seja para o seu bico — disparo sem paciência.

— *Ouch*. — O intrometido coloca a mão no coração dramaticamente e reviro os olhos. — Calma, morena, assim você me magoa.

— Olha, vamos falar sério aqui? Não estou a fim, de verdade. Estou curtindo com meus amigos, minha melhor amiga vai se casar daqui a dois dias e não estou aberta a aventuras.

Seu semblante se transforma, tornando-se mais sério e ele assente com a cabeça.

— Me perdoe, não quis ser inconveniente. Costumo ser brincalhão, mas esqueço que não estou no meu país.

Ergo minhas sobrancelhas.

— E de onde você é? — pergunto porque fiquei curiosa. Seu inglês é perfeito, mas não é nativo, assim como o meu, dá para perceber um leve sotaque.

— Brasil. — Engasgo com a saliva e imediatamente começo a tossir. — Você está bem?

Ele passa a mão nas minhas costas, tentando aliviar minha tosse, mas me afasto e começo a rir com as mãos apoiadas nos joelhos. Olho para o seu rosto confuso e rio mais um pouco.

Sério, como assim? Essa é a prova de que brasileiro está em tudo que é canto. Resolvo responder sua pergunta em português só para ver sua reação.

— Estou bem.

Primeiro, ele fica chocado, mas então começa a rir também.

— Porra, não acredito! — ele fala em nosso idioma, e assim a conversa segue.

— Nem eu.

— Minha desculpa por ser de outro país não valeu de nada, então.

— Não mesmo. Aqui ou lá, continuo não sendo para o seu bico, querido. — Ele solta uma gargalhada e o clima fica imediatamente mais leve.

Um garçom aparece ao meu lado com as caipirinhas em uma bandeja e pergunta se quero a minha agora ou se pode deixar as três na minha mesa.

— Pode deixar uma aqui e levar as outras para os meus amigos, por favor.

— Tudo bem.

Enquanto beberico minha caipirinha, o desconhecido pergunta:

— Caipirinha, hein? Exatamente o que vim pedir.

— Eu amo. Não bebia há eras.

— De qual cidade você é?

— Rio de Janeiro, mas moro nos Estados Unidos há sete anos. E você?

— Uau, por isso foi tão difícil adivinhar que não era americana.

— O seu inglês também é muito bom.

— Fiz intercâmbio na Austrália e vivo viajando por aí. Tenho um blogue de viagens.

— Que demais! E de qual parte do Brasil você é?

— Belo Horizonte.

— Ah, nunca fui, mas adoro Minas.

— Também adoro a minha terrinha. A propósito, me chamo André. — Ele estende a mão e o cumprimento de volta.

Meu celular, que está preso à lateral da calcinha do biquíni, apita indicando que chegou mensagem e como estou esperando Carla dar sinal de vida, pego o aparelho e confiro o que se trata. Como imaginava, é ela.

— Eu sou Daniela. André, foi muito legal saber que somos do mesmo país, mas preciso sair porque uma amiga minha, que por sinal também é brasileira, chegou ao Resort e fiquei de buscá-la no quarto.

— Sem problemas, vai lá. — Sem que eu espere, ele me dá um beijo em cada bochecha e percebo o quanto estou desacostumada com o gesto.

Nós nos afastamos e quando estou quase chegando à minha mesa para avisar ao Mike que vou buscar a Carla, alguém entra na minha frente.

Alguém que conheço muito bem.

Alguém que está sem camisa, deixando-me muito ciente do seu peitoral e braços musculosos, resultado de muito treino e suplementos.

Alguém que faz meu coração acelerar sem qualquer esforço. Só pelo simples fato de existir.

Alguém que me encara como se não tivesse me quebrado há quase três anos.

Noto que seu tórax e pescoço estão vermelhos e se eu não o conhecesse tão bem, diria que é por causa do sol, mas quando examino seus olhos, tenho certeza de que esteve bebendo.

— Oi. — Sua voz sai grave e rouca, mas seu olhar me analisa minuciosamente.

Respiro fundo e endireito minha postura.

— Pode me dar licença? — Dou um passo para a esquerda, mas ele segue meu gesto, bloqueando minha saída. Derrotada, solto um longo suspiro. — O que você quer, Damon?

Apesar da música alta ao redor, é como se estivéssemos em uma bolha e a sensação piora quando ele fica em silêncio, porque assim fico muito ciente da sua respiração, da sua proximidade, do seu cheiro...

Preciso sair daqui!

— Olha — começo a falar, mas sou interrompida.

— Um jantar.

— O quê? — pergunto, perplexa.

— Janta comigo.

Uma risada inesperada e baixa sai do fundo da minha garganta, sem qualquer sinal de diversão, refletindo a minha surpresa diante da sua coragem.

— Acho que você bebeu demais.

— Bebi, sim, mas não o suficiente para perder meu juízo. Só um jantar. Não vou fazer nada que você não queira, só preciso

conversar com você.

Chego mais perto, correndo perigo de ser inebriada pelo perfume que amo — uma mistura de Damon e limão —, junto toda força e amor-próprio que tenho e sussurro:

— Por que aceitaria seu convite, se durante todo esse tempo você preferiu me ignorar? — Ele abre a boca para me responder, mas continuo: — Por que te daria o prazer da minha companhia, se você me tratou como se eu não significasse nada?

— Isso nunca! Dani...

— Não! Aqui não! — Seu maxilar proeminente pulsa, uma característica de quando está nervoso, e seus olhos azuis ficam brilhantes, tão tristes que meus joelhos quase vacilam, mas não me dou por vencida. — Agora, deixa eu passar porque tenho mais o que fazer.

— Com aquele idiota? — ele rosna e sei muito bem do que está falando.

— É sério isso? De repente, você resolveu agir como se não tivéssemos passado dois anos e meio separados?

— Eu nunca te esqueci! — Damon vocifera.

— Não foi o que pareceu! — rebato de pronto, ignorando o quanto sua declaração mexe comigo, e pela sua expressão de dor,

sei que o atingi. Uma lágrima teimosa desliza pela minha bochecha e limpo o rosto de qualquer jeito com as costas da mão, irritada por demonstrar fraqueza em sua frente. Encostando o indicador em seu peito nu, lanço: — Porra, você me abandonou e acha que tem direito de exigir alguma coisa? Acha que tem direito de dizer que *nunca me esqueceu*? Acha que tem direito de pedir para jantar comigo?

— De fato, não tenho direito a nada disso.

Ele dá um passo para trás, cambaleando um pouco, e algo que nunca pensei que fosse presenciar, acontece. Uma lágrima desliza pelo seu rosto magnífico e minha guarda quase se abre, mas permaneço firme, ou quase isso.

Diferente de mim, ele não a seca, deixa que corra livremente e isso acaba comigo. Estamos em um lugar público, movimentado, sem qualquer privacidade e ele, como a celebridade que é, deveria estar preocupado com sua imagem, com seu orgulho. É como se o Damon que estivesse na minha frente fosse apenas uma casca daquele cara lá de trás. Ou será resultado da bebida? É óbvio que ele não está em seu estado normal.

— Damon, acho melhor ficar sóbrio e depo...

— Eu não estou tão bêbado assim — diz, cortando minha frase. — E também, se estiver, bêbado só fala a verdade. Estou completamente exposto. Sem máscaras, sem nada que esconda a minha necessidade de conversar com você.

Ele sorri fracamente, deixando outra lágrima grossa chegar à sua bochecha e meu peito se aperta.

— Por que você está fazendo isso? — pergunto em um fio de voz, indignada com a sua audácia.

Ele não pode chorar.

Ele não pode amolecer o pouco que resta do meu coração. O vilão aqui é ele, caramba!

— Janta comigo que eu te explico.

— Por que aqui? Neste lugar? Tivemos tanto tempo. Dois anos e meio precisamente! É porque é mais conveniente, não é? Você está aqui, não tem para onde fugir...

— Apenas um jantar — ele insiste, sem responder aos meus questionamentos.

Sua expressão atormentada me perturba, mas o ressentimento, a mágoa, ainda estão aqui, gritando e dizendo: não baixe a guarda.

Lembranças da noite em que Damon decidiu terminar nosso namoro não param de vir como flashes em minha mente, justamente no momento que mais precisava dele, da sua força, do seu amor. Mas ele preferiu ir embora. Achou mais fácil se afastar do que lutar por mim.

Em vez de dar lugar à emoção, ao que ainda sinto por ele, escolho a razão.

— Não posso.

Ele parece ter levado um soco no estômago.

— Dani, por favor... — diz, aproximando-se ainda mais.

— Não. — Dou um passo para trás, esquivando-me o máximo que posso. — Vamos conversar, sim, porque *eu* mereço isso, mas não será nos seus termos.

— Quando?

— Quando eu estiver pronta.

Ele fica em silêncio e fecha os olhos, assentindo com a cabeça.

— Preciso ir — aviso e Damon abre os olhos.

Ainda em silêncio, ele fica de lado, permitindo que eu me retire, e quando passo a centímetros do seu corpo intimidante, ouço-

o inspirar meu cheiro e engulo em seco diante da explosão de sentimentos que um simples gesto causou dentro de mim.

Preciso ser forte e é por isso que trago à memória o dia em que ele virou as costas para mim. É o que me dá força para me afastar e não olhar para trás.



CAPÍTULO 20

E você me pegou tipo, oh
O que você quer de mim?
(O que você quer de mim?)
E eu tentei comprar o seu lindo coração
Mas o preço é muito alto
LOVE ON THE BRAIN, RIHANNA

Carla Moraes

— Até que enfim! — exclamo quando Dani chega ao meu quarto.

Eu a abraço, depositando toda minha saudade e alegria em vê-la e quando nos afastamos percebo o quanto ela está estranha.

— O que aconteceu?

— Depois te conto.

— Agora fiquei curiosa.

— Calma. Você chegou agora e teremos o dia todo para nos atualizarmos. — Ela se recompõe e abre um sorriso para mim. — Estou muito feliz em te ver, Carlinha.

— Eu também, amiga! — Olho-a de cima a baixo e assovio. — Você está linda, Dani. E esse bronze todo? Parece que está aqui há dias.

— Estou aproveitando cada segundo para ativar a minha melanina, querida.

Dou uma risada alta.

— Está gata demais. E essa cinturinha? Anda malhando, é?

Na última vez em que a vi, ela estava mais encorpada. O término do seu relacionamento foi bem difícil e Daniela adquiriu uma compulsão alimentar. Fico feliz que finalmente as coisas estejam melhorando para a minha amiga.

— Só quando sobra tempo, mas tenho evitado comer porcarias. Não garanto que serei a mesma até o final desta viagem.

— Imagino como deve ser uma tentação isso daqui. — Rio e caminho até a varanda que tem vista para um mar de variados tons de azul. Incrível!

— Você falou de mim, mas está sensacional — Dani diz, perscrutando meu corpo com o olhar. — Sério, acho que nunca te vi tão sarada.

— Obrigada, amiga, mas este é o preço por trabalhar sem parar.

— Nossa, deve ser barra pesada ser treinadora em um colégio e *Cheerleader* de um time da liga profissional.

— Bota barra pesada nisso. São treinos e mais treinos, tem dias que mal chego em casa e capoto na cama. — Tenho uma visão geral do Resort e suspiro, satisfeita. — Que lugar é este? Estou encantada!

— Nem me fale! Stevens arrasou na escolha.

— Quem diria que o babaca mais escroto de Yale iria se tornar um romântico incurável? Ele é a prova de que milagres existem.

Nós duas rimos e Dani balança a cabeça.

— Você e sua implicância eterna.

— Se não implicar, não tem graça. E a Liz? Onde está? Estou louca de saudade dela e daquele bebê lindo.

— Ela me mandou uma mensagem mais cedo, dizendo que estava procurando um jeito de atacar o noivo. Então...

Jogo a cabeça para trás e solto uma risada alta.

— Tadinha. Royce é uma coisinha linda e gostosa, mas deve dar um trabalhão.

— E olha que eles vieram com uma babá, hein.

— Mesmo assim, mãe é mãe, né? Nunca deixa de se preocupar.

— Isso é.

Daniela segue na direção do banheiro e pergunta se estou pronta para descer.

— Sim. O que acha? Chamativo demais ou está bom?

Coloquei uma saída de praia preta, longa e rendada, e por baixo um dos meus biquínis preferidos, no estilo cortininha com

estampa de oncinha. Um dos modelos que minha mãe levou do Brasil quando foi me visitar pouco tempo atrás.

— Está arrasando, mulher, confie em mim.

Sorrio em resposta, juntando meus itens básicos em uma bolsa de palha.

Daniela me rodeia com um olhar de cachorro pidão e franzo o cenho.

— O que foi?

— Não pense que esqueci que você tem uma coisa pra contar.

Olho-me no espelho e sorrio diante de sua curiosidade.

— A Liz tem que estar junto, Dani. Então, sem chance.

— Aff... tentei, né?

Saímos do quarto e quando entramos no elevador, percebo que Daniela está nervosa, batendo o pé no chão e remexendo as mãos sem parar.

— O que está acontecendo? — pergunto e ela arqueia as sobrancelhas.

— Como assim?

— Acha que só porque não nos vemos com frequência, não te conheço?

Ela bufa e olha para o teto, antes de se virar para mim e dizer:

— Kellan e Damon já chegaram.

— E?

— Você não está... — ela procura a palavra e aguardo — ... sei lá, apreensiva?

— Por que estaria, Dani?

— Oras, porque eu sei que você ainda tem ranço do Kellan.

As portas do elevador se abrem e Daniela nos leva para nosso destino.

— Ah, sobre isso? Eu simplesmente ignoro.

— Mas você não acha que já tá na hora de resolver essa questão?

Paro no meio do caminho e quando percebe que está andando sozinha, ela vem até mim.

— Por que parou?

— Dani, preste atenção: meu foco aqui é participar do casamento da nossa amiga. Kellan é resultado de uma paixãoite que deu errado, nada mais.

— Então por que você está há tanto tempo sem falar com ele?

— Porque não tenho *nada* pra falar com ele. Porque a vida tomou outros rumos e nos distanciamos. Porque não quero. Tá bom?

— Uau, não toco mais no assunto.

— Deixa de bobeira. Vamos que estou doida pra cair no mar.

Eu sei que é difícil para os meus amigos compreenderem meus motivos, mas a verdade é que estou tentando ao máximo não pensar nesse “bendito” reencontro. É óbvio que o vejo sempre na TV, já estivemos em lados opostos no campo, mas falar com ele? Isso não faço desde a fatídica noite em que me dei conta de como estava enganada.

O fato é que Jordan nunca esteve na minha como estive na dele, em outras palavras, eu me apaixonei, ele não. Quando me dei conta desse detalhe, fiquei puta, não só com ele, mas comigo. Senti-me uma trouxa e a coisa que mais odeio na vida é me sentir trouxa. Precisei tomar uma atitude drástica: me distanciei. Sim, fugi, corri para as colinas, ou como quiser denominar uma atitude covarde. Reconheço que fui imatura, mas ou era isso ou sofreria mais.

Ao longo dos anos, aprendi que me fazer de forte e indiferente é a melhor opção. Talvez eu tenha caído em tentação e tenha visto algumas revistas e jogos, mas nada além disso.

Atualmente, estou saindo com um cara, jogador do *Buffalo Bills*, depois de passar anos solteira. Como dizem, solteira, sim,

sozinha nunca. Ele se chama Derek Simons e apesar de estarmos juntos há três semanas, estou feliz.

Chegamos à área da piscina, que por sinal é enorme e possui um bar no meio. Ao redor, há diversos coqueiros, tudo muito bonito.

— Podemos vir para cá depois — comento com Dani.

— Você vai adorar. Ontem enchi a cara aqui.

— Sério?

— Sério. Precisei ser carregada e tudo.

Pego seu braço e a faço parar.

— Isso não tem nada a ver com você. Aconteceu alguma coisa? Ou sua intenção era ficar bêbada mesmo?

Ela morde o lábio inferior e já sei que tem coisa aí. Por fim, despeja:

— Eu não tinha certeza que Damon viria e ontem a Liz me contou que ele chegaria hoje, aí entrei em parafuso.

— Não acredito, amiga. Ele ainda te afeta tanto assim?

Daniela baixa os olhos e quando olha para mim de novo tenho minha resposta.

— Mais do que deveria.

— Caramba, Daniela. E como foi encontrar com ele?

Algumas pessoas desviam da gente, mas não saímos do lugar.

— Foi como se tudo o que tentei esconder nesse período em que estamos separados viesse à tona de uma só vez. Mágoa, dor, decepção, saudade. Eu não queria sentir essas coisas. Tentei me mostrar indiferente, mas aqui dentro — ela aponta para o lado do coração — tá tudo bagunçado.

— Eu sei. — Abraço-a com força. — Eu sei.

Esse é o meu maior medo.

Falar que não sinto mais nada por Kellan Jordan ou que o esqueci é fácil demais quando estamos longe um do outro, mas não tenho ideia do que vou sentir quando estivermos frente a frente, sem barreiras, por alguns dias em um mesmo lugar. O pensamento me faz lembrar do impasse que preciso lidar quando chegar em Buffalo, mas vou deixar para pensar nisso quando chegar a hora de contar para as meninas.

Dani e eu nos livramos do abraço e sorriso para ela, deixando claro que estou ao seu lado, sempre.

— Agora vamos, antes que Mike mande alguém atrás da gente — diz, mudando de assunto.

Logo chegamos a uma área, perto da areia, repleta de mesas e cadeiras, e mais à frente, já na areia, há outras mesas, porém com espreguiçadeiras, exatamente onde Mike e David estão deitados.

— Você acredita que conheci um brasileiro mais cedo?

— Claro que acredito. Brasileiro tá em tudo que é canto, amiga.

Ela ri.

— Podemos dizer com tranquilidade que sim.

Antes de ingressar em Yale, pensava que seria difícil encontrar outros brasileiros na Universidade, afinal, há uma série de exigências para ser admitido lá. Ledo engano. Encontrei vários conterrâneos, mas a coincidência de ter conhecido Daniela no Brasil, fez com que me aproximasse mais dela, e nos tornamos grandes amigas.

Quando estamos quase chegando ao nosso destino, Daniela decide parar no bar e pede duas caipirinhas para nós. O *barman* é bem simpático e ao saber que somos brasileiras, pergunta se a caipirinha está aprovada.

— Alexander, você matou a nossa saudade de casa. Uma pena que nem todo lugar nos Estados Unidos tenha a nossa cachaça — Dani declara, como se já o conhecesse há anos.

— É verdade. Como somos um Resort que recebe muitos hóspedes constantemente, precisamos ter variedade, por isso

importamos mensalmente a bebida. As pessoas gostam da verdadeira caipirinha.

— Mais um motivo para amar este lugar — minha amiga dá corda e só consigo rir. — Até logo, Alexander.

— Boa tarde, senhorita.

— Dani, você é uma figura.

Com nossas bebidas na mão, finalmente estamos próximas de Mike, quando ela fala:

— Olha para a esquerda.

Giro meu pescoço e então vejo dois brutamontes sem camisa, sentados, de costas para nós. Observo-os rindo, enquanto comem e bebem — tudo indica que já estão alegrinhos —, e imediatamente minhas mãos ficam suadas.

— Humm... — murmuro nem um pouco afetada.

A questão é que não estou afetada mesmo, mas a expectativa me deixa mais ansiosa do que imaginei.

Sorte que não vamos passar perto dos dois.

Algumas mesas depois, chegamos.

— Hey, Mike! — Dani chama e o loiro, que está deitado, vira para nós.

— Olha ela aí! — Ele se levanta, batendo uma palma, e vem me abraçar, assim como David.

— Olá, meninos, como estão?

— Com essa vista? Estamos no paraíso.

Olho para frente e faço das palavras de Mike as minhas, porque é exatamente o que este lugar representa. A areia branquíssima em contraste com o mar é uma visão que só vi em fotos e blogues de viagens.

Todos nos cumprimentamos e separo uma espreguiçadeira para mim.

— Fez boa viagem? — ele pergunta.

— Fiz sim. Só estou cansada pela correria de acordar cedo, dormir pouco...

— Cansa mesmo, mas daqui a pouco você estará novinha em folha.

Por mais que Mike e eu não sejamos tão próximos quanto ele e as meninas, gosto muito dele. Seu jeito animado deixa o clima mais leve.

Bebo o restante da caipirinha, tiro a saída da praia e sinto uma vontade louca de cair no mar. O sol está fortíssimo e só o caminho até aqui me fez suar.

— Vou para o mar — anuncio, soltando o cabelo do coque que fiz mais cedo.

— Acabei de sair da água. Está uma delícia — David comenta.

— Vai lá, amiga. Daqui a pouco eu entro — Dani incentiva. — Tenho todo um ritual capilar antes de entrar.

— Ah, eu já fiz o meu. Ser loira e cacheada dá muito trabalho também.

— Seu cabelo está lindo, Carla. A cor, o tamanho. Aliás, cresceu bastante, né? Da última vez que te vi estava na metade das costas e agora está quase na cintura.

— Cresceu mesmo. Tenho tomado uma vitamina para fortalecer os fios e as unhas, e estou gostando do resultado. O seu está maravilhoso, Dani.

— Acho que preciso tomar essa vitamina — Mike entra na conversa, rindo.

— Lá vem o cara que tem cabelo liso e mesmo platinando há anos continua hidratado — Dani zomba e caio na risada. — Isso é muito injusto.

— O que posso fazer? Sou diferenciado — ele entra na brincadeira e pisca para nós.

— Vou deixar vocês brigando. *Bye, bye.*

— Calma, mulher! Já passou protetor solar? — minha amiga pergunta, preocupada.

— Passei sim, lá no quarto.

— Ah, então pode ir.

Sorrindo, tiro minha rasteirinha e sigo para o mar.

A água molha os meus pés e ao perceber que está morninha, avanço mais e mais. Deixo a brisa passar pelos meus cabelos e abro os braços, até ficar com apenas metade do corpo para fora.

Solto um longo suspiro de satisfação e me preparo para mergulhar.

Três, dois, um.

Fico alguns segundos imersa, batendo as pernas e os braços e volto para a superfície. Afasto alguns fios de cabelo do rosto e aproveito que o mar está calminho para fazer algo que amo e há muito tempo não faço: boiar.

Não sei quantos minutos fiquei aqui, boiando, olhando para o céu azul, sem nuvens, e quando me dou por satisfeita, volto a mergulhar.

— Nossa, isso aqui está uma delícia — falo sozinha ao retornar à superfície com metade do corpo para fora da água.

— Concordo.

Todos os pelos do meu corpo se arrepiam e nem preciso me virar para saber quem é o dono dessa voz.

Realmente, não me preparei para este momento. O que o som da sua voz, perto de mim, poderia causar. Que merda, Carla! Que merda!

Respiro fundo e tomo coragem. Giro meus tornozelos, a água densa dificulta o movimento e quando fico de frente para Kellan Jordan, o ar sai dos meus pulmões.

Meu Deus!

Ele está lindo, perfeito, robusto, enorme... já falei perfeito?

Estou acostumada a ver homens fortes e grandes no futebol, o treino deles é intenso, ultra pesado, mas *este* homem é pura definição e músculo. A pele preta, linda e molhada, deixa meus mamilos duros sob o biquíni e dou graças a Deus que o tecido é estampado ou passaria vergonha. Nem teria a desculpa de que a água está fria.

— Hey, Carly.

Não é possível que ele não esteja sentindo a mesma coisa, essa coisa que eu não sentia há anos, uma radioatividade insana, que deixa meu corpo em alerta máximo.

Carla, não vá por este caminho. Não se engane novamente.

— Hey, Jordan.



CAPÍTULO 21

Você sabe, eu tenho muito a dizer
Eu tento esconder na minha cara
E não funciona, você vê
Que eu só quero ficar com você
YOU RIGHT, DOJA CAT FEAT. WEEKND

Kellan Jordan

A mulher está um tesão de gostosa.

Dizem que algumas pessoas melhoram com o tempo, com toda a certeza Carly está entre elas.

Quando a vi entrando na água, precisei forçar minha vista para confirmar que era ela mesmo. Na faculdade, Carly já era linda, mantinha um corpo tonificado e definido, mas agora está uma perdição. Os cabelos batem na cintura fina, as pernas longas e torneadas chamam tanta atenção que fica impossível passarem despercebidas e a bunda... Caralho! Durinha e redonda. O biquíni minúsculo com estampa animal é a cereja do bolo.

Faz anos que não a vejo assim, tão de perto, e havia esquecido como a nossa química era boa. Foram poucas as vezes em que nos esbarramos, entre um jogo e outro, mas nunca mais conversamos. Confesso que não sei o que me deu para levantar e caminhar até a água, e continuo sem saber o que estou fazendo.

Apesar de ter bebido quase toda a garrafa de uísque com Smith, não estou tão alterado como meu amigo. O segredo? Hidratação. A cada dose, bebia muita água, assim o efeito do álcool

não faz tanto estrago e posso aproveitar melhor este paraíso. Coisa que Smith deveria ter feito ou não teria se precipitado com a *Brasil*.

Porra, vi a cena toda e por pouco não o interrompi. Ele ficou arrasado ao assistir a morena conversando e sorrindo para outro cara e não conseguiu se segurar. Junte um coração partido com ciúme e bebida e temos a combinação perfeita para dar merda. Porém as coisas não saíram tão ruins assim e ele conseguiu chamar a atenção da brasileira, tanto que vão conversar amanhã em um jantar.

Faço o mínimo de barulho até ficar a alguns centímetros de distância de Carly, enquanto ela boia, perdida em seu próprio mundo. Observo os seios maiores do que me lembro e minha experiência diz que colocou silicone.

Porra, aí você não ajuda!

Sinto-me como um *stalker*, mas não saio do lugar. Falei sério quando disse que já está na hora de nos resolvermos e ela estar aqui, sozinha, é o momento perfeito.

Carly finalmente sai de sua bolha e mergulha. Quando volta à superfície, vislumbro seu corpo de costas para mim, os cabelos ainda maiores por estarem molhados e o pedaço de tecido que sua bunda gostosa engole.

Preciso parar de pensar merda.

Não vim aqui para ficar secando a mulher. Ou pelo menos é isso que estou tentando me convencer.

— Nossa, isso aqui está uma delícia — ela murmura sozinha, tirando-me dos meus devaneios sacanas.

— Concordo — falo e seu corpo estremece.

Ela não se vira imediatamente, mas quando o faz, sinto o impacto de sua beleza. Seus olhos castanhos percorrem meu rosto e corpo disfarçadamente, mas não sou tão discreto assim. De fato, a mulher colocou silicone. Não de um tamanho desproporcional, pelo contrário, combinou perfeitamente com seu *shape* mais encorpado.

Tento não parecer um idiota e a cumprimento:

— Hey, Carly.

Minha voz sai mais grave do que eu esperava e preciso ir um pouco para o fundo ou ela vai saber que estou com uma ereção monstra pressionando minha sunga boxer.

— Hey, Jordan — a loira finalmente responde, um tanto sem jeito.

Com a água na altura do meu abdômen, me sinto mais seguro. Não quero que pense que sou um babaca que não consegue se segurar, mas vai além da minha vontade.

— Tudo bem eu estar aqui? — sondo.

Ela assente com a cabeça lentamente, antes de responder:

— Sim. Tudo bem.

— Vi você entrando no mar e achei que poderia ser uma boa hora para...

— Nos resolvermos? — ela me interrompe.

— Sim.

— Aquilo ficou no passado, Jordan. Também acho que devemos nos resolver, mas prefiro continuar mantendo distância.

Sua fala me surpreende.

— Posso perguntar o motivo?

Ela me encara com o queixo erguido, esforçando-se para não demonstrar qualquer fraqueza, e dispara:

— Porque estou saindo com alguém e não quero que os fantasmas do passado voltem a me assombrar.

Uau! Não esperava que fosse tão sincera.

— Fantasmas do passado? É assim que você me chama? — pergunto em um tom divertido.

— Não você, mas o que eu *sentia* por você.

Caralho! Eu não sabia o que encontraria vindo aqui, mas com certeza não esperava que Carly fosse tão direta. O terreno entre nós

é um campo minado neste momento, por isso retiro minha expressão divertida e a substituo pela mesma seriedade que vejo em seus olhos.

— Você sabe que só fiquei ciente do que sentia por mim naquela noite, não é? — A loira morde o lábio inferior e respira fundo, como se o assunto ainda mexesse com ela. — Eu era imaturo, não tinha a menor experiência com...

— Uma mulher apaixonada?

— Sim — respondo, subindo e descendo os ombros. — Para mim, tudo era uma enorme curtição.

— E isso mudou?

Touché.

Não sei bem como responder, porque me considero um cara que curte a vida pra caralho, mas hoje em dia minha cabeça é outra.

— Pode ser difícil acreditar, mas amadureci, Carly, ou não estaria aqui, pedindo desculpa pela maneira com que a tratei, anos atrás. Não quero que pense que brinquei ou me aproveitei de você.

Ela parece realmente surpresa, o que faz com que me sinta um merda por não ter notado que seus sentimentos iam além do tesão que sentíamos um pelo outro.

— Você se tornou uma mulher ainda mais linda, sério, você está incrível — digo sem rodeios, da forma mais educada que consigo, e ela abre um sorrisinho de lado como se estivesse me agradecendo pelo elogio. — Aposto que está realizada profissionalmente, porque sempre foi muito dedicada, e não quero que a gente continue com essa pendência. Nossos amigos vão se casar e manteremos uma ligação de qualquer maneira, então podemos escolher seguir em frente ou manter essa situação sem uma resolução.

— Nunca pensei que falaria isso, mas você tem razão. — Nós dois rimos e o clima fica consideravelmente mais leve.

— Está vendo? Não sou um babaca completo.

— Humm... isso já não posso afirmar.

— *Ouch!* Aí você pegou pesado.

Balançando as mãos na água, de um lado para o outro, ela sorri e me encara.

— Obrigada por vir falar comigo.

— Obrigado por me ouvir.

Sem querer que o nosso contato se acabe, toco em um assunto que me deixou curioso.

— Quer dizer que está saindo com alguém...

Carly arqueia as sobrancelhas e parece ponderar se deve me responder ou não.

— Sim. Estamos juntos há três semanas. Faz pouco tempo, mas Derek me faz bem.

— Derek? Derek Simons?

Ela arregala os olhos e assente.

— Sim, ele mesmo. Conhece?

— Só de vista. Nós nos enfrentamos algumas vezes, mas sei que é um dos melhores jogadores do *Buffalo Bills*.

— Ah, sim. Ele é muito talentoso — ela diz com uma expressão de fascínio.

— Está feliz? — Não sei de onde vem toda essa curiosidade, mas preciso saber.

Carly me analisa, talvez se perguntando por qual motivo quero saber dessa informação e morde o lábio inferior, alheia ao estrago que este pequeno gesto faz comigo.

Porra!

Tenho que me afastar.

— Não precisa me responder — digo, já me movimentando para sair da água. E foda-se se estou de pau duro, não posso mais ficar aqui ou vou fazer alguma merda.

Entretanto, o Universo gosta de me sacanear.

— Eu quero responder! — Sua mão segura meu pulso, impedindo-me de continuar andando.

Ainda de costas para ela, olho para baixo, para onde seus dedos estão, o contraste da nossa pele, as unhas vermelhas — sexy pra caralho — que poderiam muito bem arranhar meu corpo todo, na verdade, eu imploraria que me arranhasse.

Porra! Estou fodido. Preciso sair daqui.

— Carly... — Seu nome sai como um aviso.

— Eu quero responder! — ela insiste e finalmente me viro. — Você foi sincero e eu também quero ser.

O que vejo em seus olhos.

A forma com que seus lábios se entreabrem, que seu peito sobe e desce, como se tivesse corrido uma maratona.

Indícios que deveriam me fazer correr na direção contrária, mas continuo aqui, com sua mão ainda me mantendo preso.

— Okay, estou aqui.

— Me pergunte novamente — ela pede, soltando meu pulso, levando embora todo seu calor.

Endireito-me e faço sua vontade.

— Você está feliz?

— Há duas respostas. A primeira é a que tento convencer a mim e aos meus amigos todos os dias e digo que estou muito feliz, que finalmente encontrei um cara que me trata como uma princesa, me faz rir e se importa comigo.

— E a segunda? — A pergunta sai no automático.

Carly abre um sorriso, mas não tem nada de alegre nele.

— A segunda representa a verdade.

— E qual é?

— Que estou *tentando* ser feliz, mas meu coração pertence à outra pessoa. Que por mais que eu tente seguir em frente, essa pessoa sempre aparece nos meus sonhos, nas minhas divagações, até no meu futuro...

Não sei quem se aproximou de quem, mas só agora me dou conta de que estamos a um palmo de distância um do outro.

— No seu futuro? Como assim? — pergunto e minhas mãos coçam com a vontade de tocá-la.

Preciso ser forte.

Não posso machucar essa mulher novamente. Eu não me perdoaria.

Mas por que é tão difícil me manter longe agora que a tenho tão perto?

Carly parece travar a mesma batalha e se afasta de repente, jogando o corpo para trás em um mergulho, sem responder à minha pergunta.

É óbvio que ela precisa de um tempo depois de tudo o que acabou de confessar. Poderia perguntar quem é essa tal pessoa, mas assumo que sou covarde nesse quesito.

A nossa conexão é nítida, palpável, mas será que não é apenas tesão? Tudo bem que ouvir que ela está com um cara não me deixou completamente indiferente, mas porra, em todos esses anos não dei espaço para esse tipo de sentimento. Por que agora seria diferente?

Eu pensava nela, sim, mas não como Smith pensava em sua garota. Por várias vezes, quis saber como Carly estava, conversar, mas tive receio de ser mal interpretado ou escorraçado.

Estou com vinte e oito anos, não sou um garoto, e pode ser que um dia comece a explorar essa coisa de paixão, amor, mas enquanto o contato físico for mais importante para mim, prefiro não correr o risco de machucar alguém.

Enquanto espero Carly se recompor, dou um mergulho também. O sol está mais forte e mesmo que a água esteja morna, serve como um frescor.

O bom daqui é que o mar é bem tranquilo, o que nos permite conversar sem que uma onda venha e nos atrapalhe.

Vejo a loira subir à superfície, ficando só com os seios empinados fora da água e pelo seu olhar, sei que chegou o momento.

— Eu precisava de um tempo.

— Sem problemas. Estou aqui — digo, dobrando os joelhos para ficar na sua altura.

— É difícil acreditar que estamos conversando como adultos.

— Nada como um dia após o outro.

Carly sorri, balançando a cabeça.

— Com certeza. — Ela olha para um ponto atrás de mim e começa a falar: — Faço terapia há anos e custei a enxergar que nem você nem eu tivemos culpa pelo que aconteceu. *Eu* me apaixonei e idealizei uma situação que você não estava ciente. Não tinha por que te culpar, não estávamos na mesma sintonia, mas na minha cabeça, você me rejeitou.

— Se fiz isso, não foi de propósito.

— Eu sei. Acredite, eu sei. Mas ainda assim não foi fácil.

— Imagino que não.

— Eu saí com vários caras, mas no final da noite meu pensamento sempre voltava para você. Depois, me punia, dizia que estava obcecada, que precisava te esquecer de uma vez por todas, foi quando voltei para o Brasil. Fiquei um tempo lá e ao retornar para os Estados Unidos, já estava mais conformada. A distância funcionou bem pra mim. Então, depois de um tempo procurando algum time para trabalhar, fui chamada pelo *Buffalo Bills*. Além desse trabalho, consegui um emprego como treinadora de líderes de torcida em um colégio de Buffalo. Como você supôs antes, de fato estou realizada com a minha carreira e deveria estar feliz pra caramba, mas é como se não fosse o suficiente, sabe?

Balanço a cabeça, concordando, incapaz de falar qualquer coisa. O que Carly está me contando é importante demais. A loira não teve uma quedinha boba por mim, ela me amava. *Ou me ama?* Porra, não consigo pensar nisso agora, só preciso saber aonde ela quer chegar.

— Foquei na minha carreira, saía com alguns caras, e quando Derek chegou ao time, há dois anos, começou a dar em cima de mim. Com ele, de algum jeito eu sabia que não seria apenas uma saidinha. O cara é intenso, sabe o que quer, mas o deixei em banho-maria. Eu estava com medo de me ferrar novamente. E ainda

tinha o fato de sempre te ver na TV, de nos esbarrarmos vez ou outra com nossos times e amigos, ou seja, você nunca parava de me assombrar.

— Porra, Carly, não sei nem o que falar.

— Já estou terminando.

— Tudo bem, desculpa.

— Indo contra o meu medo e meu instinto, comecei a sair com Derek. Como imaginava, ele é um cara atencioso, carinhoso, perfeito para uma mulher se apaixonar, namorar, casar, mas aquela fagulha, aquela chama, que só senti com uma pessoa na minha vida, nunca veio.

— Carly, não me fala uma porra dessa — digo, passando as mãos molhadas no rosto, na cabeça, tentando ocupá-las para não fazer uma besteira. — Todo esse tempo e você ainda...

Ela sorri, sem graça, desviando os olhos marejados, incapaz de me encarar, e tomado por um instinto louco, seguro seu rosto com as mãos, fazendo-a olhar para mim.

— O que posso fazer? Me diga, como posso te ajudar?

Minha pergunta vem de um lugar que nunca acessei antes. É como se pudesse sentir sua dor, sua agonia, e, porra, isso está fodendo comigo.

— Não tem o que fazer. Você não me ama, Jordan. — Suas palavras saem entrecortadas, sofridas, e logo seu rosto está molhado com as lágrimas derramadas.

— Eu não sei como... Não sei como fazer isso.

— Ninguém *sabe* como amar, só acontece. Não adianta forçar, não adianta querer entender — ela tira minhas mãos do rosto e as segura —, você não precisa se culpar ou se sentir responsável. Não quero a sua pena, não quero a sua compaixão...

— Não estou sentindo nada disso, Carly. Estou louco pra te tocar, beijar sua boca, te carregar até o meu quarto, mas não posso fazer nada disso. Não quando sei que posso te ferir novamente.

Ela comprime os lábios, antes de soltar a respiração pelo nariz.

— Quando Derek me pediu em namoro, há três semanas, realmente pensei que poderia seguir em frente e mentalizei que você não me afetaria mais porque continuaria sendo um grande babaca, mas então na primeira oportunidade em que nos vemos, você se mostra todo maduro, do jeito Jordan de ser, pedindo desculpas, preocupado comigo...

Nossas mãos ainda se tocam, como uma tábua de salvação para não fazermos o que queremos de verdade e é a minha vez de suspirar. É muito para assimilar. Essa mulher linda, inteligente e

genial está dizendo que continua mantendo sentimentos sinceros por mim e não sei o que fazer.

Pela primeira vez na vida, não tenho ideia de como me portar.

— Sabe por que falei tudo isso? — ela pergunta repentinamente, dando um passo para trás, como uma medida de segurança.

— Não, por quê? — pergunto num sussurro.

— Não falei pra ninguém ainda, mas fui chamada para ser *Cheerleader* do *Patriots*.

Estou tão chocado, que só consigo piscar os olhos. Ela ri, do mesmo jeito de antes, sem muita graça, achando a situação mais irônica do que qualquer outra coisa.

— Caralho, Carly! Parabéns! — parabenizo-a quando finalmente saio do meu torpor. No impulso, dou um abraço na loira, que retribui de imediato, envolvendo meu pescoço com seus braços.

— Obrigada, Jordan.

Demoro alguns segundos para captar que estamos colados um no outro e posso sentir a maciez de sua pele sob minhas mãos, assim como a curva suave da sua cintura.

Pare de pensar merda, Jordan.

Quando ela fala, sinto uma lufada em meu pescoço, que envia correntes elétricas por todo meu corpo, mas não ousa me desvencilhar do abraço:

— Não é engraçado? Como a vida gosta de brincar com a gente? Quando finalmente tento seguir meu caminho, o imprevisível acontece.

— Você não é louca de perder essa oportunidade. — Beijo sua testa, mantendo o máximo de respeito possível, por maior que seja a tortura.

— Mas pensei em recusar. — Tiro os braços que estavam em volta de mim e a encaro, constatando que está falando sério.

— Não faça isso. É a sua vida. O seu sonho. — Na faculdade, ela vivia dizendo que era o seu sonho entrar no *Patriots*, por isso sei o que esta chance significa para ela.

— Eu sei, mas você entende que não é tão fácil?

Quando compreendo o que ela quer dizer, dou um passo para trás, afastando-me de vez do seu contato.

Ela está com medo. Por minha causa.

Porque jogo no *Patriots*.

Porque nos veríamos constantemente.

Porque seria mais difícil seguir em frente.

— Eu poderia muito bem dizer que podemos tentar ficar juntos, mas não seria justo com você, ou comigo. Na minha opinião, você precisa aceitar essa oportunidade por si mesma, sem se preocupar com mais nada. Porque *você* merece e porque *você* lutou para isso. O que vai acontecer depois, é consequência. Sem cobranças, sem expectativas, mas porque tem que ser, entende?

Ela abre seu primeiro sorriso sincero e alegre desde que começamos a conversar e assente.

— Se eu já não fosse apaixonada por você, teria me apaixonado agora.

— Não fala isso.

— Não aguenta a verdade, Kellan Jordan?

— Até aguento, só não confio em mim perto de você quando faz uma declaração como essa. Posso não ter ideia do que sinto, porque sou um zero à esquerda com essa questão de sentimento, mas não sou tão indiferente a você como pensa. Pior ainda é saber que está comprometida e não quero ser um filho da puta. Quando disse que não quero te machucar, falei muito sério.

A loira solta um longo suspiro.

— Vou conversar com Derek. De qualquer forma, não daria certo e hoje só tive a confirmação.

— Preciso sair de perto de você. — Sua expressão se transforma, mas quando completo minha fala, ela imediatamente relaxa: — Não estou acostumado a sentir essa sensação louca e me segurar, entende? É demais pra mim.

— Tudo bem. — Seu sorriso é tão lindo que quase perco a razão. Saber que me afeta a deixa feliz e, porra, o macho-alfa que habita em mim fica satisfeito por isso. — De qualquer forma, precisamos sair do mar ou vamos ter uma insolação.

— Ainda bem que minha melanina está em dia — brinco enquanto caminhamos para fora d'água e ela ri.

— Você é um cara de sorte.

Olhando para o perfil de Carly, admiro sua beleza e relembro suas palavras, o quanto elas mexeram comigo, e respondo:

— Sim, eu sou.



CAPÍTULO 22

Me deixa te tocar onde você gosta
Me deixa fazer isso por você
Te dar toda a minha atenção
Mergulhar naquele oceano de seu amor, oh
Me deixa mostrar o quanto eu quero você
SWEAT, ZAYN

Liz Pérez

— Gente, preciso de uma distração ou vou ter um colapso nervoso — digo enquanto Mike, Dani, Carla e eu nos deitamos nas macas dispostas no Spa, um do lado do outro.

Estava esperando por este momento de relaxamento com meus amigos. Uma tarde inteira de cuidados com a pele e o corpo era tudo o que precisava nesse caos em que me encontro, e não poderia ter tido ideia melhor quando reservei esta sessão, meses atrás.

Amanhã já é o casamento e estou uma pilha de nervos. Sinceramente, pensei que ficaria mais tranquila, afinal, já moro com meu noivo, temos um filho, mas nada poderia me preparar para esta avalanche de sentimentos, o que torna a tarefa de ficar calma quase impossível. O pior são os pensamentos que não me deixam em paz.

Será que o tempo vai ficar bom? Será que vai dar tudo certo? Minha mãe chega logo mais com o namorado, o pai da Dani também está para chegar com a namorada. Preciso me lembrar de pedir para a recepção deixar os mimos de boas-vindas. A maquiadora ficou de aparecer amanhã cedinho, preciso mandar

mensagem confirmando? Acho que não. Tenho que preparar algum discurso para o jantar de ensaio hoje à noite? Vou perguntar para a cerimonialista.

Basta de pensar e pensar e pensar! Preciso me distrair de qualquer maneira.

— Vamos lá, galera, pode começar — insisto, recebendo o primeiro contato das mãos da massagista. — Eu sei que vocês têm novidades para me contar. E nem pensem em esconder alguma coisa de mim. Quero saber de tudo.

— Ok, *Señorita*, você quem manda — meu amigo responde, soltando uma risada abafada por estar com o rosto no vão da maca. — Do meu lado está tudo tranquilo. David está curtindo horrores, bebendo, comendo e mergulhando, parece até uma criança no *playground*. Ah, preciso dizer que a banheira do quarto é maravilhosa e perfeitamente espaçosa para um casal... — Sua insinuação vem acompanhada de uma risadinha maliciosa.

— Poupe-nos dos detalhes sórdidos — Dani repreende e de repente solta um grito — Ai!

— O que foi? — pergunto.

— Estou trabalhando em um nódulo de tensão — a massagista responde por ela. — Sua amiga está muito tensa.

— Que novidade — minha *hermana* murmura.

— Aposto que sei o motivo... — Mike provoca.

— Cala a boca!

— Vocês vão me deixar de fora mesmo?

— Eu vou falar, Liz, esse idiota é que tá apressando as coisas.

— Oh, sou idiota, agora? Intimidade é uma merda — meu amigo retruca.

A risadinha de Carla sobressai ao embate dos dois e ela se torna o novo alvo do padrinho do meu filho.

— Do que você está rindo, querida? Pensa que eu não te vi mais cedo no mar? Com quem estava acompanhada... — Ele deixa a frase no ar.

A risada cessa e de repente o clima se torna pesado, silencioso demais.

— Gente, vocês conseguiram tirar o foco do meu casamento, muito obrigada por isso. Agora, podem começar a falar. — As mãos da massagista fazem maravilhas em meu corpo e se não estivesse tão pilhada, dormiria tranquilamente, mas como não é o caso, preciso me alimentar de fofocas.

— Damon pediu para jantar comigo — Daniela dispara, levando o foco para si.

— Mentira! — exclamo, realmente surpresa. Estou otimista que eles vão se acertar, mas não pensei que Damon fosse tomar a iniciativa logo no primeiro dia no Resort.

— Estou falando sério.

— E o que você respondeu?

— Falei que não. Ele acabou de chegar e não estou a fim de doar meu precioso tempo para quem não pensou duas vezes antes de me deixar. E também queria conversar com vocês antes.

— O que você sentiu quando o viu? — pergunto e é a minha vez de sibilar quando a região dos meus quadris é massageada.

Ela demora alguns segundos para responder.

— O que não gostaria de ter sentido. Saudade e a confirmação de que ainda tenho sentimentos por ele. E isso é uma droga!

— Por mim, você deveria aceitar, gata. Quando o vi mais cedo, ele parecia arrasado com a hipótese de você ter seguido em frente, eu te falei. Talvez tenha sido isso, junto com a bebida, que deve ter motivado o cara. E vamos combinar que a vida é curta demais pra vocês ficarem nessa indecisão. Ainda mais, se os dois se amam.

— Não é tão fácil assim, Mike. Ele teve tempo para conversar comigo e só agora decidiu que estava na hora? Junto com a saudade, também senti a dor da mágoa ressurgir e foi horrível

relembrar tudo o que passei, a forma com que ele virou as costas pra mim. Só quero saber se algum dia essa ferida vai cicatrizar.

Sua voz tem um quê de angústia e se eu não estivesse deitada, a abraçaria bem apertado. Dani esteve comigo em tantos momentos, tristes e alegres, e meu coração fica apertado por saber que minha amiga-irmã não está feliz. Ela merece tanto a felicidade.

— *Hermana*, sei que é difícil lutar contra o nosso orgulho, mas às vezes é necessário ceder, não pela outra pessoa, mas por nós. Quando aconteceu aquele episódio horrível comigo e com o Matt, por pouco não me deixei vencer pelo orgulho, pela dor que ele me causou, mas conversar foi libertador, a melhor coisa que poderia ter acontecido, ou não estaríamos aqui hoje, e não consigo me imaginar sem Matt e Royce na minha vida. Então, amiga, vai fundo. *Por você*. Sempre por você.

Ouçó seu suspiro, indicando que as engrenagens de sua mente estão a todo vapor, e a voz de Carla preenche o ambiente:

— Eu entendo o que a Dani está sentindo. Essa dúvida e receio ceder, de demonstrar fraqueza, de se machucar novamente, mas Liz tem razão ao dizer que conversar é libertador. Depois de anos fugindo e o ignorando, hoje finalmente conversei com Kellan.

— Uau! É uma bomba atrás da outra, mas não interrompo sua linha

de raciocínio. — Foi tão bom poder me abrir e dizer tudo o que eu queria, que estou até mais leve. As pessoas amadurecem e Jordan é a prova disso. Se ele não tivesse tomado a iniciativa, eu continuaria com aquele pensamento lá de trás, aquele ressentimento que não me deixava seguir em frente. Ele pode continuar sendo um babaca, mas pelo menos é um babaca maduro.

Nós quatro rimos.

— Meninas, estou chocada com tantos babados que aconteceram em um dia só. Imaginem mais quatro dias aqui? Já estou ansiosa para ver o desenrolar de tudo.

— Vamos com calma — a loira pede, rindo em seguida.

— Vocês só conversaram ou marcaram algum encontro, hein?

— Mike faz a pergunta que vale um milhão de dólares.

— Como disse, estou indo com calma. Antes de mais nada, preciso ligar para o Derek, aquele cara que comecei a sair há algumas semanas.

— Vai terminar com ele? — É a vez de Dani ficar surpresa.

— Sim.

— E o que isso significa? Você e Kellan vão ficar juntos? — quero saber.

— Significa que não quero mais me enganar, nem enganar outra pessoa. Sou apaixonada por Jordan desde a faculdade, gente.

— Doce Jesus! E eu achando que você só sentia ódio do cara... — murmuro, e Daniela e Mike parecem tão perplexos quanto eu.

— Eu fiquei puta na época porque não era correspondida, por isso decidi me afastar dele. Mas depois de hoje...

— É como se nunca tivessem se separado. O que você sentia e tentou esconder voltou com tudo... — Daniela completa, falando mais sobre si do que de Carla.

— Exatamente. Não quero rotular ou criar expectativas, só vou deixar rolar e com a outra novidade que tenho para contar, vocês vão entender meus motivos.

— Até que enfim!

— Gente, a Dani está desde cedo querendo arrancar informações.

— É claro! Você fez o maior suspense, tô louca pra saber.

— É porque eu queria falar quando nós quatro estivéssemos juntos.

— Obrigado por me incluir no babado, gata.

— É claro que você está no pacote, querido.

Carla e Mike não são melhores amigos, mas se entendem muito bem, e sou grata por isso, pois não saberia como lidar se fosse o contrário.

— Então... — Ela faz suspense. — Fui chamada para ser *Cheerleader* do *Patriots*.

Solto um grito tão alto que assusto até a massagista.

— Desculpa, moça — peço. Ergo meu corpo para olhar para Carla. — Não acredito, amiga! *Meu.Deus.Do.Céu!*

Desde que engravidei, deixei o posto de líder de torcida em Yale, porém ao longo de cinco anos nesse mundo do atletismo aprendi bastante sobre ele, inclusive, quais são os melhores times de futebol americano do mundo.

— Parabéns, Carly — Mike parabeniza.

— Amiga, estou muito feliz por você. Uma pena que Tom Brady tenha trocado de time — Dani fala, referindo-se ao marido da Top Model brasileira Gisele Bündchen. — Vai ter que se contentar com Damon e Kellan.

Caímos todos na risada.

— É verdade, amiga. Uma pena!

A voz da massagista chama a minha atenção:

— Pode virar.

Fico de barriga para cima e respiro fundo, aliviada por não estar mais com o rosto enterrado na pequena abertura da maca.

— Quando você vai? Chegou a comentar com Jordan?

— Não dei a resposta ainda. E, sim, comentei com ele.

— Como assim, não deu resposta? — Daniela questiona, tão confusa quanto eu.

— Pedi um tempo para pensar.

— Pensar? — É a vez de Mike perguntar. Assim como eu, ele também virou de barriga para cima. — Gata, pensar em quê?

— Estava em dúvida por ser o mesmo lugar em que Jordan joga, mas depois da conversa de hoje, já tenho a minha resposta.

— E? —incito.

— Vou aceitar!

— *Uhuhuuuuu!* Aí sim! —Mike, Dani e eu comemoramos e batemos palmas.

— Obrigada, gente! Estou realmente muito feliz.

— Agora entendi seus motivos. Você está alçando novos voos e merece viver tudo o que tem para viver, sem rótulos, amiga.

— Obrigada, Liz. É nisso que estou focando. Vou me permitir ser mais leve e deixar as coisas acontecerem.

— Não quero ser o chato por cortar o clima, mas como vai ser o jantar de ensaio? Temos apenas algumas horas para nos prepararmos.

— Não vai ser nada muito elaborado. Será mais para confraternizar com todos os convidados e a cerimonialista vai passar algumas informações sobre qual lado vocês deverão ficar amanhã, como deverão se portar, essas coisinhas de praxe, mas prometo que vai ser rápido. Matt e eu fizemos questão de que o casamento seja o mais espontâneo possível.

— E Stevens vai dormir em outro quarto hoje, né? — Mike pergunta em um tom divertido, pois sabe como foi difícil convencer meu noivo obedecer a esse ritual.

— A contragosto, mas vai.

— Vocês têm noção de que amanhã a nossa Liz Pérez será uma senhora casada chamada Liz Pérez Stevens? Como você se sente, amiga? — Dani pergunta e abro um sorriso bobo, ao mesmo tempo em que fico emocionada.

— É inexplicável saber que vou me casar com o homem da minha vida. Logo eu, a garota que cresceu achando que não conseguiria realizar seus sonhos, mas acabou ganhando muito mais

do que poderia imaginar. Um noivo, um filho. Estou plena, feliz e realizada. Como achei que só princesas da Disney se sentiam.

— *Ohhhhhhh!* — Um coro generalizado se ouve na sala e chego a corar quando a moça que me massageia sorri também.

— Obrigada, amigos. — Viro a cabeça para o lado e os vejo me encarando, enquanto são mimados pelas profissionais. — Amo vocês e não estaria completa se não estivessem comigo.

— Pra sempre — Dani responde.

— Pra sempre — Mike reforça.

— Pra sempre — Carla finaliza.



Chego ao quarto, toda besuntada de óleo de massagem, pronta para ligar a banheira, já que Nora está com Royce, e levo um susto ao encontrar Matt deitado na cama com os braços enormes atrás da cabeça, como se estivesse me esperando. Detalhe: sem camisa e pela forma com que o lençol branco mal cobre sua parte inferior, posso apostar que está nu.

Quem vê nem imagina que demos uma escapadinha de manhã, mas sua sorte é que sou tão insaciável quanto ele. Contudo,

decido jogar um pouquinho.

— Hey, pensei que já estivesse no seu quarto.

— Ah, é? Estava animada para isso?

— Achei que estivesse satisfeito com o trato que te dei de manhã.

— Aquilo foi só um aperitivo, amor, mas se estiver atrapalhando seus planos, posso sair.

Ele adora fazer uma ceninha quando sabe que sou louca por ele, por seu corpo gostoso e pelo seu pau que me leva às alturas.

— Daqui a pouco minha mãe vai bater aqui, porque combinamos de nos arrumarmos juntas para o jantar de ensaio. — Continuo no papel, fingindo indiferença.

— Humm... — murmura. — O que pretendo fazer com você não vai demorar muito. Acha mesmo que eu deixaria a minha mulher, sem antes lhe dar uma atenção especial? Já basta essa ideia ridícula de dormir em quartos separados, por isso vou aproveitar até o último minuto.

Suas palavras me aquecem de dentro para fora e sob seu olhar atento, tiro meu vestido pela cabeça, solto a parte de cima do biquíni e deslizo a calcinha pelas pernas, sem desviar os olhos dos dele.

Estou nua e os cabelos longos, mais claros nas pontas, cobrem meus seios.

Seus lábios se entreabrem e vejo seu peito subir e descer rapidamente.

— Você está brilhando — comenta, com uma voz grave repleta de desejo, examinando-me minuciosamente.

— Estava na massagem. É óleo corporal.

Um brilho de excitação realça seus olhos azuis e quando menos espero, ele me alcança e me agarra pela cintura, girando meu corpo até cair na cama com tudo.

Solto um gritinho de surpresa e Matt leva meus braços acima da minha cabeça, esfregando sua rigidez coberta pelo lençol em minha entrada.

Como suspeitava, ele está sem nada por baixo e isso me deixa louca.

— Eu nunca vou ter o suficiente de você — declara, lambendo minha orelha, descendo para o meu pescoço, clavícula, colo, até abocanhar um seio.

Arquejo, erguendo a pélvis, suplicando por contato no ponto em que mais necessito.

Ele gira a língua em meu mamilo, mordisca, assopra, mordisca novamente, faminto. A mão livre aperta minha cintura e vai descendo, até encontrar minha intimidade.

— Porra, molhada pra caralho!

— É o que você faz comigo.

— É? Então, por que me quer longe daqui?

— Não te quero longe — digo, ofegante, experimentando milhares de sensações enquanto seus dedos circulam meu clitóris.

— É só por uma noite. Garanto que será a última vez que vamos dormir separados. Porque, depois de amanhã, meu lindo, vai ser pra vida toda.

— Porra, só de pensar nisso fico louco. Sente meu pau pulsando? — pergunta, impulsionando seu membro, ainda com o lençol como barreira, provocando como o safado que é.

— Quero ele pulsando dentro de mim.

Matt dá uma risadinha e chupa o outro seio, dando o mesmo cuidado que deu ao primeiro. Ele investe em mim, instigando, me deixando à beira do descontrole e em um único movimento me coloca de bruços, elevando minha cintura com o braço para me deixar de quatro.

Um tapa forte em minha bunda me faz gritar.

— É disso que você gosta, não é? Eu sei do que você precisa, amor.

Ele abre as bandas da minha bunda e passa a língua desde o meu clitóris até o orifício anal, sem pudor, urrando como um homem das cavernas. Enquanto sua boca continua me chupando, me lambuzando, mete dois dedos em minha boceta.

— Ah! — choramingo.

— O que você quer? — pergunta em um grunhido.

— Quero você. Dentro de mim.

— Vai me deixar comer seu cuzinho também?

Do jeito que estou, ele pode fazer qualquer coisa comigo.

— Vou.

Matt dá outro tapa na minha bunda e se posiciona atrás de mim, passando seu pau em meu núcleo, espalhando minha lubrificação natural.

Quando enrola meus cabelos em sua mão, já sei o que está por vir.

— Vou te fazer esquecer de todas as merdas que estão te preocupando.

— Aham... — balbucio.

E, então, ele me invade.

Uma estocada rápida e profunda, me arregaçando inteira por dentro.

O grito que dou é como se tivesse saído da minha alma e pouco me importo de estar parecendo uma atriz pornô. O meu foco é todo do meu noivo dentro de mim, e é a melhor sensação do mundo.

— Oh, Matt!

Suas estocadas são rápidas e a mão que não está agarrando meus cabelos aperta meu seio, beliscando o mamilo, mas logo desce para estimular meu clitóris no mesmo ritmo em que seu corpo se choca contra o meu.

— Vou te foder tão fundo que amanhã você vai passar o dia todo com a sensação de que o meu pau está enterrado nessa sua boceta gulosa e no seu cuzinho apertado. — Ele estoca e eu grito. — Vou gozar tão forte que você vai sentir meu gozo escorrendo até quando estiver caminhando no altar. — Mais uma estocada, mais um grito. — Tudo para você lembrar que é minha mulher muito antes de colocar uma aliança no dedo.

— Eu já sou sua. — Minha voz sai irreconhecível.

— Sim, amor, você é minha e isso aqui — como se para provar o que está dizendo, Matt consegue chegar ainda mais fundo e jogo

a cabeça para trás, ao mesmo tempo em que ele cobre meu corpo pequeno com o seu, lambendo meu maxilar, mordendo minha orelha, beijando minha boca, sem parar de me foder — é tudo seu.

Meus gemidos se misturam com seus urros e esta é a minha sinfonia preferida, quando me sinto incomparavelmente completa e conectada com o amor da minha vida.

Perto de gozar, meus gritos aumentam e rebolo em seu pau, mas Matt tem outros planos.

— Ainda não — avisa e morde o lóbulo da minha orelha em seguida.

Ele sai de dentro de mim e já sinto sua falta, mas não demora muito para entender o que está prestes a fazer.

Dois dedos levam a umidade dos nossos fluidos até o destino escolhido por ele.

— Não contraia. Continue relaxada, amor.

— É fácil falar quando não é você que vai levar uma *torada* no cu.

Ele ri com um timbre rouco.

— Uma *torada* que depois que entra você ama. Você sabe que cuido muito bem do seu cuzinho.

Isso não posso negar. Depois de sete anos de relacionamento, esse homem conhece meu corpo como ninguém. Ele sabe que preciso estar bem estimulada para recebê-lo sem sentir dor. Na vagina é mais fácil porque a excitação me deixa molhada, mas aqui atrás tem que haver uma preparação.

Ele continua me lambuzando e ouço o barulho de um clique. Olho para trás e o vejo com um lubrificante na mão.

— Alguém estava com segundas intenções...

— Com você tenho segundas, terceiras, quartas intenções, amor.

É a minha vez de rir, mas o safado escolhe este momento para introduzir a cabecinha do seu pau.

— Aproveitador — sibilo, chiando para me acostumar com sua grossura.

— A melhor maneira de te pegar é quando está distraída, amor. Agora você vai começar a relaxar!

Sua promessa é uma ordem, pois assim que leva um dedo para o meu clitóris já inchado, a excitação volta a me invadir. Empino mais a bunda, ficando mais receptiva a cada segundo e rebolo lentamente.

— Caralho! — xinga, apertando minha cintura com a mão livre.

Devagarzinho Matt vai me preenchendo e quando vou me acostumando, introduz dois dedos na minha boceta encharcada.

— Nossa! — Arfo com a sensação maravilhosa que me envolve.

Deixo de sentir dor e rebolo com mais vontade, recebendo um gemido gutural do meu noivo.

— Gostosa pra caralho! — diz ao mesmo tempo em que empurra tudo para dentro de mim.

— Oh! — É o que consigo pronunciar, só não sei se foi um grito ou um arquejo.

Acabou o cuidado inicial, porque assim que percebe que já me acostumei, Matt vem com tudo.

— Porra, que cuzinho delicioso! Engole o meu pau, gostosa! — comanda, me dando um tapa em seguida.

Os músculos do meu ânus se contraem e a ação o deixa louco. Seus dedos chegam fundo em minha boceta, em um ponto que combinado com as suas estocadas me levam a níveis absurdos de excitação.

Minhas pernas tremem, meus braços ameaçam cair no colchão, mas permaneço firme, rebolando com tudo o que há em mim. Com ele não é diferente.

Os gemidos guturais se tornaram urros selvagens, o vaivém está mais rápido e a cama chacoalha tanto que se a parede não desse para um cômodo dentro do nosso quarto, com certeza chamariam a nossa atenção.

— Não pare! — peço, jogando a cabeça para trás. — Estou quase.

— Vem comigo, amor, porque estou quase enchendo seu cuzinho com a minha porra. Você quer?

— Quero! — grito, chegando ao meu limite, gozando tão intensamente como há muito tempo não gozo.

— Então toma tudo!

Com uma estocada forte, Matt se esvazia dentro de mim, permanecendo com o pau enterrado até se acalmar.

— Caralho! — sussurra, ofegante, enquanto se afasta devagar para não me machucar.

— Caralho! — replico, fazendo-o rir, já que não costumo xingar.

Exausta, caio na cama com tudo.

— Relaxou? — o engraçadinho pergunta.

— Se relaxei? — pergunto e ele dá uma risadinha antes de se deitar ao meu lado. — Era tudo o que eu precisava.

— Que bom, porque era tudo o que eu precisava também.
Você é tudo o que eu preciso.

— Pelo visto, não era só eu que estava necessitando relaxar, não é?

— Ainda tem dúvida?

Estamos deitados de bruços, nossos rostos a poucos centímetros de distância, um observando o outro em silêncio, dizendo com os olhos mais do que palavras poderiam transmitir e sorriso.

— Amo você. — Acaricio seu rosto e ele fecha os olhos, soltando um longo suspiro de satisfação. — Vai dar tudo certo.

— Queria tanto que minha mãe estivesse aqui — confessa de repente, e então me dou conta da origem de sua tensão.

Matt raramente toca nesse assunto, mas o casamento deve ter aflorado a saudade. Por mais difícil que tenha sido a minha relação com Carmen ao longo da vida, ela decidiu mudar e correu atrás do prejuízo. Hoje consigo chamá-la de mãe, algo que até três anos atrás não acontecia, e a prova disso é que ela está aqui.

Já meu noivo não teve essa oportunidade, pois Kate se suicidou quando ele tinha apenas dez anos de idade. Matt cresceu achando que não era amado, até seu falecido pai — um pai que fora

extremamente abusivo e violento durante sua infância — lhe entregar uma carta na qual Kate declarava seu amor pelo filho e o verdadeiro motivo de ter feito o que fez. Desde então, ele se permitiu amar e ser amado.

Saio do meu torpor e o faço ficar de lado para conseguir abraçá-lo, antes de sussurrar:

— Ela está aqui, meu amor.

Coloco minha mão em seu peito esquerdo, no exato lugar em que há uma pequena tatuagem, uma reprodução perfeita das duas digitais que sua mãe deixou na carta, formando um coração, onde ela mesma disse que estaria para sempre.

Matt passa um braço em minha cintura e me leva mais para perto, cheirando meus cabelos, e fala com a voz embargada:

— Obrigado por ser o meu lar. Obrigado por ser tudo o que preciso.

O GRANDE DIA



CAPÍTULO 23

Sem chances de eu te deixar abandonada
Porque você nunca me deixou de mãos vazias
E você sabe que eu sei
Que eu não posso viver sem você
Então, amor, fique

STAY, THE KID LAROI FEAT. JUSTIN BIEBER

Damon Smith

O dia está incrível e promete um entardecer espetacular, segundo os funcionários do hotel. O exato momento em que o casamento vai acontecer.

Depois da bebedeira de ontem, resolvi acordar cedo para aproveitar melhor a estadia, e isso inclui malhação pesada e relaxar de frente para o mar, que é o que estou fazendo agora.

Se não fosse pelo jantar de ensaio e a necessidade de ficar sóbrio, teria passado vergonha. Ou melhor, mais vergonha. Precisei beber muita água, dormir um pouco, para então conseguir ficar razoavelmente bem no jantar. Dividir uma garrafa de uísque com Jordan não foi a melhor ideia e estou puto comigo por ter procurado Daniela naquele estado.

Por sorte, não falei muita merda, só fiquei mais vulnerável. Assistir à morena conversando com aquele cara me deixou transtornado. Vê-la sorrindo para outro, enquanto para mim reserva sua indiferença, foi a pior sensação que já tive. Algo como impotência e culpa. Impotência por não ter o direito de cobrar alguma coisa, afinal, ela não é minha, e culpa porque *eu* a deixei, por mais altruístas que fossem meus motivos.

É óbvio que ela negaria meu pedido. Ainda que não estivesse bêbado a ponto de perder a razão, cheguei querendo impor minha vontade, demonstrando o ciúme que senti, nitidamente instável.

Tentando consertar meu erro, na noite passada me desculpei com Daniela, que me respondeu que estava tudo bem, e para não perder a oportunidade, eu disse que o convite para um jantar, depois do casamento, estava de pé. Ficaremos por aqui mais três dias e não pretendo ir embora sem ter a chance de conversar com ela.

— *Damon, este é o momento dos nossos amigos. Não quero pensar nisso agora* — a brasileira disse, jogando um balde de água fria na minha cabeça.

E ela estava certa. Não era o *timing*.

Mais um ponto negativo na minha conta.

Quando decidi focar minhas energias na celebração dos meus amigos, vi o quanto Stevens e Liz esbanjam felicidade e o pequeno Royce é uma atração à parte. Uma família que amo pra caralho e que desejo tudo de melhor. Espero contribuir à altura com meu pequeno discurso para os noivos logo mais.

Conforme orientação da cerimonialista, os padrinhos — eu, Jordan, Wilson, Daniela e Carly, pois é, somos um número ímpar porque além de padrinho, Mike Wilson ficará responsável por jogar

pétalas para Liz passar, ou algo do tipo — terão cinco minutos para discursar, porque assim não fica cansativo.

Suspiro lentamente e fecho os olhos, deixando o sol queimar minha pele. O encontro com Stevens e Royce mais cedo me vem à mente e abro um sorriso. Quando vi os dois no salão onde é servido o café da manhã não perdi tempo, peguei o garotinho no colo e pude comprovar que está bem pesadinho para quem tem apenas um ano de idade.

Fiquei todo bobo por ele ter me reconhecido, pois nos vemos mais por vídeo do que pessoalmente, mas quando me viu abriu um sorrisão banguela. O rapazinho é muito especial e ouvi-lo chamar seu *papá* foi... emocionante. Ver aquele brutamontes se derreter pelo filho foi a coisa mais louca que já presenciei. Como pode, um pedacinho de gente significar tanto em nossas vidas? Imagino que o sentimento dos pais deve equivaler ao triplo, ou mais.

Antes de vir para a praia, perguntei se Jordan queria me acompanhar, mas ele marcou de tomar café da manhã com a Carly. Meu amigo me contou sobre a conversa que tiveram e fiquei surpreso ao saber que a mulher é apaixonada por ele desde a faculdade. Por mais que diga que não está com pressa, que não quer rotular o que está acontecendo, acredito que em breve os dois

vão se entender de vez, ainda mais que ela vai se mudar para a nossa cidade a fim de ficar perto do *Patriots* também. Quem diria que depois de anos, eles voltariam a se envolver?

O destino sempre brincando com a gente.

Pergunto-me se alguma hora ele vai me ajudar, porque está foda viver pensando em uma mulher que não me quer por perto.

Você escolheu assim, uma voz perturbadora e já conhecida sussurra. Até o meu inconsciente está contra mim.

O sol me castiga e decido dar um mergulho para afugentar os pensamentos que nunca constroem nada de bom. Aproveito que há poucas pessoas nos arredores, deixo minha bermuda e a camiseta na cadeira, junto com a toalha e meu celular, e sigo em direção ao mar azul-turquesa.

A água está morna, mas cumpre o propósito de refrescar e relaxar os músculos que trabalhei na academia. Decido nadar um pouco, um exercício que gosto bastante e que mantém minha mente ocupada.

Vinte minutos se passam e, ao me dar por satisfeito, saio do mar. Espalho meus cabelos para tirar o excesso de água e ao levantar os olhos para a espreguiçadeira em que estava deitado percebo que há uma pessoa sentada na cadeira ao lado.

Por essa eu não esperava!

Caminho lentamente, tentando não demonstrar o quanto estou ansioso pela sua presença inesperada, e quando estamos a poucos metros de distância, a cumprimento:

— Bom dia, Dani.

— Bom dia, Damon. Me desculpe invadir seu espaço...

— Não precisa se desculpar. Você nunca atrapalha — interrompo sua frase. — Só estou surpreso.

Ela assente, um tanto aérea, e ao olhar para mim sou nocauteado por sua beleza. A cor jade de seus olhos se destaca por causa da pele marrom-clara bronzeada, os lábios grossos estão avermelhados, os cabelos cacheados descem cheios até a cintura, o vestidinho claro e curto deixa pouco para a imaginação... Não consigo me segurar.

— Você tá linda pra caralho!

Ela não esperava o elogio e demora alguns segundos para se recompor, abrindo um sorriso de lado.

— Obrigada. — Sua expressão muda de repente e sei que a conversa vai ficar séria. — Encontrei com Kellan e ele me disse que você estaria por aqui. Precisamos conversar e gostaria de fazer isso de uma vez.

Direta e reta. Mas não poderia ser diferente em se tratando de Daniela Lima. A mulher que me atraiu pela sua boca atrevida e gênio forte, anos atrás.

Fico sem palavras por um instante, absorvendo a informação de que finalmente vamos conversar, e recupero a capacidade de falar.

— Perfeito. Só preciso colocar a minha roupa. — Ela tenta ser discreta ao dar uma conferida completa em meu corpo, mas não tem sucesso.

Bom saber que ainda a afeto, da mesma forma com que ela me afeta.

— Claro. Eu espero.

Seco meu corpo o máximo que consigo e visto minha bermuda e a camiseta.

— Prefere aqui ou em uma das mesas perto da piscina?

— Acho que essa conversa precisa ser em um lugar que não tenha muita gente em volta.

— Você tem razão. Ali tem uma mesa mais reservada com um guarda-sol e fica de frente para a praia.

— Pode ser.

Conduzo-a até o local e involuntariamente minhas mãos começam a suar. O que está prestes a acontecer pode mudar as nossas vidas, tanto de maneira positiva quanto negativa.

Como esperava, encontro a mesa vazia com duas cadeiras disponíveis e nos sentamos. O lugar é mais afastado e fica de frente para o mar, nos deixando separados do burburinho.

Agora que finalmente tenho sua atenção, estou fodido de medo de perdê-la de vez. E se ela não me quiser mais? E se disser que é tarde demais? E se não aceitar minhas razões?

Preciso parar de pensar tanto ou não vou conseguir falar tudo o que preciso.

O que importa é que estou mais do que disposto a lutar por Daniela. Menti para mim mesmo, dizendo que conseguiria esquecê-la, mas só foi colocar os olhos sobre esta mulher novamente para que todas as minhas convicções e razões que me mantinham longe caíssem por terra.

Uma atração que vai muito além da sua beleza arrasadora, da faísca que sempre esteve à nossa volta, do desejo nu e cru. É mais como uma sensação de pertencimento, que só fui ter uma real noção quando fiquei longe.

— Quer pedir alguma coisa pra beber, comer? — pergunto.

— Estou bem. Não posso ficar muito tempo, porque vou me arrumar com a Liz. — *Okay*, sem rodeios.

Respiro fundo e cruzo minhas mãos sobre a mesa.

— Obrigado por aceitar conversar comigo. — Ela acena a cabeça e antes de começar a falar, pergunto: — O que te fez mudar de ideia?

É a sua vez de respirar fundo. Ela olha para o mar sem ondas e traz sua atenção de volta para mim.

— Depois de ouvir meus amigos e meu pai, achei que deveria fazer isso por mim. Eles acompanharam o que passei nesse tempo em que ficamos separados, viram como foi difícil superar a perda de um amor que achei que seria para sempre, e disseram que conversar poderia me ajudar a seguir em frente. Então, depois de muito pensar e ponderar, aqui estou, esperando você me dizer quais foram os seus motivos para terminar comigo, quando planejávamos viver a vida toda juntos. Preciso saber, para que eu consiga me libertar dessa corrente que insiste em me prender ao passado e me deixa estagnada.

A dor em sua voz é palpável e traz um gosto amargo à minha boca. Corrente? Prender ao passado?

Porra, será que fodi tudo?

Um detalhe em suas palavras não me passa despercebido.

— Não esperava que seu pai incentivaria a conversa. Achei que ele seria o primeiro a querer que você ficasse longe de mim.

— Uma das coisas que Emerson Lima me ensinou é que não devemos sair de uma guerra sem lutar até o fim. Ele acha que preciso te ouvir, assim como você precisa me escutar. Ao contrário do que pensa, meu pai é um romântico incurável.

O Sr. Lima não para de me surpreender. Eu o vi duas vezes enquanto namorava com Daniela e pude notar que é um homem admirável. Ele demorou para se reerguer depois da morte da esposa, mas quando o fez, voltou a ser o homem que era antes, alegre e espirituoso. Ele chegou ontem com sua namorada e pensei que não fosse falar comigo, mas não só falou como me parabenizou pelo sucesso no time.

Seu gesto me lembrou do meu próprio pai, que infelizmente faleceu há alguns anos, vítima de um infarto fulminante, e não pôde me ver entrando no time que sempre sonhamos. Meu velho era o meu maior fã, o cara que me ensinou tudo o que sei sobre futebol americano e tenho muita saudade dos nossos bate-papos. Ele saberia o que fazer na minha situação.

Até tentei conversar com a minha mãe, mas depois da morte do meu pai, ela ficou mais fechada, então evito falar sobre a minha vida amorosa. Aposto que me xingaria e diria: “está esperando o que, garoto? Corra logo atrás da sua garota!”.

— Você tem sorte por ter um pai como ele — declaro para Dani.

— Eu sei. Ele é o homem da minha vida.

Se eu já não tivesse ouvido essa frase, acharia que ela quer me alfinetar, mas é algo que Daniela deixou claro desde o princípio. Cheguei a brincar com isso, perguntando o que eu tinha que fazer para tirar o pódio dele, mas ela apenas dizia:

— *Você e nem ninguém pode tirar o pódio dele, porque meu pai é o homem que mais amo na Terra e o único que jamais irá me machucar.*

No fim, eu a machuquei, então realmente não mereço esse posto.

— Antes de começar a falar, preciso dizer que terminar o namoro foi a decisão mais difícil que já tomei em toda minha vida, e a mais certa, naquele momento.

— Mais certa? — ela corta, com as sobrancelhas arqueadas.

— Você vai entender. — Daniela cruza os braços em uma posição defensiva e fica em silêncio, desafiando-me a convencê-la.

— Não terminei porque deixei de te amar ou porque o sucesso subiu à minha cabeça, como ouvi por aí. Sei que do jeito que aconteceu, parece exatamente isso, mas não foi, Dani.

— O que foi, então? Vá direto ao assunto. Se você não deixou de me amar e o sucesso não subiu à sua cabeça, por que terminar?

— Por você! — jogo de uma vez.

Seu rosto se transforma em uma carranca.

— Por mim? Como assim, por mim?

— Por você, Dani. Porque eu não aguentava mais assistir você se distanciando da faculdade por causa do nosso namoro. Eu não conseguia te dar a atenção que merecia, não conseguia te ligar, pois sempre aparecia algum compromisso para cumprir com o time ou quando chegava em casa estava cansado demais para fazer qualquer outra coisa a não ser dormir.

“Para piorar, vez ou outra saíam aquelas matérias ridículas de revistas de fofocas, dizendo que eu estava saindo com várias modelos, só por comparecer às festas que o clube designava. Eu via como aquilo mexia com você. E quando, em uma conversa, você disse que estava sondando a ideia de se mudar para Foxborough,

sendo que nem tinha se formado ainda, foi demais pra mim. Não podia continuar te arrastando para longe do seu principal objetivo, da razão de você ter ido para os Estados Unidos.”

Ela está atônita, boquiaberta.

— Você não pode estar falando sério... — murmura, após um tempo que pareceu uma eternidade.

— Nunca falei tão sério em toda minha vida. Por te amar pra caralho, resolvi que o seu caminho seria melhor se eu não estivesse nele. Pelo menos, naquele momento.

— Você resolveu... — Seu olhar está vazio, sem brilho, como se estivesse viajando em suas próprias lembranças.

— Dani — tento segurar suas mãos, mas ela as puxa para longe —, sei que é difícil de assimilar, mas eu não tinha ideia de como resolver aquela situação. Nunca havia namorado antes, não sabia como conciliar uma relação à distância sem que você fosse prejudicada, e eu não me perdoaria se, por minha causa, você perdesse o foco, então...

— Então, preferiu fugir — Dani completa, mergulhada em sua bolha particular. Ela faz um gesto de negação com a cabeça, antes de falar: — Não consigo acreditar.

— Eu não fugi. Minha intenção foi te deixar voar.

— *Tão altruísta* — zomba, mas eu já estava preparado.

— Já ouvi isso antes e não me ofendo. Não quando achei que estava fazendo o melhor pra você. Não fiz por maldade ou porque *gosto* de sofrer. O dia em que terminei tudo foi o pior da minha vida. Nem quando meu pai morreu fiquei tão arrasado. Porque eu sabia que ele tinha ido embora e não voltaria mais, mas você... você tinha o mundo pela frente.

Pego um ar e continuo:

— Pode perguntar para os meus amigos, se quiser confirmar. Fiquei tão fodido que Jordan precisou me dar calmantes durante dias para conseguir dormir, porque não conseguia parar de me lembrar do seu rosto lindo contorcido de dor. Uma dor que *eu* causei. Porra, aquilo acabou comigo. Você foi e é a mulher da minha vida. Isso não mudou.

— Meu Deus... Passei todo esse tempo achando que você não me amava, que eu não era suficiente, que a sua carreira era mais importante...

— Nem por um segundo deixei de te amar.

Sua voz se eleva e as íris verdes me queimam:

— Mas me deixou pensar que sim! Porque pra você é mais fácil se afastar do que resolver seus problemas, sentar, conversar,

como estamos fazendo agora. Você tem noção do que o seu ato *caridoso* — ela desdenha da palavra — me custou? Você pensou realmente em mim quando decidiu que deveria fazer escolhas em meu nome? Ou é tão egoísta que não consegue enxergar além do próprio umbigo?



CAPÍTULO 24

Eu não posso mais lutar contra esse sentimento
Você tem sido o corpo que respira por nós dois
E não vou passar este momento no chão
Apenas me ajude a abrir a porta nessa parede
Dê ao mundo
Me dê seu coração e o meu
THIS WORLD OF OURS, RAIN

Daniela Lima

Perco a paciência e as lágrimas correm livremente pelo meu rosto.

Não sei o que esperava ouvir, mas não era isso.

Damon soa magoado quando rebate:

— Se eu fosse egoísta, como diz, talvez você não estivesse quase se formando. Quem sabe o que teria acontecido se estivéssemos juntos.

— *Quem sabe o que teria acontecido se estivéssemos juntos*
— repito sua frase. — Exatamente, Damon, *quem sabe?* A não ser que você tenha o poder de adivinhação e de prever o futuro, não teria como saber de algo assim. O que mais me deixou chocada com o seu discurso é que parece que você não me conhece de verdade, ou saberia que eu jamais cogitaria largar meus sonhos por um homem.

Ele fica paralisado, como se só agora tivesse se dado conta dessa afirmação.

— *Você decidiu* que a minha vida seria melhor sem a sua presença. *Você resolveu* que eu não tinha poder de escolha. *Você achou* que não valia a pena conversar comigo.

— Falando desse jeito, parece que fui um filho da puta, mas não foi assim. Porra, nunca quis colocar as minhas vontades acima das suas, muito pelo contrário, eu te coloquei acima da minha própria felicidade. Dani, você é uma mulher incrível, inteligente, batalhadora, que luta e consegue o que quer, é injusto dizer que não te conheço.

Ele passa as mãos nos cabelos bruscamente, atordoado, e volta a falar:

— Então eu estava errado quanto à sua vontade de se mudar, sem ter se formado? Estava errado ao notar como você ficava triste quando não conseguia te ligar ou quando apareciam aquelas *fake news*? Se você me disser que eu estava errado em tudo isso, então estava vivendo uma realidade paralela.

— Não, Damon, você não estava errado, mas focou tanto nessa história de “não se tornar uma distração”, de “querer me proteger”, que não prestou atenção nos outros sinais.

— Como assim? Que sinais? — Ele fica em alerta.

— Eu sentia sua falta, sim, ficava chateada quando você não me ligava, mas nada que tirasse a minha paz. É normal em qualquer relacionamento. A mesma coisa acontecia em relação às matérias

falsas, sentia um certo desconforto, mas eu confiava no homem que estava comigo. Confiava no que a gente estava construindo.

Ele fica em silêncio, aguardando que eu termine meu raciocínio.

— E, sim, eu queria me mudar pra ficar perto de você. — Damon tenta me interromper, mas ergo a mão e continuo: — Calma que tem mais. Eu já vinha conversando com meus professores, procurando uma residência em algum hospital de Foxborough, que tivesse convênio com Yale. Já estava quase tudo certo. Estudaria on-line e como são apenas duas horas e quinze minutos de New Haven, iria para a Universidade duas vezes por semana.

— Você está brincando comigo.

— Quem me dera.

Ele se levanta e caminha de um lado para o outro, com as mãos na boca, visivelmente abalado.

— Por que você não me falou nada? As coisas seriam diferentes. Na minha cabeça, você queria jogar tudo pro alto pra ficar comigo, não imaginei que... Porra! Não tinha ideia do que você estava planejando. Por que, Dani? Por que não me falou? — ele insiste, aflito.

Olho para o céu azul, o mar tranquilo, buscando forças para recordar um dos momentos mais difíceis da minha vida.

Lembro-me do medo que senti, da sensação de déjà vu.

Meus olhos encontram os de Damon e o que vejo é uma mistura de angústia com apreensão. Ainda o encarando, forço-me a finalmente falar o que venho guardando a sete chaves.

O que nem meus amigos e meu pai sabem.

— Porque no dia em que ia te contar, descobri que estava com um caroço na mama direita.

Damon para de andar e se apoia na cadeira. A cor some do seu rosto e preciso olhar para o outro lado para não desabar.

— Do que você está falando? — pergunta num sussurro.

— Você sabe que pelo meu histórico, além dos exames periódicos, vez ou outra me toco para saber se está tudo bem. Em uma dessas conferências encontrei um carocinho.

Ele volta a sentar, em transe, piscando no automático.

— Por... Por que não falou comigo? Nós... Eu poderia ter te ajudado de alguma forma... Como...

— Porque também foi o dia em que você terminou comigo.

A bomba encontra seu alvo.

Uma explosão acontece.

Dá para ver nos olhos de Damon.

Ele abre e fecha a boca, sem conseguir pronunciar uma única palavra.

Minha revelação se assenta sobre nós e o peso que traz deixa o ambiente mais denso, difícil de respirar.

— Meu Deus! — Meu ex-namorado apoia os cotovelos nos joelhos e leva as mãos ao rosto, desolado.

— Não tinha por que te contar depois que terminou comigo. Não quis usar aquela descoberta para te manter preso a mim.

— Me manter *preso* a você? — O timbre de sua voz sai agudo e a expressão de dor arrepia os pelos dos meus braços. Só percebo que está chorando quando vejo um brilho abaixo dos olhos.

— Você já havia tomado a sua decisão e não queria te influenciar.

Ele solta uma risada grave, que é tudo, menos engraçada, antes de dizer:

— Se desde o início, eu soubesse dos seus planos de se mudar e continuar estudando, *isso* teria me influenciado, mas não é essa a questão, Daniela. Você me criticou tanto por ter tomado decisões por você e acabou fazendo o mesmo. Namorado ou não,

eu continuava me importando com você e não teria te deixado daquele jeito!

— Foi por esta razão que não contei! Porque eu não queria a sua compaixão, nem a sua pena. Queria o meu *namorado*, o homem que pensei que estaria comigo nos bons e maus momentos, mas você resolveu que deveria me abandonar. Já estava mal o bastante por ter que lidar com um coração partido e a recente descoberta de um caroço no meu peito que só me fazia lembrar de tudo o que minha mãe passou.

Ele balança a cabeça, inconformado.

— O término doeu, muito, me despedaçou, mas o que me doeu mais foi não ter você por perto para me dizer “*vai ficar tudo bem, baby*”, ou simplesmente para estar comigo, me dando o seu amor, o seu apoio.

— Porra, fiz tudo errado! Porra! Porra! — lamenta, com as mãos na cabeça.

— Não contei pra ninguém porque achei melhor esperar o resultado dos exames para não preocupar as pessoas, então foram dias sofrendo sozinha, pensando o pior, me lembrando da minha mãe morrendo por causa daquele maldito câncer...

De repente, Damon sai da cadeira e se ajoelha na minha frente.

— Qual foi o resultado? Precisou fazer algum tratamento? Me conta o que perdi, pelo amor de Deus.

— Foi um alarme falso. Não havia células cancerígenas.

— Caralho! — ele xinga, aliviado, encostando a testa nas minhas pernas. Não o afasto porque neste instante preciso dele tanto quanto ele precisa de mim.

— Era um cisto, um nódulo composto por água, que pode sumir com o tempo ou, se estiver muito grande, precisa ser punçado. O meu era pequeno e com o tempo foi sumindo, mas o susto, o medo de morrer, tudo aquilo que senti vendo minha mãe definhando... me deixaram muito mal.

Erguendo o olhar arrasado, Damon pega minhas mãos.

— Não consigo imaginar o que você passou, *baby*, e eu não estava lá. Em vez de te ajudar, de estender a mão, terminei com você, e mesmo não sabendo de nada disso, não posso deixar de me sentir culpado. Me perdoe, Dani. Me perdoe por não ter estado lá pra você, por não ter visto os sinais, por ter entendido tudo errado. Meu Deus, eu preciso que você me perdoe.

Solto um longo suspiro e analiso o conflito de sentimentos dentro de mim. Por um bom tempo, esperei ouvir essas palavras, imaginei o dia em que ele se arrependeria do que fez e nos meus sonhos mais vingativos, sonhei que ele ficaria de joelhos, e agora que tudo isso está acontecendo, não consigo ignorar o que está bem na minha frente: ele realmente me ama. E eu... nunca parei de amá-lo.

História da carochinha? Balela? Até poderia ser se a verdade não estivesse estampada em seu rosto. Como se lesse meus pensamentos, Damon derrete o restinho de gelo que envolve meu coração.

— Eu te amo mais do que qualquer coisa, mais do que a minha carreira, mais do que qualquer sonho que eu tenha. Você é *tudo* o que eu preciso e não falo da boca pra fora. Tive dois anos e meio para ter certeza disso.

De tantas perguntas para fazer, escolho duas que estão piscando em minha mente:

— Por que só agora? Por que demorou tanto para me querer de volta?

— Primeiro que eu nunca deixei de te querer. Pensei em te esquecer, tentei me convencer de que você merecia mais do que

um jogador de futebol que vive ocupado, viajando, mas então percebi que era impossível te deixar ir embora do meu coração, da minha mente, das minhas lembranças, da minha pele. Então, esperei o tempo certo. Você vai entrar no último ano da especialização, está muito bem encaminhada na residência, sei que conseguiu bons contatos para estagiar na área que tanto quer.

Estou impressionada. Estava acostumada a lidar com um Damon Smith brincalhão e safado, mas não com o romântico e maduro que está se mostrando.

— Uau! Devo me preocupar, *Joe*?

Ele ri e balança a cabeça com a brincadeira em referência ao protagonista psicopata da série *You*, da Netflix.

— Sou seu fã número 1, Srta. Lima, e um cara que nunca deixou de te amar. Posso não ter ficado por perto, mas comemorei cada vitória sua.

— Não sei o que dizer... Na verdade, sei sim.

Ele ainda está de joelhos, com as mãos segurando as minhas, e ergue as sobrancelhas, curioso.

— Eu assistia aos seus jogos e torcia por você em silêncio. Mesmo querendo, não conseguia torcer contra — admito.

Um brilho que não via há muito tempo ilumina seus olhos azuis e um sorriso que sempre fez meu coração acelerar se ergue em seus lábios desenhados, revelando os dentes perfeitos.

Que saudade desse homem, meu Deus!

Nós dois rimos e não me lembro quando foi a última vez que me senti tão plena e completa.

Mentira, lembro sim.

Foi quando estávamos juntos.

Seu sorriso desaparece e sua mão direita vai até meu rosto. Os nós dos seus dedos acariciam minha bochecha, maxilar, a lateral do pescoço, como se estivesse me venerando, matando a saudade. Fecho os olhos e a emoção me toma, tanto que nem percebo que há lágrimas caindo até que o sinto secar uma a uma.

O simples toque traz a velha eletricidade de volta, uma que procurei em outros toques, mas não encontrei. Não tinha como, afinal, é ele quem eu amo.

— Amo você — a confissão sai dos meus lábios e não me arrependo. — Nunca, jamais, parei de te amar.

Emocionado, Damon levanta o corpo o suficiente para beijar minha testa, ficando na altura dos meus olhos. Motivada pelo seu carinho, despejo o que estou sentindo:

— Estou cansada de nadar contra a correnteza e já perdemos tempo demais. Sei que nada acontece sem que haja um propósito, por mais complicado e doloroso que seja, e vou tentar olhar para a nossa separação como uma forma de crescimento, mas, Damon, nunca mais tome uma decisão com a justificativa de que é para o meu bem, sem me consultar. Deixe que eu decida, converse comigo, mas não me coloque no escuro.

Ainda com a boca perto da minha testa, ele pergunta:

— Você me perdoa, então?

— Sim, eu te perdoo.

— Você está me aceitando de volta? Preciso saber que não estou sonhando ou imaginando coisas.

Rindo, respondo:

— Sim.

— Porra! — Ele beija minha testa novamente, permanecendo por mais tempo do que antes, e colocando as mãos no meu rosto, pergunta, bem sério: — Você é minha namorada?

Seguro uma risada.

— Sim, Damon. Sou sua namorada e você é meu namorado.

Ele parece não acreditar.

— Posso beijar minha namorada?

Nossos olhos se encontram e ficamos perdidos um no outro, até que aceno em concordância.

Ele se aproxima, encaixando-se no meio das minhas pernas, e enquanto uma mão segura minha nuca a outra desce para a cintura, fazendo uma leve pressão sobre o vestido.

Aquele calor vem com tudo.

O *nosso* calor.

O fogo que nunca se apaga.

Desfazendo qualquer distância, Damon me beija.

Sua língua pede passagem, saboreando um lábio de cada vez, como um reconhecimento de campo. Logo a minha se junta à dele, sem paciência depois de tanto tempo e o beijo se intensifica.

Nós dois gememos com a explosão.

Como senti falta disso!

A mão na cintura me aperta, a minha vai para a sua nuca, agarra seus cabelos, fazendo-o gemer em minha boca. Involuntariamente minhas pernas se abrem mais um pouco, incentivando-o a me puxar para a beirada da cadeira e colar nossos corpos.

Minha bunda é apertada por suas mãos, já eu arranho suas costas e nuca sem perdão. Do jeito que ele adora. Do jeito que eu

amo.

O beijo continua. Lascivo e devasso. Apaixonado e romântico. O tesão se misturando com a saudade.

Seus dentes fisgam meu lábio inferior e faço o mesmo em seguida.

Chupo sua língua, indo e voltando, e ele deixa escapar um som gutural, sem desgrudar a boca da minha, percebendo minha real intenção com o gesto. O que eu gostaria de fazer em outra parte do seu corpo.

Chego a salivar só de lembrar.

Na posição em que estou, consigo sentir o volume crescente em sua bermuda e a minha necessidade é tanta que me esfrego, querendo tudo dele. Damon não se faz de rogado e se aproveita do movimento.

A nossa fome é avassaladora, mas então me lembro que preciso respirar, e só por este pequeno detalhe interrompo o beijo.

— Porra, que saudade que eu tava dessa boca gostosa — Damon é o primeiro a falar depois de recuperar o fôlego, e me abraçando pela cintura, completa: — Saudade desse corpo que me deixa louco. Dani, eu te amo pra caralho.

Envolvo seu pescoço com os braços e beijo sua testa, bochechas, maxilar, o furinho no queixo que é a minha perdição, o nariz arrebitado e, por fim, aproveitando que está de olhos fechados, beijo suas pálpebras.

— Eu também te amo pra caralho, Damon Smith, mas se você me deixar novamente, vou te matar.

Ele solta uma gargalhada e após me dar um selinho, é sua vez de entrar na brincadeira que fiz antes:

— Okay, *Love*, pode deixar que não vou te contrariar.

Love, assim como *Joe*, é uma personagem com tendências psicopatas, da série *You*. Sério, não mexa com aquela mulher!

— Estava pensando sobre o que você disse — Damon muda de assunto bruscamente. — A partir de agora, vou ter que te consultar antes de tomar qualquer decisão em relação a nós dois, certo?

— Bom aluno.

— Qualquer decisão? — Franzo o cenho sem compreender seu ponto.

— Sim, Damon. Tudo o que me envolver, preciso saber. Chega de falta de comunicação, achismos e segredinhos. Isso serve tanto pra mim quanto pra você.

— Tudo bem, foi você quem pediu.

Ele se levanta em um rompante e some de vista.

— Damon? — chamo, mas ele não está mais aqui. — O que é que tá acontecendo?

Pego meu celular, conferindo se há alguma mensagem, e como esperava Liz está me procurando. Respondo rapidinho, dizendo que estou terminando de conversar com Damon e que logo serei toda dela.

A ansiedade pelo grande dia da minha amiga está enorme e me sinto até mais feliz e no clima depois de ter me resolvido com Damon. Claro que já estava feliz por ela, mas agora é diferente. Aquele rancor, que andava comigo como se fizesse parte de mim, já não está mais aqui e sinto como se pesasse cem quilos a menos.

Sempre me gabei por ser uma mulher independente, que sabe aonde quer chegar, que não aceita menos do que merece, nem leva desaforo para casa, mas essa história toda com Damon está me ensinando que ser uma mulher foda não me impede de ser uma mulher que age pelo coração. Uma mulher foda pode errar, perdoar, cair, e ela não precisa ser taxada de frágil por causa disso. Ela vai continuar sendo foda. Como me sinto exatamente neste momento.

Uma mulher foda que perdoou o cara que ama e não vê a hora de recuperar o tempo perdido.

Ainda estou divagando, quando ele reaparece.

— Aonde você foi, seu doido?

Calado, Damon se ajoelha, mas de um jeito diferente de minutos atrás. Apenas um joelho está na areia.

— Damon? — Soo confusa.

Uma mão está atrás do corpo e a outra segura a minha.

— Dani, tive muito tempo para avaliar a minha vida e o quanto você faz falta nela. Desde que nos separamos, meu sorriso mudou, minha forma de ver a vida mudou, minhas prioridades mudaram, mas o meu amor por você... Ah, *baby*, esse nunca mudou. Só aumentou. A saudade me corroía. Saudade do seu corpo, da sua pele, do seu beijo, da sua boca atrevida, da sua revirada de olhos, mas, acima de tudo, do seu sorriso. Era nele que eu pensava quando precisava seguir em frente. E, agora, minha linda, que você é toda minha novamente, não posso perder nem mais um segundo.

Limpo uma lágrima da sua bochecha e seco as minhas.

— O que estou sentindo... Essa explosão aqui dentro — ele aponta para o lado esquerdo do peito —, não dá pra ignorar. Essa vontade de viver tudo o que tenho pra viver com você, de uma vez

por todas, tá me sufocando. E se eu não fizer isso agora, não vou ficar em paz. A minha vontade é sair correndo por este Resort e gritar: eu amo a minha Daniela! Eu quero me casar com ela!

Coloco a mão no peito e as batidas do meu coração retumbam como um bumbo na caixa torácica. Não posso acreditar no que está acontecendo.

— Damon...

— Dani, não quero voltar a *namorar* com você, eu quero me *casar* com você, quero ser o seu noivo, não seu namorado, e porra, você merece o anel de brilhantes mais foda que existe, mas diante das circunstâncias, não pude fazer muita coisa.

Ele tira um pedaço de alguma folha do bolso da bermuda, não sei se é de coqueiro ou de palmeira, porque está cortado em uma tira, porém nem se eu quisesse conseguiria adivinhar a origem, pois estou em choque.

— Como você quer saber de todas as decisões em relação a nós dois, já estou avisando que vou falar com seu pai e vou te pedir em casamento, do jeitinho que tem que ser, como você merece. Isso aqui é apenas uma promessa, querida, mas preciso saber: Daniela Lima, você *quer* se casar comigo? Aceita esse cara aqui, cheio de falhas e defeitos, como seu marido?

— Você é louco, Damon. Meu Deus, a gente mal voltou.

Ele espera a minha resposta, paciente, e me pego pensando em aceitar. Será que sou tão louca quanto ele? Jesus, como é difícil. Não, na verdade, não é, eu poderia pedir para ele ir com calma, que é cedo demais para falarmos sobre isso, mas o meu outro lado, o lado que quer viver tudo com Damon, me mostra que esta é a hora de compensar o tempo que perdemos. Esse lado me mostra que não somos dois desconhecidos, muito pelo contrário, temos intimidade suficiente, namoramos por anos...

E a quem eu quero enganar? Não existe outro homem que eu queira mais.

— A minha resposta só confirma que também sou louca, mas, sim, eu quero e aceito me casar com você, Damon! — De repente, a realidade do que acabei de fazer me bate em cheio. — Meu Deus, eu vou me casar!

Ele me dá um beijo e vibra extasiado, enrolando o pedaço de folha no meu anelar.

— Nós vamos nos casar, *baby*! Pode não ser hoje, pode não ser amanhã, mas nós *vamos* nos casar, e eu não poderia estar mais feliz.

Quando termina o trabalho, olho para minha mão direita, admirando a aliança improvisada, e as comportas se abrem.

Damon se aproxima e beija meu rosto todo até encontrar meus lábios, iniciando um beijo que começa devagar e vai ganhando intensidade. Nossas bocas não se desgrudam quando nos abraçamos e nossas línguas dançam entre si, selando o nosso acordo, a promessa de que agora é *pra valer* e não há mais volta.

— Minha — murmura na minha boca.

— Sim, toda sua, e você é todo meu.

— Todo seu, noiva linda e gostosa.

— Você é louco, sabia? Não me canso de falar isso.

— Louco por você, com toda certeza.

— Vamos contar para os nossos amigos?

— Preciso falar com seu pai ou ele vai me capar.

Rio do seu comentário, mas concordo. Mesmo que ainda não seja o pedido oficial, meu pai precisa saber que a filha está quase-noiva.

Demoro a perceber que há algo estranho até me afastar e ouvir um barulho estranho.

Click.

Click.

— Estão tirando fotos? — pergunto e rapidamente Damon se levanta, procurando de onde vem o barulho.

Olhando na direção de um pequeno arbusto, ele sorri.

— Pode tirar foto, amigo. Aproveita e solta a notícia de que essa mulher linda se chama Daniela Lima e é minha noiva, a única mulher da minha vida.

— Damon, você tá...

— Obrigado, Smith. Vou repassar para a redação. Sabe como é, né? Trabalho é trabalho. Boa sorte com o *Buccaneers* — o homem responde, saindo do seu esconderijo.

— Obrigado. Vamos fazer o nosso melhor.

O rapaz me dá um sorriso sem jeito e vai embora.

— É um paparazzo?

— Sim. Scarlett, minha agente, já tinha avisado que isso poderia acontecer, porque Jordan e eu estamos no foco da mídia ultimamente, mas estou tranquilo. É bom que vai sair uma matéria verdadeira, pra variar.

Rio da sua naturalidade ao lidar com o assunto, admirada com a sua maturidade, e a imagem de Liz vem à minha mente.

— Meu Deus, preciso correr. Liz está me esperando.

— Stevens já está no meu pé também, e de mau humor porque dormiu longe da mulher.

— Estou ciente. — Sorrio e antes de nos separarmos, Damon me agarra, parecendo ter a mesma dificuldade em me deixar ir.

Os olhos azuis ficam mais escuros e numa voz grave, pede:

— Dorme comigo hoje.

Seu pedido deixa minhas pernas moles. A voz grave, a intensidade, a promessa velada... Nós dois precisamos disso mais do que nunca.

— Pode me esperar.



CAPÍTULO 25

Me ame com ternura, me ame de verdade

Todos os meus sonhos realizados

Porque, meu amor, eu amo você

E eu sempre amarei

LOVE ME TENDER, ELVIS PRESLEY

Matt Stevens

— É hoje, cara! Você acredita nisso? Vou me casar com a mulher mais linda, inteligente, carinhosa e amorosa deste mundo.

— *Mahhhhhh* — Royce grita e se agita no meu colo, como se me dissesse que esqueci de um adjetivo.

— Ah, sim, a melhor mãe do mundo também. Não podia me esquecer dessa, parceiro.

Meu filho sorri e começa a balbuciar palavras desconexas. Com um ano de idade, cada dia acontece uma descoberta diferente. Uma nova palavra, uma nova expressão facial, cria mais confiança para andar por aí sem cair, experimenta novos alimentos. É incrível poder acompanhar tudo isso de perto.

Royce é curioso e adora quando converso com ele como se fosse gente grande. Mesmo que não tenha a menor noção do que estou falando, ele tem sido o meu maior confidente, já que nem sempre consigo ver meus irmãos.

Meu objetivo de vida é que ele veja em mim, mais do que um pai, mas um amigo, um parceiro. Muitos filhos têm medo dos seus pais, da autoridade que exercem, e não encontram um caminho

para se aproximar, e não quero que isso aconteça entre nós. Jamais.

Vou impor respeito, sim, vou chamar sua atenção quando for necessário, mas acima de tudo, vou oferecer minha mão, minha amizade e meu tempo para que ele cresça *confiando* em mim e não que *fuja* de mim. E de fugir, eu entendo bem.

Estamos no quarto em que dormi sozinho essa noite, enquanto espero Jordan, Smith, o fotógrafo e o cinegrafista. Nora também está vindo, porque com um monte de gente por aqui, vai ficar complicado cuidar do meu pequeno bagunceiro.

Não foi nada fácil pegar no sono sem a minha mulher ao lado, após anos dormindo com seu corpo aconchegado ao meu, mas o que a gente não faz para agradar a amada, não é mesmo? Não posso negar que o *chá* de Liz Pérez que recebi ontem à tarde apaziguou um pouco a minha carência. Um pouco, porque com ela sempre quero mais e mais e mais.

É foda!

Sete anos, e aquela mulher ainda me pega de jeito.

Ela está se arrumando na suíte presidencial, onde vamos passar a noite de núpcias, e pedi para Royce ficar comigo. Sei o quanto é importante para Liz aproveitar cada segundo e quero

proporcionar o melhor dia de noiva que ela poderia ter. Inclusive, as surpresas que preparei começam a chegar em alguns instantes. Um jeito que encontrei de estar perto dela, mesmo estando relativamente longe.

Se me perguntarem quando me tornei tão romântico, vou responder que foi a minha mulher que aflorou esse meu lado.

O cara que dizia que não acreditava no amor, que era o sentimento mais mentiroso do mundo, não existe mais. O Matt Stevens ressentido, rancoroso, que vivia com raiva, morreu no dia em que recebeu uma carta que mudou tudo o que ele acreditava ser verdade.

Quando confessei para Liz que gostaria que Kate estivesse aqui, falei de todo o meu coração. Queria vê-la feliz, levando-me ao altar, dançando comigo ao som de Elvis... Gosto de pensar que ela está aqui, comigo, e vou honrá-la da melhor forma que encontrei.

Meus olhos ficam marejados e preciso piscar algumas vezes para não me emocionar. Não sou uma manteiga derretida, mas o dia de hoje é especial demais para me manter indiferente. Com o tempo, aprendi que não tem problema ter um lado mais sensível. Isso não me faz ser menos homem.

— *Papáaaaaaaaaa!* — Royce grita, chamando a minha atenção.

— Calma, filho, o *papá* só estava divagando, se lembrando da sua vovó.

— Voooooooo — ele tenta falar e o incentivo, orgulhoso por ser tão inteligente.

— Isso! Vovó.

— Voooooooovvvv — Royce tenta completar, mas empaca no “v”, espirrando um monte de saliva no meu rosto.

Sou obrigado a rir, porque é muito engraçado ver o seu empenho.

— Tá quase, meu amor. Vamos lá: vo-vó — repito, separando em sílaba para facilitar.

— Vooovóooo.

— Isso, parceiro!!! — Faço festa e o elevo no ar, arrancando uma risada gostosa do pequeno. — Como você é inteligente, meu filho.

Coloco-o no chão e, sabendo que está sendo elogiado, começa a correr pelo quarto, batendo palmas sem parar de falar “vovó”. Agora que aprendeu, já era. Minha sogra vai ficar louca, porque já tentou ensinar ao Royce tantas vezes, mas quando quer ser teimoso, o garotinho dá aula. Esse lado tenho certeza de que vem da minha pequena mandona.

Meu sorriso se alarga e é difícil não me emocionar, mais uma vez. Kate iria amar seu netinho.

Será que ela dançaria com ele também? Aposto que sim. Era o que ela mais amava fazer.

— O *papá* te ama tanto — declaro, agachando-me para ficar na sua altura.

Abro os braços e ele corre na minha direção, todo desengonçado, rindo e gritando ao mesmo tempo. Quando me alcança, dou um abraço no seu corpinho pequeno e seus bracinhos agarram meu pescoço de qualquer jeito.

Beijo a bochecha gordinha e inspiro seu cheirinho de bebê.

Que amor é esse que me deixa rendido e que me motiva a ser o melhor que posso ser?

Quando o vi pela primeira vez, na sala de parto, fiquei paralisado. Liz precisou fazer cesárea, por causa do tamanho do bebê — Royce nasceu comprido e pesado —, e segundos depois, ainda nos braços da médica, ele começou a espernear. Olhei para Liz e ela estava tão estática quanto eu. As lágrimas deslizavam pelos nossos rostos chocados, enquanto processávamos a grandiosidade do que acabara de acontecer.

Eu vivia imaginando como seria seu rostinho, o que eu sentiria quando o visse, mas nada me preparou para a realidade. Ali, tive noção de que tudo o que pensei e sonhei não chegava aos pés do que realmente era. Do amor que me abateu tão fortemente que pensei que não aguentaria me manter de pé. Foi indescritível.

Às vezes, fico assustado com a intensidade com que amo minha família e me pego pensando que se acontecer alguma coisa com um dos dois... Porra! Olha para onde esse sentimento absurdo me leva. A querer cuidar e proteger a todo custo. A ter receio, medo de que de uma hora para outra tudo possa desmoronar.

Eu sei que há questões que fogem da minha alçada e não posso me tornar um maluco por controle, porém nem sempre é fácil identificar um limite para mim.

Meu analista que o diga.

Faço terapia há anos e foi assim que descobri o principal motivo para ter esses pensamentos. Adivinhe? Acertou se respondeu “traumas do passado”.

Como poderia ser diferente?

Cresci achando que nunca fui amado, com um pai violento ao extremo, fugi de casa aos dez anos de idade, me colocaram em um orfanato, fui adotado aos doze anos e quando finalmente comecei a

viver como um jovem normal, meus pais adotivos morreram em um acidente de carro.

Como essa merda toda não foderia com a minha cabeça? Fodeu, e muito mais do que eu imaginava.

Ouçõ uma batida na porta e me levanto com Royce no colo. Olho para o relógio e constato que ainda não deu o horário para os profissionais chegarem, só podem ser Jordan e Smith. Os putos demoraram pra caralho. Eles disseram que iriam me distrair, falar um monte de merda, e onde estavam? Claro que tem a ver com mulher.

Grandes padrinhos que escolhi.

— Pelo visto, você vai fazer *mi hija* chorar o dia todo — é a primeira coisa que Carmen diz quando abro a porta, contrariando minhas expectativas.

Ela entra no quarto, sem se importar em pedir licença, e logo estende os braços, chamando Royce. Intimidade é foda, não é? Meu garoto olha para mim, como se ponderasse se deve ir ou não, mas no fim resolve partir para outros braços. Para ele, quanto mais atenção melhor.

— Ah, é? Não tenho ideia do que você está falando. — Finjo inocência e minha sogra ri.

— Sei.

— Já que veio até aqui, me conta, como ela está?

Seus olhos adquirem um brilho antes de me responder.

— Está nervosa, mas extremamente feliz. Quando recebeu o buquê de flores, começou a chorar e ficou beijando as pétalas, dizendo o quanto te amava.

Meu peito se aperta imaginando a cena. O buquê de rosas vermelhas foi a primeira surpresa que preparei e ao longo do dia, Liz vai receber diversos bilhetes que fiz questão de escrever quando ela estava na massagem, ontem à tarde. Entretanto, a maior surpresa de todas será revelada durante a cerimônia e só de lembrar minhas mãos ficam suadas.

— Pensei que seus amigos já estivessem aqui. — A voz de Carmen me traz de volta.

— Pois é, dona Carmen, meus amigos me abandonaram.

— Oh, ele está carente — zomba e reviro os olhos.

— A senhora está perdendo a noção do perigo.

— Matt, para cima de mim? Você ladra, mas não morde.

Dou uma gargalhada e jogo a cabeça para trás.

— Perdi a moral mesmo.

— Conheço o genro que tenho. — Balançando Royce para cima e para baixo, Carmen pergunta com uma voz infantil: — E como está o bebê da vovó?

— Voovvvvvvv... — meu filho balbucia e Carmen arregala os olhos.

— *¡Santa Madre!* Ele está falando vovó! — exclama, misturando os idiomas como sempre faz.

Eu poderia acabar com sua alegria e dizer que não foi por sua causa que ele aprendeu, mas decido *deixar pra lá*.

— Olha, que demais! — exclamo, batendo palmas e ela parece deslumbrada com a novidade. Eu entendo sua emoção. Foi assim que fiquei quando ouvi o primeiro “papá”.

Carmen e eu nos aproximamos quando levei Liz para morar comigo. Ela se tornou mais presente na vida da filha depois que parou de beber e trabalhar como acompanhante de luxo, anos atrás, e hoje está completamente transformada. Minha sogra diz que quer compensar o fato de não ter sido uma boa mãe, sendo uma boa avó, e ela tem cumprido o papel perfeitamente. Royce a adora.

Ajeitando meu filho no colo, Carmen olha no fundo dos meus olhos, repentinamente séria, e pergunta:

— ¿Y tu? ¿Como estás? — A essa altura, sei um pouco de espanhol ou não entenderia metade das coisas que Carmen fala. Diferente de Liz, que é americana, sua mãe é cubana de sangue e alma. Ela diz que não consegue largar a língua nativa, porque não quer deixar Cuba morrer dentro dela. É um conceito bonito, mas não tão prático para quem ouve.

— Estou ótimo, mais feliz impossível. Obrigado por perguntar.

— Matt, nunca falei isso, mas te considero um *hijo*. — Meu rosto demonstra tanta surpresa com suas palavras, que ela ri. — Estou falando sério. *Tu madre* teria orgulho de você, não tenho dúvidas. Contra todas as probabilidades, tornou-se um homem com um *corazón* enorme e uma alma iluminada. A pose pode ser de um bad boy arrogante, mas, querido, quem te conhece de verdade, sabe que de mau você não tem nada. O que você faz por Liz, por *mi amado nieto*, por aquelas mulheres, até pelos *niños* que ensina artes marciais... é admirável.

— Obrigado, Carmen — agradeço, tocado pela sua declaração.

Não nego que sou engajado em ações sociais, pois é o que eu sempre quis fazer. Além das minhas doações, dou aulas de jiu-jitsu e judô para crianças de um orfanato em New Haven e advogo, sem

cobrar honorários, em favor de mulheres que sofreram violência doméstica da Casa Abrigo Recomeçar, que fica em Nova York.

O melhor é que minha atuação nessas causas não atrapalha o meu rendimento no escritório, onde sou especialista na área de violência contra a mulher. Pelo contrário, por atuar com excelência é que os donos do Mars & Pierce me convidaram para ser sócio e estão aguardando minha resposta. Confesso que estava satisfeito por estar na filial, mas a oferta é irrecusável e a responsável pelo abrigo, Beatrice Parker — que advogava lá antes de largar tudo para cuidar da Recomeçar —, disse que é uma oportunidade única de crescimento e estabilidade.

— Não faço nada disso buscando reconhecimento, você sabe — volto a falar.

— *Por supuesto que si* ou não estaria aqui bajulando meu genro. Se eu fosse mais nova, Liz teria que te disputar comigo.

— Carmen, Carmen, *tu hija* é ciumenta — brinco.

— *Tu hablas* como se também não fosse.

Nós dois rimos porque a mulher me conhece muito bem, e Royce bate palmas, achando que está rolando alguma festa. Amo a sua inocência.

Ela volta a ficar séria ao continuar seu discurso:

— Brincadeiras à parte, por muito tempo fiquei desacreditada da vida, do amor, afinal, as coisas não aconteceram como eu esperava. Você conhece a minha história, como fui atraída por *el sueño americano* que deu errado, e ver *mi hija* construindo sua própria felicidade, realizada, mãe, formada... não tenho palavras para te agradecer.

— Não precisa me agradecer porque foi sua filha quem me salvou.

— *Yo sé, querido*. Conheço a sua história também. Sei o quanto sofreu e é por isso que você e Liz são *perfectos* um para o outro. Duas metades que estavam perdidas e se encontraram. Eu aprendi muito tarde que o que mais importa nesta vida é a nossa família e sei que não tenho o direito de fazer este pedido, mas vou fazer mesmo assim: nunca deixe Liz e Royce em segundo plano.

— Nunca! Eles são a minha vida. Sem os dois, não sou nada. Pode ficar tranquila quanto a isso. É mais fácil a Liz me largar.

Ela ri.

— *Mi hija* é teimosa, mas não acho que consiga te largar. — Minha sogra se levanta e coloca Royce no chão. — *Y bien*, preciso voltar lá pra cima ou ela vai ter um ataque.

— É bom não contrariar aquela mulher.

— Não mesmo. — Ela ri. — Posso te dar um *abrazo*?

— Claro.

Carmen se aproxima e assim como faço com sua filha me curvo para nos abraçarmos.

Não falamos nada.

Não precisamos.

O gesto, em si, fala tudo.

Permanecemos em silêncio e seus braços me apertam.

De repente não é minha sogra que está aqui comigo.

É minha mãe.

Na minha mente e no meu coração, é ela.

Aprofundo o abraço, como se minha vida dependesse disso, e um soluço sai da minha garganta sem que eu tenha controle.

— Desculpa. — Tento me desvencilhar, mas Carmen não permite.

— Não se envergonhe, *mi hijo*. — Suas mãos acariciam minhas costas, para cima e para baixo, exatamente como Kate fazia para me consolar depois que era espancado, e a lembrança é demais para mim.

O que venho guardando é liberado de uma só vez.

— Isso, querido. Deixe sair o que tiver que sair.

É diferente de tudo o que já senti.

Uma explosão de dentro para fora.

Não me importo com os barulhos que estou fazendo, os gemidos misturados aos chiados desesperados, e meu corpo chacoalha com a intensidade dos soluços.

— Nós que já fomos despedaçados temos a péssima mania de achar que não podemos desabar, mas faz parte do processo. — Suas palavras são calmas e me trazem uma paz muito bem-vinda. — Faz parte de quem somos, Matt, e precisamos colocar para fora ou implodimos.

— E-eu não consigo parar.

— É porque tem mais para sair. Libere tudo, querido. Pare de pensar tanto.

Minutos se passam e então começo a me acalmar.

— Royce... — digo, preocupado com meu filho.

— Estou de olho nele. Está tudo bem.

Recomposto, saio dos braços de Carmen e vou para o banheiro lavar a bagunça que está o meu rosto. Volto para o quarto e ela está no mesmo lugar e sorri para mim.

— Como você sabia que eu precisava disso? Foi... Não sei nem explicar.

— Eu não sabia. Nas minhas sessões em grupo, aprendi que o ato de abraçar é poderoso. Muitos sentimentos são liberados em um abraço. É por isso que devemos tomar cuidado, porque não sabemos do estado de espírito da pessoa e o que podemos pegar para nós. Mas o que aconteceu aqui, foi maravilhoso. Houve uma troca de amor. Eu liberei gratidão, já você liberou saudade e amor.

— Muito obrigado, Carmen, me sinto muito melhor.

— Yo sé. Agora, preciso ir. — Abaixando-se para se despedir de Royce, que está sentado no chão brincando com uma bolinha, ela o beija no rosto e diz que depois vão se encontrar novamente, recebendo um dos murmúrios do neto.

Eu a acompanho e quando abro a porta dois brutamontes estão do outro lado, mas não tenho tempo de falar, pois Jordan dispara:

— Smith tá noivo!

Os dois entram no quarto sem pedir licença e fico sem reação.

Carmen, que já está no corredor, arqueia as sobrancelhas, tão chocada quanto eu e diz:

— É melhor eu correr porque algo me diz que essa notícia vai chegar lá em cima também.

— Até logo, sogra.

Fecho a porta do quarto e me viro para os meus amigos, que agora estão conversando com Royce, sentados no chão, como se não tivessem jogado uma bomba em cima de mim.

— Alguém vai me explicar o que está acontecendo?

Jordan se levanta e pergunta:

— Primeiro de tudo, devo me preocupar com a sua cara toda vermelha?

É claro que eles não deixariam passar.

— O dia está cheio de grandes emoções. Não foi nada de ruim.

— Que bom. E sobre a sua pergunta, Smith tá noivo.

— Como? Quando isso aconteceu?

É a vez de Smith se levantar e me encarar.

— Passei a manhã toda conversando com a Dani e decidimos voltar. — Posso ver em seu semblante como está radiante.

— Ok, fico feliz por você, estava mais do que na hora de voltarem, mas e o que Jordan está falando? Você tá noivo mesmo?

Meu amigo sorri e me preparo para sua resposta.

— Eu a pedi em casamento. Ela aceitou. Ainda vou falar com o pai dela, oficializar o pedido, com um anel e tudo o que manda o figurino, mas já me considero noivo.

— Smith fez um anel com folha de coqueiro pra mulher, você acredita nessa merda? — o outro debocha, rindo de se acabar.

— O que você tá falando? O próximo é você, garanhão. “Ai, vou tomar café com a Carly”, “ai, vou ver a Carly”. Antes de falar de mim, olha para o próprio pau, seu puto — Smith sussurra para que meu filho não ouça suas obscenidades.

— Quando vocês disseram que iam me distrair no dia do meu casamento, não pensei que fossem levar tão a sério.

Os filhos da puta soltam uma gargalhada e faço o que tenho que fazer, abraço meu irmão.

— Parabéns, você merece ser feliz.

— Obrigado, cara. Estou feliz pra caralho. É como se estivesse respirando pela primeira vez em anos.

— Vocês demoraram demais para voltar, mas como Liz sempre diz, existe um tempo certo para tudo.

— Exatamente. Agora, vamos parar por aqui porque o foco hoje é em você, meu amigo — diz, afastando-se para pegar alguma coisa no bolso.

Jordan também pega algo no próprio bolso e franzo a testa.

— O que foi?

— Chegaram — Smith diz ao olhar para o celular.

Estou parado como um idiota, sem saber o que está acontecendo, e quando meu amigo abre a porta, um cara entra filmando e o outro tirando fotos.

Okay, os profissionais chegaram, mas por que já estão na ativa?

Logo atrás, Nora aparece e me dá um sorriso, seguindo para ficar com Royce.

— Stevens, não precisamos dizer que você é mais do que o nosso amigo, você é nosso irmão — Smith chama a minha atenção para si. — Insistiram tanto em nos chamar de Tríade na faculdade, que acabou se tornando nosso apelido oficial. Ano após ano, essa Tríade só se fortaleceu, ficou mais sólida, uma verdadeira irmandade. Muita gente não entende a nossa ligação, como conseguimos manter essa conexão por tanto tempo, e sinto muito se a maioria não encontra uma amizade assim.

Rio de sua fala e balanço a cabeça. Ele continua:

— Já que as noivas têm seus rituais, aquele negócio de “algo novo, algo velho, algo emprestado, algo azul”, resolvemos fazer o nosso, que com certeza é mais legal.

Arqueio as sobrancelhas e dou uma risada, que tenho certeza de que foi registrada pelas câmeras focadas em mim.

Ele volta a colocar a mão no bolso e pega uma caixa pequena de veludo.

— Vai me pedir em casamento também, Smith?

Mais risadas preenchem o ambiente.

— Bem que você queria, mas não vai ser desta vez. — Ele abre a caixa e diz: — Sem mais enrolação, esse é o meu presente pra você usar daqui a pouco.

Porra, todo mundo resolveu me tirar do sério hoje.

Dentro da caixinha há duas abotoaduras prateadas, muito bonitas e aposto que muito caras, e ao colocar as duas peças na mão noto o desenho impresso.

— Pensei em algo que simbolizasse a Tríade, por isso o triângulo — explica.

— Sério? Nem tinha percebido! — zombo, disfarçando a emoção que me envolve. Trago-o para perto em um abraço apertado e digo: — Obrigado, irmão. Um presente foda que terei o maior prazer em usar.

— Tem mais — Jordan avisa e me afasto de Smith.

— Vocês se superaram como padrinhos, hein?

— Você não levou fé... — Jordan comenta e estende um saquinho de veludo preto para mim, mas antes que eu o pegue, ele

volta a falar: — O meu presente é pra te fazer lembrar que pode contar com a gente em qualquer hora. Não importa o tempo, a distância, nada disso, irmão. Estamos sempre juntos.

Ele me dá o presente e o peso é inesperado, pensei que fosse mais leve. Desfaço o laço e fico em choque com o que vejo.

— Porra, Jordan, você é louco!

— Coloca logo essa porra. — Tenho que rir com a sua delicadeza.

Em seguida, tiro o relógio do saquinho de tecido escuro e ele é ainda mais bonito do que eu pensava.

— Foda demais!

— Essa é a linha GMT-MASTER II, da Rolex. Ouro branco para combinar com as abotoaduras de platina que Smith te deu.

— Porra, vocês são dois loucos.

— A não ser que você se case mais de uma vez, tá tudo certo

— Smith é quem brinca.

— Só se for com a mesma mulher.

Coloco o relógio no pulso e faço pose para a filmagem e fotos, e logo meus amigos se juntam.

— Obrigado pelos presentes, irmãos. Nunca vou me esquecer disso. Não pelo valor, mas pelo que simbolizam. Obrigado pela

irmandade, pelo companheirismo, meu desejo é que vocês sejam muito felizes. Não vejo a hora de ver os dois com suas famílias, nós todos comemorando algum feriado juntos...

— Uma coisa de cada vez, Stevens — Jordan me interrompe, rindo.

— Tirei várias fotos dos três, querem alguma diferente agora? — o fotógrafo pergunta.

— Vou pegar meu filho! — Corro na direção de Royce e o pego no colo, que rapidamente se anima e mostra seu sorriso banguela.

— Vamos tirar foto com o *papá*?

— *Fffffffo* — o pequeno balbucia, cuspiendo em nós três no processo.

— Esse garoto é muito inteligente. Fico bobo com isso — Smith admite.

— Com o pai que tem, não poderia ser diferente.

— Que pai o quê! Isso com certeza veio da mãe.

Tiramos mais algumas fotos, o rapaz da filmagem faz alguns *takes* comigo e com meu filho e quando penso que as surpresas acabaram, Jordan informa que tem mais.

— Como assim?

— Fomos incumbidos de entregar esta carta — Jordan me estende um envelope e ao ver meu nome com a letra de Liz, meus batimentos aceleram.

Sento-me na cama, com Royce em minha coxa, e rapidamente abro a carta.

— O que será que a sua mamãe aprontou?

— *Mahhhhhhh* — como uma resposta para a minha pergunta, ele grita.

Então, começo a ler:

Oi, meu amor!

Chegou o nosso grande dia.

Você tem noção que me sinto a mulher mais sortuda do mundo?

Dentro de algumas horas, vamos nos encontrar para dizer o nosso “sim” e não sei te explicar o que estou sentindo. É um misto de nervosismo, alegria e um amor tão grande que parece que vou explodir. Você também está assim?

Ah, meu lindo, a cada segundo longe de você, mais certeza tenho de que te quero para a vida toda. Vou te confessar uma coisa:

odiei dormir sem você e se pudesse voltar atrás, teria te chamado no meio da noite.

Matt, nos seus braços é que encontro paz.

O seu corpo é o meu aconchego.

A sua voz é a minha melhor canção.

O seu toque é o que me aquece.

Respiro você.

Vivo você.

Amo você,

Sua Liz.

Porra! Essa mulher não cansa de me fazer feliz? A vontade que tenho é de subir até seu quarto e mandar todo mundo sair, só para matar a fome que estou dela.

— Sua mãe sabe como deixar seu pai sem palavras, mas eu também tenho minhas armas. Deixe *e/a* comigo, filho. Mais tarde vamos dar o troco.



CAPÍTULO 26

Assim como nicotina, heroína, morfina
De repente, estou viciada e você é tudo que preciso, tudo que
preciso

Sim, você é tudo que eu preciso

É você, amor
E eu sou uma idiota apaixonada pelo jeito que você se move, amor

E eu poderia tentar fugir, mas seria inútil

A culpa é sua

Apenas uma dose de você e eu soube que nunca mais seria a

mesma

NEVER BE THE SAME, CAMILA CABELLO

Liz Pérez

— Logo será você, *hermana*.

Dani suspira com uma expressão sonhadora ao olhar o meu reflexo no espelho.

— Vamos com calma, *hermanita*. Além da ficha ainda não ter caído, a estrela do dia é você, que está maravilhosamente linda. — Ela ajeita meus cabelos para que caiam sobre os meus ombros, pesados e ondulados. — Stevens vai ficar louco.

— Concordo — diz Carla, atrás de mim. — Você tá linda demais. Aquele homem vai surtar.

Um sorriso se abre em meus lábios ao imaginar a reação do meu futuro marido. Por falar no safado, a cada presente que ganhei durante o dia, minha vontade era ir até o seu quarto e agradecer do melhor jeito que conheço, ou melhor, que nós dois conhecemos.

Recebi flores, bilhetes e mais bilhetes com declarações de amor, um cordão de ouro branco com pingente de brilhante e um par de brincos combinando, que resolvi usar agora. Todos me emocionaram de uma maneira diferente, mas foi um quadro pequeno com a nossa família pintada — Royce com poucos meses

de vida no meu colo e Matt me abraçando por trás —, que me fez soluçar.

Por que tão perfeito?

A maquiadora precisou ter muita paciência, mas o resultado final valeu a pena. Pedi uma maquiagem leve, por ser um casamento praiano ao entardecer, e ficou muito elegante. Meus olhos foram destacados com uma sombra mais escura, delineador e cílios postiços, nada muito exagerado; o rosto está iluminado e nos lábios ela passou um gloss. Os cabelos escolhi deixá-los soltos para aproveitar que estão longos e mais claros nas pontas.

— Liz está uma verdadeira princesa. — Minha mãe aparece ao meu lado.

Ela esteve com Matt mais cedo e me disse que ele estava tão nervoso quanto eu, mas que Royce e os amigos estavam fazendo um bom trabalho para mantê-lo ocupado.

Falando no meu filho, não vejo a hora de revê-lo. É tortura demais ficar tanto tempo sem sentir o seu cheirinho. Matt o pegou com a desculpa de que seria para me arrumar com tranquilidade, mas ele ama ficar na companhia do nosso pequeno bagunceiro.

Viro-me para minha mãe, Carla e Dani e sorrio com a emoção à flor da pele.

— Obrigada por passarem esse tempo comigo, meninas. Ter vocês aqui, neste Resort, nesta suíte, em um momento tão importante e significativo pra mim, é maravilhoso.

A porta se abre e Mike entra no quarto. Ele está lindo com um conjunto de blazer e calça azul-claro e uma camisa branca por baixo.

— O que estou perdendo?

— Uma declaração do quanto Liz nos ama — Dani provoca, prendendo um sorriso.

— Oh! E não fui chamado? Só saí do quarto para falar com a cerimonialista e é assim que dona Liz me agradece? Me esfaqueando pelas costas?

Impossível não rir do seu dramalhão.

— Querido, já te chamaram para participar de alguma novela?

— Infelizmente não, dona Carmen Pérez, por quê? — Sua cara de *sou-inocente-e-não-sei-do-que-você-está-falando* me mata.

— Porque você seria um bom ator de novelas mexicanas.

Todos nós rimos e sabendo que a hora de descer chegou, volto a falar:

— Como estava falando antes de Mike me interromper — e olhando para ele, justifico —, e só não te esperei porque já tínhamos

conversado sozinhos, é que sou muito grata por estarem comigo. Ontem, vocês me fizeram chorar no jantar de ensaio com seus discursos lindos e marcantes, e tenham certeza de que os guardarei para sempre em meu coração. E pra finalizar, quero dizer mais uma coisa: amo vocês.

— Oh, Liz. Eu te amo tanto, minha amiga — Dani declara, abraçando-me pela cintura.

De repente, mais braços me envolvem e percebo que estou no meio de um abraço gigante. Não poderia me sentir mais privilegiada por tê-los na minha vida. Começando pela minha mãe, que se tornou muito importante para mim, até meus amigos que me acompanham desde a faculdade e nunca largaram a minha mão.

— Nossa amizade é para sempre, gata. Teremos muitos outros motivos para celebrar.

— Eu também te amo muito, querida. Você merece o melhor da vida — é a vez de Carla se declarar.

— Acho melhor a gente ir ou vou começar a chorar e não vai dar certo — aviso e eles se separam de mim.

— Tem certeza que a cerimonialista conseguiu um lugar pra você? — Dani pergunta, preocupada.

— Tenho. Eles montaram uma cabaninha para suporte e é lá que vou ficar.

— Só você mesmo, Liz. Nunca vi isso.

— Carla, vou me casar uma única vez e mesmo que não seja o comum, quero tudo o que tenho direito.

— Você está certa, *hermanita*. Faça o que tiver vontade.

— *Mi hija* nunca gostou de seguir o que todo mundo faz. — A fala da minha mãe arranca risadas.

Mas é a mais pura verdade.

Contrariando o que as noivas geralmente fazem, pedi para a cerimonialista encontrar um esconderijo — meio difícil no meio da praia, mas ela conseguiu — para que eu pudesse assistir ao casamento desde o início e não apenas quando entrar oficialmente.

Não quero perder meus padrinhos indo até o pequeno altar improvisado com um arco de flores brancas — lírios e flores do campo —, mas principalmente, quero acompanhar a entrada de Matt e descobrir qual música escolheu, pois ele fez suspense até o último minuto.

Além dessa quebra de protocolo, não escolhi a cor dos vestidos das minhas madrinhas ou de Carmen, nem dos ternos dos

meus padrinhos. Deixei que tivessem liberdade para escolherem a cor que mais gostassem.

Outro ritual que não cumpri foi o de pegar algo novo, velho, emprestado e azul. Respeito quem goste, mas não tem nada a ver comigo.

— Antes de ir, só preciso me olhar mais uma vez — digo, tornando a me virar para o espelho, e novamente fico encantada com o que vejo. — Parece que estou vivendo em um conto de fadas e não consigo parar de me beliscar para saber se tudo isso é real.

— É real, gatinha. É o *seu* conto de fadas e você não poderia estar mais deslumbrante — Mike sussurra atrás de mim.

É como realmente me sinto.

Deslumbrante.

Tanto por dentro quanto por fora.

A cor *off-white* do vestido realçou o bronzeado da minha pele, resultado de um tempinho que consegui pegar sol nesses dias, e a maquiadora destacou o colo e os ombros com um iluminador maravilhoso.

A peça tem alças finas e a parte superior é como um corpete, apertando meus seios de uma maneira que fica mais sensual do

que vulgar, e a saia esvoaçante cobre meus pés. Perfeito para a praia e para dar uma alongada no meu comprimento.

Decidi colocar uma sandália nude de salto alto quadrado, porque se ficasse descalça ou com uma rasteirinha, a diferença de tamanho entre mim e Matt seria muito acentuada. Salto alto é uma coisa que continuo não abrindo mão de usar, por isso prepararam a areia sob o tapete verde que vou passar, para que não haja imprevistos.

Foi tudo muito bem pensado para que seja um casamento com a nossa cara.

— Preciso dizer que Stevens está impecável também — Mike provoca minha curiosidade.

— Não duvido. Aquele homem fica bem de qualquer jeito.

— Mas como noivo ele se superou, viu?

— Quer parar de atíçar a mulher? — Daniela me entende tão bem que às vezes até me assusto.

O babaca apenas ri, deixando claro que estava tirando proveito da minha ansiedade.

— Com um amigo assim, nem preciso de inimigos.

— Oh, assim você me ofende. — Batendo uma palma, diz: — Agora, pare de se olhar e vamos descer porque estamos atrasados.

Ainda teremos que percorrer o caminho todo até a praia.

— Menos mal que iremos com carrinhos de golfe — lembra Dani.

— Querida, posso falar com você antes de descermos? — minha mãe me chama e confirmo com a cabeça, caminhando com ela para um dos quartos da suíte presidencial.

Chegamos ao cômodo e ela sorri para mim com um brilho no olhar.

— Só queria um tempinho com você antes de toda correria começar de fato.

— Claro. — Sorrio de volta.

— *Está tan hermosa.*

— *Gracias, mamá.*

— Estou orgulhosa de você, *mi hija*. Aproveite cada segundo do seu casamento, porque quando você piscar, acabou. Pelo menos, é o que dizem.

— É verdade. Dizem que é tudo tão intenso que acaba rápido demais.

— Mas eu sei que você vai saber curtir bastante com Matt, com seus amigos.

— Com você.

— Comigo também. — Ela ri e segurando delicadamente meu rosto, diz: — Obrigada por me deixar entrar na sua vida, Liz. Por me permitir fazer parte do crescimento de Royce. Eu amo tanto aquele garotinho. Obrigada por me dar uma segunda chance. Estar aqui significa muito pra mim. *Te amo, mi hija, con todo mi corazón.*

Eu a abraço, esforçando-me ao máximo para não chorar, mas uma lágrima escapa.

— *Te amo, mamá!* Eu que devo te agradecer por se tornar essa mãe e avó tão dedicada que é hoje em dia. A sua história fez com que eu tivesse mais fé nas pessoas.

Ouçó um soluço vindo de Carmen e a abraço mais apertado.

Mais alguns segundos se passam e nos separamos. Ela vai ao banheiro e em instantes está de volta com um papel para secar meu rosto. Anos atrás, esta cena seria impossível de imaginar. *Carmen sendo mãe? Carmen cuidando de mim e do meu filho?* Entretanto, a vida sempre encontra um jeito de nos surpreender, felizmente, desta vez, foi para melhor.



Já a postos em meu esconderijo, vejo como a decoração ficou linda. A mistura do verde das plantas com as flores brancas de diversas origens deu um toque de elegância à cerimônia. O arco de flores disposto no altar improvisado, está exatamente como idealizei, e o tapete verde com um pouco de areia em cima, ficou muito charmoso.

O melhor é ter o mar com variados tons de azul como pano de fundo. Que coisa mais linda! E o céu? Uma mescla de rosa com laranja. Perfeição define este momento.

Muito obrigada, meu Deus!

A ideia do esconderijo foi providencial. No calor do nervosismo, com Matt e meus amigos na minha frente, não conseguiria enxergar esses detalhes com os mesmos olhos.

Na areia, há poucas cadeiras, pois não convidamos ninguém fora do nosso círculo de amigos e família.

Daqui, consigo ver o celebrante, contratado pelo hotel; Francis, o namorado de Carmen; o pai de Dani e sua namorada, Alice. Minha mãe está com Royce em algum lugar.

A banda, composta por um teclado, dois violinos, um violão e um violoncelo, termina uma das músicas da playlist que preparei, para então iniciar a que meus padrinhos vão entrar.

Geralmente, o noivo entra primeiro, mas quisemos fazer diferente, já que se trata de um *mini-wedding* e temos mais facilidade para fazer mudanças.

Os pelos do meu corpo se arrepiam quando *Never Be the Same*, da Camila Cabello, começa a tocar.

Escolhi cada música a dedo. Para mim, esta parte é tão importante quanto à cerimônia, porque diz sobre mim e sobre Matt. O agudo do violino faz um contraste perfeito com o grave do violoncelo, deixando a canção ainda mais linda.

Minhas mãos suam com a expectativa e, então, Mike entra.

Está acontecendo!

O *meu* casamento está começando.

Suspiro lentamente, afastando as lágrimas e me forço a não desabar.

Tem muita coisa pela frente, mulher.

Sorrio quando vejo meu amigo com um sorriso enorme, despreocupado. Logo, Daniela, que está maravilhosa em um vestido longo rosa-claro acetinado, entra ao lado de Damon, que usa um conjunto de blazer e calça na cor creme e uma camisa branca. Os dois formam um casal muito bonito e estiloso. E feliz, a julgar a forma com que se olham e sorriem.

O clima descontraído me acalma e, pela primeira vez no dia, consigo respirar tranquilamente.

Em seguida, entram Kellan e Carla. Ele está com um blazer parecido com o de Damon, porém um tom acima, e minha amiga usa um vestido longo, verde, de um ombro só. Os dois também estão maravilhosos.

Damon e Kellan ficam do lado direito do altar, o que indica que são os padrinhos de Matt, já Dani, Carla e Mike ficam do esquerdo, o meu lado.

Um filme passa na minha cabeça, é inevitável, porém, não tenho muito tempo para pensar, pois a banda para de tocar.

— Está tudo certo por aqui? — Mary, a cerimonialista do hotel, pergunta.

— Tudo ótimo.

— É a vez de Matt entrar.

— Eu sei — respondo, abrindo um sorriso nervoso.

— Sua mãe está com Royce, mas daqui a pouco vem para se preparar com você.

Assinto com a cabeça, com a boca ligeiramente seca.

Uma música, que não é da banda, começa a tocar e sei que chegou a hora.

Não demora muito para uma voz grave soar pelas caixas de som e a reconheço imediatamente.

Me ame com ternura, me ame com doçura

Nunca me deixe partir

Você tornou minha vida completa

E eu te amo tanto

Matt escolheu *Love Me Tender*, a música que sua mãe mais amava, na voz inconfundível de Elvis Presley. Uma homenagem para Kate e ao mesmo tempo uma declaração de amor emocionante.

Me ame com ternura, me ame de verdade

Todos os meus sonhos realizados

Porque, meu amor, eu amo você

E eu sempre amarei

Ainda estou perplexa, quando meu noivo entra e caminha sozinho até o altar.

Jesus!

Ele está lindo.

Perfeito.

O terno cinza-claro caiu como uma luva em seu corpo. A camisa branca está com dois botões abertos, ao seu próprio estilo, e os cabelos, um pouco mais compridos do que o normal, foram jogados para trás com gel.

Meu noivo, o amor da minha vida, ele está magnífico.

Carmen chega ao meu lado, sem que eu tenha percebido sua entrada, e diz:

— Essa música é tão linda. A letra, então, é perfeita. Seu noivo tem muito bom gosto.

— Era a preferida da mãe dele.

— É mesmo? — Ela pausa, antes de continuar: — Ela deve estar sorrindo.

Assimilo suas palavras e balanço a cabeça.

— Também acho.

— Estão prontas? Vocês entram em poucos minutos — Mary anuncia e fico de pé.

Respiro fundo e o nervosismo reaparece.

Carmen pega minhas mãos, geladas e suadas, e as aperta ao dizer:

— É hora de brilhar.



CAPÍTULO 27

Como um rio que corre
Certamente para o mar
Querida, é assim
Algumas coisas estão destinadas a acontecer

Pegue minha mão
Tome minha vida inteira também

Porque eu não consigo evitar

Me apaixonar por você

CAN'T HELP FALLING IN LOVE, ELVIS PRESLEY

Matt Stevens

Entrar ao som de *Love Me Tender* me deu a sensação inexplicável de que não estava sozinho. Quando decidi homenagear minha mãe, não poderia pensar em outra música senão essa.

Enquanto caminhava até o altar, flashes de toda a minha vida piscavam em minha mente. Tudo o que precisei passar para chegar até aqui. Os obstáculos, as conquistas, as tristezas, as alegrias... tudo isso me preparou para me tornar o homem que sou hoje e, por mais difícil que tenha sido a minha trajetória, não mudaria nada.

Ouvir a música, olhar para o mar, para o céu incrivelmente colorido, sentir o vento soprando em meu rosto, me encheu de paz e gratidão.

Já no meu lugar, sorrio para os meus irmãos, grato por tê-los comigo, e volto a focar no início da passarela improvisada.

Aguardando.

Passo a língua pelos lábios secos, tento fazer meu corpo relaxar, mas não é tão fácil, apenas quando avisto meu filho com Nora é que encontro o equilíbrio que preciso.

Posso não ter uma grande família, mas as pessoas que mais amo e me fazem feliz estão aqui, e a protagonista está prestes a

aparecer.

Estou contando os minutos.

Quando a banda ensaia uma nota, seguro o fôlego, porque chegou a hora.

— Para de balançar a porra da perna! — Smith sussurra em meu ouvido.

Olho para baixo e só agora percebo o que estou fazendo. Nem me dou ao trabalho de respondê-lo, pois meu foco está à frente.

O som do piano preenche o ambiente, iniciando uma música, e me surpreendo porque não se parece com a *Marcha Nupcial*, o hino dos casamentos. Logo os violinos se juntam à melodia, e segundos se passam até que reconheço a música. *La vie en Rose*.

Essa mulher não cansa de me surpreender.

E, então, como numa explosão de beleza e graça, Liz aparece.

Carmen está ao seu lado, mas só tenho olhos para a minha futura esposa.

Os olhos que fazem os meus baixarem

Um riso que se perde em sua boca

Eis o retrato sem retoque

Do homem a quem eu pertença

Se a minha boca estava seca antes, agora não consigo sequer engolir, hipnotizado com a visão.

Quando ele me toma em seus braços

E fala baixinho

Eu vejo a vida em cor-de-rosa

Ele me diz palavras de amor

Palavras de todos os dias

E isso mexe comigo

Odeio ser clichê, mas, porra, ela está surreal de linda, gostosa, maravilhosa.

Ele entrou no meu coração

Um pouco de felicidade

E sei de onde vem

Os cabelos longos, e que amo, estão soltos, e os cachos grossos descem até sua cintura. O vestido sexy e elegante acentua suas curvas generosas e o seu rosto... ela parece um anjo.

O meu pequeno anjo sedutor.

O meu amor em forma de mulher.

Sua imagem ficará registrada para sempre em minha memória,
juntamente com a que guardo de quando estava grávida. Tão
poderosa e magnífica quanto agora.

Meus olhos se enchem de lágrimas quando capto o movimento
dos seus lábios. Nem por um segundo sequer seu olhar abandona o
meu, emocionada, enquanto canta sem emitir som:

É ele por mim

Eu por ele

Em nossa vida

Ele me disse, jurou

Pela vida

E assim que eu o vejo

Imediatamente sinto em mim

Meu coração que bate

Noites de amor que não acabam mais

Uma grande alegria que toma lugar

Os aborrecimentos e as tristezas desaparecem

Feliz, feliz de morrer

Ela sorri para mim, para os nossos convidados, mas não deixa de mover os lábios. Não havia compreendido a profundidade da letra desta música até hoje. Apesar de ser originalmente francesa, vários artistas a gravaram em inglês.

Ao fundo, os instrumentos fazem um arranjo perfeito, que só torna o momento único.

Quando ele me toma em seus braços

E fala baixinho

Eu vejo a vida em cor-de-rosa

Ele me diz palavras de amor

Palavras de todos os dias

E isso mexe comigo

Ele entrou no meu coração

Um pouco de felicidade

E sei de onde vem

Liz para a poucos centímetros de onde estou e sua mãe a beija na testa, antes de entregá-la para mim.

— Sejam felizes, queridos. — Dou um abraço em minha sogra e agradeço suas palavras.

Olhando para a minha mulher, para o sorriso lindo que enfeita seus lábios, finalmente consigo falar:

— Você está maravilhosa, amor. Magnífica. Incomparável. Não tenho adjetivos suficientes.

— Obrigada, meu amor. Os príncipes da Disney são fichinha pra você. O mais lindo de todos está aqui comigo.

Rio do seu comentário e beijo sua testa, dizendo com o gesto que ela nunca estará sozinha, que eu a seguirei por onde quer que for, que a amo mais do que a minha própria vida.

Ela olha para mim e o mundo à nossa volta desaparece quando entoa baixinho o restante da canção:

É você por mim

Eu por você

Em nossa vida

Ele me disse, jurou

Pela vida

E assim que eu o vejo

Imediatamente sinto em mim

Meu coração que bate

A música termina, mas só nos damos conta quando as palmas nos tiram do nosso estupor.

— Podemos começar? — o celebrante pergunta.

— Podemos — Liz e eu respondemos.

O homem é simpático e costuma realizar os casamentos do Resort. A princípio, achei que ele faria uma cerimônia mais genérica, mas me surpreendi quando pediu um resumo da minha história com Liz, um mês atrás.

— Boa tarde a todos. Estamos aqui reunidos para celebrarmos a união de Matt Stevens e Liz Pérez, dois jovens que decidiram dar um grande passo em suas vidas. Em tempos em que os relacionamentos têm se mostrado tão superficiais, em que o amor é considerado brega, Matt e Liz nos mostram que ainda há esperança.

Olho para Liz e ela acaricia o dorso da minha mão com seu polegar.

O celebrante volta a falar:

— Em um mundo onde é tão comum objetificar sentimentos, felizes são aqueles que conseguem encontrar em outra pessoa um motivo para sorrir, para querer simplesmente *ficar*. Matt e Liz são um exemplo, mas como poderia ser diferente? Esses dois são guerreiros. Lutam suas batalhas com garra, se doam por inteiro, se entregam sem medo, correm atrás dos seus sonhos, não é à toa que tudo sempre foi intenso na vida de vocês, não é mesmo?

— Com certeza — respondo.

— Demais — Liz concorda, abrindo um sorriso.

— Matt, Liz, a caminhada não será fácil, mas antes de tomarem qualquer decisão precipitada, parem, respirem e ajam com sabedoria. Nesses momentos de dificuldade, tente lembrar o que o atrai na Liz, Matt. Tente ver o copo mais cheio do que vazio, Liz. Lembrem-se: o amor não caminha sozinho. Junto com ele é fundamental que haja respeito, dedicação, carinho e paciência. Que esta união seja abençoada, bem-aventurada e eterna. Agora, vamos trazer as alianças.

A banda toca *All of Me*, de John Legend, e nos viramos para a entrada da passarela.

— A playlist está incrível.

— Obrigada, lindo. Por falar em playlist, amei a homenagem para Kate.

— Você viu? — pergunto, erguendo as sobrancelhas.

— Não perderia a sua entrada por nada — responde, piscando para mim.

Prendo uma risada e balanço a cabeça discretamente. Essa mulher, definitivamente, não existe.

Eu já sabia que meu pequeno quem traria as alianças, mas não sabia *como*.

— Porra, assim você quer me matar do coração — digo para que somente ela ouça, quando vejo meu filho de um ano vestido com um terno cinza e sapatinhos sociais, que eu nem sabia que existiam para esse tamanho.

— Ele não está lindo? — minha noiva baba.

— Perfeito! Como a mãe.

Ela olha para mim e faz um carinho gostoso em meu rosto.

Royce vem em nossa direção, de mão dada com minha sogra, e carrega uma pequena almofada em formato de coração que, por

sorte, foi amarrada ao seu pulso, ou já estaria longe.

Seu sorriso é contagiante e arranca alguns “ohhhhh”, “ah, que lindo”, dos convidados. É impossível não se derreter.

Quando ele está perto, ajoelho-me no tapete e abro os braços. Rapidamente, ele solta a mão de Carmen e vem correndo na minha direção, balançando o corpinho para lá e para cá.

Eu o agarro e ao meu lado vejo Liz, também abaixada, passando a mão nos cabelos do nosso filho.

— Parabéns, meu amor! Você conseguiu! — ela parabeniza, depositando um beijo em sua bochechinha.

— Esse é o meu garoto! Nem chorou!

Levanto-me do chão e ajudo Liz a fazer o mesmo, com cuidado para não sujar seu vestido. Carmen pega Royce no colo e ele chia um pouco, mas a avó o entretém ao lhe dar um brinquedo.

— Parabéns pelo rapazinho, noivos, dá para perceber que há muito amor envolvido nessa família — o celebrante elogia ao pegar o pequeno coração onde estão as alianças, e me sinto um daqueles pais corujas, todo orgulhoso.

— Há muito amor mesmo — Liz reforça, tão orgulhosa quanto eu.

— Agora, chegou um dos momentos que mais gosto. Os votos.

De soslaio, vejo Liz concentrada nas palavras do celebrante, sem nem desconfiar do que vem pela frente. Em contrapartida, meu coração acelera e minhas pernas chegam a tremer.

Porra, não vai passar vergonha, seu puto!

— Vamos começar pela noiva — o homem diz, entregando o microfone para ela, ao mesmo tempo em que a banda recomeça a tocar *All of Me*, baixinho.

Liz se vira para mim e respira fundo algumas vezes.

Recomposta, abre um sorriso e começa:

— Caramba, amor! Conseguimos!

As risadas dos nossos amigos chegam até nós e me desarmam.

— Conseguimos, princesa.

— Eu me lembro, como se fosse hoje, da primeira vez em que te vi.

— *Hummmmm!* — Tenho certeza de que o som veio do filho da puta do Smith.

Liz segura uma risada e volta a falar:

— Eu me lembro do medo que senti, porque falavam tanto que Matt Stevens era isso, Matt Stevens era aquilo, e eu acabei acreditando.

Mais risadas são ouvidas. Smith e Jordan parecem ser os mais animados, mas estou tão concentrado na mulher à minha frente que nem dou bola para suas gracinhas.

— Tudo em você piscava como um aviso para me manter longe, mas quem disse que consegui? E olha se não foi a melhor decisão que tomei? Depois, fui te conhecendo de verdade e percebi que você só mostrava o que queria para as pessoas, mas o seu coração? Ah, meu lindo, o seu coração sempre foi gigante.

Limpo uma lágrima que desliza pelo meu rosto e mordo o lábio inferior, me segurando ao máximo.

— Matt, a sua dor, se tornou a minha dor. A sua alegria, se tornou a minha alegria. Seja na doença, na pobreza, na saúde, na adversidade, em qualquer momento, em qualquer lugar, eu sempre estarei contigo. Porque você não só me apresentou o amor, como me mostrou o que é ser amada, e me deu a honra de ser mãe da nossa maior riqueza. Eu já te falei diversas vezes, e não canso de repetir, você começou sendo o meu babaca favorito — ouço a gargalhada dos meus irmãos e acabo rindo também, em meio ao choro que não consigo mais segurar —, mas hoje é o meu lar. O lugar para onde quero sempre voltar. O meu aconchego. O meu

porto seguro. Eu te amo, Matt Stevens, e estou pronta para receber o seu sobrenome e ser chamada de Sra. Liz Pérez Stevens.

As palmas irrompem ao nosso redor e meus olhos chegam a estar nublados com as lágrimas que não param de cair.

Em um ímpeto, jogando a porra do protocolo pelos ares, trago-a para mim e beijo sua boca com voracidade. É o meu jeito de agradecer por tê-la como minha mulher, por me fazer tão completo.

Sua língua recebe a minha, provando meu gosto, mostrando-se tão necessitada quanto eu desse contato só nosso. Com um braço agarro sua cintura e com a mão livre puxo seus cabelos próximos à nuca. Com um punhado de fios na mão, afasto sua boca da minha e a olho intensamente, ouvindo de longe assovios e palmas, porém a única pessoa que me importa está bem aqui, colada a mim.

— Você é a porra da minha vida toda. Cada pedaço do seu corpo, é meu. Assim como cada parte do meu, é seu. E por ser seu é que dou tudo de mim, inclusive a minha voz.

Liz franze o cenho, sem entender nada quando me afasto e tomo o microfone de sua mão. Os convidados mantêm a mesma expressão, afinal, não contei meus planos para ninguém, exceto para quem *precisava* saber, e isso não inclui meus irmãos.

Cinco pessoas — três mulheres e dois homens — entram no espaço da cerimônia e se postam atrás de mim.

— Matt, o que está acontecendo?

Divirto-me com seu jeito ansioso e sob o meu olhar, o pianista começa a tocar.

Liz está com os olhos arregalados e deixa o buquê na mesa do altar, como se quisesse deixar as mãos livres. Arrisco-me a olhar na direção dos meus amigos e, como esperava, estão surpresos.

Acho que agora tenho a atenção de todos.

Ao som da introdução de *Bridge Over Troubled Water*, na versão de Elvis, falo no microfone:

— Amor, isso é pra você nunca duvidar que *por você* eu faço tudo e *por você* me faço ponte sobre as águas turbulentas dessa vida para que nunca precise molhar seus pés.

Então, solto minha voz:

Quando você está exausta, ...

Na primeira frase, como se só agora se desse conta de que realmente vou cantar, Liz se desfaz em lágrimas.

...sentindo-se pequena
Quando as lágrimas estiverem em seus olhos
Eu enxugarei todas elas
Estou ao seu lado
Quando os tempos se tornarem tempestuosos
E os amigos simplesmente não podem ser encontrados
Como uma ponte sobre águas turbulentas
Eu me estenderei
Oh, como uma ponte sobre águas turbulentas
Eu me estenderei

Os instrumentos de corda se juntam ao piano e meus convidados batem palmas. Smith e Jordan, é claro, fazem uma algazarra de gritos, vibrando por mim, mas estou concentrado em dar o meu melhor.

Percebo que há alguns curiosos na praia, apreciando o casamento, e me volto para a minha Liz.

Ela não para de chorar.

Esta canção é uma das declarações de amor mais profundas que já ouvi e decidi que precisava interpretá-la no meu casamento. Para isso, contratei um minicoral da região, indicado pelo próprio

hotel, para enriquecer a música e ficar o mais parecido possível com a versão de Elvis.

A parte instrumental termina e volto a cantar:

Quando você está pra baixo e desligada

Quando você está nas ruas

Quando a noite cair, de forma tão dura

Eu te confortarei

As vozes atrás de mim começam a aparecer, baixas e discretas, mas estão aqui, dando a base necessária.

Eu assumirei sua parte

Quando a escuridão vier

E a dor está toda ao redor

Sim, como uma ponte sobre águas turbulentas

Eu me deitarei

Oh, como uma ponte sobre águas turbulentas

Eu me deitarei

Uma voz masculina se junta à minha e não desvio meu olhar de Liz, que parece encantada. Quero que através do meu olhar, dos meus gestos, da minha voz, a minha garota compreenda que tudo isso é para ela.

*Navegue, garota prateada,
Navegue o seu caminho
Seu tempo de brilhar chegou
Todos os seus sonhos estão a caminho*

Então, todas as vozes se juntam em um coro perfeito, porém a minha voz continua em destaque:

*Veja como eles brilham
Oh, se você precisar de um amigo?
Eu estou navegando bem atrás de você
Sim, como uma ponte sobre águas turbulentas
Eu aliviarei sua mente
Como uma ponte sobre águas turbulentas
Eu aliviarei sua mente*

Quando a canção chega ao fim, estou ofegante, como se tivesse malhado por horas, e todos os nossos convidados estão em pé, batendo palmas calorosas.

Meu rosto molhado denuncia que senti a melodia no fundo da minha alma, nos meus poros, no meu coração e a recompensa é o abraço inesperado da minha musa inspiradora.

Ela não para de chorar no meu peito, tocada demais para sequer conseguir falar. Desvencilho-me o suficiente para segurar seu queixo e a beijo apaixonadamente.

Beijo suas lágrimas, ela beija as minhas.

Segundos se passam até que dá um passo para trás e dispara, em êxtase:

— Eu te amo, Matt. Meu Deus! Eu amei a sua voz. Essa música... Jesus! Todas as vezes em que assistir ao nosso vídeo de casamento, vou chorar, porque foi a coisa mais linda que já vi.

— Fico feliz que tenha gostado, amor. Vamos dizer que me preparei bastante. — Se ela soubesse que fiz aulas de canto só para este momento...

A voz do celebrante nos tira da nossa bolha:

— Parabéns, Matt. Sua apresentação foi impecável, assim como os votos da querida Liz. Só posso dizer que depois dessas

demonstrações de amor esplendorosas, não precisamos de mais nada. Inclusive, vou levar as alianças para casa.

Todo mundo ri, afinal, merecemos a zoeira por estarmos tão emocionados e quebrarmos tantos protocolos.

— Me perdoem pela brincadeira, jovens. Vamos lá! — O homem encarna uma expressão de seriedade e diz: — Liz Pérez, sei que pode parecer óbvio, mas preciso seguir os trâmites. Você aceita Matt Stevens como seu legítimo esposo?

— Sim. Mil vezes, sim!

— Matt, pode colocar a aliança.

Pego o anel e deslizo pelo seu anelar pequeno e fino, depositando um beijo em seu dedo.

— Matt Stevens, você aceita Liz Pérez como sua legítima esposa?

— Sim. Com toda a certeza, sim!

— Liz, pode colocar a aliança.

É a sua vez de pegar o anel e deslizar pelo meu dedo. Liz beija o meu anelar e sorri para mim em seguida.

— Pelo poder a mim investido, eu os declaro marido e mulher. Matt Stevens e Liz Pérez Stevens, podem se beijar.

Sem demora, agarro a cintura de Liz e a beijo.

Finalmente, casados!

Porra, não posso acreditar nisso!

Mordisco seu lábio inferior, ela mordisca o meu, e voltamos a nos beijar, sem conseguirmos nos desgrudar.

Minha esposa.

Minha companheira pelo resto da vida.

— *Uhuuuuuu!*

— *É isso aí, Stevens!*

— *Maravilhosos!*

— *Família Stevens na área!*

— *Vão pra cama!*

Ouçõ os gritos de Daniela, Carla, Smith, Jordan e Wilson.

Os amigos mais loucos que poderíamos ter, mas também os melhores.

A banda toca uma nova melodia e acabo rindo no meio do beijo.

— Parecia que eu estava adivinhando que esta música estaria na playlist.

— Não precisa ser tão esperto pra isso, querido.

Não mesmo. É a que ela mais ama escutar.

Liz se afasta de mim para pegar o buquê e o ergue acima da cabeça, comemorando. E, claro, remexe o corpo ao som de *Señorita*.

Na sequência, Carmen se aproxima com Royce no colo e, ao me ver, ele logo grita:

— *Papáaaaaaa!*

— Hey, meu filho! Vem pro *papá*, vem!

— Ele estava louco para ficar com vocês.

— Pode deixar que vamos ficar com ele, mãe. Obrigada!

Pego-o dos braços da minha sogra e dou um beijo em sua bochechinha rosada. Liz chega do outro lado e o beija também, fazendo um “sanduíche” de Royce. Nós dois rimos como crianças, bêbados de felicidade, e ao colocá-lo no chão, minha mulher segura sua mãozinha direita e eu, a esquerda.

Nós três caminhamos pelo corredor de flores e somos ovacionados pelos nossos amigos por todo o trajeto. Nosso pequeno, é claro, adora a atenção recebida e não para de sorrir.

Há coisa melhor do que isso?

Como passei de *DESTROYER* para um homem que tem a família como sua principal razão de existir? A explicação eu não

tenho, mas sou grato pelo aprendizado e pelas pessoas que conheci ao longo do caminho, ou não teria o que tenho hoje.

No final das contas, sempre há valor em um diamante bruto, só precisa haver alguém disposto a lapidá-lo.



EPÍLOGO

UM ANO E MEIO DEPOIS

Aqui estamos nós como nos velhos tempos
Felizes e dourados dias que se foram
Amigos leais que são muito queridos
Reunidos junto a nós mais uma vez
Através dos anos nós ficaremos todos juntos

**HAVE YOURSELF A MERRY LITTLE CHRISTMAS, FRANK
SINATRA**

Daniela Lima

— Para com isso, Damon! — Dou um tapa em sua mão atrevida. — Vamos chegar atrasados!

— Poxa, *baby*, só um beijinho.

— Eu te conheço, garanhão. Começa assim e, segundos depois, estamos na cama.

— Quem manda ser gata pra caralho?

— Nem na véspera do Natal você consegue manter essa boca limpa?

— *Okay!* Só porque é Natal você quer que eu vire o quê? Um monge? Pra mim é um dia como qualquer outro.

— Pra mim, não.

— Oh, esqueci que você é a própria Mamãe Noel. Já entrou em contato com seus elfos? — Reviro os olhos, esforçando-me para não rir da sua piadinha sem graça. — É sério! Eles podem estar precisando de alguns desses papais-noéis espalhados pelo apartamento. Acho que você acabou com o estoque de brinquedo dos coitados.

Ele adora zoar a minha paixão pelo Natal, mas não estou nem aí. Eu amo mesmo! Amo enfeitar, amo o clima, e o que me deixa mais animada para passar o Natal com a minha *hermanita* e a sua família é que ela é tão apaixonada quanto eu.

Afrontosa, finjo indiferença ao me olhar no espelho de corpo inteiro do nosso quarto, e digo:

— Se estiver te incomodando, posso voltar para o meu aparta...

— Nem termine essa frase — ele me interrompe, colando seu corpo nas minhas costas. — Este é o *nosso* apartamento e só vamos sair daqui juntos.

Assim que me formei, há seis meses, Damon me convidou para morar com ele no seu novo apartamento, aqui em Nova York, que ele insiste em dizer que é nosso. Ainda não me acostumei com esse detalhe, mas meu noivo tem se esforçado desde que decidimos dar uma nova chance para o nosso relacionamento.

Ficamos oficialmente noivos há um ano e não poderíamos estar mais felizes. Ele tinha a opção de permanecer em Massachusetts, pois continua jogando no *Patriots*, mas como

consegui uma ótima oportunidade em um instituto de pesquisas em NYC, Damon decidiu fazer essa mudança.

Ele não treina todos os dias e há um cronograma de jogos em que consegue conciliar a nova rotina. Tudo para não ficarmos mais separados. Já basta termos passado um ano viajando para lá e para cá, até eu me formar.

— Alguém ficou nervosinho... — provoco.

Apertando minha cintura, sua boca se aproxima da minha orelha, o que me causa arrepios por todo o corpo:

— Você gosta de provocar, mas não aguenta as consequências.

— Isso é jogo sujo — digo ao sentir sua língua deslizando pela lateral do meu pescoço.

— Jogo sujo é você colocar um vestido fodidamente sexy e não me deixar aproveitar. É como estar em um parque de diversões e não poder usar os brinquedos

Rio da comparação ao mesmo tempo em que sinto a famosa quentura entre minhas pernas.

Ele sabe que estou rendida.

Suas mãos descem devagar da minha cintura até minha bunda, apertando-a com vontade.

— Ai!

— É o que você merece. Olhe para o espelho — ordena e obedeço ao seu comando, encontrando seus olhos azuis injetados de prazer.

Damon não para de me tocar, sentindo o tecido acetinado do meu vestido vermelho, e encontra os meus seios livres de sutiã.

Seus dedos circulam os mamilos e sua atenção não se desvia do meu olhar, que neste momento está tão vidrado quanto o dele.

É impossível não me render a esse homem.

Ele conhece cada parte do meu corpo, onde sinto mais tesão, o que não gosto, o que adoro ouvir.

— Aposto que está molhadinha.

— Se colocar a minha calcinha pro lado, vai ter sua resposta.

Um sorriso safado se abre em seus lábios perfeitos e quando os dentes retinhos fincam na parte inferior, ofego.

Sem aviso, Damon fica na minha frente e se abaixa, erguendo meu vestido.

— Vou seguir a sua orientação. — Não era bem o que eu esperava, mas é muito melhor.

Com rapidez, coloca minha calcinha para o lado e tira meu fôlego quando me chupa com vontade.

— Ah! — Um gemido agudo sai da minha garganta e preciso apoiar as mãos no espelho, tamanha a intensidade do meu tesão.

— Como imaginei, toda melada. — O timbre grave de sua voz reverbera na minha pele, na minha vulva, no clitóris, na minha alma, e jogo a cabeça para trás quando ele volta a me invadir com sua língua.

Solto um grito quando introduz um dedo em minha boceta.

— Você está uma delícia apertando meu dedo, *baby*. Aguenta mais um? — Sem esperar minha resposta, a pressão aumenta e sei que ele se adiantou.

Logo as estocadas começam, fundas e constantes, e a combinação com a sua língua...

— Porra!

— Isso! Perca a cabeça — murmura sem afastar a boca de mim. — Grita!

E eu grito, porque está tão bom, tão gostoso, que não consigo fazer outra coisa senão me entregar completamente.

Esfrego minha intimidade em seu rosto, sem constrangimento, porque com a gente não tem essa. É selvagem. É intenso.

Como se acordasse de um sonho, o prazer se esvai, porque de repente ele está em pé e agilmente desfaz o cinto, para então abrir o botão da calça. Sua respiração está ofegante, o peito sobe e desce sob a camisa social, e seus olhos não deixam os meus quando se posta atrás de mim, deixando-me colada ao espelho, com o vestido erguido até a cintura e a calcinha para o lado.

A visão é inspiradora e Damon parece sentir o mesmo, pois logo fala:

— Este é o melhor presente de Natal que eu poderia ganhar.

Em segundos, ele me invade com todo o seu comprimento e largura, estocando tão fundo que tenho a sensação de que fui partida ao meio.

Parece ruim, falando assim, mas puta merda, é bom pra caralho!

Nós dois urramos quando seu pau sai quase todo e entra com tudo novamente.

— Caralho! Que delícia, Dani. Rebola essa bunda gostosa pra mim, vai.

Rebolo, porque adoro quando meu noivo enlouquece.

Ele acelera as estocadas e olhando-me pelo reflexo do espelho, pede, arfando:

— Abaixе as alças do vestido... e me deixa ver esses peitos gostosos pressionando o espelho.

É claro que o faço e preciso confessar que *esta* visão é inspiradora.

Damon me pegando por trás, me olhando pelo reflexo, possuindo meu corpo como só ele sabe fazer, a boca entreaberta, buscando ar, a expressão de luxúria...

É demais!

— Vou gozar — anuncio, rebolando com mais intensidade e gemendo sem parar.

— Não feche os olhos, minha linda. Olhe pra mim, porque eu vou junto e quero que você veja o que faz comigo. O quanto eu venero seu corpo, sua boceta, sua bunda... — Um tapa forte e inesperado me faz gritar. — Porra, Dani! Goza comigo!

— Então vem, porque eu tô gozando!

Liberto-me de uma vez e joga minha cabeça para trás, apoiando-me em seu peito largo.

Minhas pernas chegam a estar dormentes pela posição e os movimentos repetitivos.

Um grunhido sai de Damon e suas mãos vão até os meus seios expostos, apertando-os com vontade, enquanto mete sem parar e encontra sua própria libertação.

Demoramos alguns minutos para nos recompormos e sua voz rompe o silêncio:

— Rapidinha com a Mamãe Noel é o melhor dos mundos.

Dou uma gargalhada e balanço a cabeça.

— Você é inacreditável. Ainda bem que não falou essa merda durante o sexo.

— Prezo minhas bolas.

Rimos juntos e ele se afasta, indo até o banheiro para fazer o ritual de sempre.

Damon retorna, e com uma toalha úmida limpa o meio das minhas pernas, colocando a calcinha em seu devido lugar.

— Satisfeito? Podemos ir?

É a sua vez de rir.

— Você acredita nas mentiras que conta?

— Mentiras?

— É. Do jeito que falou parece que só te usei, mas nós dois sabemos que o *usado* aqui, fui eu.

Rio, porque é impossível ter uma conversa decente quando ele está no modo *Damon Engraçadinho* ativado.

— Sério, é melhor a gente parar de falar besteira, porque daqui a pouco a Liz vai me ligar, querendo saber se estamos chegando.

— Vamos lá que o Stevens já me mandou mensagem.

Olho para ele, sem nenhum divertimento, e pergunto:

— Que horas ele mandou? E qual foi a mensagem?

Damon sabe que foi pego no pulo porque tenta fugir, mas eu o sigo, recolocando as alças do meu vestido.

— Deixa eu ver o seu celular!

— Relaxa, *baby*. Você tá muito estressada. É Natal, lembra? *Jingle Bell, Jingle Bell, Jingle Bell Rock...*

— Damon Smith, ou você me fala agora ou nada de boquete por um mês.

— Porra, aí você me mata! — Ele suspira e joga a cabeça para trás. Sabia que o derrotaria pela cabeça de baixo. — Stevens disse que estava tudo pronto e que estavam nos esperando. Isso foi há trinta minutos.

— Trinta minutos?! Você sabe disso há trinta minutos e não me falou nada só porque queria uma rapidinha?

Damon escolhe ficar em silêncio e eu também faço a minha escolha.

— Um mês sem boquete.

Ajeito meu vestido, visto meu casaco mais grosso, um gorro estiloso e quentinho, botas de cano alto, luvas de couro — o frio lá fora está congelante —, recolho as sacolas com os presentes, pego minha bolsa, tudo isso alheia às reclamações de Damon.

— Vamos? Porque se você não for, eu vou sozinha.

Damon Smith

Qual o problema dessas mulheres? Por que são tão estressadas?

Como se um atraso, por um motivo muito justo, fosse o fim do mundo.

Sinceramente, não consigo entender.

Enquanto dirijo pelas ruas de Nova York, hora ou outra a olho de esguelha e preciso reprimir uma risada, porque o biquinho que ela faz com sua boca carnuda é muito lindo.

A sorte é que o triplex do meu amigo fica a apenas meia hora de distância, dependendo do trânsito. Enquanto moro no Upper West Side, Stevens mora em Tribeca.

Ele está na cidade há um ano e pouco, porque se tornou sócio de um grande escritório, e Liz também está advogando no mesmo lugar, porém em outra área.

Jordan até pensou em se mudar também, mas com os treinos intensos de Carly e o novo trabalho como treinadora em um colégio de elite em Foxborough, é mais difícil sair da cidade.

Desde Aruba, os dois vêm ensaiando um relacionamento mais sério, e meu amigo até tenta minimizar o que sente pela loira, mas está apaixonado — essas brasileiras têm um *chá* especial, digo por experiência própria.

Prova disso, é que ele a chamou para dividirem as escovas de dente há dois meses, e Carly aceitou. Pois é, a Tríade foi abatida com sucesso.

Tamborilo os dedos no volante e resolvo quebrar o silêncio:

— Será que o resto do pessoal já chegou?

— Sim, Damon. — Ela está irritada pra caralho. — Mike, David, Kellan, Carla, até a mãe da Liz, que veio de Little Havana... todo mundo já chegou, menos nós.

Eu deveria ter pensado com a cabeça de cima, mas, porra, assim que meus olhos bateram em Daniela com um vestido vermelho realçando seu corpo escultural, a cabeça de baixo tomou as rédeas da situação. Não que eu seja um tarado que só pensa em sexo, mas a minha mulher é um espetáculo e fica difícil demais conter o desejo que sinto por ela.

Mas tem um agravante.

É véspera de Natal! A época preferida de Daniela.

Ela ama aproveitar cada segundo da véspera e do Natal propriamente dito, porque sempre diz que é uma data que passa muito rápido. Não discordo dela e nem a recrimino por ser uma

Mamãe Noel, como gosto de provocar, mas, para mim, desde que perdi meu pai, a época perdeu um pouco do brilho.

Porém Daniela tem trazido essa vontade de comemorar novamente. Não! Não me converti à seita natalina, mas gosto de celebrar com ela. Gosto de ver seus enfeites doidos espalhados pelo apartamento, os pisca-piscas por todo canto, é revigorante presenciar sua empolgação.

Este ano minha mãe decidiu fazer um cruzeiro com as amigas e por mais que quisesse passar esta noite com ela, fico feliz que esteja finalmente voltando à vida.

Por falar em voltar à vida, o pai da Dani viria passar o Natal conosco, porém como casou há pouco tempo, achou melhor ficar na casa dos sogros para não gerar discórdia. É muito bom vê-lo sorrindo e apaixonado.

Paro em um semáforo e olho para minha noiva, que não para de digitar no celular.

— Me desculpa, *baby*. Não quis te aborrecer.

Ela larga o aparelho em cima da bolsa e suspira ao olhar para mim.

— Eu sei. É que fico muito sensível nesta época.

Aí está o que eu vinha suspeitando.

Não é só por minha causa que ela está assim.

— Eu entendo.

— Sim, você realmente entende, e por isso não posso jogar minha frustração em cima de você.

É foda perder quem amamos, pois a saudade é constante. Podemos até seguir em frente, mas não esquecemos o que vivemos.

— Pode jogar o que quiser em cima de mim, minha linda, estou aqui por você.

Volto a dirigir e sua mão toca meu rosto, em um carinho gostoso.

— E eu estou aqui por você. Sempre. Ouviu?

— Claro que ouvi. Minha noite ficou até melhor.

Ela ri e parece ficar mais leve.

— Tá pronta pra bagunça que vai ser a noite naquela casa?

— Se eu tô pronta? Meu querido, não vejo a hora de entrar naquela bagunça, com as pessoas que eu amo, com meu afilhado maravilhoso... Por que você acha que estou ansiosa?

— Pelo visto, a noite será pequena.

— Se depender de mim, ela nem acaba.

Kellan Jordan

— Quer comer alguma coisa? — Carly pergunta.

— Só se uma loira gostosa estiver no cardápio.

Ela ri e belisca meu braço.

— Pode parar de safadeza. Estamos em um ambiente familiar.

— Como se isso nos impedisse...

Eu adoro atentar essa mulher.

Ela conseguiu me colocar na linha de mansinho, com seu jeito fogofofo, as declarações de amor recorrentes, e quando vi, já estava enredado, querendo mais e mais.

Apesar de termos combinado que começaríamos devagar, não demorou muito para querer dividir um teto com ela. Quando me permiti olhar para o outro lado da moeda, descobri que Carly é uma parceira foda. Além de ser extremamente talentosa. Não é à toa que tem sido o destaque como *Cheerleader* do meu time. O mais difícil é

lidar com algo que nunca precisei me preocupar antes, o maldito ciúme.

Porra! Isso me deixa louco.

Tento ser o mais tranquilo possível, porque seu trabalho é de total exposição, e nunca pediria que mudasse por minha causa, mas quando seu corpo sarado entra em cena e uma porrada de marmanjo fica babando em cima, a minha vontade é partir cada um no meio.

— Depois te dou o seu presente de Natal — ela sussurra, bem safada, afastando-se rapidamente, sem que eu consiga responder sua provocação.

A porta do apartamento se abre.

Damon e a *Brasil* chegaram.

— Até que enfim! Vim de outra cidade e cheguei antes de vocês. Um absurdo isso! — Boto pilha porque já sei o que aconteceu e não perco uma oportunidade de sacanear meu amigo.

Ele me olha de cara feia, estreitando os olhos, e balanço os ombros. Passada a zoação, nós nos abraçamos, e Stevens chega de repente, formando um abraço triplo.

— Agora, sim, a família está completa — ele diz.

O grito de Royce chama a nossa atenção e em seguida tudo acontece rapidamente.

Liz grita também.

Stevens sai correndo.

Brasil corre atrás de Royce.

Smith vai atrás de Stevens.

Wilson deixa uma bandeja cair no chão.

David o ajuda.

Carly está com os olhos arregalados sem saber o que fazer.

E a mãe de Liz está em choque.

E, eu? Faço a única coisa que posso fazer neste momento: observo o boneco do Papai Noel, que tem quase o meu tamanho, cair no chão.

Meu afilhado simplesmente chutou o bom velhinho e por pouco não causou um acidente mais sério, dando um susto generalizado em todos.

Quem, por Deus, chuta o Papai Noel, mesmo que seja de brinquedo?

— Jesus! A noite mal começou e a adrenalina tá lá no alto — Liz comenta, enquanto afaga o filho, que não para de chorar, assustado.

Stevens vai até eles e pega o garotinho de dois anos e meio no colo. Os cabelos loiros e escorridos balançam de um lado para o outro enquanto faz seu show.

Se meu amigo me ouvir falando isso, vai brigar comigo, dar sermão, mas estou pouco me fodendo, porque só falo a verdade. Amo meu afilhado, mas não posso mentir e dizer que não é um pouco mimado. Seu pai diz que é coisa de criança, que ele quer chamar a atenção, mas não tenho muito saco para essas coisas.

— Será que o Noel precisa de uma cirurgia? — pergunto, chegando perto do local do desastre.

Stevens me olha como se quisesse arrancar minha cabeça fora e seguro a risada. Minha vontade é responder “*quem merece uma surra é Royce, não eu*”.

— Ainda bem que não foi a árvore. — Wilson tenta aliviar a tensão e todos rimos.

O apartamento é grande o suficiente para abrigar um pinheiro natural de quase três metros de altura e a queda de uma árvore

deste tamanho não seria nada bom.

A voz de Mariah Carey em *All I Want For Christmas Is You* preenche o ambiente e só agora percebo que não há um espaço na sala sem enfeites natalinos. Tenho sorte por Carly não ter o nível de “espírito natalino” que a *Brasil* e a Liz têm.

Não que eu seja o *Grinch*, mas tenho limites.

Começo a levantar o boneco e por alguns segundos me imagino em um episódio de *Game of Thrones*, pois a cabeça do Noel sai rolando pelo chão de porcelanato.

Paralisado, espero a pior reação de Royce, mas esse garotinho não para de me surpreender.

— Papai, eu não queria *machucá* ele — diz, com os olhos cheios de lágrimas e a boquinha se curvando para baixo.

— Eu sei, filho. É só um brinquedo, tá bom? Não fique triste.

Pego a cabeça rolante e noto, para o bem geral da nação, que é de encaixe.

Levanto o boneco e, com a ajuda de Smith, encaixo a cabeça.

— Prontinho! O Papai Noel está novinho em folha.

Royce abre um sorriso gigante, mostrando quase todos os dentinhos, e começa a rir, parecendo aliviado por não o ter quebrado de vez.

— Papai, posso *abraçá* o Noel? — pergunta, ainda no colo de Stevens.

— Só se me prometer que não vai fazer maldade com ele. O que você fez foi muito feio.

— Eu não *vô machucá* ele, tá bom, papai? Eu fiquei com raiva *poque* ele não *quelia* falar com eu. Aí... — ele mexe nas mãozinhas, todo nervoso ao se explicar — ...fui *dá* um *pisão* no pé dele e ele caiu.

— Você é muito pequeno pra ter raiva, meu filho — Liz o adverte. — Se continuar assim, não vai receber seu presente.

— Não, mamãe... Não *vô fazê* mais isso.

— Então, vai lá abraçar o Papai Noel e pedir perdão pra ele.

Seu pai o coloca no chão e o menino sai correndo na direção do boneco.

Todos os olhos estão direcionados para ele, aguardando o que vai acontecer.

Royce se aproxima e abraça a perna do boneco. Para não haver outro acidente, seguro o brinquedo.

— *Mim* perdoa, Papai Noel. Eu não *quelia* te *machucá*. Eu te amo muito, muito, muito. *Pufavô*, não fica *tliste*. Eu só *quelia* *falá* com você. Lembra daquele pedido que eu sempre *fazo* antes de *durmir*? Eu só *quelia* *sabê* a resposta. Só isso. *Pufavô*, não fica *tliste*. — O menino começa a chorar e a fazer carinho na perna do boneco, realmente triste pelo que fez, e todos os meus argumentos vão por água abaixo.

Porra, esse garoto conseguiu me deixar emocionado.

— O que você pede pra ele antes de dormir, meu amor? — Stevens pergunta, genuinamente curioso.

Como se só agora percebesse que tem toda a nossa atenção, ele fica inseguro.

— Se eu *contá num* vai se *realizá* — responde baixinho, fungando.

Liz chega perto dele e se ajoelha para ficar na sua altura:

— Para o papai e para a mamãe, você pode, filho.

Royce fica em silêncio por alguns segundos, até que decide revelar seu pequeno segredo:

— Eu... *quero* um irmãozinho, mas se for menina, eu *vô gosta* também.

Por essa, ninguém esperava.

Liz Pérez

Todo o planejamento que fiz para esta noite é reduzido a pó, porque nada poderia me preparar para ouvir da boca do meu filho que ele quer um irmãozinho. Que o pedido que ele faz todas as noites, é ter um irmão.

Como pode? Uma criança de apenas dois anos e meio ter tamanha sensibilidade?

Olho para Matt e ele está emocionado com as palavras do nosso filho, afinal, é um desejo dele também. Pelo meu marido, nós teríamos um time de futebol. Matt e sua mania de grandeza.

Have Yourself A Merry Little Christmas, de Frank Sinatra, alcança os meus ouvidos e me vejo tão completa, com toda a minha família, de sangue e de alma, presente, que deixo de querer *controlar* o inevitável.

Pigarreio para conseguir falar e quando encontro minha voz, encaro meu filho.

— E o que você faria se o seu desejo fosse realizado?

Os olhos de Royce, do mesmo tom de azul do pai, ficam mais brilhantes. Só por esta reação, ele nem precisava me responder, mas o faz, mesmo assim:

— Eu... eu... — Ele fica tão eufórico com a possibilidade, que até gagueja, arrancando risadas do povo. — Eu ia *fica* muito, muito, muito, muito, muito feliz, mamãe. Eu ia *agradecê* o Papai do Céu e o Papai Noel. Não ia mais *comê* meleca. — Mais risadas ecoam e acabo rindo também. — Não ia mais *jogá as velduras fora*. Eu ia ser o menino mais feliz do mundo.

Olhando para o meu marido, digo para Royce:

— Então, você vai ter que cumprir tudo isso.

Meu menino demora para assimilar minhas palavras, mas meu marido... Ah, ele vem correndo na minha direção e se ajoelha tão rapidamente ao meu lado, que até me assusto.

Segurando meu rosto com as mãos, pergunta, ofegante:

— É verdade?

O meu choro é a sua resposta, mas faço questão de dizer em voz alta:

— É verdade, amor. Estamos grávidos!

— Meu Deus! Eu sou o homem mais feliz deste mundo! — Ele beija meu rosto todo até chegar à minha boca, deixando um beijo cálido e cheio de significado. — Obrigado, obrigado, amor! Obrigado pelo melhor presente que você poderia me dar. Minhas mãos estão tremendo.

Rimos juntos, porque estou tremendo tanto quanto ele.

O som de surpresa é geral. Nem para minha mãe ou para Daniela, minha amiga mais próxima, eu contei. Desta vez quis fazer uma surpresa de verdade, na data que mais amo.

Como se só agora entendesse o que está acontecendo, Royce sussurra, chocado e boquiaberto:

— Mamãe, eu vô ter um irmãozinho?

Matt e eu o puxamos para um abraço.

— Sim, meu filho. Você vai ter um irmãozinho, ou uma irmãzinha, mas já tá aqui dentro. — Levo sua mão para o meu ventre e a boquinha de Royce começa a tremer, e eu já sei o que está por vir.

Ele chora com vontade, mas é de alegria. Uma alegria que não imaginava que ele pudesse sentir com tanta voracidade. Afago suas costinhas, acalmando-o e beijo seu rosto, cheiro seu pescocinho e sussurro em seu ouvido:

— O seu pedido foi realizado, meu amor.

— E-Eu v-vô ser o melhor i-irmão do mundo, m-mamãe. — Ele chega a soluçar, tadinho.

— Eu sei que vai, meu filho. Eu sei que vai.

Matt pega Royce no colo e me ajuda a levantar.

Logo, toda a minha família vem me abraçar e na vez de Mike, ele está aos prantos e me abraça com força.

— Amiga, David e eu conseguimos!

Não compreendo o que ele quer dizer de primeira, até ver o significado em seus olhos.

— Oh, Mike! Não acredito nisso!

— Eu ia esperar pra contar no final da noite, mas depois dessa surpresa maravilhosa, não consegui me segurar.

— Estou tão feliz por vocês!

— Recebi a ligação hoje de que fomos aceitos para o processo. Vai demorar um pouco, mas só de saber que finalmente está em andamento, estou quase explodindo.

David e Mike querem adotar uma criança há dois anos, mas ele preferiu guardar segredo e só foi nos contar meses atrás, porque não queria causar expectativa.

— Você será um pai maravilhoso, querido. Não tenho dúvidas.

— Você e Matt são nossos exemplos, Liz. O amor que vocês passam é contagiante. A família tinha mais é que aumentar mesmo.

Rio do seu comentário e uma sensação de plenitude me alcança.

A certeza de que deu tudo certo; que valeu a pena acreditar no que eu não podia controlar, muito menos planejar; e que o amor pode ser encontrado onde menos se espera, onde menos se acredita.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, Deus! Mais um pra conta (ufa!).

Preciso agradecer algumas pessoas que seguraram a minha mão ao longo desse ano (2021). Se não fosse por vocês, a caminhada seria muito mais difícil.

Agradeço ao meu marido, Eduardo, meu parceiraço. Obrigada pela compreensão, cuidado e carinho que sempre tem comigo. Obrigada por fazer o almoço, cuidar da casa, por entender o meu momento e meu trabalho. Te amo muito!

Bianca Bonoto, minha querida amiga, obrigada por todo o esforço e por sempre me estender a mão, seja como beta, seja como amiga. Obrigada por aguentar meus surtos e loucuras. Você me entende haha. Amo tu!

Ma Bonfer, Nane Fragnan e Mérice Ribeiro, do IG literário Loucuras, Resenhas e Spoilers. Obrigada por tanto. Suas opiniões e dicas foram essenciais para mim, desde DESTROYER. Adoro a nossa parceria!

Zoe X e Nana Simons, amigas, integrantes da minha TRÍADE, vocês sempre são incríveis comigo e entendem o meu processo e as minhas neuras. Sou fã do trabalho de vocês, mas também sou fã da pessoa que vocês são. Cada uma com sua particularidade, com seu jeitinho de ser. Sério, vocês me fazem muito feliz. Obrigada, de verdade! Amo vocês, delícias puras.

Kel Costa, você foi um achado. Uma grata surpresa nesse meio literário. Sou sua fã, leitora, e tenho a felicidade de ser sua amiga, obrigada pelas dicas, mensagens e risadas. Amo você!

Aos meus queridos leitores, VOCÊS SÃO RESPONSÁVEIS POR TUDO ISSO. Em letras garrafais mesmo! Vocês são o meu combustível, a minha força e o motivo de sempre querer entregar o meu melhor. Obrigada pelos surtos, pelas palavras, pelo carinho, pelas FANARTS incríveis. Ai, é clichê, mas amo MUITO vocês!

Minhas parceiras maravilhosas, muito obrigada por me ajudarem tanto. Obrigada por acreditarem nas minhas ideias e por me fazerem voar. Vocês são espetaculares e imprescindíveis!

Obrigada, pai, mãe, por compreenderem minha ausência nas videochamadas, mas agora estou de volta (pelo menos até o próximo livro haha). Amo vocês!

Às amigas e colegas autoras, que me ajudam em cada lançamento, GRATIDÃO!

A todos os envolvidos, de forma direta ou indireta, que tornaram realidade a publicação de mais este romance. Muito obrigada!

A você que me deu uma oportunidade ao adquirir este e-book, muito obrigada!

Até a próxima a viagem!

Amo tus!

T. M. Kechichian

BIOGRAFIA



Talitha Kechichian ou T.M. Kechichian, como é conhecida no mundo literário, intitula-se como uma “paulista carioca”. Sua formação é no Direito, mas seu coração bate mais forte pela escrita de seus romances.

Gosta de criar personagens femininas fortes, sempre mantendo suas características particulares. Escreve sobre pessoas

reais, permitindo, com muito carinho e sensibilidade, que a inspiração e a criatividade aflorem a cada novo romance criado.

REDES SOCIAIS

Visite o site da autora:

www.tmkechichian.com

Perfil Wattpad

<https://my.w.tt/1F0oHZI1XK>

Perfil Facebook

<https://www.facebook.com/100004297324540>

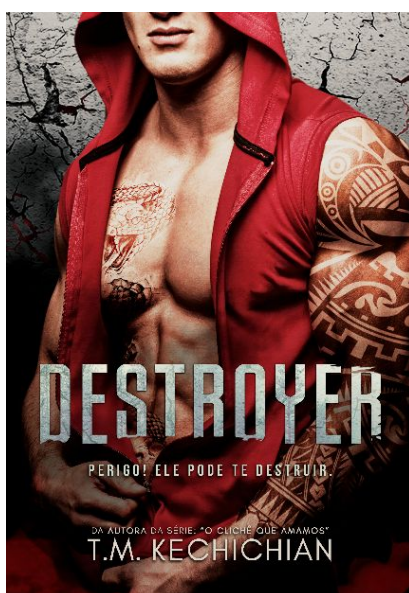
Perfil Insta

<https://www.instagram.com/tmkechichian/?hl=pt-br>

Página de autora

<https://m.facebook.com/tmkechichian>

OUTRAS OBRAS



DESTROYER

LIZ PÉREZ, uma americana de 18 anos com sangue latino, acaba de realizar seu maior sonho: ingressar na Universidade Yale. Liz precisou aprender a se virar sozinha desde cedo, o que fez com que se tornasse uma garota madura para a sua idade.

Ela está focada em estudar e não quer saber de distrações, isso até o *bad boy* mais desejado da Universidade aparecer na

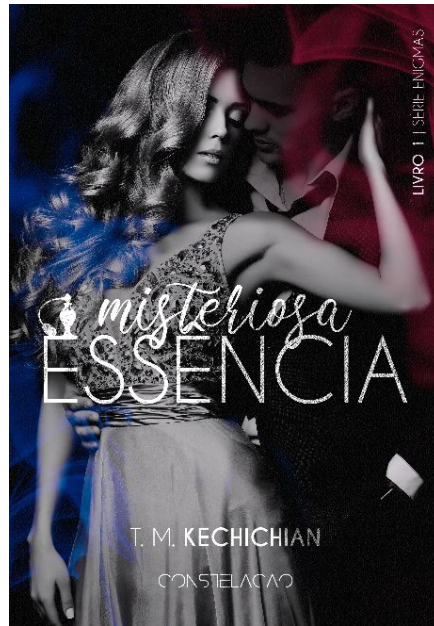
jogada com suas provocações e uma fama que vai além de destruir calcinhas.

O intenso **MATT STEVENS** tem 23 anos e está no último período da faculdade. Líder da fraternidade Kappa Alpha e capitão do time de futebol, ninguém tem noção do quanto sua alma é quebrada. Com uma beleza avassaladora, Stevens mascara quem realmente é. Com seu toque arrebatador, as mulheres se apaixonam. Com seus músculos esculpidos, deixa um rastro de destruição por onde passa.

DESTROYER é um New Adult que narra a trajetória de dois jovens quebrados em busca de redenção. Este livro aborda temas importantes como a violência familiar, além de nos mostrar como as aparências podem enganar. A forma que julgamos sem nem ao menos conhecermos a história de uma pessoa.

APESAR DE NÃO SER UM LIVRO DARK, ALGUMAS CENAS PODEM GERAR GATILHO EM PESSOAS SENSÍVEIS AO TEMA.

ADQUIRA O SEU AQUI



MISTERIOSA ESSÊNCIA

Se te perguntassem se em uma noite tudo pode mudar, o que você diria?

Scarlett Ryan é uma mulher linda, forte e bem-sucedida. Futura CEO, por herança de seu pai, de uma das maiores agências de marketing dos EUA, Scarlett nem sempre teve uma vida boa. O fato de sua mãe tê-la abandonado ainda pequena e a descoberta de uma doença em seu pai, fizeram com que se tornasse uma mulher com grandes responsabilidades, apesar de seus 25 anos.

Sua primeira grande paixão foi Paul Mayer. Eles namoraram na faculdade, porém, em uma noite de farra com os amigos, ele a

traiu. Depois disso, a vida amorosa da empresária nunca mais foi a mesma.

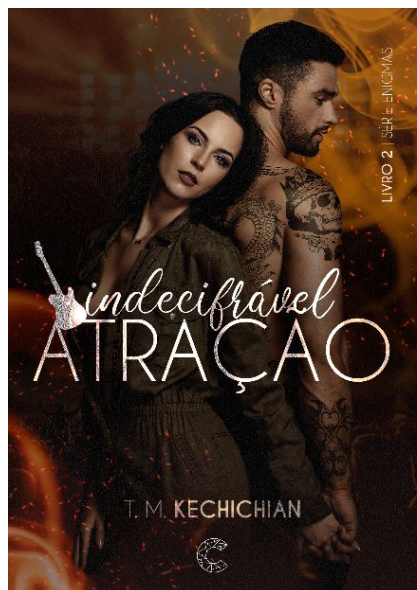
Mas, o destino tinha outros planos...

Além do ex-namorado reaparecer como seu colega de trabalho, em uma balada com as amigas, Scarlett se vê envolvida em uma situação que foge ao seu controle. O desconhecido nunca foi tão bem-vindo.

Um mistério. Uma entrega. Uma essência.

Você conseguiria resistir?

[ADQUIRA O SEU AQUI](#)



INDECIFRÁVEL ATRAÇÃO

Depois da CEO Scarlett Ryan (Livro I, Misteriosa Essência), agora é a vez da empresária Liv Scott contar sua história. Após o grande sucesso no Wattpad, ela chegou para abalar a Amazon com todo seu poder e confiança, assim como abalou o mundo do rockstar Josh Morris. Leia a sinopse:

"INDECIFRÁVEL. 1. impossível ou muito difícil de ser decifrado. 2. que é muito difícil de se penetrar, compreender ou explicar; enigmático, misterioso.

LIV SCOTT é uma mulher sem "papas na língua". Nova-lorquina, dona de uma beleza estonteante e um gênio forte, Liv é

proprietária da Models & Models — uma próspera agência de moda —, e tem como lema "curtir a vida e não se apegar".

Após ver sua amiga Scarlett Ryan tomar um rumo diferente do que planejou para si — ela está comprometida —, Liv convida Ticy Parker, sua outra melhor amiga, para passar um final de semana de diversão em Los Angeles a fim de irem ao show da maior banda de rock do momento.

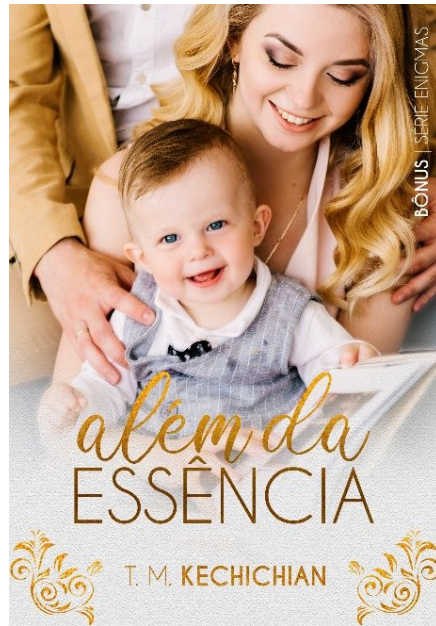
JOSHUA MORRIS, conhecido como Josh "Fucked" Morris, não é um cara qualquer. Eleito o homem mais sexy e desejado da atualidade, Josh é vocalista da afamada banda Sultans of Swing e vive como bem quer, sem compromissos e cobranças. E está muito bem assim.

O que os dois têm em comum? Uma noite. E tudo o que pensavam ser o certo, de repente, parece ter outro sentido, porém INDECIFRÁVEL. Pode uma ATRAÇÃO intensa unir duas pessoas iguais? É possível o amor encontrar quem não o quer?"

ATENÇÃO: História com conteúdo adulto, sendo assim, contém cenas e palavreados que condizem com a referida faixa etária. O texto segue as Normas vigentes da Língua Portuguesa,

contudo características da coloquialidade foram utilizadas para aproximar a linguagem às falas de situações do cotidiano.

[ADQUIRA O SEU AQUI](#)



ALÉM DA ESSÊNCIA

ALÉM DA ESSÊNCIA traz um pouco mais da CEO Scarlett Ryan e do nosso eterno Mr. M. Um momento que foi muito esperado pelos leitores e que merece uma atenção especial.

Entre inseguranças e a descoberta de um amor incondicional, acompanharemos a chegada de um novo membro da família Misteriosa.

Prepare-se para se apaixonar, ainda mais, por este casal e, de quebra, matar a saudade das três queridinhas da Série Enigmas.

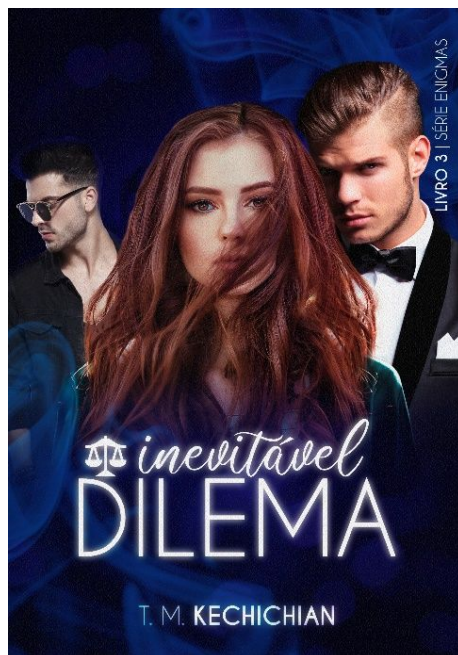
A leitura deste Bônus se faz importante, haja vista que contém um prenúncio do Livro 3, Inevitável Dilema, a história da nossa

querida ruiva Ticy Parker.

AVISO: Este e-book é um BÔNUS COMEMORATIVO pelos dois anos de Misteriosa Essência (o Livro 1 da Série Enigmas) na Amazon. Para melhor compreensão e aproveitamento, é recomendável a leitura dos Livro 1 e 2 (Indecifrável Atração), em ordem, ainda que cada livro retrate a história de uma amiga.

ATENÇÃO: CONTEÚDO ADULTO.

[ADQUIRA O SEU AQUI](#)



INEVITÁVEL DILEMA

O DESFECHO DA SÉRIE ENIGMAS CHEGOU NA AMAZON!

Depois de Scarlett Ryan e Liv Scott, agora é a vez da ruiva, Ticy Parker, contar sua história.

Apesar do passado traumático, a advogada e sócia de um renomado escritório em Nova York procura viver de bem com a vida. Porém, com suas amigas agora casadas e seguindo rumos diferentes, ela terá que aprender a caminhar sozinha, desviando-se dos pensamentos sombrios que ameaçam sua paz e confiança.

Nesta nova fase, Ticy encontrará em Andrew Stan, baixista da banda de rock Sultans of Swing, uma distração muito bem-vinda, o

que julga como algo saudável para uma mulher de 27 anos. Contudo, James Foster, sócio de Daniel Hant e seu cliente direto no Mars & Pierce, está cada vez mais presente em sua vida, e em seus pensamentos.

Um dilema está prestes a se desenrolar. Ticy continuará fugindo e vivendo na superfície ou se renderá a um amor puro e libertador, capaz de quebrar com as amarras do passado?

ATENÇÃO: Apesar de não ser um livro DARK, o tema abordado pode gerar desconfortos a pessoas sensíveis ao assunto (relacionamento abusivo). CONTEÚDO ADULTO!

[ADQUIRA O SEU AQUI!](#)



NATAL EM 2

T. M. Kechichian e John K são irmãos e amam a leitura e a escrita. Decidiram escrever este Ebook para levar a paixão que nutrem pelo Natal. Conheça "Natal em 2". Dois contos. Duas histórias diferentes. Um só propósito: aquecer corações!

Natal Inesperado, por John K. (Autor de A Árvore Sagrada - Conto Amazon, e de diversas Antologias)

Para Robert, não existe época melhor no ano do que o Natal! A magia flui através dos sorrisos, cores e músicas, proporcionando o momento perfeito para abrir o coração e se declarar para Samantha, sua colega de trabalho. No entanto, seus planos são

frustrados quando um cachorro arranca o buquê de sua mão e foge pelas ruas de Nova York, iniciando assim uma aventura inesperada.

“Um Natal Inesperado” é um conto divertido e nos ensina que, mesmo que as coisas não aconteçam como imaginamos, nem tudo está perdido.

O que Aconteceu com o Natal?, por T. M. Kechichian (Autora da Série Enigmas, Misteriosa Essência)

Já imaginou viver em uma cidade onde o Natal deixou de ser comemorado? Onde as pessoas não se importam umas com as outras e a tristeza é constante? Onde a frieza é sentida tanto no frequente clima congelante como nas feições de cada morador? Forlorn fora esquecida, diziam seus habitantes. Sem amor, não havia esperança. E, sem esperança, não existia alegria.

Neste conto, veremos que a tristeza e a desesperança podem contagiar e congelar sentimentos, mas um pequeno fio de esperança, de onde menos se espera, é poderoso para aquecer corações e mudar histórias.

[ADQUIRA O SEU AQUI](#)



EM VOCÊ ME ENCONTREI

Gabrielle Fiore sofreu uma perda irreparável. Aos 34 anos ela é obrigada a voltar para a casa dos pais, em Bento Gonçalves, depois de ter residido por mais de 17 anos no Rio de Janeiro.

Carlos Eduardo Barcellos, um paulistano de 38 anos, abandonou sua vida em São Paulo após viver um casamento conturbado que o marcou severamente. Motivado pela sede de se reerguer, ele embarca em uma aventura ao adquirir uma vinícola no Vale dos Vinhedos, transformando-a na Casa Barcellos.

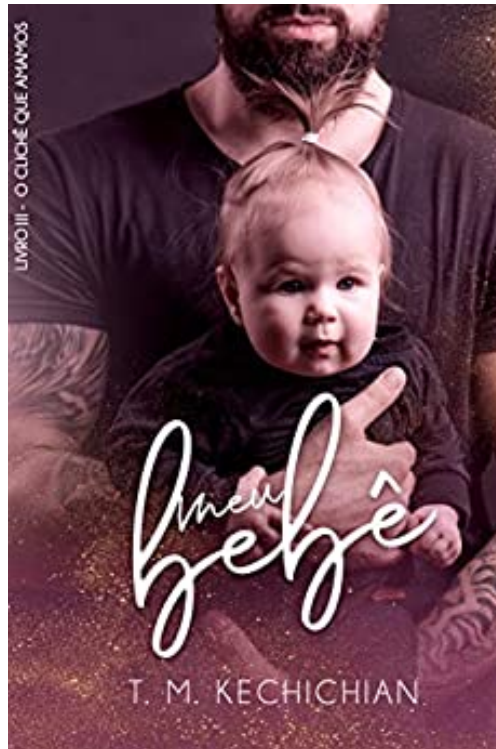
Duas vidas arrasadas. Um destino cruzado.

“Em Você Me Encontrei” nos faz refletir em como nossas escolhas e prioridades interferem no nosso dia a dia. Conheça a história de duas pessoas que se encontraram em meio à dor e descobriram, juntas, um novo motivo para sorrir.

“Em você encontrei esperança. Em você eu me encontrei”

[ADQUIRA O SEU EM FORMATO FÍSICO CLICANDO AQUI](#)

[ADQUIRA O SEU E-BOOK AQUI](#)



MEU BEBÊ

Raquel Souza Travassos está decidida!

Solteira, realizada profissionalmente e com 35 anos de idade, ela resolve dar o maior passo de sua vida: tornar-se mãe.

Sem um parceiro à vista, Raquel recorre à produção independente, por meio de uma inseminação artificial.

Ela só não tem ideia de que, após esta decisão, sua vida vai mudar completamente, e não da maneira que planejou e sonhou por tanto tempo.

Meu Bebê é o terceiro livro da série O Clichê Que Amamos e mostrará que, às vezes, o imprevisível pode apresentar um plano muito melhor do que imaginamos.

[ADQUIRA SEU E-BOOK AQUI](#)

^[1] Scarlett Ryan-Hant é a CEO da Ryan Corporate, protagonista do livro “Misteriosa Essência”, da autora T M Kechichian.